

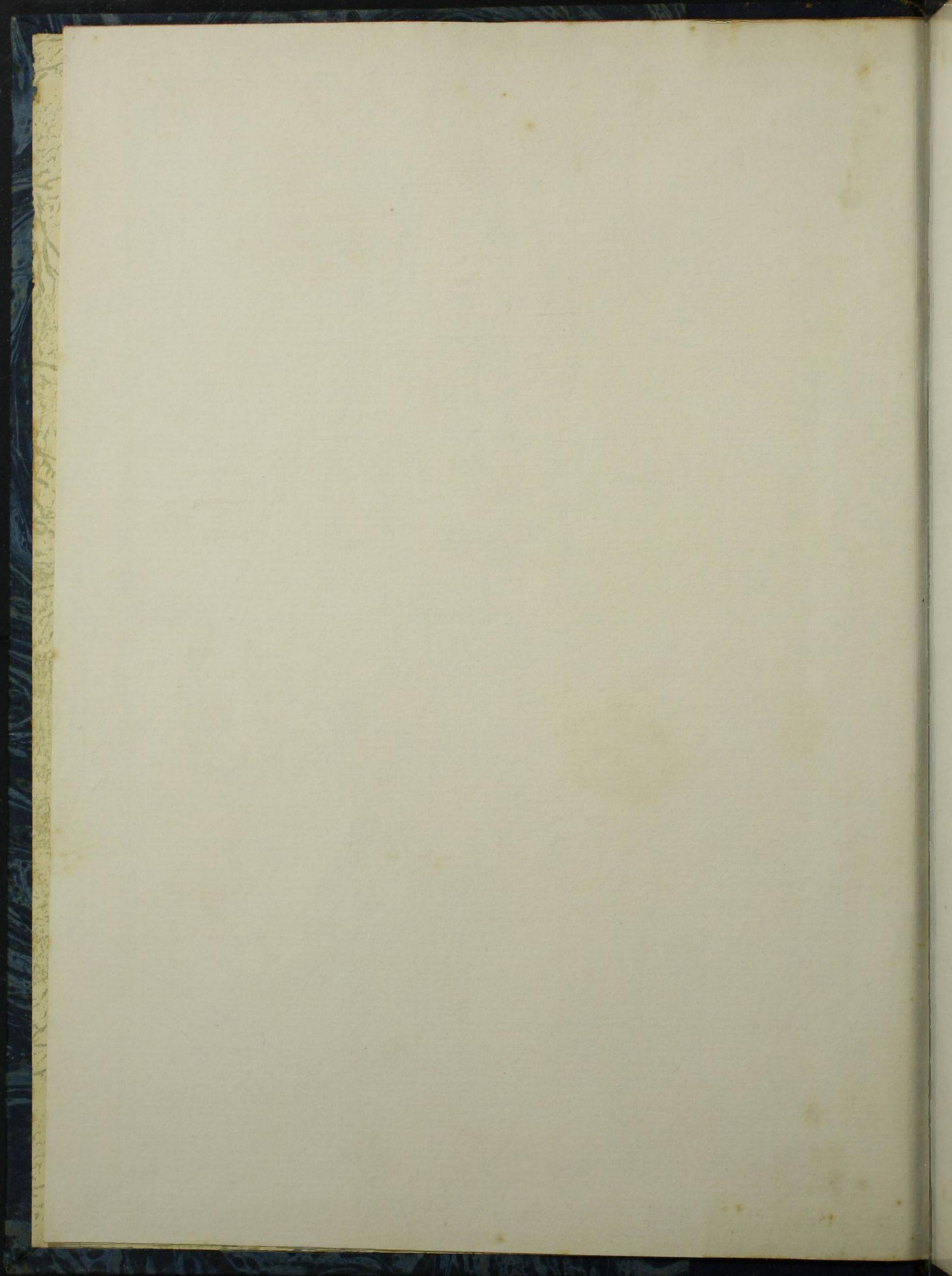
6.000. - Anno

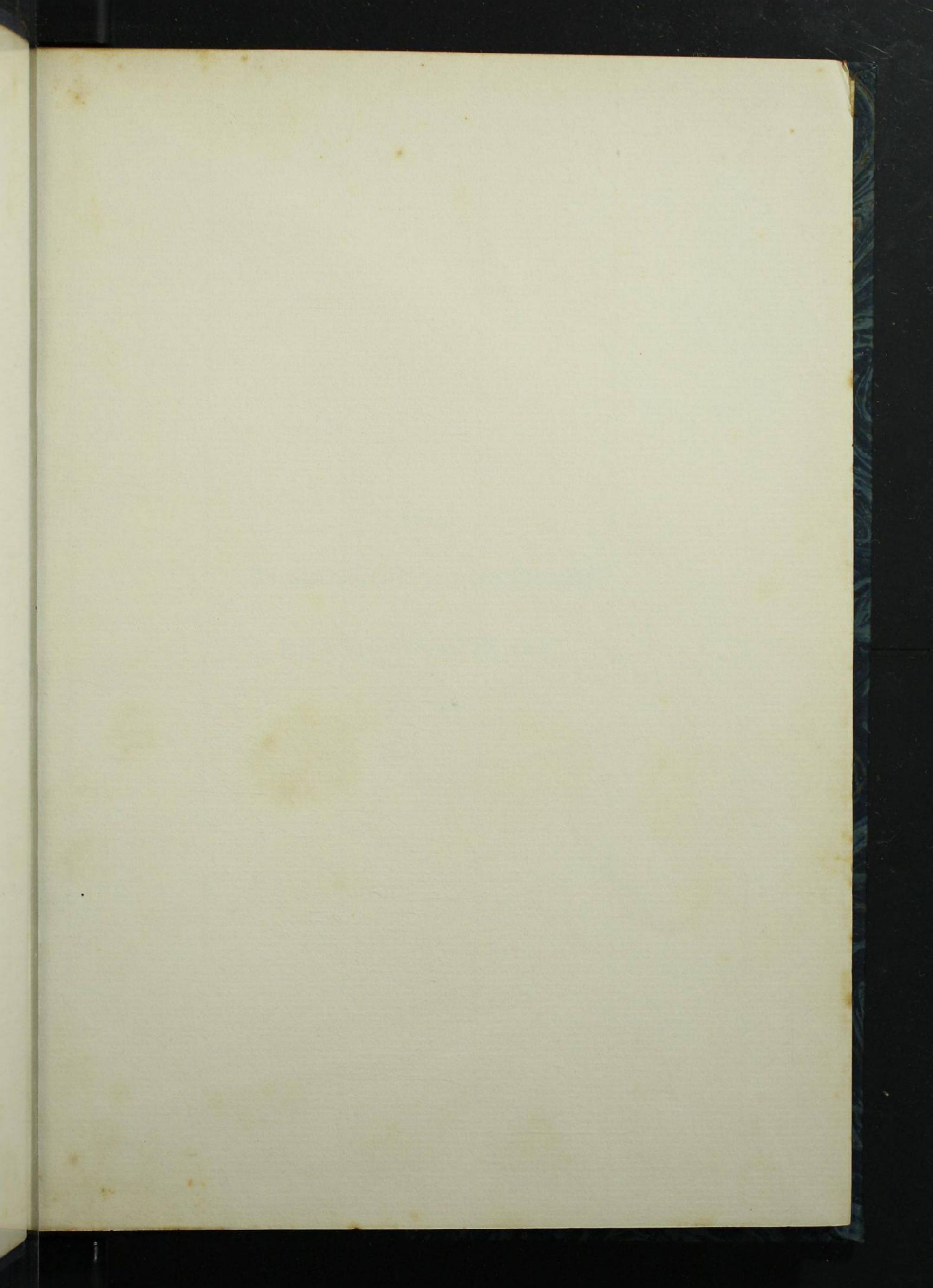
Le ne fay rien
sans

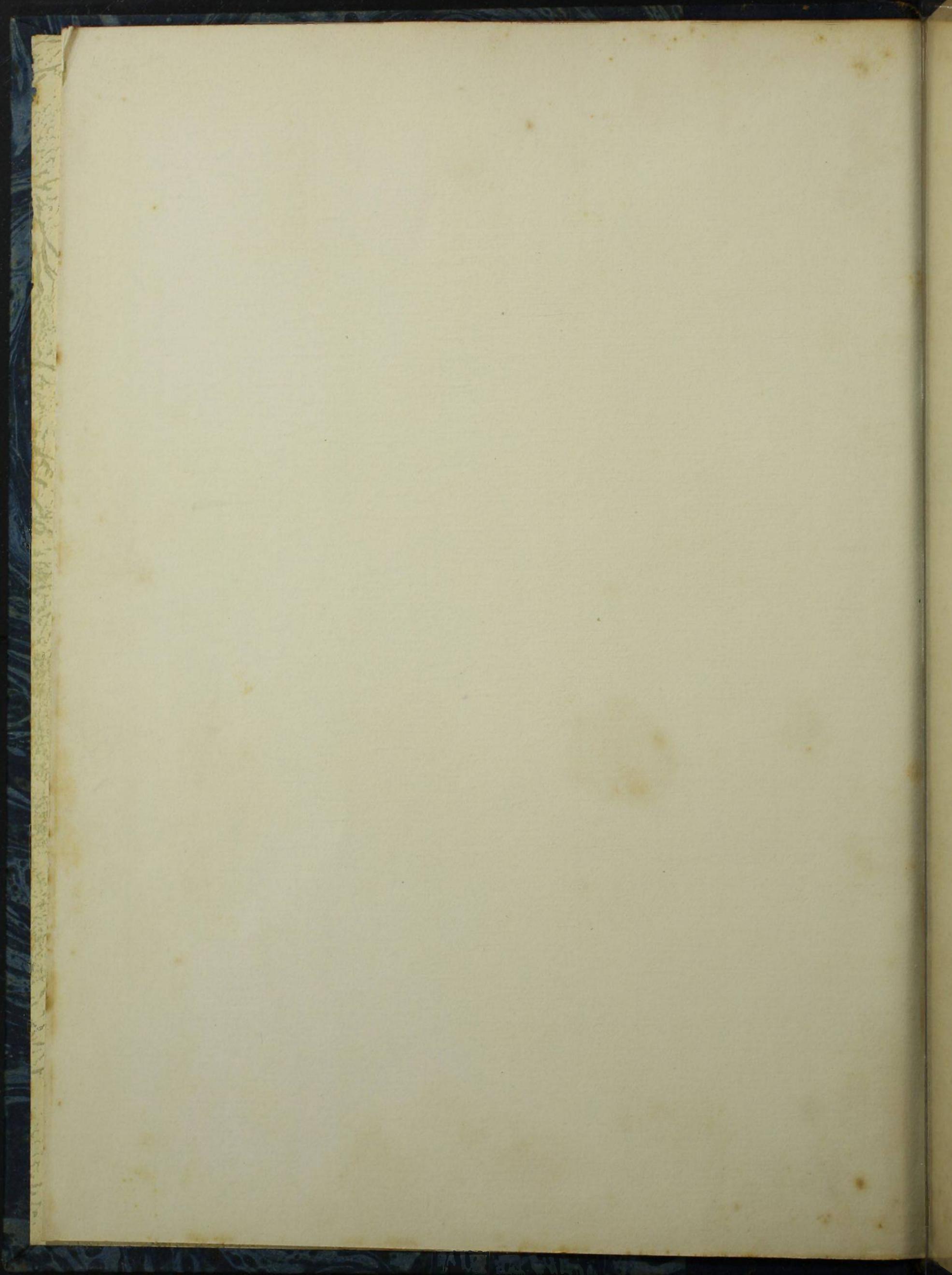
Gayeté

(Montaigne, Des livres)

Ex Libris
José Mindlin







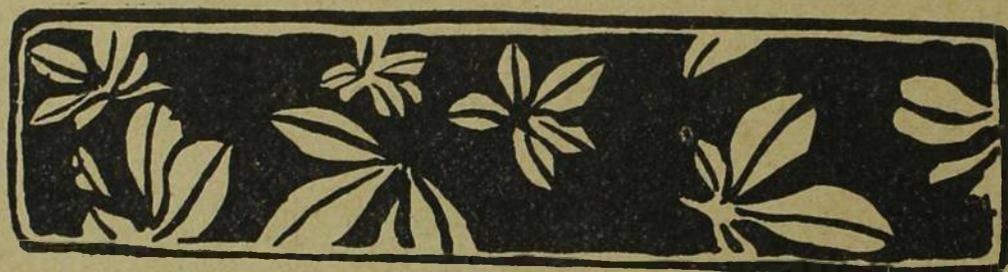
1903

ALMANACH ILLUSTRADO

DO

BRASIL—PORTUGAL

3.^o Anno



Almanach Illustrado

DO

BRASIL—PORTUGAL

PARA O ANNO

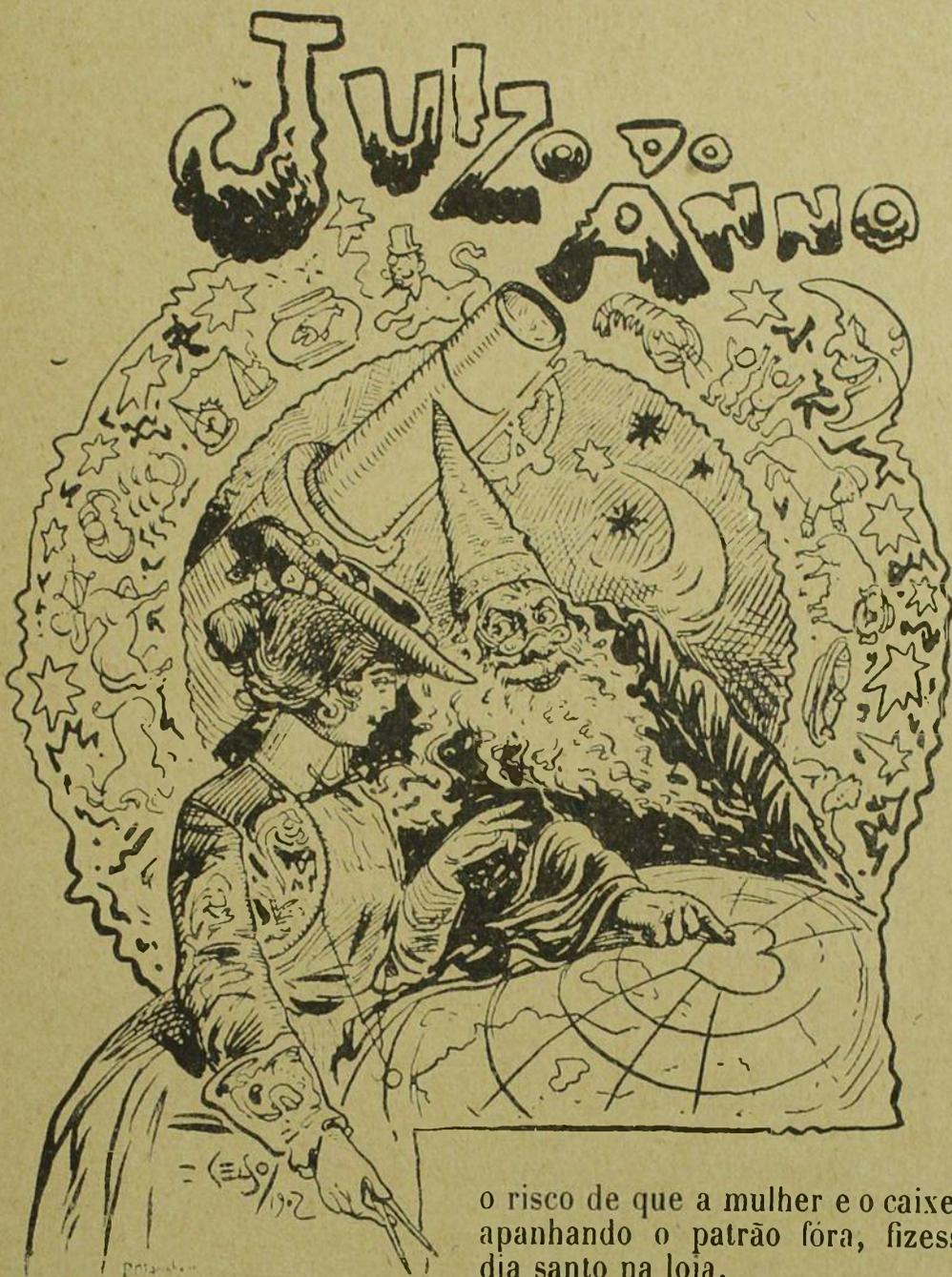
DE 1903



LISBOA

Redacção do *Brasil-Portugal*, 125, Rua de S. Roque, 1.º





CERTO negociante da antiga Roma, muito acreditado naquella praça, e casado com a mais desempenada e galante de todas as mulheres que appareciam naquelle tempo ás tardes, no vae-vem do Corso, foi uma vez consultar o celebre augur Puffistus, que fazia grandes annuncios em todos os jornaes, e andava mais em voga pelas previsões que fazia do futuro, do que andam hoje as Pilulas Pink, tão efficazes nas diarrhéas como nas prisões de ventre.

O motivo da consulta era o seguinte: esse negociante tinha necessidade de se ausentar de Roma para uma viagem que deveria durar mez e meio, e queria saber se lhe seria possivel emprehender tão longa ausencia sem correr

o risco de que a mulher e o caixeiro, apanhando o patrão fóra, fizessem dia santo na loja.

— Que me aconselhas tu? perguntou elle ao entendido augure, abrindo a farta carteira e pondo sobre a secretária duas formosas notas de cem liras.

Puffistus, que era um patusco charlatão do maior calibre, não respondeu de prompto. Disse ao negociante que tivesse a bondade de esperar um momento, e offereceu-lhe uma cadeira.

Foi num pulo ao quintal e trouxe da capoeira um frango preto, de olho verde. Torceu-lhe o pescoço, depenou-lhe o papo, e enfiou-lhe na pelle, que com o susto se lhe pozera como pelle de gallinha, uma agulha de oiro.

Acto continuo, destapou uma machina photographica, e tendo obtido o instantaneo do frango ainda quente,



poz-se a observar a chapa com indescrivíveis gestos de surpresa e complicadíssimos movimentos das sobrelhas inquietas.

Depois de um attento exame, que durou sete minutos contados pelo relógio, quebrou a chapa, atirou o frango pela janella fóra, e disse ao negociante:

— Podes partir para a tua viagem de mez e meio. Tua mulher não te engana!

E mais não disse.

Foi o que o outro quiz ouvir. Partiu como um raio, foi arranjar as malas, despediu-se da esposa com muitas demonstrações de apreço, tomou um carro que o levou, numa batida doida, á estação do caminho de ferro. Toda a gente tem ouvido falar das antigas corridas dos carros romanos. Eram uma belleza. Em cinco minutos, estava o nosso homem defronte do *guichet* da estação, tirando bilhete para Pádua.

Mez e meio depois, regressando de Pádua, estafado da viagem, desejoso de se encontrar outra vez em sua casa, no seu canto e no seu socego, a primeira coisa que fez depois de abraçar e de beijar a mulher, que em todas as cartas se dizia inconsolavel de tão longa ausência, foi procurar e vestir a sua robe-de-chambre de flanela riscada. E nem reparou que a robe-de-chambre tinha o canhão das mangas voltado duas vezes, como se alguém a tivesse experimentado e lhe tivesse achado as mangas muito compridas.

A primeira tendencia de quem veste uma robe-de-chambre, é enterrar as mãos nas algibeiras, largas e fundas, para commodidade completa. E o negociante romano, enterrando as mãos nas algibeiras da sua robe-de-chambre, com assombro encontrou, no fundo d'uma d'ellas, um cachimbo de cerejeira; e no fundo da outra um suspensorio de liga!

Com quanto um suspensorio de liga e um cachimbo de cerejeira nada tenham em si de assombroso, era natural o assombro do negociante romano. Porque elle nem usava suspensorios, nem fumava de cachimbo!

E eil-o, de novo, e outra vez como um raio, no caminho da casa do bem cotado Puffistus.

— Canalha de Puffistus! bradava elle da rua, erguendo para a taboleta doirada do consultorio de Puffistus os punhos cabelludos e cerrados.

— Sóbe e socega! disse-lhe Puffistus da varanda. — Vaes ver que não tens razão nos escarceus que fazes. Vamos primeiro por partes.

E placidamente offereceu, para que o outro se sentasse, uma cadeira de braços. O negociante, por essa outra tendencia, que tambem é natural e corrente nos maridos que, não fumando e não usando suspensorios, encontram cachimbos e suspensorios nas algibeiras das suas robes-de-chambre ao regressar de viagens em que não foram acompanhados pela esposa, ia já a sentar-se e a admittir a possibilidade de um equivoco; mas, mal apoiou os braços nos braços da cadeira, deu um pulo e um berro que atrapalharam Puffistus.

— Doe-te alguma coisa? perguntou Puffistus.

— Doe-me o cotovelo! E' rheumatismo. Fala!

— Que quizeste tu, proseguiu Puffistus, que eu aqui te

dissésse, ha cerca de mez e meio, a respeito de tua mulher?

— Quiz que me dissesses se ella me enganaria emquanto eu fosse a Pádua, onde tinha negocios a tratar.

— E que te disse eu? insistiu Puffistus.

— Com grande certeza me disséste que fosse descançado, porque ella não me enganava.

— Ora ahí tens! Foi isso mesmo. Sem tirar nem pôr!

— Mas enganou-me! teimou o outro, irado.

— Estás mesmo tolo de todo... continuou Puffistus. Ouve-me e sê rasoavel. Tu appareceste-me aqui, e disseste-me: «Tenho que fazer uma viagem a Pádua, com demora de um mez e meio, mas estou receioso de que minha mulher, apanhando-se só, me engane. Diz-me



do Brasil-Portugal

Puffistus: Enganar-me-ha?» Não te engana! respondi eu. Agora voltas e declaras que ella te enganou. Portanto, bem vêes que eu não te enganei quando te disse que ella te não enganava. Pois se tu pensavas que ella te enganaria, e se ella, como dizes, effectivamente te enganou, claro está que tu podes dizer agora: «Eu bem sabia, eu bem sabia... não era ella que me enganava!» Mas se, pelo contrario, eu te tivesse dito que ella te enganaria, então é que eu te teria enganado, porque, embora ella te enganasse, não te enganaria, porque já tu sabias que ella deveria enganar-te. Se assim tivesse acontecido, então sim, então terias tu o direito de vir aqui e descompôr-me — porque eu te tinha dito que tua mulher te enganaria e ella, afinal, não te enganava, pois que tu sabias que serias enganado por ella, e ella, com effeito, te enganara!

Atordoado com estes fortes raciocinios, o negociante romano ergueu-se convencido, tirou outra vez a farta carteira do fôrro da sobrecasaca, e collocou sobre a secretária de Puffistus outras duas notas de cem liras. Depois, pegou do seu chapeo, apertou com admiração a mão solida de Puffistus, e veiu cá para fóra dizer a toda a gente de Roma que queria ouvil-o, que Puffistus era o mais notavel dos augures do seu tempo. Até lhe publicou um agradecimento no *Eco do Vaticano*, á maneira do que hoje fazem as pessoas debeis que d'um dia para o outro se sentem robustas com o uso das Pilulas Pink...

Acabaram os augures, mas não acabaram os tolos. E para contentar os tolos, é que vieram os astrologos, que lêem nos astros; as bruxas que fazem sortilegios; os chiromantes que lêem nas mãos; os médiums, que conversam com os mortos, e todos esses parasitas humoristas que por toda a parte do mundo exploram a credulidade publica.

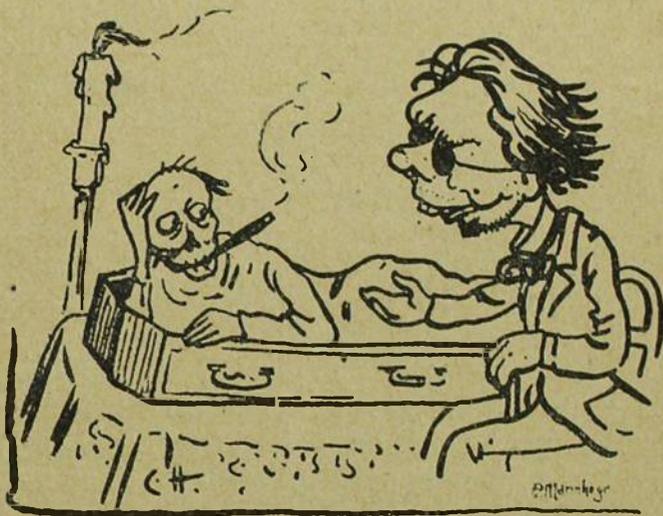
Ora, desde que o Almanach dos nossos dias começou a pleitear primazias com a Folhinha dos nossos bisavós, entrou nos usos, e constituiu costume, esta balda de pedir ao Almanach o prognostico do anno. E o Almanach entrou assim numa concorrência desleal com os astrologos, com as bruxas, com os chiromantes e com os médiums. Vamos já vêr por quê.

A velha Folhinha era uma modesta amiga sem pretensões, serviçal e fiel, que a toda a gente apontava, a troco d'uma pobre moeda, os dias dos mezes, os nomes dos santos, as festas e os feriados, as luas e os jejuns. Era uma coisa que limitadamente correspondia ás necessidades do tempo, que não eram muitas. Bom tempo esse, em que cada qual se contentava com saber em que dia do anno cairia a Paschoa, ou a quantos de Maio seria o Corpo de Deus!

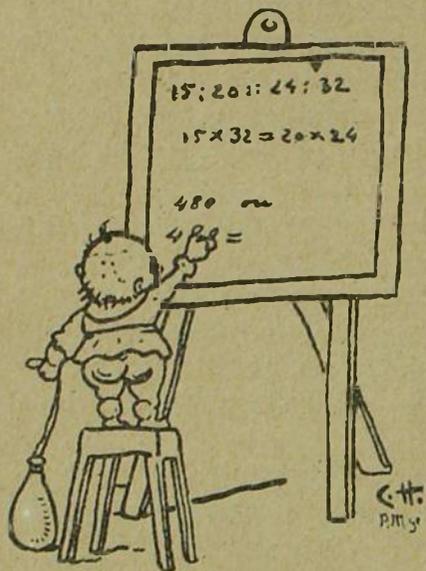
Mas os tempos mudam, e tudo muda com os tempos. A vida, de pachorrenta e conformada

que era, tornou se inquieta e ambiciosa. Toda a gente, que d'antes andava por essas ruas em passo de procissão, e tratava dos seus negocios sem barulho, começou de repente a atarefar-se e a correr, e a sacudir muito os braços, e a suar e a bufar, aos encontrões e pisadelas, como se as ruas já fossem estreitas para lhe dar passagem, e as praças e os largos já não podessem contê-la. E houve pressa, muita pressa, uma grande pressa. Pressa de viver, pressa de gozar, pressa de saber.

Começou-se a nascer mais cedo. Ainda hoje é viva muita gente que se lembra do tempo em que para isso eram precisos nove mezes. Foi tempo! Vieram as pressas, e então, os que



teimavam em não nascer dois mezes antes, vinham puxados a ferros. Creanças de mama nunca mais houve. A ultima creança a quem ainda deram de mamar foi o Silva Pereira. De então para cá, todas as outras já traziam dentes.



Deixou a gente de andar na ama, para começar logo a andar no Lyceu. Saía-se dos cueiros e entrava-se na Universidade.

Chegou a gente a casar-se em tão tenra idade, que aos quinze annos já temos filhos com barbas e á procura de emprego.

A esta pressa, a esta ancia, a esta vertigem, chamaram os inglezes — a lucta pela vida, *The struggle for life*. E é bem assim. A vida tornou-se uma lucta.

O progresso incessante das Sciencias estimula e avigora esta lucta, que se tornou renhida. Quem mais sabe, mais depressa vence. A ignorancia deixou de ser atrevida. Hoje em dia, até para se ser ignorante, é preciso sabê-o ser. D'aquelle que sabe sê-o é que toda a gente diz: que é *gajo* muito sabido...

Por isso, é preciso saber. Saber muito. Saber tudo. Saber mais ainda!

Conta-se que o velho Chevreuil, sentindo-se perto da cova, tristemente disse:

— Que pena tenho de morrer tão cedo! Só agora é que eu começava a saber alguma coisa...

Pouco depois morreu. Tinha vivido cem annos, e era o sabio que era. Agora, não senhor. Agora, ao entrar na vida, cada qual se julga obrigado a saber o que o Diabo não soube. E foi para attender a esta necessidade urgente, que se inventou o Almanach.

O Almanach tudo diz, tudo mostra, tudo desvenda, tudo patenteia, tudo explica, tudo aclara, tudo ensina.

Tem tudo quanto tinha a Folhinha, augmentado de tudo quanto encerram os Tratados. E' informativo, é elucidativo, é instructivo, é recreativo. E' Borda d'Agua e Larousse. E' Seringador e é Encyclopedia.

Em materia de calendario, o Almanach moderno sorri, desdenhoso não, mas complacente, da Folhinha antiga, que se contentava em dar-nos o *nosso calendario*. O Almanach moderno, que sê presa, dá-nos, pelo menos, seis calendarios: o calendario gregoriano, o calendario cophta, o calendario musulmano, o calendario chinéz, o calendario perpetuo. E' uma maravilha!

E a respeito da idade da lua, o que elle nos conta, santo Deus! Tanta coisa, tanta coisa, que uma pessoa chega ao fim sabendo tanto como da idade da Barbara do Gymnasio!

Tabellas da equação do tempo, tabellas dos trens de praça, tabellas das marés; escalas thermometricas, escalas chromaticas, escalas alcoolicas; calculos de datas, calculos arithmeticos, calculos biliarios; receitas para isto, receitas para isso, receitas para aquillo; conselhos agricolas, conselhos culinarios, conselhos de familia; charadas e logogriphos, anedotas e pêtas, adagios e rifões, anagrammas e anasarcas — tudo, tudo vem no Almanach.

Isto pelo que respeita ao Almanach — na generalidade. Porque temos ainda os Almanachs — na especialidade.

Temos os Almanachs do genero Bottin, repletos de nomes e moradas; temos os Almanachs de artes e officios, atulhados de conhecimentos technicos; temos os Almanachs de mercearia, contendo indicações preciosas sobre o augmento dos preços da manteiga, das latas de espargos e do arroz; temos os Almanachs dos Amantes, cheios de formulas maviosas para cartas de





namoro e de formulas pharmaceuticas para usos consequentes; temos, finalmente, o *Almanach de Lembranças* — que parecem esquecimentos.

Mas, na avidez insaciavel de tudo saber e de tudo conhecer, o Homem, avido e insaciavel, quiz que o Almanach lhe dissesse mais, lhe fizesse saber mais. O Homem quiz chegar a saber, por meio do Almanach, *aquillo que não se sabe!*

E o Almanach, espicaçado nos seus brios, não querendo ficar áquem da imaginação audaciosa do Homem, que tanto quiz, deitou-se a adivinhar. E á frente das suas paginas, com o

seu oculo de astrologo, a sua vassoura de bruxa, a sua phantasia de chiromante, e a sua intrujice de médium, começou a ler nos astros, a adivinhar nas cartas, a vaticinar nas palmas das mãos, a interrogar os mortos — e fez o *Juizo do Anno*.

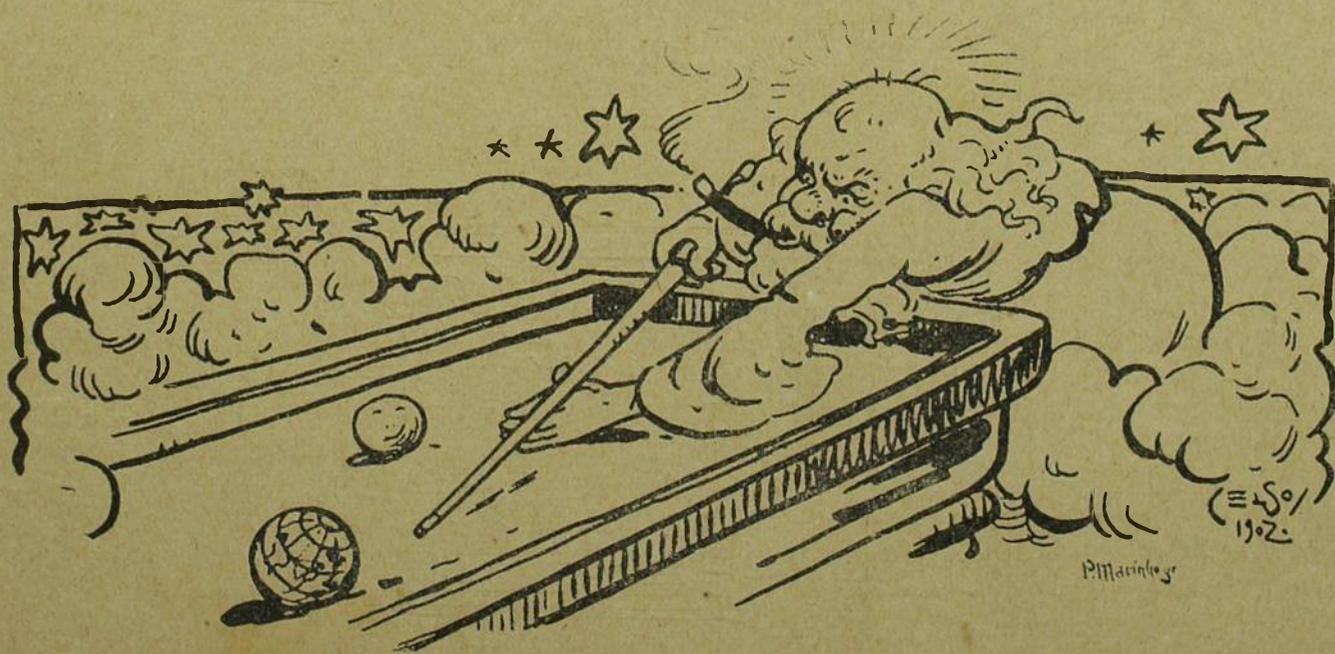
Ainda ha muita gente que imagina ser coisa difficil fazer o juizo do anno para um Almanach. Pois não ha nada mais facil, fiquem-no sabendo.

Basta encontrar um pouco do galhofeiro raciocinio de Puffistus — e um leitor de Almanach disposto a toma-lo a sério.

E quanto ao mais — *Deus super omnia!* que o Garrido traduziu assim, na *Lagartixa*: — E deixa andar, corra o marfim!

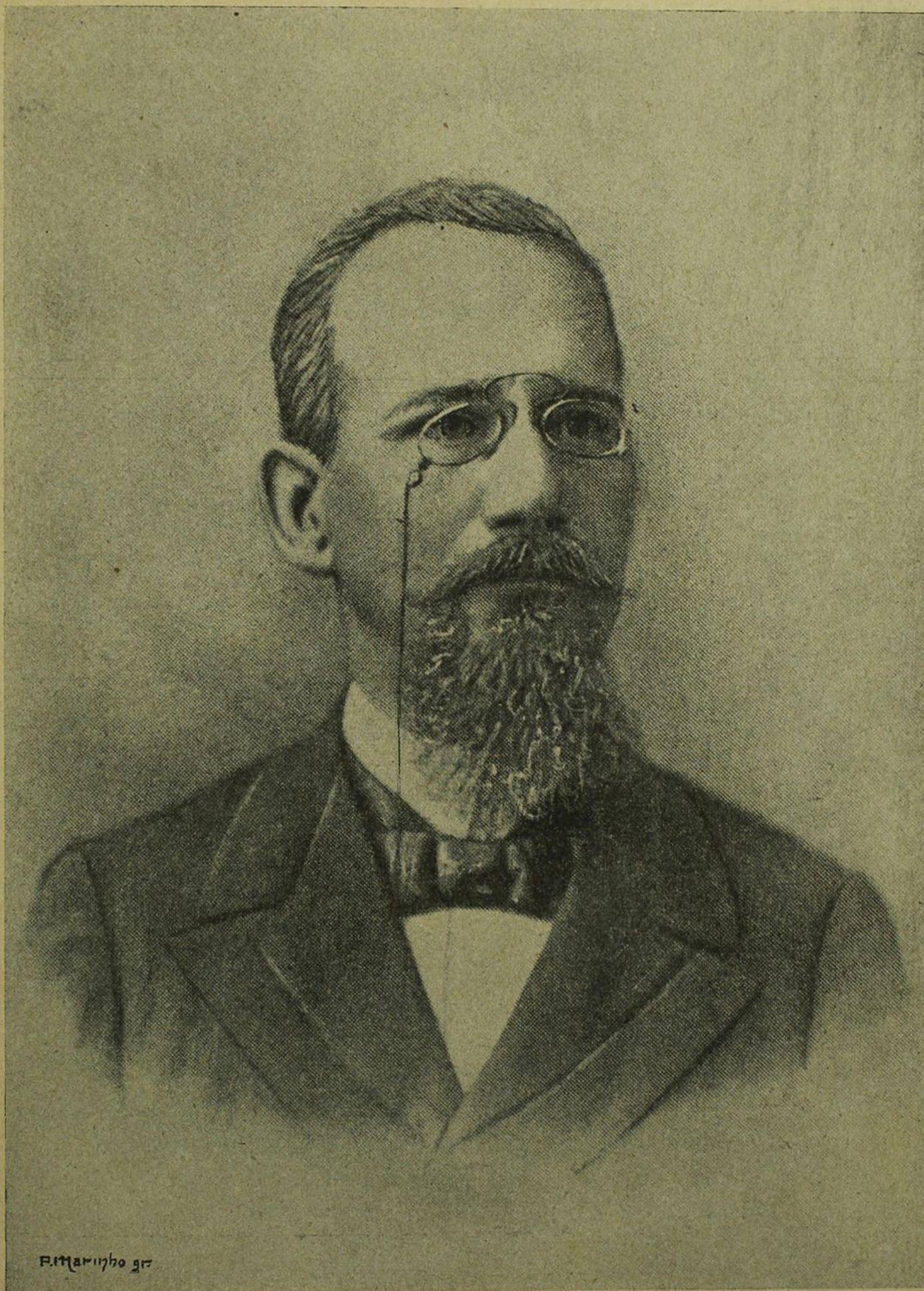


ALFREDO MESQUITA.

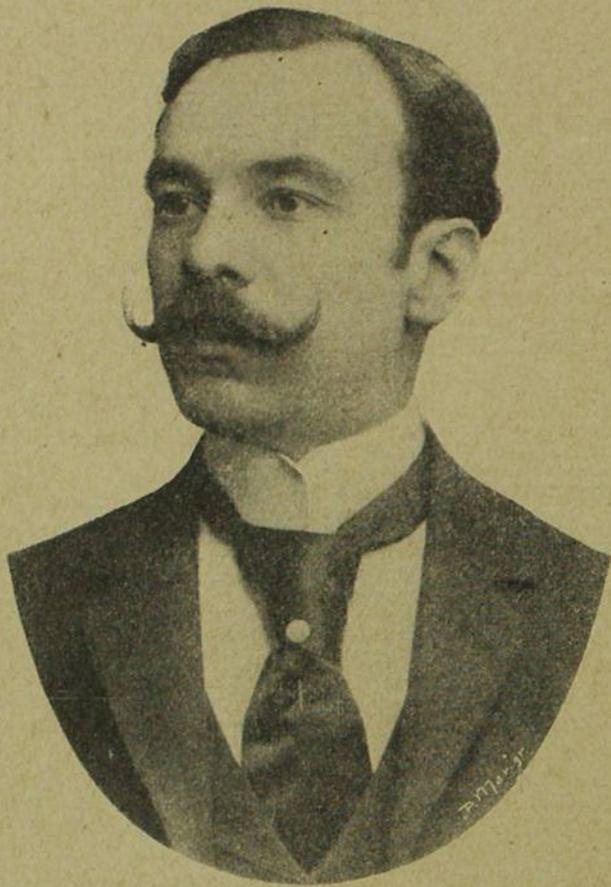




S. M. a Rainha de Portugal, D. Amélia



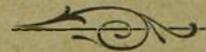
DR. FRANCISCO DE PAULA RODRIGUES ALVES — Presidente da Republica dos Estados-Unidos do Brasil



Dr. Alberto Fialho

Ministro do Brasil, em Lisboa

— Leonor!
 — Minha senhora!
 — Venha cá depressa!
 — Não posso, minha senhora, tenho nos braços...
 — Pois deixe cair o que tiver nos braços, e venha já a correr.
 — Sim, minha senhora.
 — Mas porque é que o pequeno está a chorar?
 — Deixei-o cair; era o que eu tinha nos braços.



Consulado do Brasil em Lisboa

PRAÇA DE CAMÕES, 22, 1.º E.

Consul geral — M. da Silva Pontes.

Vice consul e chanceller — Dario Freire.

Auxiliares — Joaquim Clington, Beco dos Apostolos, 3, 2.º

» Domingos d'Oliveira Gaia, rua Castilho, 34.

» Americo dos Santos, rua Rosa Araujo, 31, 2.º D.

» Augusto Sarmiento Pereira Brandão Cruz.

» João Maria da Gama Berquó, Cascaes.



A peregrinação d'um pensamento

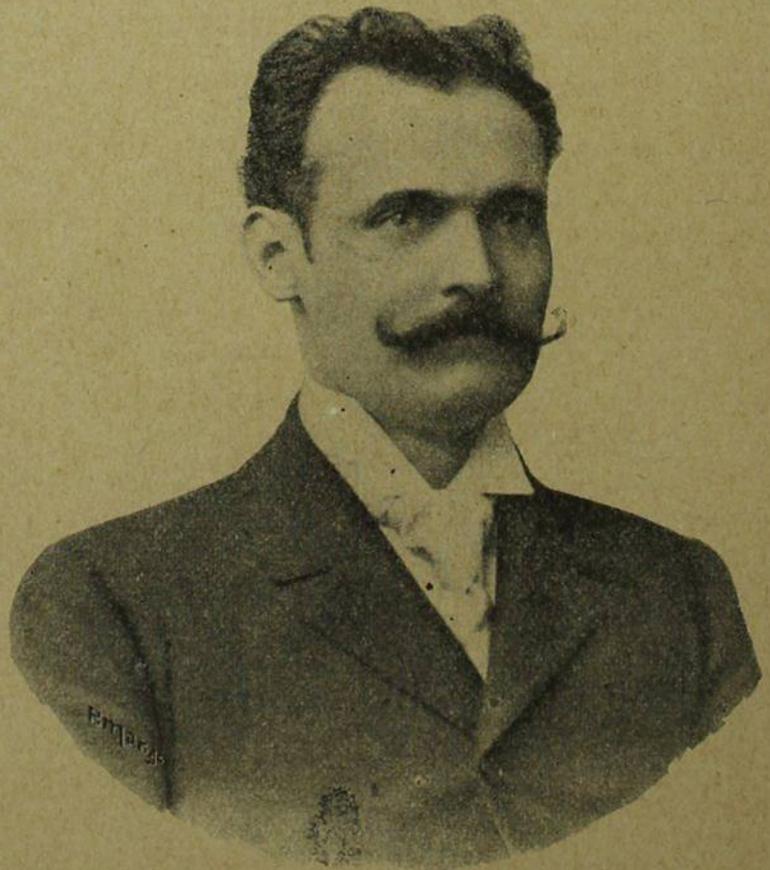
A peregrinação d'um pensamento,
Que dos males fez habito e costume,
Tanto da triste vida me consume,
Quando cresce na causa do tormento.

Leva a dôr de vencida ao soffrimento;
Mas a alma está, de entregue, tão sem lume,
Qu'enlevada no bem que haver presume,
Não faz caso do mal qu'está de assento.

De longe receei (se me valêra)
O perigo que tanto á porta vejo,
Quando não acho em mi cousa segura.

Mas já conheço (oh nunca o conhecera!)
Qu'entendimentos presos do desejo
Não ter remedio mais que o de ventura.

Camões.



Manuel da Silva Pontes

Consul do Brasil, em Lisboa

do Brasil-Portugal

Consulados Portuguezes no Brasil

Aracajú — Vice-consul, Antonio José da Silva Cardoso.

Bahia (1.^a classe) — Consul, João de Figueiredo Barbosa.

Maceió — Vice-consul, Joaquim Antonio de Almeida.

Maranhão (1.^a classe) — Consul, Joaquim Coelho Fragoso. Vice-consul, Albino da Silva Ramalho.

Brejo — Encarregado da agencia, Joaquim Marques Macatrão.

Caxias — Vice-consul, Antonio Joaquim Ferreira Guimarães.

Theresina — Vice-consul, Ricardo José Teixeira.

Baturité — Vice-consul, Bernardino Duarte de Carvalho Proença.

Ceará — Vice-consul, Ernesto Adolpho de Pina Vidal.

Granja — Encarregado, Antonio Gouveia da Silva.

Maranguapé — Vice-consul, João Correia de Mello.

Pará (1.^a classe) — Chanceller vice-consul, José Carlos da Rocha Franco.

Cametá — Agente consular, José Antonio Ferreira de Sousa.

Obidos — Agente consular, Francisco Augusto de Araujo Vianna. Encarregado, João Antonio Valente de Rezende.

Manáos — Vice-consul, Manoel Joaquim Machado e Silva.

Pernambuco (1.^a classe) — Consul, Francisco Celestino Feliciano de Menezes. Encarregado, chanceller Agripino Rodrigues Nogueira Lima.

Mossoró — Agente consular, Frederico Antonio de Carvalho.

Rio de Janeiro (1.^a classe) — Consul geral, João Joaquim Salgado. Vice-consul, Alvaro Frederico Thedim Lobo.

Angra dos Reis — Vice-consul, Antonio Caetano de Carvalho.

Barra de S. João — Vice-consul, José Rodrigues Lopes.

Barra Mansa — Agente consular, José Joaquim Peres da Silva. Encarregado, Joaquim Adelino Cruz.

Cumpos — Vice-consul, Apollinario d'Azevedo Branco. Encarregado, Carlos José Martins Moura.

Cantagallo — Agente consular, José da Rocha Monteiro.

Itaborahy — Agente consular, Antonio Marques da Silva.

Macahé — Vice-consul, L. Antunes do Valle.

Mangaratyba — Vice-consul, José Correia de Mello.

Mayé — Agente consular, Antonio de Oliveira Braga.

Nictheroy — Vice consul, João Teixeira de Mattos.

Ouro Preto — Encarregado, Antonio Joaquim Ribeiro.

Parahyba do Norte — Vice-consul, Antonio José Gomes.

Parahyba do Sul — Agente consular.

Paraty — Vice-consul, Francisco Pereira Madruga.

Petropolis — Vice-consul, João Antonio Ribeiro.

Pirahy — Agente consular, João Baptista Vieira de Carvalho Vasconcellos.

Porto-Alegre — Encarregado, João d'Oliveira Lopes.

Rezende — Agente consular, Antonio Domingos Soares Granville.

Rio Bonito — Agente consular, Lino Machado do Valle.

Rio de Janeiro — Consul geral, João Joaquim Salgado.

S. Fidelis — Agente consular, Francisco Antonio da Silva.

S. João da Barra — Vice-consul, Joaquim Silvino Carrazedo.

Valença — Agente consular, José de Almeida Ribeiro Junior.

Santa Maria Magdalena — Agente consular, José Teixeira Portugal Freixo.

Bananal — Agente consular, Antonio Martins Pereira dos Santos.

Campinas — Vice-consul, José Pereira de Andrade.

Constituição — Agente consular, Antonio Gomes de Sousa.

França — Agente consular, Alvaro de Lima Guimarães.

Iguapé — Vice-consul, Joaquim José Rebello.

Ribeirão Preto — Vice-consul, Alfredo Vianna Pinto de Sousa.

Santos — Vice-consul, Manoel Homem de Betten-court.

S. Paulo (1.^a classe) — Consul, Bernardino Monteiro de Abreu.

Sorocaba — Agente consular, Joaquim José Soares.

Taubaté — Agente consular, Antonio Affonso Vieira.

Baependy — Agente consular, Luiz Fernandes da Costa Guimarães.

Bayayeur — Agente consular, Jeronymo José Pedro Ramos.

Diamantina — Agente consular, José Marques Nogueira Guerra.

Itajubá — Agente consular, Joaquim Barbosa de Mattos.

Juiz de Fôra — Vice-consul, José Joaquim Pinheiro Machado.

Leopoldina — Agente consular, José Augusto de Albuquerque.

Mar de Hespanha — Agente consular, José Affonso Moreira.

Ouro Preto — Vice-consul gerente, Antonio Gomes Monteiro.

Uberabo — Agente consular, Antonio Borges Sampaio.

Pouso Alegre — Agente consular, Antonio Baptista de Oliveira.

S. João de El-Rei — Agente consular, José da Costa Rodrigues.

Benavente — Agente consular, Manoel Rodrigues de Miranda.

Victoria — Vice-consul, Manoel Evaristo Pessoa.

Rio Grande do Sul (1.^a classe) — Consul, Adelino Antonio das Neves e Mello.

Bagé — Vice-consul, Antonio Nunes Ribeiro Magalhães.

Jaguarão — Vice-consul, Gabriel Tavares Leite. Encarregado, José Rodrigues Cerqueira.

Pelotas — Vice-consul, Joaquim Teixeira da Costa Leite.

Porto-Alegre — Vice-consul, José Francisco da Silva Nunes.

Santa Victoria de Palmar — Agente consular, Emygdio Pinto de Oliveira. Encarregado, Gregorio Teixeira d'Araujo.

Uruguayana — Encarregado, Antonio José de Oliveira Homeopatha.

Vassouras — Agente consular, Agostinho José do Amaral.

Paranaguá — Vice-consul, Joaquim Soares Gomes.

Corumbá — Vice-consul, João Leite Ribeiro. Encarregado, Innocencio José de Oliveira Victorio.

Cuyabá — Vice-consul, Joaquim Francisco de Mattos. Interinamente, Gonçalo Christovam.



Uma dalecarliana



Uma laponia

— Implica-me com os nervos aquelle visconde tão impertigado.

— Não faças caso. Aquillo é que enguliu o cabo da vassoura quando era creado.

A confiança é a coragem da alma.

— Então já sei que deixaste a tua dançarina. Nada resta pois d'esse amor tão vehemente?

Elle com modo sombrio:

— Restam as contas.

A gratidão é um instincto fino de favores futuros.



A difficuldade não é desenhar um olho, é pintar o olhar.

A prova de que o homem descende do macaco é que, quando se sente perdido, agarra-se a todos os troncos.

A arte assassinada pela geometria, eis a architectura moderna.

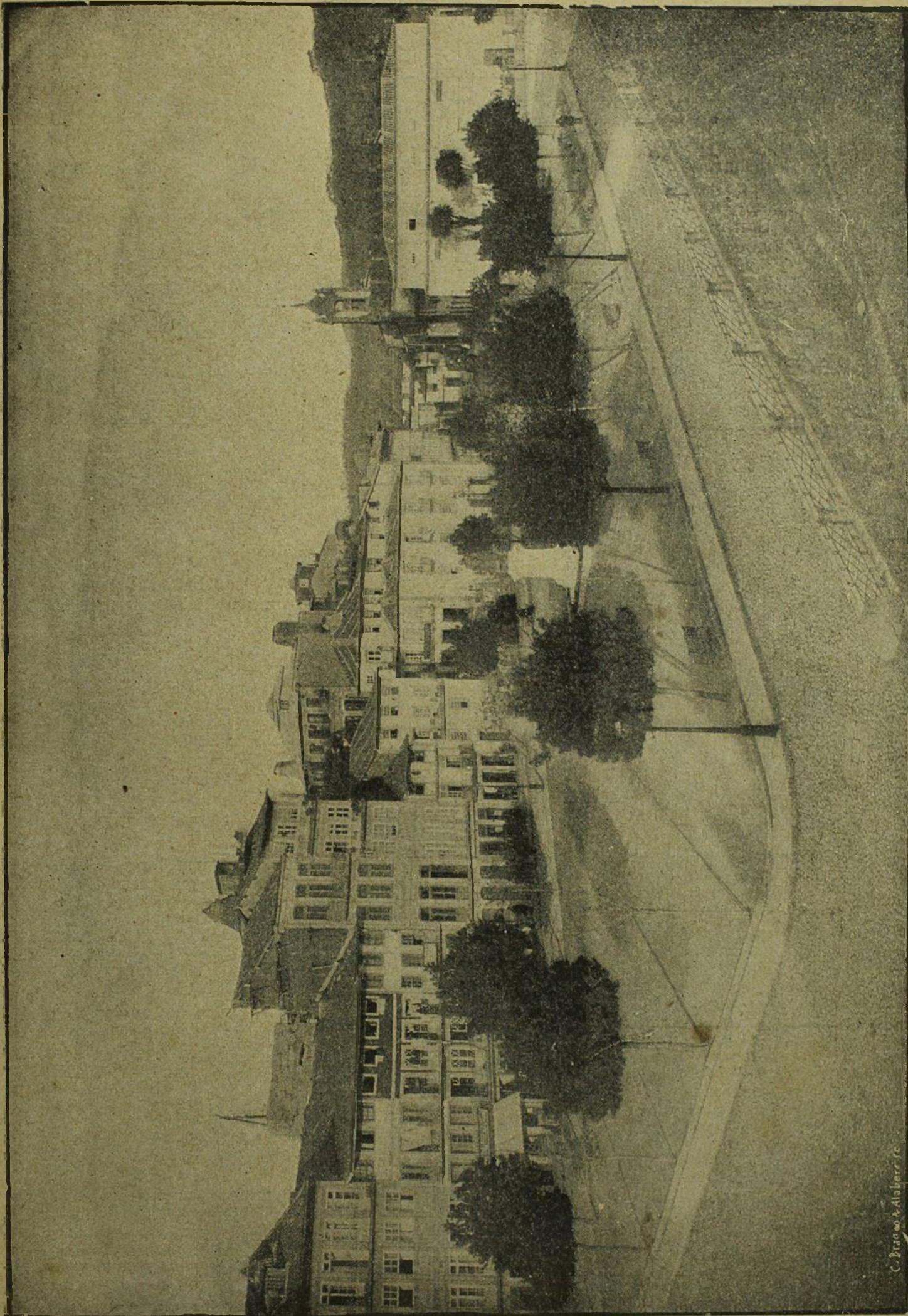
A timidez não é a maior parte das vezes senão a pretensão das intenções impotentes.

Um ricasso ajusta com um pintor o seu retrato a oleo.

— Então quanto póde custar?

— Umias trinta libras.

— Parece-me carito, e dando eu o oleo?



GUIMARÃES

C. Binow & Albers, c.

Almanach

Janeiro

- 1 QUINTA. ✠ Circumc. do Senhor. *G. gala.*
- 2 SEXTA. S. Izidoro.
- 3 SABBADO. S. Anthero e S. Genoveva.
- 4 DOMINGO. S. Gregorio e S. Tito.
- 5 SEGUNDA. S. Simeão Estel.
- 6 TERÇA. ✠ Os Santos Reis. *G. gala.*
- 7 QUARTA. S. Theodoro.
- 8 QUINTA. S. Lourenço Justiniano.
- 9 SEXTA. S. Julião.
- 10 SABBADO. S. Paulo e S. Gonçalo.
- 11 DOMINGO. S. Hygino e S. Honorato.
- 12 SEGUNDA. S. Satyro.
- 13 TERÇA. S. Hilario.
- 14 QUARTA. S. Felix de Nole.
- 15 QUINTA. S. Amaro.
- 16 SEXTA. S. Marcello e S. Estephania.

- 17 SABBADO. S. Antão.
- 18 DOMINGO. A cadeira de S. Pedro.
- 19 SEGUNDA. S. Canuto.
- 20 TERÇA. S. Sebastião.
- 21 QUARTA. S. Iñez.
- 22 QUINTA. ✠ no Patriarch. S. Vicente.
- 23 SEXTA. S. Raymundo de Peñaforte.
- 24 SABBADO. Nossa Senhora da Paz.
- 25 DOMINGO. Conversão de S. Paulo.
- 26 SEGUNDA. S. Polycarpo e S. Paula.
- 27 TERÇA. S. João Chrysostomo.
- 28 QUARTA. S. Gonçalo de Amarante.
- 29 QUINTA. S. Francisco de Salles.
- 30 SEXTA. S. Martinha.
- 31 SABBADO. S. Pedro Nolasco.

Em Portugal

FERIADOS

No Brasil

De 1 a 6.

Dia 1. Commemoração da fraternidade universal. Descobrimento do Rio de Janeiro.

DIAS DE GRANDE GALA

Dia 1. Anno Bom.
Dia 6. Reis.

POMAR

Plantação das arvores, plantando a menor profundidade nas terras fortes que nas terras leves. — Trabalhos de cava, extrahindo cuidadosamente as raizes pôdres. — Lavam-se com leite de cal ou com agua de sabão a casca das velhas arvores fructíferas. — Podam-se as arvores fructíferas, principiando pelas especies de floração precoce. — Collocam-se os arames e os ganchos para guiar os cordões das vinhas em latada.

HORTA

Adubam-se os canteiros das leguminosas. — Envolvem-se na terra com a enxada a cal, as cinzas e os adubos preparados no anno precedente. — Trata-se da plantação dos espargos; deixam-se entre cada cova a distancia de 0^m,80. — Trata-se das saladas de inverno que foram transplantadas em novembro. — Semeam-se favas e cebolas. — Semeam-se cenouras curtas, temporãs, regando frequentemente depois de nascidas. — Novas sementeiras de ervilhas e feijões para colher em verde. — Semeam-se em alfobre couve-flôr, couve de York e outras couves temporãs para substituir a planta que o inverno tiver destruido. — Semeam-se em camada quente, de preferencia em vasos, os melões cantalús.

JARDIM

Podam-se as roseiras enxertadas em roseira brava de haste elevada e das grandes roseiras em moita: abrigar com esteiras ou caixilhos a floração das violetas. — Guarnecem-se os canteiros de bordaduras de açafrao, de tufos, de campainhas brancas, elleboros, tussilagem odorifera e saxifraga de folhas espessas. — Dispõem-se nos alegretes os agrifolios listrados e marmelleiros bravos do Japão, de flôr vermelha e de flôr rosa, cultivados em vasos. — Abrigam-se sob esteiras as plantas novas de aurículas e amores perfeitos. — Cobrem-se com palha os jacinthos plantados ao ar livre no outomno.

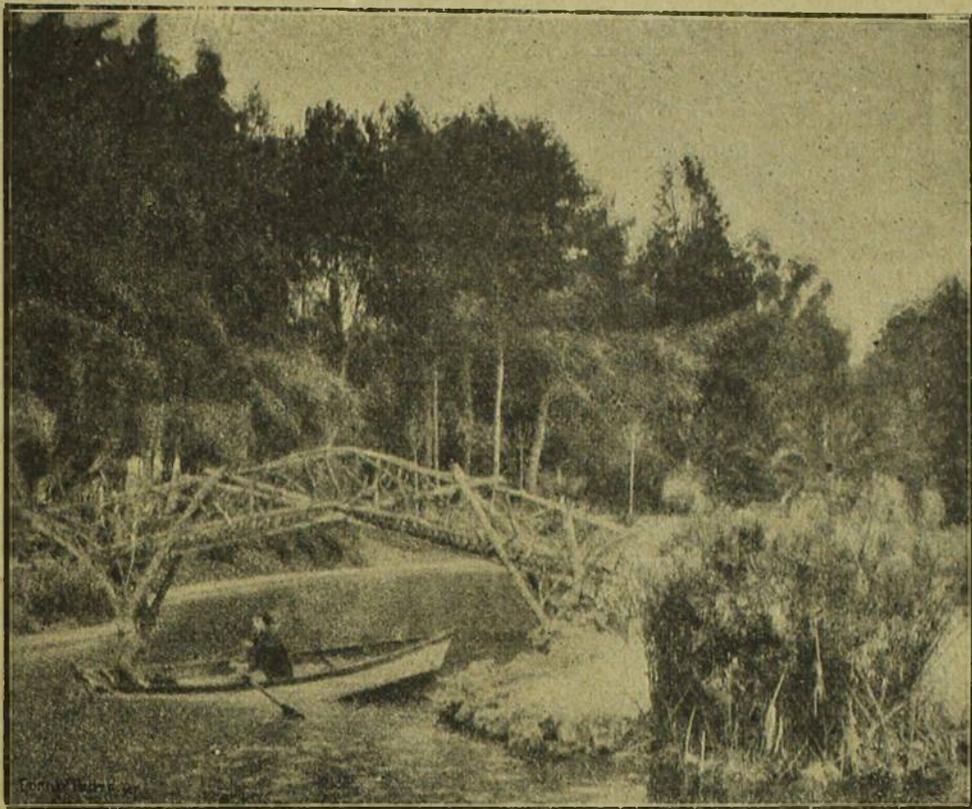
O PARQUE

DO

Campo Grande

O PARQUE do Campo Grande — o mais bello passeio publico de Lisboa — foi mandado fazer pelo ministro D. Rodrigo de Souza Coutinho no principio do seculo XIX. Até então, era um vastissimo terreno inculto.

Devidamente aformosentado, converteu-se n'um ponto de reunião e n'um dos locais mais concorridos pelos passeantes. Hoje, é um logar delicioso, onde ha alguma coisa que vêr e que admirar. O *chalet* do administrador attrahe particularmente as atenções, pelo seu bom gosto, a inimitavel decoração e a variedade de plantas que o ornamentam. Antigamente era uma casinhola tósca, do antigo feitor do Campo Grande, que ahi estava no tempo — bém longiquo! — em que no Campo se semeavam talhões de trigo e de cevada, fazendo-se a eiva defronte do palacio do Pimenta, palacio que foi mandado construir por



A ponte sobre o lago

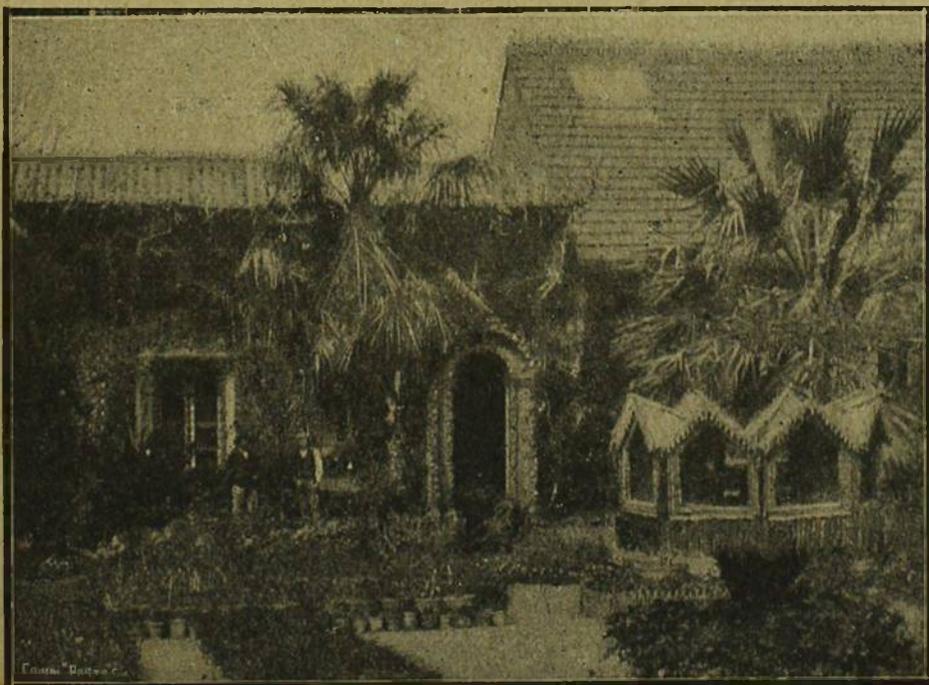
el-rei D. João V para uma das suas amantes.

O Campo Grande tornou-se modernamente o nosso *Bois de Boulogne*. Nas tardes dos domingos de inverno, quando o sol resplandece e o céu azuliza, vemol-o cortado pelas carruagens, pelas bicycletas e pelos cavalleiros.

As tipoiias rodam velozes, conduzindo mulheres mais ou menos formosas, reclinadas como trouxinhas de seda, de setim e de velludo. Tremem os guarda-soes abertos, volitam as fitas dos chapéos, palpitam plumas ondulantes... Sorriem carinhas que esmaltam os camarotes de S. Carlos, os hailes da *élite*, as *baignoires* do D. Amelia e a missa da uma hora no Loreto. E o Campo Grande — parque, jardim e prado, a um tempo — reveste um caracter de elegancia e de pura aristocracia!...



A dança é um elo d'amores
feito d'um sonho doirado;
cada par são duas flôres,
e cada abraço é um noivado.



O chalet do administrador

Fevereiro

- | | |
|---|--|
| 1 DOMINGO. S. Ignacio e S. Brigida. | 14 SABBADO. S. Valentim. |
| 2 SEGUNDA. ✠ Purificação de Nossa Senhora. | 15 DOMINGO. Trasl. de S. Antonio. |
| 3 TERÇA. S. Braz. | 16 SEGUNDA. S. Porphirio. |
| 4 QUARTA. S. André Corsino. | 17 TERÇA. S. Faustino. <i>P. gala.</i> |
| 5 QUINTA. S. Agueda. | 18 QUARTA. S. Theotonio. |
| 6 SEXTA. As Chagas de Christo. | 19 QUINTA. S. Courado. |
| 7 SABBADO. S. Romualdo, S. Ricardo. | 20 SEXTA. S. Eleuterio. |
| 8 DOMINGO. (Septuagesima) S. João da Matta. | 21 SABBADO. S. Maximiano, S. Angela. |
| 9 SEGUNDA. S. Apolonia. | 22 DOMINGO. S. Margarida de Cortona. |
| 10 TERÇA. S. Escolastica. | 23 SEGUNDA. S. Pedro Damião. |
| 11 QUARTA. S. Lazaro. | 24 TERÇA. (Entrudo) S. Mathias. |
| 12 QUINTA. S. Eulalia. | 25 QUARTA. (Cinzas) S. Cesario. |
| 13 SEXTA. S. Gregorio II, papa. | 26 QUINTA. S. Torcato. |
| | 27 SEXTA. S. Leandro. |
| | 28 SABBADO. S. Romão. |

Em Portugal

FERIADOS

No Brasil

Dias 23 e 24 (Entrudo)

| Dia 24. Anniversario da constituição da Republica.

DIAS DE PEQUENA GALA

Dia 17. Annos da sr.^a Infanta D. Antonia.

POMAR

Continua-se a plantação das arvores fructiferas.—Enterram-se as cerejeiras e damasqueiros, de haste elevada, mais profundamente que as outras especies.—Adubam-se os pés das arvores enfraquecidas, com estrume muito curtido.—Continua-se a poda das arvores de caroço: a tesoura é preferivel á podôa para esta operação, procurando com cuidado, os anneis ou rosarios de ovos de lagarta que estejam nas arvores.—Poda-se a vinha antes do movimento da seiva.—Collocam-se em vaso os bacellos destinados á cultura temporã.

HORTA

Estrumam-se os canteiros de dois em dois ou de tres em tres annos; estrumando á superficie em março e mais vezes no decorrer do anno, nos intervallos d'uma a outra estrumação profunda.—Semeam-se alhos, cebolinha, alface, espinafres, chicorea selvagem, agrião, salsa, cerefolio, semeando cedo nas partes abrigadas ou seccas da horta e tarde nas partes sombrias e humidas ou expostas sem abrigo á acção dos ventos seccos.—Sementeiras temporãs muito espessas. Renovam-se duas vezes em fevereiro, de quinze em quinze dias, as sementeiras de feijões e alfobres para colher em verde.—Semeam-se na terra ervilhas temporãs, favas e cebolas brancas, na ultima quinzena do mez.—Renovam-se de oito em oito dias as sementeiras de rabanetes e a transplantação d'alface.—Colhem-se as couves de Bruxellas e os cogumelos.

JARDIM

Plantam-se guarnições de açafião, iris anões e amores perfeitos.—Transplantam-se para os canteiros das campanulas, cravos de poeta, heliantos vivazes, aconitos, *phlox* vivazes.—Cobrem-se os cravos do chão, quando nevar.—Descobrem-se nas mesmas circumstancias atmosphericas os tableiros dos jacinthos.—Plantam-se nas partes sombrias junquillos e anemonas.—Começam-se as sementeiras das plantas annuaes de floração temporã.

O antigo carnaval portuguez

Aquillo, sim, que era bom tempo! e fossem lá dizer-lhes que trocassem, a vêr se queriam, pela desexabida insipidez do carnaval de hoje aquellas folgazãs *intrudadas*, de que todos riam. Hoje, de todos esses brinquedos que passavam, restam apenas as *decantadas* dansas de cavallões e marmanjos vestidos de pastorinhas a bailarem entre os costumados arquinhos de flôres, ao som do classico apito — elemento essencial da ordem no programma de toda aquella brincadeira.

E adiante de todos vem o indispensavel velho de rabicho e cabelleira empoada, trajando comicamente segundo o gosto do seculo XVIII, fazendo tregeitos, deitando versos, e mirando lascivamente atravez de uma luneta colossal os encantos de quanta mulher formosa acode ás janellas. Isto, e um certo gosto que tem o nosso povinho para se mascarar de turco ou para fazer folia embruhlado em qualquer farrapo velho — eis quanto nos resta do carnaval puramente portuguez.

Afóra isto, o entrudo entre nós não tem senão os bailes de mascaras nos salões dos theatros. Se ainda ao menos, em compensação, os perfumasse a embriaguez do delirio, ou os esmaltasse o esplendor de um verdadeiro orientalismo!... se da phosphorescencia dos candelabros e do espumar do Cham-

pagne, se das grinaldas de flôres e da voluptuosidade mysteriosa dos dominós, do ardor vertiginoso das valsas e da harmonia febricitante da orchestra rompendo em catacupas pelo festivo ambiente das salas, ressumasse um filtro de inebriante magia que por momentos nos adormentasse as semsaborias da vida prosaica!...

Mas... nem isso!

Xavier da Cunha.



Março

- | | |
|---|--|
| 1 DOMINGO. (1.º de Q.) S. Adrião, S. Rozendo. | 17 TERÇA. S. Patricio, S. Gertrudes. |
| 2 SEGUNDA. S. Simplicio. | 18 QUARTA. S. Gabriel Archanjo. |
| 3 TERÇA. S. Hemiterio. | 19 QUINTA. ✠ S. José. |
| 4 QUARTA. S. Casimiro, S. Lucio. | 20 SEXTA. S. Martinho Dumiense. |
| 5 QUINTA. S. Theophilo, S. João José. | 21 SABBADO. S. Bento. <i>G. gala.</i> |
| 6 SEXTA. S. Ollegario, S. Coleta. | 22 DOMINGO. (4.º de Q.) S. Emygdio. |
| 7 SABBADO. S. Thomaz d'Aquino. | 23 SEGUNDA. S. Felix. |
| 8 DOMINGO. (2.º de Q.) S. João de Deus. | 24 TERÇA. S. Marcos. |
| 9 SEGUNDA. S. Francisco R. | 25 QUARTA. ✠ Anunciação de N. Senhora. |
| 10 TERÇA. S. Militão. | 26 QUINTA. S. Ludgero. |
| 11 QUARTA. S. Candido. | 27 SEXTA. S. Roberto. |
| 12 QUINTA. S. Gregorio. | 28 SABBADO. S. Alexandre. |
| 13 SEXTA. B. Sancha. | 29 DOMINGO. (Paixão). As Dôres de Nossa Senhora. |
| 14 SABBADO. S. Mathilde. | 30 SEGUNDA. S. João Climaco. |
| 15 DOMINGO. (3.º de Q.) S. Zacharias. | 31 TERÇA. S. Balbina. |

Em Portugal **DIAS DE GRANDE GALA** No Brasil

Dia 21 — Annos do Principe Real, D. Luiz
Filippe, herdeiro do throno.

POMAR

Termina a plantação das arvores de fructo, e a poda das de pevide e caroço. — Podam-se os pecegueiros e damasqueiros que deitaram pouco tronco no anno precedente. — Semeam-se as amendoas. — Continua-se a plantar e a mergulhar a vinha — Põem-se em viveiro as estacas de groselha. — Separam-se os tufos de framboezas. — Abrigam-se das geadas e aguaceiros os pecegueiros e damasqueiros em espalda, em flôr ou proximos a florescer.

HORTA

Continuação das sementeiras do mez antecedente. — Semeam-se ao ar livre as beterrabas, rabanetes, chicoreas, ervilha em viveiro com exposição ao sul, couves de York e de Milão. — Plantam-se alho, espargos, batatas temporãs, e azedas. — Cobrem-se as hortaliças recentemente transplantadas. — Regam-se, segundo a necessidade, os melões semeados em vaso. — Transplantam-se para terra abrigada os tomates semeados em camada quente em janeiro ou fevereiro. — Collocam-se em seu logar no fim do mez os pés de alcachofra conservados em abrigo durante o inverno. — Amanham-se, estrumam-se e cobrem-se de terra os espargos, misturando um pouco de sal no estrume. — Semeam-se ao ar livre, ervilha trepadeira, favas e cenouras. — Alporcam-se as favas semeadas em fevereiro. — Regam-se frequentemente as couves-flôres semeadas ao ar livre e ao sul.

JARDIM

Guarnecem-se de plantas de floração precoce as partes do jardim mais abrigadas. — Tratam-se, durante a sua floração, das hepaticas, tonsilagens, narcisos, tulipas duque de Tholl, fritilarias de corôa imperial — Descubrem-se inteiramente as plantas de jacinthos. — Dispõem-se as raizes de rainunculos e de anemonas. — Renovam-se as bordaduras dos cravos anões. — Semeam-se em segunda guarnição a *hesperis maritima* e os pés de *delphinium*. — Semeam-se em alfobre, para as transplantar mais tarde, as rainhas margaridas, coreopsis, balsamicas (papagaios) e tagetes. — Cuida-se da floração dos rhododendros, azaleas e outros arbustos de terra de urze plantados ao ar livre.

EM QUINTA-FEIRA MAIOR

Tinha a igreja da minha freguezia
Recoberta de longas colgaduras,
Celebrando os mysterios d'esse dia,
Todo cheio de doces amarguras,

Um ar muito festivo que lhe davam,
Os seus jarros de flôres e palmitos.
No chão, os rosmaninhos exhalavam,
Como os juncos, aromas esquisitos.

Nas alturas do throno resplendente,
Escada luminosa e perfumada,
Morria-se o cordeiro auriluzente
E dentro d'elle a hostia consagrada.

O famoso padre José Agostinho de Macedo, depois de haver prégado um sermão no sitio da Ameixoeira, suburbios de Lisboa, viu-se abordado por um saloio boçal, mas pretencioso, que o felicitava, dizendo: — «Vossa Reverendissima brilhou. Prégou um sermão admiravel.»

Ao que o grande prégador respondeu: — «E você o que entende.»

✽

Um Jesuita, pretendendo insultar o padre Antonio Pereira de Figueiredo, famoso theologo do reinado de D. José I, por ter o cabelo ruivo, perguntou-lhe um dia: — «De que precede pintarem nos quadros da Ceia do Senhor ao discipulo Judas de cabellos ruivos, quando não



Semana Santa em Sevilha

O incenso punha a nota religiosa,
Que distingue, do mundo, a sacra festa...
Mas ao fundo da nave, buliçosa,
Dos varapaus movia-se a floresta.

As damas ostentavam commovidas
Seus vestidos tafues de seda preta;
Os homens de visagens recolhidas
Cobrindo com as opas a jaqueta,

Lembravam vagamente um ramallete
Giganteo de papoilas purpurinas...
Do côro ouviu-se a voz de um clarinete
E depois começaram as *matinas*...

HEMETERIO ARANTES.

consta das Sagradas letras que tal côr tivessem?»

— «Tenho feito o mesmo reparo, respondeu o sabio Figueiredo, e, por mais que tenha procurado, nada achei sobre a côr ruiva dos cabellos de Judas; mas o que é de fé, por constar da Sagrada Escriptura, é que o discipulo traidor era da *Companhia de Jesus*.»

—

Ella mandou um telegramma, e está á espera da resposta; acompanha-a uma das suas amigas.

Esperam uma hora.

De repente ouve-se a vibração de campainhas telegraphicas chamando a attenção do empregado.

— E' do Jorge! exclamou ella apertando a mão da sua amiga. Conheço-lhe o toque.

Almanach

Abril

- | | |
|---|---|
| 1 QUARTA. S. Macario. | 16 QUINTA. S. Engracia. |
| 2 QUINTA. S. Francisco de Paula. | 17 SEXTA. S. Aniceto. |
| 3 SEXTA. S. Pancraccio. | 18 SABBADO. S. Gualdino. |
| 4 SABBADO. S. Izidoro. | 19 DOMINGO. (Paschoela). S. Hermogenes. |
| 5 DOMINGO. (Ramos). S. Vicente Ferrer. | 20 SEGUNDA. S. Ignez. |
| 6 SEGUNDA. S. Marcellino. | 21 TERÇA. S. Anselmo. |
| 7 TERÇA. S. Epiphanio. | 22 QUARTA. S. Sotero, S. Caio. |
| 8 QUARTA. (Trevas). S. Amancio. | 23 QUINTA. S. Jorge. |
| 9 QUINTA. (End.) ✠ depois do meia dia. | 24 SEXTA. S. Fiel de Singmaringa. |
| 10 SEXTA. (Paixão). ✠ até ao meio dia. | 25 SABBADO. S. Marcos. |
| 11 SABBADO. S. Leão I, Papa. | 26 DOMINGO. S. Pedro de Rates. |
| 12 DOMINGO. (Paschoa). S. Victor. <i>G. gala.</i> | 27 SEGUNDA. S. Tertuliano. |
| 13 SEGUNDA. S. Hermenegildo. | 28 TERÇA. S. Vital. |
| 14 TERÇA. S. Tiburcio. | 29 QUARTA. S. Antonia. <i>G. gala.</i> |
| 15 QUARTA. S. Basilisa, S. Anastacia. | 30 QUINTA. S. Catharina de Sena. |

Em Portugal

FERIADOS

No Brasil

De 5 a 19.

Dia 21. Commemoração do supplicio de Tiradentes e dos percussores da Republica.

DIAS DE GRANDE GALA

Dia 12. Domingo de Paschoa.
Dia 29. Authorga da Carta Constitucional.

POMAR

Termina a sementeira de pevides, amendoas e caroços em alfobre. — Continuum os enxertos de escudo. — Limpam-se da lagarta as arvores fructiferas. — Podam-se cedo as pereiras em espaldeira e em pyramides. — Abrigam-se, em caso de gelos tardios e saraivadas, as arvores fructiferas em espaldeira durante a floração. — Curvam-se as framboezas ao primeiro movimento de seiva, prendendo-as ao cançado.

HORTA

Rega-se de manhã e durante o dia, a não ser que baixe a temperatura. — Continuum as sementeiras do mez precedente em plena terra. — Semeam-se em camadas aipo, a chicorea de verão e os feijões destinados a ser dispostos no mez seguinte. — Sementeira dos espargos no logar definitivo. — Transplantação do plantio da couve-flôr. — Sementeira de aboboras. — Transplantação, para camada tépida, sob campana ou estufim, dos melões semeados e creados em camada quente. — Apanha das ultimas ervilhas e feijões verdes. — Disposição no fim do mez das aboboras creadas em camada tépida. — Sementeira no seu logar dos pepinos de conserva e das alcachofras, protegendo estas sementeiras com abrigos de palha, em caso de ameaços de geada. — Estende-se uma parte da cultura dos morangueiros ao ar livre, por meio de espaldeiras temporarias. — Começam a apanhar-se os espargos cultivados ao ar livre.

JARDIM

Mondam-se as plantas annuaes lançadas á terra no mez precedente. — Continuum as sementeiras das mesmas plantas, reservando o espaço necessario para as transplantações successivas de plantas creadas em alfobre. — Arrancam-se as plantas precoces que já deram flôr. — Olha-se pela primeira floração das roseiras precoces. — Desembaraçam-se do pulgão os botões. — Regam-se abundantemente, em caso de secura, emquanto a temperatura estiver branda.

Em 1701 houve em arredores de New-castle uma innundação terrível que ficou sendo conhecida pelo nome de «diluvio».

Um dia, um dos habitantes d'essas localidades tem de comparecer n'um tribunal como testemunha.

— Como se chama? diz o juiz.

— Adão Thompson.

— De onde é natural?

— Do Paraizo. (E' o nome de uma aldeia que fica a uma legua de New-castle).

— Residiu sempre na sua terra natal?

— Não senhor: sahi quando foi o diluvio.

Imaginem a gargalhada dos espectadores. O pobre homem, muito espantado, teve de explicar que não era marido de Eva, nem contemporaneo de Noé.



Uma rapariga franceza tem de responder perante o tribunal correccional por ter feito algumas incongruencias n'um baile de Opera.

— Como se chama? pergunta o

juiz.

— Anasta-

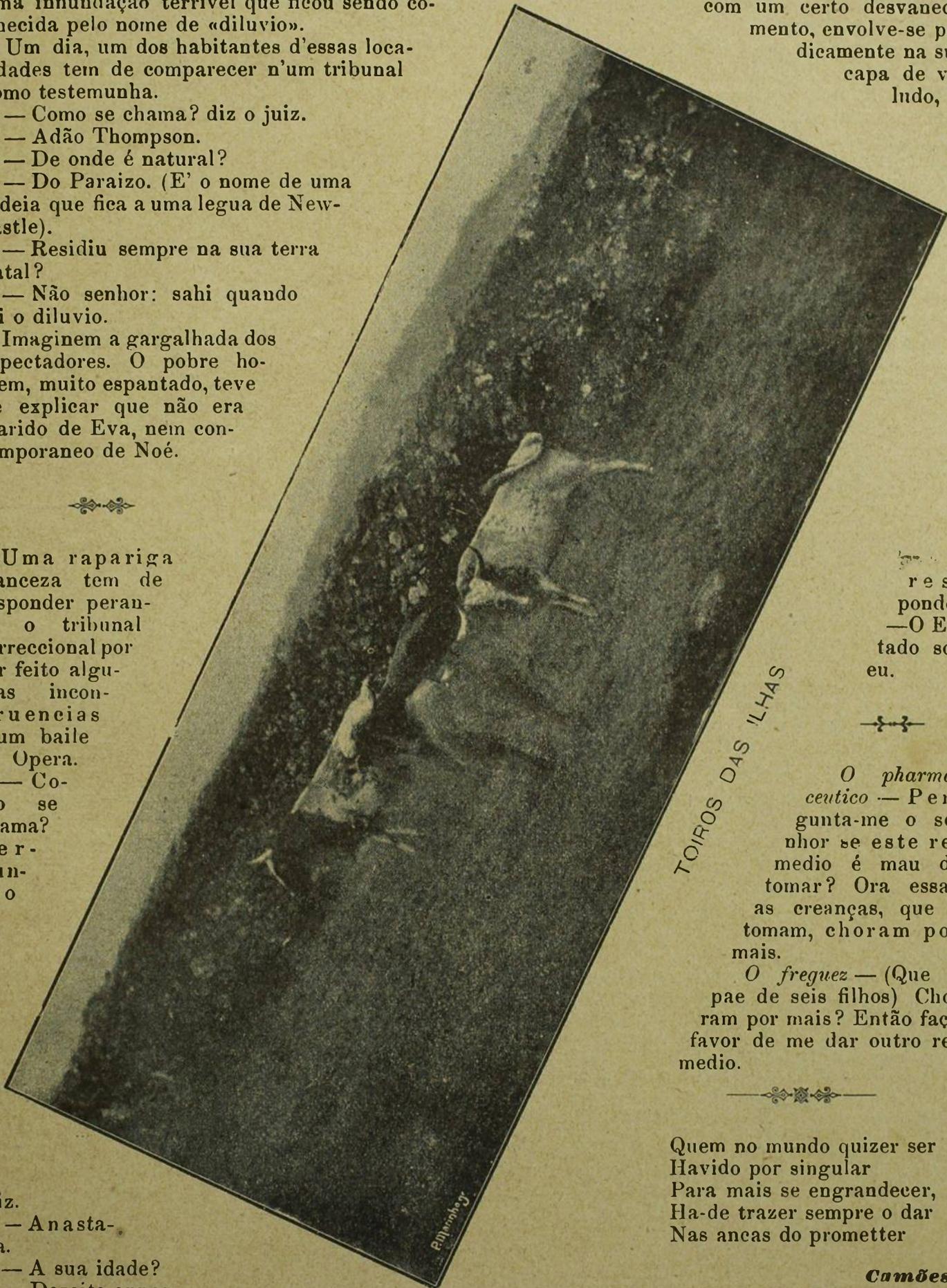
cia.

— A sua idade?

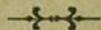
— Dezoito annos.

— A sua profissão?... o seu estado?

Anastacia olha para si mesma com um certo desvanecimento, envolve-se pudicamente na sua capa de veludo, e



responde:
— O Estado sou eu.



O pharmaceutico — Pergunta-me o senhor se este remedio é mau de tomar? Ora essa! as creanças, que o tomam, choram por mais.

O freguez — (Que é pae de seis filhos) Choram por mais? Então faça favor de me dar outro remedio.



Quem no mundo quizer ser Havidio por singular
Para mais se engrandecer,
Ha-de trazer sempre o dar
Nas ancas do prometter

Camões.



Almanach

Maio

- | | |
|---------------------------------------|--|
| 1 SEXTA. S. Philippe. <i>P. Gala.</i> | 17 DOMINGO. S. Possidonio. |
| 2 SABBADO. S. Mafalda. | 18 SEGUNDA. S. Venancio. |
| 3 DOMINGO. Invenção da Santa Cruz. | 19 TERÇA. S. Pedro Celestino. |
| 4 SEGUNDA. S. Monica. | 20 QUARTA. S. Bernardino de Senna. |
| 5 TERÇA. Conversão de S. Agostinho. | 21 QUINTA. ✠ Ascensão do Senhor. |
| 6 QUARTA. S. João Damasceno. | 22 SEXTA. S. Rita de Cassia. <i>P. gala.</i> |
| 7 QUINTA. S. Estanslau. | 23 SABBADO. S. Bazilio. |
| 8 SEXTA. Apparição de S. Miguel. | 24 DOMINGO. S. Afra. |
| 9 SABBADO. S. Gregorio Nazianzeno. | 25 SEGUNDA. S. Gregorio VII, papa. |
| 10 DOMINGO. S. Antonino. | 26 TERÇA. S. Philippe Nery. |
| 11 SEGUNDA. S. Anastacio. | 27 QUARTA. S. João, P. M. |
| 12 TERÇA. S. Joanna, princeza. | 28 QUINTA. S. Germano. |
| 13 QUARTA. N. Senhora dos Martyres. | 29 SEXTA. S. Maximo. |
| 14 QUINTA. S. Gil, S. Bonifacio. | 30 SABBADO. S. Fernando. |
| 15 SEXTA. S. Isidro. | 31 DOMINGO. Espirito Santo. S. Petronilla. |
| 16 SABBADO. S. João Nepomuceno. | |

Em Portugal

FERIADOS

No Brasil

Dia 3. Anniversario da descoberta do Brasil.
Dia 13. Anniversario da abolição da escravidura.

DIAS DE PEQUENA GALA

- Dia 1. Pronome de Sua Alteza o Principe Real.
Dia 22. Anniversario do casamento de SS. MM.

POMAR

Continua a monda dos renovos, cortando nas arvores fructiferas enxertadas os rebentos inferiores ao enxerto. — Cortam-se sem demora os fructos que apparecem encravados uns nos outros, nos pegueiros e damasqueiros em espaldeira. — Dispõe-se a vinha em caniçado e o damasqueiro em contra-espaldeira, procurando não offender os gomos.

HORTA

Amanha-se e sacha-se reiteradas em toda a horta. — Rega-se cada vez mais. — Continuam as sementeiras dos dois mezes precedentes em plena terra e ao ar livre, semeando-se tambem beldroega, brocos, alcachofras, escorcioneira e couve-flôr. — Transplantam-se para o seu logar couves de toda a especie, alfaces redondas e romanas, chicoreas e couves-flôres. — Transplantação sob-campana do plantio dos melões. — Sementeira de melão no logar, sobre estrume e debaixo de campana, ao pé d'um muro ao sul. — No fim do mez ata-se as romanas e chicoreas transplantadas nos primeiros dias de maio. — Estacam-se as ervilhas sementeiras em abril. — Semeam-se duas vezes, de quinze em quinze dias, ervilhas e feijões ao ar livre. — Estacam-se, quando estejam bem crescidos, os feijões trepadores. — Apanha dos espargos, evitando ferir-lhes a *corôa*. — Regam-se com profusão as alcachofras e os morangueiros das quatro estações. — Semea-se á sombra a semente de morangueiro das quatro estações. — Transplanta-se a planta de morangueiro muito nova para um canteiro assombreado e cortam-se no fim de maio as hastes elevadas dos morangueiros, dos quaes se deseja obter colheita abundante no outomno. — Planta-se cebolinho, alho porro, batatas doces, em exposição. — Mudam-se para plena terra os tomateiros creados sobre camada. — Semea-se o milho de gallinhas, cujas espigas meio formadas tenham de ser postas em conserva como pepinos. Colhem-se as primeiras cebolas, as couves, os cogumellos e as ervilhas.

JARDIM

Cuida-se da floração dos jacinthos, tulipas, lyrios, anemonas e rainunculos. — Enterra-se a semente dos rainunculos do anno precedente. — Renovam-se as sementeiras de plantas annuaes de ornamento do mez de abril. — Enterram-se os tuberculos das dahlias não quebrando os rebentos antes de serem enterrados.

O aspecto da Avenida

No 1.º de maio



VERSOS

Eu os beijei, eu os vi
Os peitos da minha amada.
Eram de neve coalhada,
Nem sei como os não bebi.

— Sabes, Nerino, o que vae
De novo na nossa aldeia?
— Que vae Fabio? — Vae que Altêa
Já com seus peitinhos sae!
— Amigo Fabio, deixae
De vir mentir-me aqui;
Altêa, que eu conheci
Inda ha dois dias mamando?!
— Não tens que estar duvidando,
Eu os beijei, eu os vi.

— Pois, sendo Altêa donzella,
Deixa-os beijar, deixa-os ver!
— Foi por mais não poder ser.
— Não dou cinco réis por ella!
— Amigo, a muita cautella
A's vezes não prova nada.
— Eu perca toda a manada,
Ou d'ella não veja cria
Se tu vires algum dia
Os peitos da minha amada.

— Pois, Nerino, os taes d'Altêa
Eu os vi, eu os beijei;
Outros eguaes não verei,
Inda que os busque á candeia.
— Não gabes tanto essa estreia.
Que a pôde haver melhorada!
— Amigo, não viste nada!
— Nem, que o visse, consentira.
— Pois, Nerino, sem mentira,
Eram de neve coalhada!

— Devias ficar gelado
Quando os beijastes, tão frios!
— Fiquei cheio d'arripios,
E pateta confirmado!
— Não merece acreditado
Quem ficou fóra de si!
— Nerino, juro que os vi,
Tão de neve a branquejar,
Que, quando os fui a beijar,
Nem sei como os não bebi.

(Estes versos foram achados pelo fallecido escriptor
Silva Tulio entre os manuscritos da Bibliotheca Nacio-
nal de Lisboa. Ignora-se quem fosse o auctor.)

Almanach

Junho

- 1 SEGUNDA. S. Firmino.
- 2 TERÇA. S. Marcellino.
- 3 QUARTA. S. Ovidio.
- 4 QUINTA. S. Francisco Caraciolo.
- 5 SEXTA. S. Bonifacio.
- 6 SABBADO. S. Norberto, S. Paulina.
- 7 DOMINGO. S. Roberto.
- 8 SEGUNDA. S. Salustiano.
- 9 TERÇA. S. Feliciano.
- 10 QUARTA. S. Margarida.
- 11 QUINTA. ✠ Corpo de Deus. *P. gala.*
- 12 SEXTA. S. Onofre.
- 13 SABBADO. ✠ No Patriarc. S. Antonio de Lisboa.
- 14 DOMINGO. S. Bazilio Magno.
- 15 SEGUNDA. S. Vito.

- 16 TERÇA. S. Aureliano.
- 17 QUARTA. S. Manuel.
- 18 QUINTA. S. Marcos e S. Marcelliano.
- 19 SEXTA. ✠ O SS. Cor. de Jesus.
- 20 SABBADO. S. Silverio.
- 21 DOMINGO. S. Luiz Gonzaga.
- 22 SEGUNDA. S. Paulino.
- 23 TERÇA. S. Edeltrudes.
- 24 QUARTA. ✠ Nascimento de S. João Baptista.
- 25 QUINTA. S. Guilherme.
- 26 SEXTA. S. João e S. Paulo.
- 27 SABBADO. S. Ladislau.
- 28 DOMINGO. S. Leão II.
- 29 SEGUNDA. ✠ S. Pedro e S. Paulo. App.
- 30 TERÇA. S. Marçal.

Em Portugal

No Brasil

DIAS DE PEQUENA GALA

Dia 11. Corpo de Deus.
Dia 19. Coração de Jesus.

POMAR

Cortam-se os gomos superfluos nas cerejeiras, damasqueiros e arvores de fructo de caroço em espaldeira. — Continua-se a rega, em caso de secca, das arvores transplantadas na primavera. — Começa-se a apanha dos fructos coroados, tendo cuidado de poupar os botões de fructo para o anno seguinte. — Cuida-se dos arbustos em espaldeira pela póda e esladroamento, de modo a impedir o desenvolvimento dos ramos gameleiros. — Dá-se á vinha o segundo amanho. — Apanham-se os primeiros fructos temporãos dos pecegueiros e abrunheiros.

HORTA

Sementeira de diversos feijões para as colheitas tardias. — Estacam-se as ervilhas dez dias depois de nascidas. — Renovam-se todas as sementeiras de mez precedente. — Borrifam-se com a bomba de mão a superficie dos pecegueiros e damasqueiros em espaldeira. — Transplantam-se as saladas, couves e couves-flôres sementeiras em alfobre na primavera. — Termina a apanha dos espargos no fim de junho. — Colhem-se os melões temporãos cultivados em estufa, os morangos e cortam-se os rebentos de que não ha já necessidade para a multiplicação. — Colhem-se alcachofras. — Podam-se os melões de segunda estação e regam-se muitas vezes ao dia. — Regam-se abundantemente os morangueiros — Mondam-se os tomates dos fructos engorgitados. — Cortam-se á unha os grêlos floridos dos nabos, couves, couves-flôres e rabanos cultivados para dar semente.

JARDIM

Cuida-se da floração dos cravos; preservam-se dos ataques dos forficulos, pendurando nas estacas casco dos pés de carneiro. — Multiplicam-se todos os cravos de mergulhia. — Cuida-se da floração dos lyrios. — Levantam-se da terra, logo que as folhas amarelleçam, as cebolas de jacinthos e tulipas, deixando mais tempo na terra as que se destinam para dar sementeira. — Plantam-se os tuberculos dos rainunculos para a floração do outomno. — Lançam-se á terra a segunda sementeira plantas annuaes criadas em alfobre. — Tratam-se da floração das roseiras. — Colloca-se ao pé das roseiras enxertadas sobre roseira brava de haste elevada, petunias e pelargonios de flôres vermelhas para lhes mascarar a nudez depois da floração. — Collocam-se estacas fortes nas dhalias.



Cantigas populares

S. João p'ra vêr as moças
Fez uma fonte de prata:
As moças não vão a ella,
S. João todo se mata.

S. João adormeceu
Nas escadinhas do côro,
Deram as freiras com elle,
Depenicaram-o todo!

O S. João embarcou
Com vinte e cinco donzellas,
Embarca, não desembarca,
S. João no meio d'ellas.

O' meu rico S. João
Que daes a quem por vós chama?
— A's solteiras bom marido,
A's casadas boa fama.

O altar de S. João
E' um jardim de flôres,
Enfeitado pelas moças
Com sentido nos amores.

O' meu S. João Baptista,
A vossa capella cheira,
Cheira a cravos, cheira a rosas,
Cheira a flôr de laranjeira.

S. João adormeceu
Debaixo da laranjeira,
Cahi-lhe a folha por cima,
S. João que tão bem cheira!

Ahi vem o S. João,
Quem no ha de ir esperar?
Hão de ser as lavadeiras,
Que estão no rio a lavar.

Que festas farão os mouros
No dia de S. João?
Correm todos a cavallo,
Com cannas verdes na mão.

No theatro de S. Carlos.

Um critico conversa com o director.

— «Ah! exclama este. Haverá alguma coisa mais insupportavel que as pretensões dos grandes artistas?»

— «Sim senhor, responde o critico. As dos pequenos!»

D. Francisco de Almeida jogava, uma vez, com uma senhora, por quem estava apaixonado. Tinha posto sobre a meza de jogo uma caixa de rapé, uma esplendida caixa de esmaltes. A dama em questão fartou-se de a gabar, a vêr se D. Francisco lh'a dava de presente, mas, percebendo que elle não se resolvia a tal, entendeu que o melhor era deitar-lhe a mão, muito sorrateiramente. D. Francisco de Almeida, que dera pela manobra, voltou-se para a senhora e disse: — «Perdão, minha senhora. Se não a levar pelo *sexto*, pelo *setimo* não m'a leva.»

No Chiado.

— «Quem é aquella senhora que tu acabas de cumprimentar?»

— «E' a mulher de... dois dos meus amigos.»

Falla-se a respeito da condessa X., que brillou muito nos salões lisbonenses no tempo da rainha D. Maria II, mas que lucta desesperadamente contra as injurias da idade.

— «Ella, agora, tem uma apparencia de mumiã...»

— «Com effeito, responde uma dama, ella está muito bem conservada. Fez-se embalsamar ha vinte annos...»

Um bohemio vê-se ao espelho do uma *montre* da rua do Oiro, e suspira melancolicamente:

— «Camisa preta e cabellos brancos... Se podesse ser o contrario!..»

Almanach

Julho

- | | |
|--|---|
| 1 QUARTA. S. Theodorico. | 17 SEXTA. S. Aleixo. |
| 2 QUINTA. Visitação de N. Senhora. | 18 SABBADO. S. Frederico, S. Marinha. |
| 3 SEXTA. S. Jacintho. | 19 DOMINGO. S. Vicente de Paula. |
| 4 SABBADO. S. Isabel, rainha de Portugal. | 20 SEGUNDA. S. Jeronymo Emiliano. |
| 5 DOMINGO. S. Athanasio. | 21 TERÇA. S. Praxedes. |
| 6 SEGUNDA. S. Domingas. | 22 QUARTA. S. Maria Magdalena. |
| 7 TERÇA. S. Pulcheria, S. Claudio. | 23 QUINTA. S. Apollinario. |
| 8 QUARTA. S. Procopio. | 24 SEXTA. S. Christina. |
| 9 QUINTA. S. Cyrillo. | 25 SABBADO. S. Thiago, S. Chrystovão. |
| 10 SEXTA. S. Januario, S. Amelia. <i>P. gala.</i> | 26 DOMINGO. S. Symfronio, S. Olympio,
S. Anna. |
| 11 SABBADO. S. Sabino. | 27 SEGUNDA. S. Pantaleão. |
| 12 DOMINGO. S. João Gualberto. | 28 TERÇA. S. Innocencio. |
| 13 SEGUNDA. S. Anacleto. | 29 QUARTA. S. Martha. |
| 14 TERÇA. S. Boaventura. | 30 QUINTA. S. Maxima, S. Rufino. |
| 15 QUARTA. S. Camillo de Lellis, S. Henrique. | 31 SEXTA. S. Ignacio de Loyolla. <i>G. gala.</i> |
| 16 QUINTA. N. S. do Carmo. Triumpho de
Sancta Cruz. | |

Em Portugal

FERIADOS

No Brasil

Dia 14. Commemoração da Republica Fran-
ceza e da Liberdade e Independencia
dos povos americanos.

DIAS DE GRANDE GALA

Dia 31. Juramento da Carta Constitucional
e annos do Sr. Infante D. Affonso.

DIAS DE PEQUENA GALA

Dia 10. Pronome de S. M. a Rainha.

POMAR

Enxerta-se de escudo no fim de Julho. — Tiram-se as ligaduras dos enxertos. — Podam-se os rebentos inferiores aos enxertos. — Observa-se a apparição dos primeiros symptomas do mal das vinhas para applicar de prompto o enxofre ou qualquer outro remedio. — Desbastam-se com tesoura os bagos dos cachos muito apertados. — Tiram-se as folhas que encobrem os pecegos e não os deixam tomar côr. — Apanham-se as peras temporãs. — Em caso de estiagem prolongada, regam-se pelo pé as velhas arvores em espaldeira. — Caçam-se os caracoes e todos os insectos que atacam os fructos quando amadurecem.

HORTA

Semeam-se as ervilhas tardias. — Transplanta-se o plantio de couve que se tem de dispôr no mez seguinte. — Regam-se com moderação os melões. — Renovam-se os velhos morangueiros com o plantio de guias novas, mudando-as de logar. — Torcem-se as ramas das cebolas que se querem conservar durante o inverno. — Arrancam-se os alhos e as exalotas. — Colhem-se as batatas temporãs. — Rega-se abundantemente o aipo. — Atam-se as chicoreas e escoram-se para as fazer alvas. — Apanham-se as sementes das plantas hortícolas á maneira que vão amadurecendo. — Apanham-se os feijões verdes e de debulha. — Revigoram-se pelo corte dos rebentos superfluos os tomateiros, cujos fructos se approximam da maturação. — Regam-se duas vezes por dia as aboboras para lhes fazer engrossar o fructo. — Apanham-se os primeiros pepinos de conserva.

JARDIM

Cortam-se ao nivel do solo as hastes desfloridas dos cravos anões. — Atam-se a grades em leque os cravos de jardim, que devem estar em plena flôr. — Regam-se muitas vezes durante a floração. — Alporcam-se os que já deram flôr. — Desembaraçam-se as roseiras das rosas murchas. — Regam-se abundantemente as petunias e pelagornios. — Põe-se estacas aos gladiolos proximos a florir. — Renova-se a plantação das plantas annaes criadas em alfobre. — Regam-se muitas vezes as lantanas, fuchsias, calceolareas, temporariamente collocadas nos canteiros para florescer ao ar livre. — Planta-se de distancia em distancia baunilha afim de aromatizar o jardim. — Plantam-se em redor dos massiços d'azaleas e rhododendros, bordaduras de lobelia, de cuphea e Hortensia do Japão, em terra de urze. — Enxertam-se os chrysantemos da India. — Podam-se nos velhos tufos os pimpolhos superfluos.



SANTA AMELIA

Almanach

Agosto

- | | |
|--|---|
| 1 SABBADO. P. Pedro <i>ad Vincula</i> . | 17 SEGUNDA. S. Mamede. |
| 2 DOMINGO. N. Senhora dos Anjos. | 18 TERÇA. S. Clara do Monte Falco. |
| 3 SEGUNDA. Invenção de S. Estevão. | 19 QUARTA. S. Luiz. |
| 4 TERÇA. S. Domingos. | 20 QUINTA. S. Bernardo. |
| 5 QUARTA. N. Senhora das Neves. | 21 SEXTA. S. Joanna Francisca, S. Anastacio. |
| 6 QUINTA. Transfiguração de Jesus Christo. | 22 SABBADO. S. Timotheo. |
| 7 SEXTA. S. Caetano, S. Alberto. | 23 DOMINGO. S. Philippe Benicio, S. Liberato. |
| 8 SABBADO. S. Cyriaco, S. Severo. | 24 SEGUNDA. S. Bartholomeu. |
| 9 DOMINGO. S. Romão. | 25 TERÇA. S. Luiz, Rei de França. |
| 10 SEGUNDA. S. Lourenço. | 26 QUARTA. S. Zeferino. |
| 11 TERÇA. N. Senhora da Boa Morte. | 27 QUINTA. S. José Calazans. |
| 12 QUARTA. S. Clara. | 28 SEXTA. S. Agostinho. |
| 13 QUINTA. S. Hypolito, S. Cassiano. | 29 SABBADO. Degolação de S. João Baptista |
| 14 SEXTA. S. Eusebio, S. Athanasio. | 30 DOMINGO. S. Rosa de Lima. |
| 15 SABBADO. ✠ Assumpção de N. Senhora. | 31 SEGUNDA. S. Raymundo Nonato. |
| 16 DOMINGO. S. Roque, S. Jacintho. | |

POMAR

Continua a enxertia de escudo. — Dirigem-se as arvores em *espaldeira* pelo decote e pela estacagem durante a segunda seiva. — Nos fins de agosto começa a capação dos renovos das pereiras e macieiras. — Continuum, havendo necessidade, as regas abundantes junto das espaldeiras e as borrifagens em toda a sua superficie. — Apanham-se os fructos da estação; pecegos, abrunhos, damascos e ameixas. — Prepara-se terreno para as sementeiras em alfobre. — Semeia-se, á medida que os fructos vão murchando, os caroços de cerejas, pecegos, abrunhos e damascos.

HORTA

Regam-se abundantemente os pepinos de conserva. — Apanham-se os fructos dia a dia. — Podam-se as hastes das aboboras e cabaceiras por cima do fructo; regando-as com agua abundantemente pela manhã e á noite. — Arrancam-se e transplantam-se os pés dos morangueiros. — Renovam-se as sementeiras de feijões, alfaces de inverno, chicorea frizada, cenouras, nabos, espinafres. — Activam-se com os residuos de refinação e o guano a vegetação das couves e couves-flôres. — Espalha-se colombina (escremento de pombos e gallinhas) no pé dos melões da ultima estação que devem ser colhidos em setembro. Seccam-se e conservam-se as sementes dos melhores melões.

JARDIM

Renova-se a terra dos canteiros de jacinthos e tulipas. — Dispõem se em seu logar as cebolas de tulipas e jacinthos no fim do mez. — Alporcam-se os cravos de jardim á medida que vão deixando de dar flôr. — Apanham-se as sementes de plantas de ornamento annuaes ou bisannuaes. — Cuida-se da floração das roseiras outomniças. — Regam-se frequentemente as lantanas, fuchsias, pelargonios, verbenas, cujos vasos devem estar enterrados nos alegretes do jardim. — Transplanta-se a reseda, tapando as falhas das bordaduras.

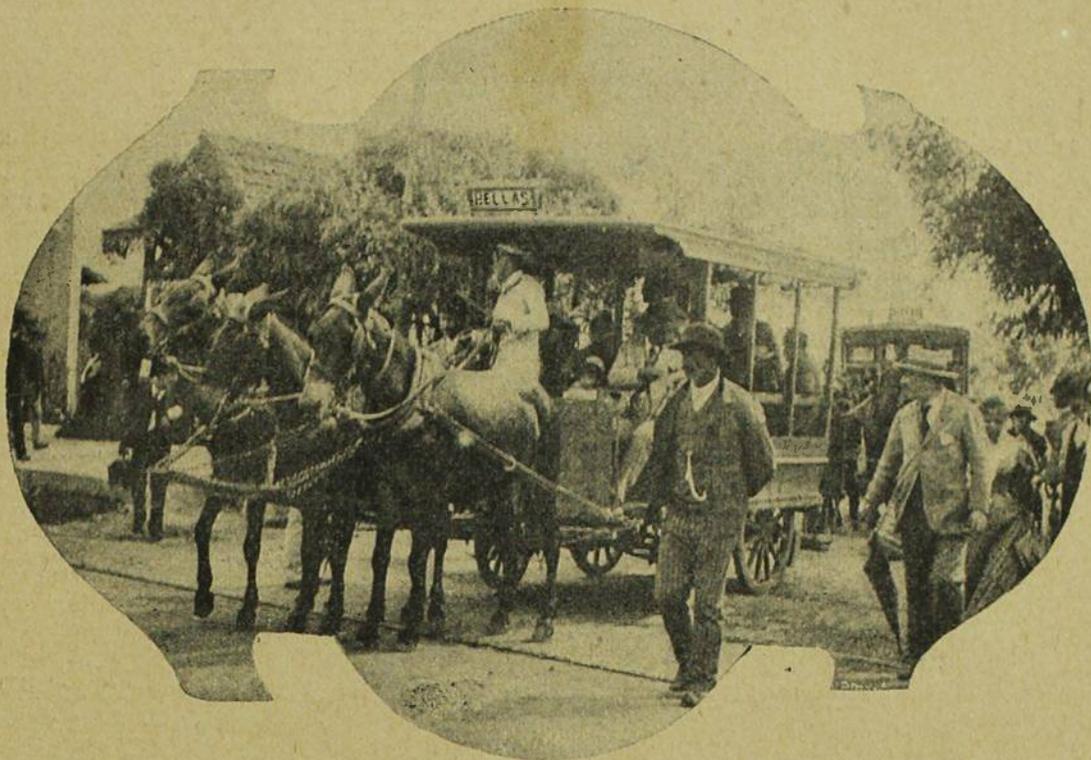
O Senhor da Serra
e a Senhora da Atalaya

A ROMARIA do Senhor da Serra, em Bellas, cahe no ultimo domingo de Agosto. Realisa-se na antiga quinta dos marquezes de Bellas e condes de Pombeiro, hoje propriedade do sr. Borges de Almeida. O Senhor Jesus da Serra festeja-se n'uma linda capella, que demora no alto de um monte d'essa quinta.

A romaria do Senhor da Serra não tem o character extremamente campesino das romarias provincianas. E' uma romaria com seus laivos de fidalguice. A gente que a frequenta é, em grande parte, gente de Lisboa, e, pelo tanto, não póde ahi haver a jovialidade *bon-enfant* das festanças do S. João bracarense, aquella alegria alada do S. João coimbrão, onde a mocidade academica fraternisa com as moçoilas e baila doidamente á volta das fogueiras. E' muito outra a romaria de Bellas. Comtudo, tambem lá se folga e se dança, cantando trovas populares:

Fôstes ao Senhor da Serra,
Nem um anel me trouxeste,
Nem os moiros da moirama
Fazem o que tu fizeste.

Madresilva diz amor,
A perpetua diz firmesa,
Malmequer diz: não te deixo;
Não me deixas com certeza.



Para o Senhor da Serra em Bellas

Andam mortos por saber
Quem é o meu ramalhete,
E' um rapaz trigueirinho,
Vestido d'azul ferrête.

Os olhos pretos e azues
Vendo eu n'um cabazinho,
Os azues são a cruzado,
E os pretos a quartinho.

A romaria da Senhora da Atalaya, do outro lado do Tejo, tambem se faz em Agosto. Os cyrios de Lisboa partem em fragatas e falúas, e desembarcam em Aldegallega. A Atalaya dista quatro kilometros d'este local. Os cyrios lá vão pela estrada batida de sol até á ermida da Senhora, com os seus anjinhos brancos, os irmãos de opa azul e branca, os pendões ao vento, os andorsinhos todos enramalhados, osromeiros contentes e a philarmonica desafinada e cahotica.

Noite fechada,
teem arrayal nas encostas da Atalaya. Baila-se desenfreadamente, cantarola-se que é um louvar a Deus! No dia immediato, logo de manhã, repicam os sinos, estala o foguetorio, e sóbe-se, em seguida, á capella para cumprir as promessas.

As festas da Atalaya teem uma forte raiz tradicional.



O cyrio dos Caramellos em marcha para a Senhora da Atalaya



Setembro

- | | |
|--|---|
| 1 TERÇA. S. Egydio. | 16 QUARTA. S. Cornelio, S. Cypriano. |
| 2 QUARTA. S. Estevão. | 17 QUINTA. S. Pedro d'Arbués. |
| 3 QUINTA. S. Eufemia. | 18 SEXTA. S. José de Cupertino. |
| 4 SEXTA. S. Rosa de Viterbo. | 19 SABBADO. S. Januario. |
| 5 SABBADO. S. Antonino. | 20 DOMINGO. S. Eustachio. |
| 6 DOMINGO. S. Libania. | 21 SEGUNDA. S. Matheus. |
| 7 SEGUNDA. S. Anastacio. | 22 TERÇA. S. Mauricio. |
| 8 TERÇA. Natividade de N. Senhora. <i>P. gala.</i> | 23 QUARTA. S. Lino. |
| 9 QUARTA. S. Sergio. | 24 QUINTA. N. Senhora das Mercês. |
| 10 QUINTA. S. Nicolau Tolentino. | 25 SEXTA. S. Firmino. |
| 11 SEXTA. S. Theodora. | 26 SABBADO. S. Cypriano, S. Justina. |
| 12 SABBADO. S. Juvencio. | 27 DOMINGO. S. Cosme, S. Damião. |
| 13 DOMINGO. S. Philippe. | 28 SEGUNDA. S. Wenceslau. <i>G. gala.</i> |
| 14 SEGUNDA. Exaltação da Sancta Cruz. | 29 TERÇA. S. Miguel Archanjo. |
| 15 TERÇA. S. Nicomedes. | 30 QUARTA. S. Jeronymo. |

Em Portugal

FERIADOS

No Brasil

Dia 24. Anniversario do fallecimento de S. M. D. Pedro IV. | Dia 7. Independencia do Brasil.

DIAS DE GRANDE GALA

Dia 28. Annos de SS. MM. El-rei e a Rainha. |

POMAR

Colhem-se os pecegos tardios e os ultimos damascos. — Desfolham-se as vinhas para descobrir os cachos quando está proxima a maturação das uvas. — Destroem-se os vespeiros em volta do jardim, suspendendo das arvores, cujos fructos estão amadurecendo, frascos cheios d'agua com mel para apanhar as vespas e as formigas. — Seccam-se as ameixas, os figos e as anafegas.

HORTA

Ultima sementeira de feijões nos primeiros dias do mez. — Sementeiras de couves vermelhas, couves-flôres semi-duras, alfices. — Ultimas sementeiras ao ar livre de rabanetes brancos e côr de rosa. — Colhem-se e guardam-se n'um local fresco e bem arejado as abobadas e cabaços da India. — Plantam-se com as guias arrancadas e transplantadas no mez precedente os novos canteiros de morangueiros. — Collocam-se em vasos as guias dos ultimos braços de morangueiros não outomniços destinados á cultura temporã. — Colhem-se os ultimos melões. — Preparam-se os celleiros para a conservação de legumes d'inverno. — Plantam-se couves vermelhas e couves de Bruxellas em parte dos tableiros deixados disponiveis por terem cessado as ultimas culturas. — Cavam-se e estrumam-se sendo preciso, os outros tableiros livres da horta.

JARDIM

Regam-se frequentemente as sementeiras de campanulas, cravos de poeta, malva-rosa e outras plantas bisannuaes que tenham de se tirar do alfobre no mez seguinte. — Preparam-se canteiros de violetas para darem no inverno. Recolhem-se antes do fim do mez as plantas de estufa fria e temperada, cujos vasos foram enterrados nos canteiros. — Substituem-se estas plantas por tufos de malmequeres da India e de salva brilhante, reservadas já para este fim. — Arranca-se com cuidado as hastes das plantas de ornamentação, cuja floração acabou. — Collocam-se no seu logar os bolbos de jacinthos e tulipas, que não poderam ser plantados no mez precedente.

Os banhos de mar

Os banhos de mar saturam-nos de iodo. Encouram-nos contra a anemia. Afugentam de nós a tristeza, socia da doença, enrijando-nos os nervos, tornando-nos activos e vigorosos. São elles que nos retemperam para as luctas do trabalho, luctas quotidianas que renascem, a cada momento das difficuldades vencidas, com a tenacidade das cabeças da hydra da fabula. Aquelles mesmos para quem lampeja melancholica a mocidade no seu occaso, os banhos de mar emprestam uns clarões de juventude, remoçando-os. Elles são sempre propicios ás mulheres. Para as velhas servem de tonico poderoso, e não raro aos do mar succedem os da igreja, vendose substituida em frontes vincadas de rugas, a touca de oleado da banhista pela grinalda de flores de lorangeira da noiva. A's jovens, a immersão prolongada no mar brunelhes e assetinalhes a cutis, que myriades de luzes de gaz farão resplandecer. Avelludalhes os collos, de onde sahirão effluvios perturbantes de verbena.

Passados os banhos, nos bailes, sob tunicas de gaze afflorarão relevos firmes, que antes vacillaram com molleza gelatinosa. A propria gymnastica das dansas dos clubs, em que se exhibem os mais curiosos exemplares da fauna choreographica, esbeltalhes o corpo, dando-lhes flexibilidade ás articulações, desempenando os movimentos, tornando-as ageis á voz dos pares marcantes — estes doces tirannètes da contradança e do *cotillon*, cujo imperio expira á hora em que as senhoras se envolvem nas suas pelissas, instructores das recrutas amaveis de Terpsychore e ainda inexperientes nas complicadas manobras da *boulangère*.

Os banhos de mar não são apenas a força, a saude,



a alegria, a elegancia, são tambem a consagração da moda, o distico da celebridade. A creatura, a quem o concurso dos elegantes conferir a corôa tão invejada de rainha ou, pelo menos, de princeza da moda na quadra dos banhos, firmou-se n'um pedestal inacessível a quaesquer tentativas de usurpação.]]

Venceu o mais perigoso de todos os escolhos, se pôde ser proclamada interessante, sympathica, formosa na praia, mesmo amortalhada na alpaca ou na baeta do fato collado ao corpo, pingando agua como um regador, ou como [um Terra-Nova que acaba de nadar.

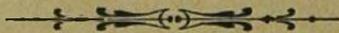
VISCONDE DE BENALCANFOR

6 DA 6 VBM



Outubro

- | | |
|--|---|
| 1 QUINTA. S. Verissimo, S. Julia. | 17 SABBADO. S. Hedwiges. |
| 2 SEXTA. Os Anjos da Guarda. | 18 DOMINGO. S. Lucas. |
| 3 SABBADO. S. Candido. | 19 SEGUNDA. S. Pedro de Alcantara. |
| 4 DOMINGO. S. Francisco d'Assis. | 20 TERÇA. S. Iria. |
| 5 SEGUNDA. S. Placido. | 21 QUARTA. S. Ursula. |
| 6 TERÇA. S. Bruno. | 22 QUINTA. S. Maria Salomé. |
| 7 QUARTA. S. Marcos. | 23 SEXTA. S. João Capistrano. |
| 8 QUINTA. S. Brigida. | 24 SABBADO. S. Raphael. |
| 9 SEXTA. S. Dionizio. | 25 DOMINGO. S. Chrispim, S. Chrispiniano. |
| 10 SABBADO. S. Francisco de Borja. | 26 SEGUNDA. S. Evaristo. |
| 11 DOMINGO. S. Firmino. | 27 TERÇA. S. Elesbão. |
| 12 SEGUNDA. S. Cypriano, S. Seraphim. | 28 QUARTA. S. Simão. |
| 13 TERÇA. S. Eduardo. | 29 QUINTA. Traslad. de S. Isabel. |
| 14 QUARTA. S. Calixto. | 30 SEXTA. S. Serapião. |
| 15 QUINTA. S. Thereza de Jesus. | 31 SABBADO. S. Quintino. |
| 16 SEXTA. S. Martiniano. <i>G. gala.</i> | |



Em Portugal

FERIADOS

No Brasil

Dia 19. Anniversario do fallecimento de El-Rei D. Luiz I.

Dia 12. Descoberta da America.

DIAS DE GRANDE GALA

Dia 16. Annos de S. M. a Rainha D. Maria Pia.



POMAR

Semeam-se á proporção que os fructos amadurecem, as pevides e os caroços.— Apanham-se os fructos de pevide quando estejam maduros, não esperando que caiam de per si.— Começam desde o fim de outubro a plantação das arvores de fructo que perdem as folhas. Preparam-se pelo córte das raizes e pela collocação em vasos as cerejeiras e abrunheiros anões para cultura temporã na estufa quente durante os mezes seguintes.

HORTA

Inutilisam-se as velhas plantas d'alcachofras. — Cortam-se os caules dos espargos.— Apanham-se as bagas dos espargos.— Separação das suas sementes para maceração na agua.— Tratam-se do aprovisionamento de legumes para conservar no inverno da plantação outomniça das batatas a 0,^m35 pelo menos de profundidade.— Plantam-se os tuberculos de espargos nos terrenos leves e seccos cobrindo-os bem de estrume. Collocam-se atraz dos taboleiros de morangueiros tardios, abrigos de esteiras para prolongar a apanha dos morangos.— Dispõem-se as couves de primavera e as alfaces d'inverno.

JARDIM

Vigia-se a floração das dahlias.— Fecundam-se artificialmente as variedades que se pretendem cruzar para adquirir novas subvariedades.— Cuida-se pela segunda floração das madresilvas. — Cortam-se as rosas murchas das roseiras de Bengala e da China, e guarnecem-se-lhe os pés com palha ou folhas seccas.— Cuida-se da floração dos malmequeres da India.— Dispõem-se em altobre as plantas bis-annuaes de ornamentação creadas de sementeira.

As romarias do Minho

A gosto é o mez das romarias minhôtas: a da Senhora da Abbadia, nas terras de Bouro, nas abas do Gerez; a da Virgem da Assumpção, na Povia de Varzim; a da Senhora do Pilar, na serra fronteira ao Porto; a da Virgem do Pilar, nos pincaros da Povia de Lanhoso; a da Senhora da Encarnação na pittoresca serra que domina Villa Nova da Cerveira; e quantas, quantas outras...

Na ida para a romaria, por essas estradas fóra, tudo é vida, animação, movimento — uma alegria de gaiola de canários. As campônias andam tiquetique, todas esfandegadas, com meneios balançados de quadris, com saracôtes de quem parece ter todo o Oriente nas ancas, guarda-sol debaixo do braço, quando não levam o balaio ou a corbêlha á cabeça, tendo dentro o farnel coberto com panno de algodão listrado, ou quando não cirandam, hilares, na dianteira das chulas. Durante a frescata, na romaria, as pipas do verdasco esgotam-se n'um prompto! E' fogo viste, linguíça! O engulpar do rascante, o heberricar do mata-ratos, e as cardinas consequentes, dão fervenças do sangue, espalham guerreiros venenos venifluos; e ahi se armam baralhas, ahi se vae ás do cabo. Então, é de vêr uma floresta de marmelleiros téstos erguidos no ar, manejados com uma energia barrozá. E se alguém se põe ás maiores, escangalham-lhe o palácio... Serenados os animos, a festividade segue seu curso, entre o ruido grosseiro do populacho, o estralejar dos foguetes e a chiada dos *zé-pereiras*. Passam, arrastando-se, os pobres, lazeirentos, emplasmados, lamuriando as suas desditas, pedindo dézreisinhos pelo amor de Deus.

Lobrigam-se as *maialas* trajando a capricho: o lenço bordado atando as pontas sobre o chapelinho redondo de feltro com plumas encarnadas e azues e espelhitos de permeio, as fartas arre-

cadadas nas orelhas, o grilhão ao pescoço tendo pendentes os grandes corações de filigrana e as cruces de oiro, saia rodada ás pregas, e debruada de velludo preto, saiote de baetilha vermelha, cintura solidamente torneada, jaqué de panno azul acarelado de velludilho, os tufos alvos da camisa resaltando por baixo do jaqué, a meia branca de Guimarães, e as tamanquinhas de verniz com ponteiros pespontadas de côr, ou as chinellas bordadas a torçal branco ou a pontilha. Cada rapariga que é uma torre! Faces onde as sólheiras pintaram rosêtas, carnes macissas, formas correctas, e

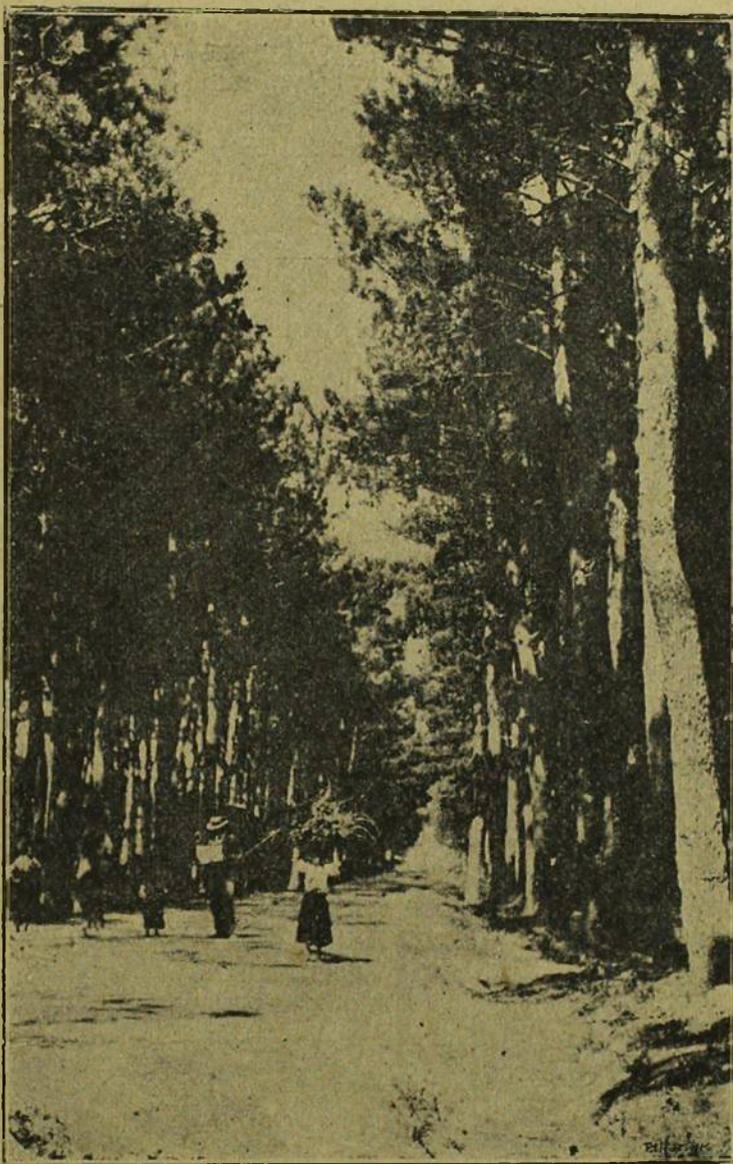
nos pontos peitoraes onde as lambisgoias das lisboêtas teem duas rêdesinhas de arame para preencherem os encantos ausentes, apresentam ellas duas saliencias redondas e firmes como dois limões bojudos. Apparecem physionomias que não estamos habituados a vêr lá para o Sul, cabellos em que ha tintas de cobre e de oiro, cabellos ossianicos, a que se prendem raios de sol, cabellos com reflexos luzentes de azas de corvo, cabellos negros como a morte ou como a dôr. Olhos brilhantes como ascuas de lume, olhos de pervinca, olhos de diamante preto, olhos cheios de reflexos esmeraldinos como se todo o mar glauco se reflectisse n'elles.

Nas dansas, onde os bailadores fazem balancé bravio, que delirio! que estouvamento! Nas cantigas ao desafio, é sempre ella quem melhor mette a riso o antagonista, quem tem replica mais picante, mais audaz, é ella quem mais rapidamente improvisa quadras que met-

teriam n'um chinello as de muito gazetilheiro lettrudo nosso conhecido.

Na torre da igreja tocam os sinos, coroando os campos com a prata e o bronze das suas vibrações.

Cahe a tarde, tarde quentinha de verão, que se veia de purpura e listra de oiro no céu, que põe gazes de prata azulada, esfumando os contornos das coisas. Principia a debandada. E as es-



NO ALTO MINHO

Almanach

Novembro

- | | |
|---|---|
| 1 DOMINGO. ✠ Festa de Todos os Santos. | 16 SEGUNDA. S. Valerio. |
| 2 SEGUNDA. Dia de Finados. | 17 TERÇA. S. Gregorio Thaumaturgo. |
| 3 TERÇA. S. Malaquias. | 18 QUARTA. S. Romão. |
| 4 QUARTA. S. Carlos Borromeu. <i>P. gala.</i> | 19 QUINTA. S. Isabel, rainha da Hungria. |
| 5 QUINTA. S. Zacharias. | 20 SEXTA. S. Felix de Valois. |
| 6 SEXTA. S. Severo. | 21 SABBADO. Apresentação de N. Senhora. |
| 7 SABBADO. S. Florencio. | 22 DOMINGO. S. Cecilia. |
| 8 DOMINGO. S. Severiano. | 23 SEGUNDA. S. Clemente. |
| 9 SEGUNDA. S. Theodoro. | 24 TERÇA. S. João da Cruz. |
| 10 TERÇA. S. André Avelino. | 25 QUARTA. S. Catharina do Monte. |
| 11 QUARTA. S. Martinho. | 26 QUINTA. S. Pedro Alexandrino. |
| 12 QUINTA. S. Diogo. | 27 SEXTA. S. Margarida de Saboia. |
| 13 SEXTA. S. Eugenio. | 28 SABBADO. S. Gregorio III, S. Jacob. |
| 14 SABBADO. Trasladação de S. Paulo. | 29 DOMINGO. 1.º do Advento. S. Saturnino. |
| 15 DOMINGO. S. Gertrudes Magna. <i>P. gala.</i> | 30 SEGUNDA. S. André. |

Em Portugal

FERIADOS

No Brasil

Dia 2. Commemoração dos mortos
Dia 15. Anniversario da proclamação da Republica.

DIAS DE PEQUENA GALA

Dia 4. Nome de S. M. El-Rei.
Dia 15. Annos do sr. Infante D. Manuel.

POMAR

Começam as grandes plantações de arvores fructiferas ao ar livre e em pyramide.— Poem-se estacas fortes ás arvores novas.— Principia no fim de novembro a poda das arvores fructiferas, atacando primeiramente as mais velhas e as que primeiro perderam as folhas.— Havendo ramos fortes a cortar, applica-se immediatamente á ferida barro de enxertar ou outro qualquer equivalente.— Preparam-se as estrumeiras para as plantações que devem ser feitas na primavera.— Cavam-se fundo as terras que têm de servir para pomares.

HORTA

Terminam-se a plantação e estrumação dos taboleiros de espargos.— Semea-se, no fim do mez, ao sopé dos muros, com exposição ao sul, ervilhas temporãs, cenouras de Hollanda e pastanaca.— Alporcam-se as alcachofras.— Apanham-se couves de Bruxellas e as ultimas couves-flôres.— Prepara-se a chicorea barba de capuchinho.— Renova-se o plantio das azedas.— Desbastam-se as sementeiras dos espinafres.— Retira-se para as cavas e celleiros uma parte das ultimas alcachofras, aipos e couves-flôres.— Continua-se a cava e estrumação dos taboleiros vasios.— Preparam-se novas camadas para a criação temporã dos rabanetes brancos e côr de rosa e alface crespa.— Transplanta-se o plantio das couves flôres, que deve invernar sob caixilho.

JARDIM

Arrancam-se antes dos grandes frios os tuberculos das dahlias para as conservar na cava ou n'um celleiro, aonde os não possa atacar a geada.— Cuida-se pela floração final dos malmequeres.— Apanham-se as ultimas flôres da resedá que deve cobrir todos os alegretes do jardim.— Desbastam-se os tufos antigos das plantas vivazes.

tradas, de novo se animam de movimento e de algazarra. As loucas brizas violonam nas ramaras, os ralos cegarregam nas hortas, as aguas regantes cantam por caleiras e corrêgos, as violas vão derramando suas ultimas canções... Quem vive mais longe ainda aderga apanhar o clarão da lua, que se estende pelos campos como as toalhas de luz azulada de um monstruoso globo electrico suspenso na abobada celeste, ainda apanha a luz fatigada das estrellas — todo o bello cortejo das claridades silenciosas...

Romarias do Minho, tendes o embriagador encanto da perpetua mocidade! Noites do Minho, tendes a doçura fascinante da poesia!

Pinto de Carvalho (*Tinop*).

O ultimo rei da Hollanda

EM 1870 o ultimo rei de Hollanda, estava muito resolvido a declarar guerra á Prussia e a juntar-se aos francezes. Muitos o acompanhavam n'essa idéa, mas os homens politicos mais importantes, reconhecendo o absurdo da resolução, e a gravidade que podia ter, tremiam de que tal se fizesse, e estavam tanto mais preocupados com isso quanto sabiam que o rei trazia na algibeira a declaração de guerra, prompto a communicar-a, no primeiro ensejo, ao ministro da Prussia, e sabiam tambem que em Berlim já se tinha conhecimento das manias bellicosas do rei de Hollanda.

Conheciam, porém, o terrivel genio do rei, e temiam que, se lhe dissessem alguma cousa, não apressasse a explosão. Foi então que o celebre estadista hollandez Thorbecke deliberou intervir.

Thorbecke foi professor em Utrecht, e El-Rei não o tratava senão por «sr. professor». Não gostava d'elle, não só pela frieza do seu temperamento mas tambem pelo seu modo secco de fallar, e até pela sua altura, que fazia com que Thorbecke, quando fallava com o rei, fallava para elle de cima para baixo.

Thorbecke, pois, entrou no quarto do rei, e este franziu as sobrance-lhas quando o viu.

— Então, sr. professor, disse lhe elle, que ha de novo?

— Nada! Ahi na Haya dizem-se muitas tolices.

— A respeito dos meus ministros?

— Tambem a respeito de Vossa Magestade.

— A meu respeito? Então que dizem?

— Não me atrevo a repetil-o.

— Diga! Quero saber.

— Bem! Dizem que Vossa Magestade está doido.

O rei perdeu a cabeça, e, agarrando n'um bonito tinteiro de prata que estava em cima da meza, ia atiral-o á cara do ministro. Mas o tinteiro embarçou-se no tapete da meza, e o rei ponde conter-se a tempo.

— Meu senhor, acudiu Thorbecke friamente e desempenando a sua alta estatura, se Vossa Magestade me atirasse esse tinteiro, não faria senão confirmar-se em Haya.

E, aproveitando o ensejo, expoz com energia ao rei as razões politicas que se oppunham a que a Hollanda interviesse na guerra que se preparava. O rei, envergonhado do movimento irreflectido que tivera, ouviu-o com attenção, e na presença d'elle rasgou a declaração de guerra.

— — — — —
Eu ando, doce creança,
como quem nos olhos teus
achasse abertos os ceos
cheios de luz e d'espr'ança.



A grande actriz italiana *Duse*

Dezembro

- | | |
|---|--|
| 1 TERÇA. S. Eloy. <i>P. gala.</i> | 17 QUINTA. S. Lazaro. |
| 2 QUARTA. S. Bibiana, S. Aurelia. | 8 SEXTA. N. Senhora do O'. |
| 3 QUINTA. S. Francisco Xavier. | 19 SABBADO. S. Fausta. |
| 4 SEXTA. S. Barbara. | 20 DOMINGO. S. Domingos de Silos. |
| 5 SABBADO. S. Geraldo. | 21 SEGUNDA. S. Thomé. |
| 6 DOMINGO. S. Nicolau. | 22 TERÇA. S. Honorato. |
| 7 SEGUNDA. S. Ambrosio. | 23 QUARTA. S. Victoria. |
| 8 TERÇA. ✕ Nossa S. da Conceição. <i>P. gala.</i> | 24 QUINTA. S. Gregorio. |
| 9 QUARTA. S. Leocadia. | 25 SEXTA. ✕ Nasc. de Nosso Senhor Jesus Christo. <i>P. Gala.</i> |
| 10 QUINTA. Melchiades. | 26 SABBADO. S. Estevão. |
| 11 SEXTA. S. Damaso. | 27 DOMINGO. S. João Evangelista. |
| 12 SABBADO. S. Justino. | 28 SEGUNDA. Os S. S. Innocentes. |
| 13 DOMINGO. S. Luzia. | 29 TERÇA. S. Thomaz. |
| 14 SEGUNDA. S. Agnello. | 30 QUARTA. S. Sabino. |
| 15 TERÇA. S. Euzebio. | 31 QUINTA. S. Silvestre. <i>P. gala.</i> |
| 16 QUARTA. S. Adelaide. | |

Em Portugal

FERIADOS

No Brasil

De 24 a 31. — Natal.

DIAS DE PEQUENA GALA

- Dia 1. Anniversario da restauração de Portugal.
 Dia 8. Nossa Senhora da Conceição, Padroeira do Reino.
 Dia 25. Dia de Natal.
 Dia 31. Ultimo do anno.

POMAR

Continuam as plantações. — Adeanta-se o mais possivel a poda das arvores fructiferas, muitas vezes interrompida pelo mau tempo. — Stractificam-se os caroços que não poderam ser semeados antes do inverno. Procuram-se e destroem-se os ninhos das lagartas e os rosarios de ovos das borboletas.

HORTA

Preservam-se da neve as couves da primavera. — Dá-se ao plantio de couves-flores em camada uma segunda transplantação. — Plantam-se sobre camada tépida, sob estufim, a leituga e a alface crespa. — Renovam-se as sementeiras de ervilhas e feijões temporãos. — Continua a produção artificial dos espargos. — Durante o dia arejam-se os celleiros onde estão conservados os legumes para a provisão de inverno.

JARDIM

Acaba-se de pôr o jardim no seu apparatus de inverno, plantando-lhe em abundancia galanthus, campainhas brancas, hepaticas e açafão. — Cuida-se dos taboleiros dos jacinthos e tulipas; limpando-os dos caracoos e insectos. — Levantam-se os pés de resedá que foram os ultimos a florir. — Cortam-se rente da terra as hastes dos malmequeres que acabaram de florir.



CHARADAS

I

Aqui temos bello peixe — 2
N'uma vasilba mettido — 2
Um vegetal aqui temos
De sobejo conhecido.

II

Conjunção bem conhecida	Talvez vi causar-te damno
Por signal contrariante — 1	Ou descredito importante.
Que nos chega ao fim da vida,	Aproveita o meu conselho
Muito aolongo, bem distante—2	Tem cuidado co'o tunante.

III

Vestimenta cuja moda — 2
De Paris trouxe a Vicencia — 3
Foi usada na alta roda,
Quem o diz tem competencia.



EUGENIA

— Oh! sr. barão, nada, nada... Em casa é que não.

— Se eu te digo que não tens nada a receiar!

— Ha tudo a temer pelo contrario... os creados são tão más linguas!... Se a senhora soubesse! Estava fresca! Ficava desempregada!

— E então eu?

— Ta, ta, ta. Diz-se isso antes. Mas depois...

— Emfim, o que queres tu?

— Que se não metta comigo, ou então...

— Ou então o que?

— Que me ponha casa, como ha muitas que a teem.

— O que! só isso?... E em tendo casa?...

— Em tendo casa, parece-me effectivamente que não ha nada a temer.

O barão de Gasteljac rira-se primeiro do enunciado das pretensões de Eugenia... Eugenia! uma creada! Não estava costumado a semelhantes aventuras. Enganava sua mulher um pouquinho, mas em geral achava commodo dirigir os seus votos para meios *ad hoc*, onde as cousas e as pessoas estão organisadas para esse genero de exercicio, onde se encontra sempre o acepipe de sensações que se appetecem, como se vae a um *restaurant* conhecido para se ter um jantar fino.

Era um delicado João de Gasteljac, não de espirito mas de habitos. Por isso ficara surprehendido e quasi inquieto com a chicotada de desejo

que a creada da baroneza lhe fizera sentir nos nervos.

E' verdade que essa Eugenia era um creatura singularmente suggestiva. A baroneza de Gasteljac trouxera-a do campo em janeiro ultimo. Era filha do tio Rogués, um cultivador do Orne. Como é que esse lapuz enfezado e cambaio gerára essa alta e forte rapariga, cujas pupillas, negras como as d'esses olhos inquietadores que Goya accende nos seus fundos de quadros, cercavam com as suas franjas de pestanas recurvadas a lembrança perturbadora e querida das olhadellas ciganas cruzadas n'algun arrabalde andaluz? Talvez seja essa a secreta missão que perpetuamente põe em movimento o Touraniano fascinador e musculoso, que leva ás raças campesinas, pezadas e lividas, algumas gottas de sangue vermelho e ardente, para que as nossas tristezas septemtrionaes sejam alegradas por essas bellas naturezas de cortezãs, como as que veem de tempos a tempos do fundo dos campos pacificos.

Desde que entrara em casa, Eugenia transtornara todas as idéas do barão ácerca do scenario, de elegancia e de luxo inventivo, necessario para o desejo desabrochar. Mas a filha do tio Rogués era uma pessoa de juizo; defendia-se, fugia deante do seu amo com os seus grandes modos, que tinham ao mesmo tempo uma macieza felina, tinha guardada a chave do seu quarto, e nem consentia que lhe tocassem com a ponta de um dedo.

Este incendio do homem provocado pela resistencia da mulher é a eterna e banal aventura. Ao cabo de um mez o barão de Gasteljac já se ia acostumando á idéa de pôr casa. Ao fim de seis semanas sentiu a necessidade impreterivel de o fazer.

Até começou a tornar-se sentimental. Foi para elle um enternecido entretenimento pensar na alegria louca da pobre rapariga, quando um bello dia, sem a ter prevenido de cousa alguma, lhe marcasse uma entrevista no ninho que elle ia preparar para ella. Como ella estaria soberba, quando alguma costureira genial a vestisse, quando os seus cabellos magnificos, agora torcidos em cuia, fossem penteados por um mestre!

E pozera-se á obra. Encontrara na rua Nova uma linda sobreloja e encarregou o seu procurador de tratar do aluguel. Depois, com o estofador, houve as combinações de uma mobilia confortavel e garrida. A alcova, o quarto de vestir, a sala de jantar. A sala de banho sobretudo era objecto do seu disvelo: não havia, no seu entender, aperfeiçoamento bastante subtil, requinte bastante elegante para chegar a produzir o grande jorro d'agua, debaixo do qual vibra e se tinge de côr de rosa o corpo da mulher.

.....
Tinham passado dias. O barão esperava a hora do seu triumpho: tudo estava decidido, encomendado. O arrendamento da casa devia ser assignado no dia seguinte, e os homens das tapeçarias e das canalisações, os serralheiros e os do gaz começariam logo o seu trabalho.

Eugenia entretanto continuava o seu serviço junto da baroneza. Apesar de seu amo guardar o mais profundo segredo ácerca dos seus preparativos, ella adivinhara perfeitamente que elle alguma cousa meditava, pelos ares vencedores e mysteriosos que elle tomava ás vezes.

Ella tambem esperava a sua hora — mas, como

rapariga prudente, mostrava-se mais activa, mais cuidadosa, mais escrupulosa do que nunca com a sua ama, porque afinal quem sabe lá onde veem a parar as modas?

Ora, na vespera da assignatura do arrendamento, Gasteljac, sempre á espreita de uma occasião de ver a sua tão desejada Eugenia, entrou pelas sete horas da noite no quarto da baroneza que se vestia para ir jantar fóra.

Ajoelhada deante d'ella, Eugenia calçava-a. Essa vista irritou o barão, mas ao mesmo tempo deliziou-o, tão flexivel e reveladora era a linha ondulosa d'esse bello corpo dobrado. Depois pegou na grande saia de cauda, semelhante a uma vasta campanula de neve, e passou-a pela cabeça loura de sua ama.

Sentado a um canto n'uma cadeira baixa, com a bengala a bater ao de leve no tapete, o barão não deixava de olhar para Eugenia.

A baroneza calava-se, toda entretida em alisar as sobrelhas com uma escovinha minuscula. De repente, dirigindo-se á creada:

— Eugenia, disse ella, a saia desce um pouquinho. E' preciso encurtal-a, mas pouquissimo. Percebe? Apenas um meio centimetro, e talvez ainda seja demais...

— Percebo perfeitamente, minha senhora, disse ingenuamente a formosa rapariga. Vejo bem. E' preciso encolher, justamente a largura do *negro da unha*.

O barão fez-se muito pallido, levantou-se e sahiu do quarto.

O arrendamento não se assignou. Os estofadores, os serralheiros, os do gaz e os da canalisação receberam contra-ordem.

E Eugenia não pode comprehender porque é que o barão nunca mais lhe fallou nem em lhe pôr casa, nem em cousas que lá fossem ter.

J. Ricard.

Já lá vão uns bons 20 annos. Um deputado offereceu um jantar a alguns correligionarios, assistindo tambem Antonio Rodrigues Sampaio, então ministro do Reino.

Um dos creados, que servia lingua de fricassé, escorregou e ia cahindo.

— Aqui está o que se póde chamar um *lapsus linguae*, exclamou com graça Sampaio, que era, como todos sabem, um latinista muito distincto.

— O sr. insultou-me. Havemos de bater-nos á pistola. Aqui tem o meu nome. Chamo-me Scipião Coelho.

— Coelho! Não me posso bater.

— Porque?

— Porque ainda não tirei licença para caçar.

— Ora vê tu se eu posso ter um momento de meu. Vês este monte de papeis? Tudo isto são convites!

— Co'a bréca! Para jantares? Para bailes?

— Não; para ir pagar umas contas.

AS ANDORINHAS

Segundo as folhas dizem,
Já varias andorinhas
Buscam a primavera,
Que anda a fazer fosquinhas.

Não ha no mundo novo,
Real, naturalista,
Cousa de mais vergonha,
A que o tal mundo egoista.

Pois quando o chôcho idyllio
Já mergulhou na lama,
E as musas não avesam
Retraço para a cama;

Quando na tulha olympica
Se fez salmora aos bardos,
E o modernismo assopra
Na gaita dos *fajardos*;

Que vem fazer, lampeira,
Em revoada secia,
A praga dos alados
Que embarrilou a Grecia?

Dou de conselho aos genios
Que andam nas artes sérias,
Que ponham termo e baia
N'estas constantes lerias.

Façam que dê lombardas
A terra lusitana;
E' leito de andorinhas
Servido em palangana.

E comam-n'as, — que importa? —
Faço um reparo só;
E' que ninguem sustenta
Burros — a pão de ló! —

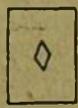
Eduardo Vidal.



N

A A A
A
A
A

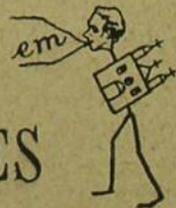
A A A A
A A A A
A A A A



5R



-O+ES



Jantava um parochó de aldeia em casa de um bispo. Quando vieram os vinhos, de sobremesa, o bom do prior levou o copo á boca, saboreou-o, e pondo-o na mesa, exclamou:

— *Bone vinum*, ex.^{mo} e rev.^{mo} senhor!

O bispo deu um pulo diante da enormidade do solecismo. Ao mesmo tempo provou o vinho, achou-o tão mau, que lhe pareceu que o pobre prior, apesar de ser tão mau latinista, não o merecia.

Veuu outra garrafa, e o prior saboreando tambem o seu segundo copo, pol-o em cima da mesa, dizendo amavelmente:

— *Bonus vinum*, ex.^{mo} e rev.^{mo} senhor.

Com a breca! era demais. “Este padre, pensou o bispo, pode ser um santo, mas é um asno. O que elle dirá, quando diz missa!”

Mas provou tambem o tal vinho, e carregou o sobrolho. O vinho não era mau, mas positivamente o seu mordomo tratára o seu hospede com muita sem-cerimonia. Ora o bispo, se ficava fazendo um mau juizo do latim do prior, não queria que o prior fosse fazendo má idéa da sua adegá.

Mandou vir expressamente uma garrafa especial, e, deitando o vinho no copo do padre, disse-lhe:

“Prove-me agora d’este, sr. prior, e diga-me o que pensa.”

O prior levou o copo á boca, saboreou-o com todo o cuidado, e, pondo com extasi o copo em cima da mesa, exclamou:

— Ah! este agora, ex.^{mo} e rev.^{mo} senhor, *bonum vinum!*

N’uma *soirée*, uma menina recita um apólogo.

— Esta rapariga não faz lembrar Esopo? pergunta um dos convidados para outro.

— Porquê? Por dizer fabulas?

— Não, por ser corcunda.

CHARADA

A primeira da charada
Entre as aves tem morada.— 2
A segunda sem mais al
E’ um rio de Portugal.— 2
A terceira em toda a parte
Tem sempre engenho e arte,— 1

Não te dou o conceito.
Procura com geito
Que em breve acharás.
Não é patarata
Farronca ou bravata,
Procura e verás.



— Baptista, disse uma senhora para o seu novo criado, traga-me um copo de agua.

D’ahi a pedaço o criado traz o copo de agua na mão.

— Você não sabe trazer isso n’uma bandeja!

O criado saiu e d’ahi a pedaço voltou com uma bandeja cheia de agua.

— O’ homem, como quer que eu beba a agua, vindo ella assim!

— Eu tambem estava espantado, minha senhora!

O official — João, traze-me as botas.

O camarada — Prompto!

O official — O que quer dizer isto? Uma bota de montar e um sapato de polimento!

O camarada — E’ verdade, meu te-

nente! Eu tambem fiquei muito espantado, mas o peor é que está lá dentro outro par, que é exactamente a mesma cousa.

Um dito muito conceituoso e muito fino de uma comedia de Blum e Toché *Le monde où l’on flirte*.

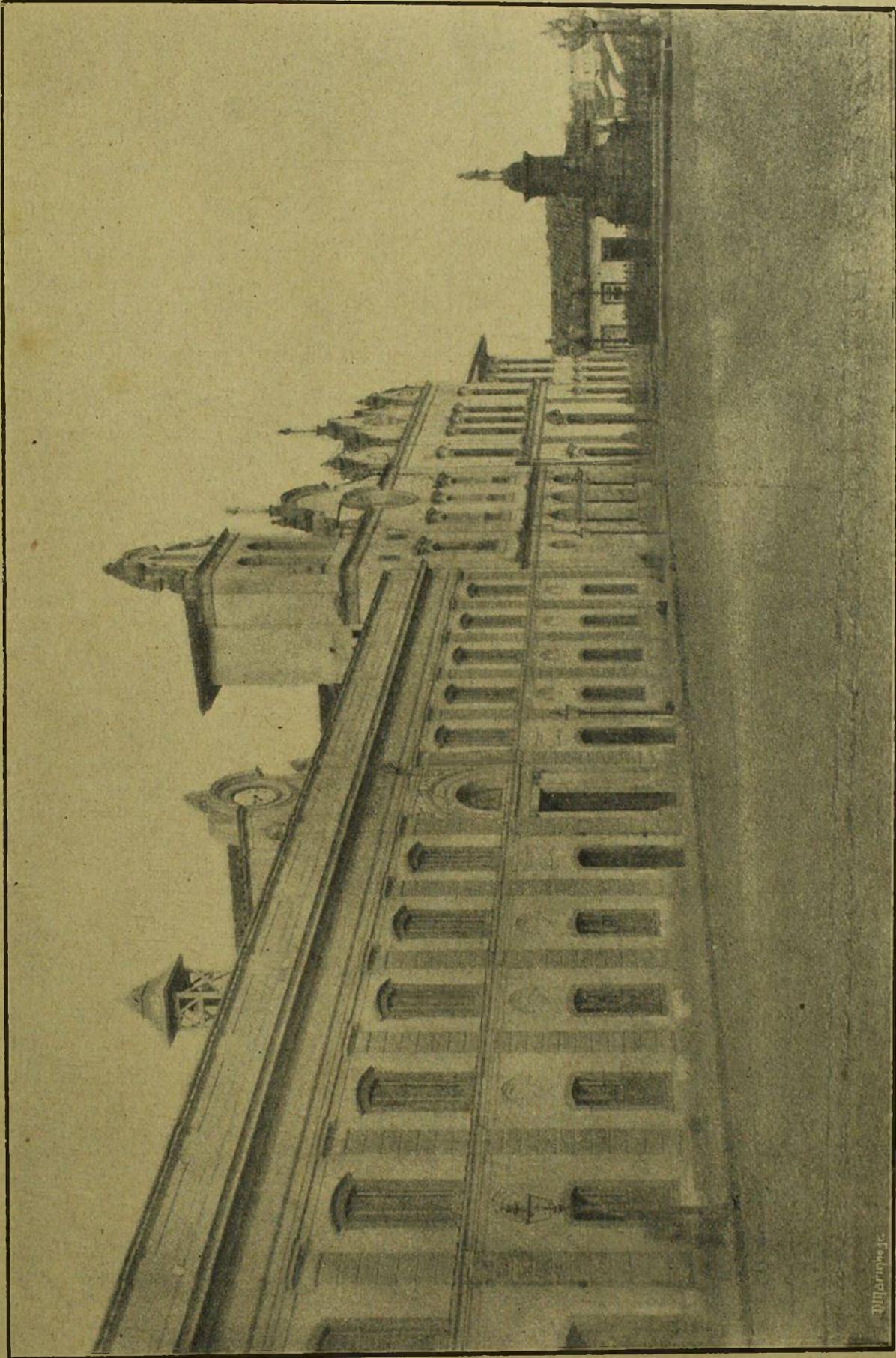
Tu gostas de flôres? diz uma das senhoras a outra.

— Eu não, responde a outra, de que eu gosto é de *bouquets*.

Delicioso de subtileza.



O maestro brasileiro Nicolau Milano



BRASIL — A Academia de S. Paulo

EFFEITOS DA PRIMAVERA

N'UM JARDIM

(CONTO MUDO)

Um general allemão exercia grande vigilancia sobre o rancho dos soldados, e ia frequentes vezes aos regimentos ver que tal elle era.

Um dia chega de surpresa a um regimento, e vê sabir da cosinha dois soldados com um caldeirão.

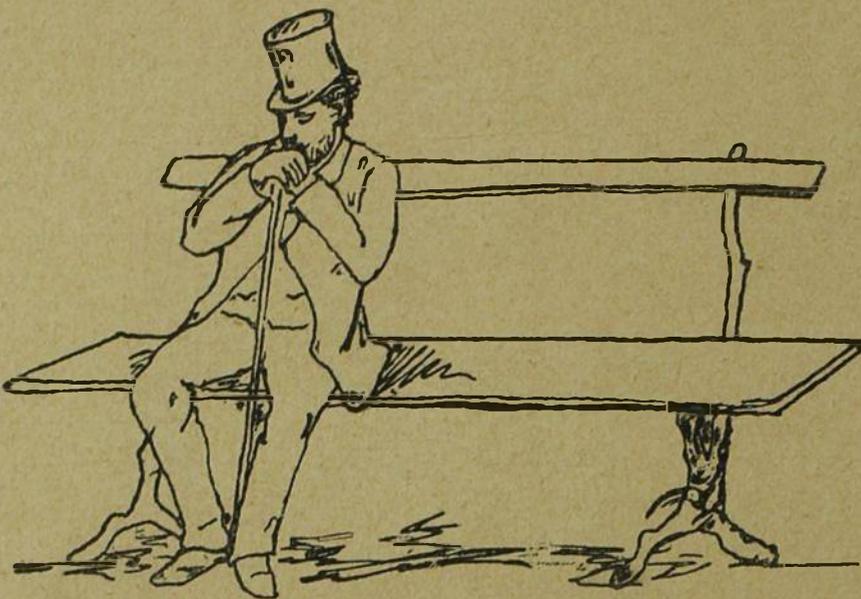
— Ponham isso no chão, diz o general, e dêem-me uma colher.

Os soldados muito espantados obedeceram, e deram-lhe a colher.

O general provou, mas deitou fóra o que bebera, exclamando furioso:

— Mas que diabo de caldo é este? Sabe a agua de lavar louça.

— E é o que é, meu general, responde um dos soldados, é a agua em que se lavam as marmitas.



Contractadores de bilhetes

O publico em geral detesta-os; mas paga nas mãos d'elles os bilhetes por preços exorbitantes, porque não iria buscal-os ao bilheteiro do theatro.

Felizes dos theatros que teem sempre ás portas os contractadores.

Este negocio existe em toda a parte. O publico grita, mas vae pagando.

O negocio dos contractadores é como outro qualquer. Elles arriscam o seu dinheiro e não poucas vezes perdem. Evitar que se vendam bilhetes ás portas dos theatros é impossivel. Se uma empreza recusa vender os bilhetes aos contractadores, estes mandam-n'os comprar por terceiras pessoas e conseguem o mesmo.

As emprezas que tirem partido dos contractadores, visto não poderem evitar que os bilhetes vão parar ás mãos d'elles nos dias de mais influencia.

Os bilhetes sejam cedidos de preferencia áquelles que melhor pagarem esse privilegio. E' um mal, que se não pôde evitar; tiremos ao menos d'elle todo o partido possivel.

SOUZA BASTOS.

No tribunal:

O advogado—O meu cliente tem direito á indulgencia do tribunal. E' certo que roubou dois mil réis, mas deixou intacta uma carteira onde havia duzentos mil réis em notas.

O réu desata a chorar.

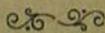
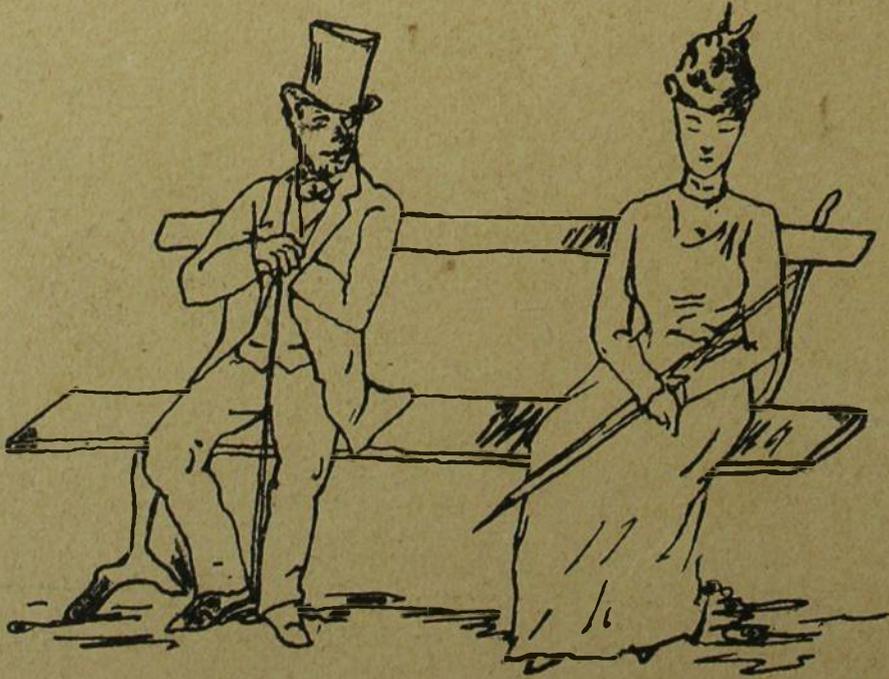
O juiz (com benevolencia)—Chora de arrependimento?

O réu—Não sr.; choro por não ter visto a carteira.

Napoleão III tinha uma immensidade de parentes com quem foi incontestavelmente de grande generosidade, mas havia alguns que nada satisfazia. Uma vez uma princeza, depois de insistir muito com elle para obter largas concessões, disse-lhe, desesperada com as suas recusas e com um grande desdem:

—Decididamente Vossa Magestade não tem nada de seu tio, o grande imperador.

— Engana-se, minha prima, diz-lhe finalmente Napoleão III, tenho a familia.

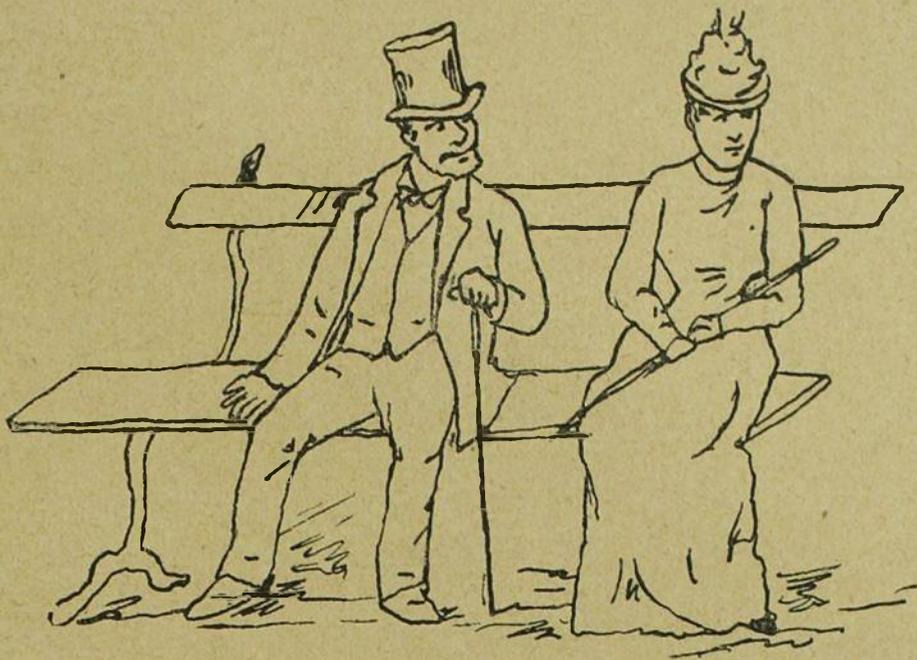


N'uma loja da baixa:

— O' patrão, vai para casa assim a chover, e não leva o guarda-chuva que está alli ao canto?

— Não posso, responde o dono da loja muito atrapalhado. Resolvi ter sempre um chapéu de chuva em casa e outro na loja para o que desse e viesse. Se levo agora este chapéu de chuva, fico com dois em casa, e não me fica nenhum na loja.

E mettem-se á chuva.



A mão de Deus

Conta-se um dito espirituoso e fino de um dos estadistas gregos mais notáveis, sr. Rhangabé, no tempo em que era embaixador da Grecia em Berlim.

Era em 1878, e a Grecia reivindicava com ardor as provincias gregas que estavam nas mãos da Turquia, e entre ellas sobre tudo a Macedonia. N'essa epoca discutia-se o tratado de Berlim, que poz termo á guerra russo-turca, e estavam em Berlim reunidos embaixadores de todas as potencias interessadas.

Uma vez o principe de Bismark deu a esses diplomatas um jantar absolutamente extra-official, tan-

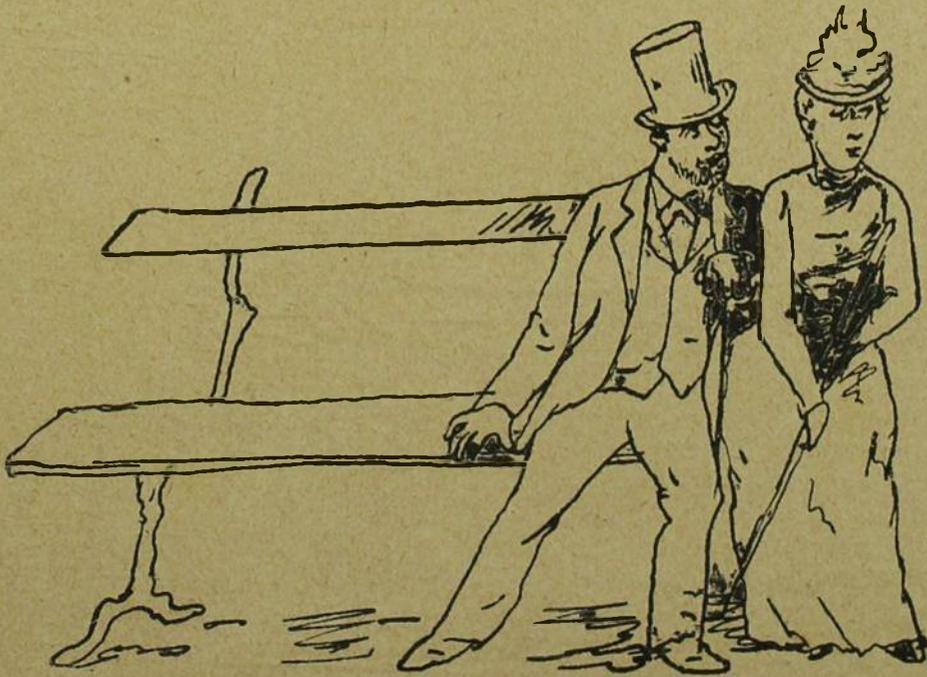
Na mão de Deus, na sua mão direita,
Descansou a final meu coração.
Do palacio encantado da Illusão
Descia a passo e passo a escada estreita.

Como as flôres mortaes, com que se enfeita
A ignorancia infantil, despojo vão,
Depuz do Ideai e da Paixão
A fórma transitoria e imperfeita.

Como creanças, em lobrega jornada,
Que a mãe leva ao collo agazalhada
E atravessa, sorrindo vagamente,

Selvas, mares, areias do deserto...
Dorme o teu somno, coração liberto,
Dorme na mão de Deus eternamente!

Anthero do Quental.



to que Bismark principiou por dizer: «Meus senhores! nem uma palavra de politica!»

O principe presidia alegremente ao jantar, indicava aos seus hospedes alguns pratos que julgava mais bem feitos.

E, voltando-se para Rhangabé, designando-lhe um prato que tem, como é sabido, nos menus o nome que o principe lhe deu.

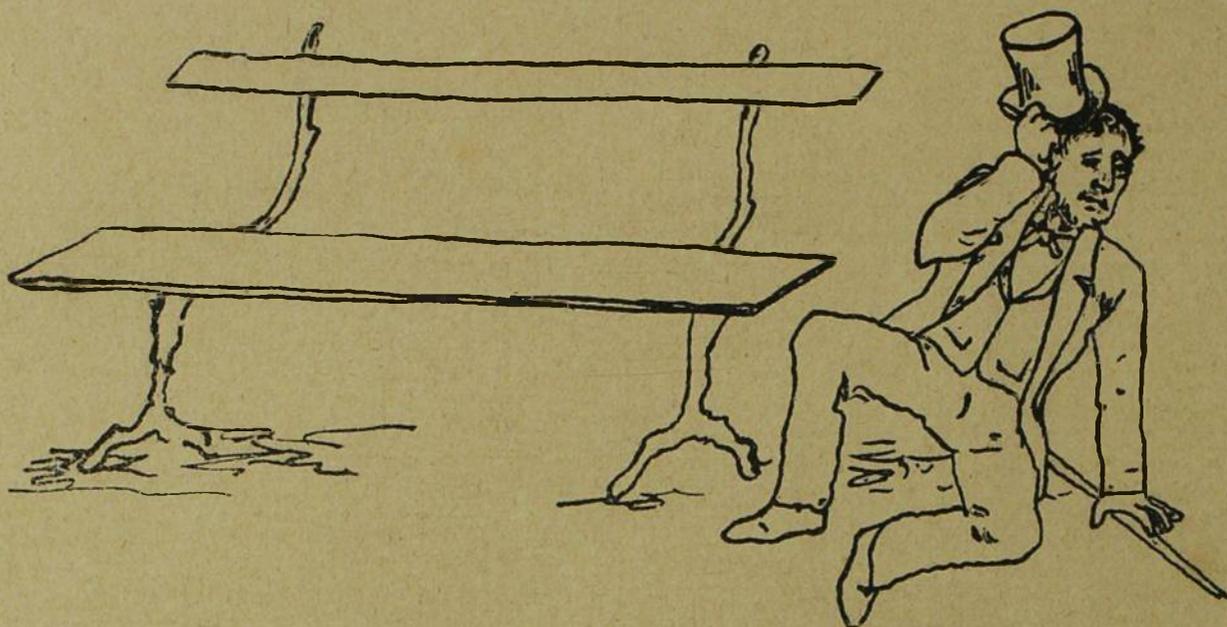
— Sr. Rhangabé, um pouco de macedonia?

— Um pouco de macedonia? responde vivamente o diplomata grego. Toda, principe, toda!

Não dissera uma palavra de politica, mas essa resposta valia por um protocolo.

Uma senhora muito pintada, mas bonita deveras, e que tentava em todo o caso parecer muito mais nova do que era, não fazia caso nenhum das festas de uma criancinha que se chegava muito para ella. A mãe da criança não podia levar isto á paciencia e vingou-se. Voltou-se para o pequenito e disse-lhe:

— Então, menino! Olha que não é a tua avó.



N'um restaurante:

O freguez: — Você não é capaz de dizer que esta sopa, que nem cheiro tem, seja sopa de rabo de boi!

O creado: — Ah! isso digo, e torno a dizer.

O freguez (furioso): — Pois então leve a terrina, e diga ao boi que torne aqui a metter o rabo pelo menos duas ou tres vezes.

— Maria, você sempre deixa pó, que é uma cousa por demais. Olhe esta camada de pó em cima d'esta meza. Você aqui até podia escrever o seu nome.

— Não podia, não, minha senhora.

A ama (já irritada). — Digo-lhe que podia perfeitamente.

A creada. — Não podia, não minha senhora, porque eu não sei escrever.

Um d'estes sujeitos que não vão tomar chá a alguma casa senão para encher a algibeira de bolos, preparava-se para sahir de uma *soirée* em que estivera, e junto de uma bandeja enchia de bolos as algibeiras da casaca e do sobretudo sem reparar que um creado o observava silenciosamente.

De subito, solta um grito, sentindo a perna esquerda escaudada.

Volta-se furioso e vê o creado a entornar-lhe o bule na algibeira da calça.

— O que é isto? brada elle.

— Ah! perdão! torna o creado respeitosa-mente, como v. ex.^a leva os bolos, supuz que tambem queria levar o chá.

Em uma recita de caridade. Uma das mais lindas actrizes de Paris vendia flô-res. Um sujeito, espirituoso e avaro, passou, e ella offereceu-lhe uma rosa.

— São vinte francos, disse-lhe ella.

— E' muito caro para mim, tornou elle.

Ella beijou a rosa, e disse garridamente:

— E agora?

— Agora não tem preço, redarguiu elle safando-se.





D. Maria Thereza de Lowenstein de Bragança

Nasceu a Senhora D. Maria Thereza de Bragança a 4 de Janeiro de 1870 e é filha do príncipe Carlos Henrique de Lowenstein Wertheim Rochefort e da princesa Sophia Maria Gabriella Pia.

Em 8 de Novembro de 1893 casou com o Sr. D. Miguel de Bragança, filho do infante D. Miguel. Comquanto nunca tivesse visitado Portugal, a augusta princesa adora a patria de seu marido sendo d'isso prova o conhecimento profundo que tem da lingua portugueza e a especial deferencia com que sempre recebe os partidarios do príncipe proscripto e todos os portuguezes que se lhe dirigem.



DR. SERGIO DE CASTRO
Jornalista e deputado

E AINDA!

Eramos sós os dois, eu bem me lembro...
Era junto do mar embravecido
Ao anoitecer de um dia de Setembro,
O dia mais feliz por mim vivido!

O ceu todo de azul com franjas d'ouro;
Para solemnizar nossos amores
Deixara sem ceutil o seu thesouro
E vestira-se á grande, com primores!

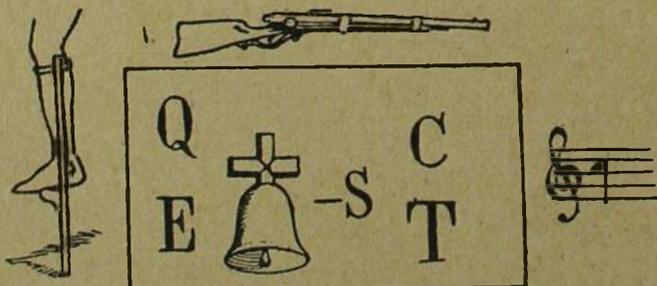
E eu disse então: — «Escreve ahi n'areia,
Numa palavra só, uma epopéa...»
E tu foste escrever, córando, «Amor».

Onda enorme rolou, que tudo alaga,
Mas aquella palavra não se apaga,
E ainda nos amamos, minha flor!

Sergio de Castro.



ENYGMACHARADA



N'um salão:

- «Como canta bem, a sr.^a X...!»
- «Oh!»
- «Tem a voz tão fresca!...»
- «Tão fresca que o marido está sempre cons-
tipado...»

O casamento e o amor

Amor. Dizem que o matrimonio é a tumba do amor. E' um absurdo. A immensa maioria dos conjuges nada teem que enterrar. E aqui chegamos ao *allegro* da composição. E', pois, indispensavel avivar o compasso e, para maior clareza, substituir as opiniões do auctor por um *pot-pourri* de varios compositores. Um marido novo, cheio de entusiasmo: — «O matrimonio é um *duo* de amor.»

Um celibatario de chinó, tomando rapé: — «De certo; mas são tantos os casados que desafinam!»

Um memorialista chronico, concluindo a sua vigesima epistola á sua consorte que vem do rio com uma canastra de roupa á cabeça e tres filhos no regaço: — «O matrimonio é a desesperação dos seres jungidos á mesma carroça.»

Um mouro que vende tamaras: — «O matrimonio christão é a taxa legal do amor; verdade seja que poucos são os casados que não praticam a usura.»

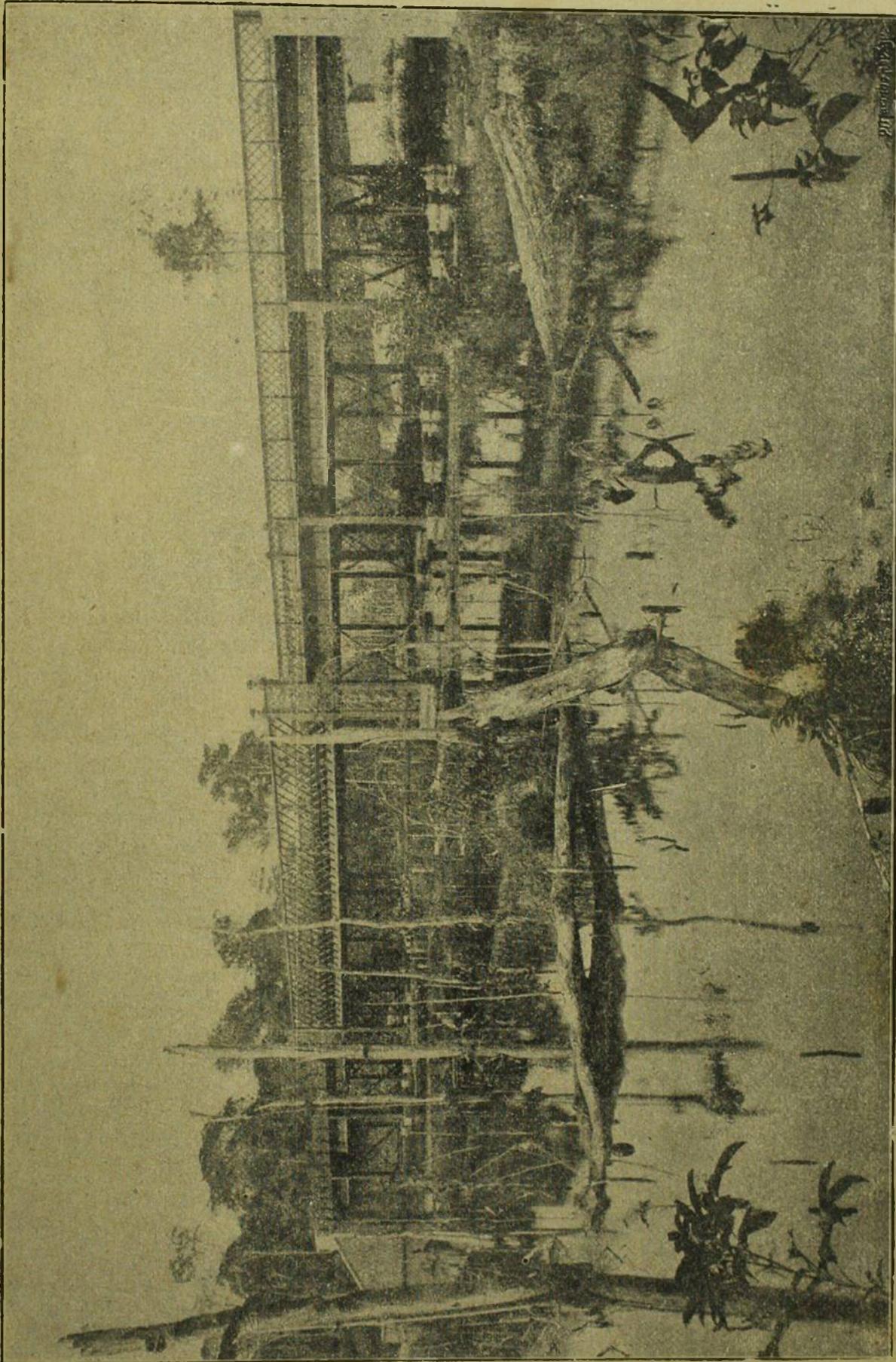
Um concertista applaudido: — «No poema matrimonial, o tercetto, ainda que prohibido pela censura, é a peça que se sustenta com mais exito!»

Leibnitz, fechando um *infolio*: — «O matrimonio é coisa excellente, mas o homem de juizo deve meditar toda a sua vida antes de o praticar.»

Um alumno da escola do exercito: — «Quem se casa parece-se com o guerreiro que entra triumphantemente pela brecha de uma praça minada.»

HARPEJO FINAL

«A maledicencia deixaria de o ser, se não houvesse o bom em que podesse cevar-se.»



Mañãos (Brasil) — Ponte da Cachoeira Grande



Logo que surge no horizonte a aurora,
Clareando, timida, os vergeis do estio,
Cae das vergontearas um orvalho frio,
E a gente vê que a natureza chora.

Depois, o sol vae pelo ceu radiando...
Secca nas plantas o orvalho choroso...
Reluz o esmalte do vergel ditoso,
E as aves cantam pelo azul, em bando.

Na infancia a estrada nunca teve abrolhos,
E a aurora luz sobre uma paz florida...
Mas vae subindo na alma o sol da vida,
E é quando a dôr orvalha os nossos olhos!

ALBERTO BRAMÃO.



Logogriphos

Aqui temos vestimenta — 7, 4, 3, 8
De ornamentos copiosa — 5, 6, 1, 2
Que por vezes temos dado — 5, 8, 3, 2
A mulher bella e formosa. — 3, 2, 1, 4

Uma terra portugueza
Muito perto de Lisboa
Onde foi assassinado
O sineiro Ze Gamboa

Ingenuidades de Calino.
Um dia d'estes, alguém gabou-lhe uma es-
tatueta, que decorava a sua sala.
— «E' de Endymião, não é assim?...»
— «Não senhor, é de bronze.»



As alegrias do annuncio:
Algumas linhas colhidas n'um jornal estran-
geiro.
— «Uma familia americana deseja um pro-
fessor de linguas para reformar a pronuncia
viciosa de um papagaio.»



No album de um actor:
— Os espectadores do paraizo ás vezes fa-
zem um barulho do inferno.

Um devoto um d'estes dias—1, 10, 3, 7, 14, 4, 14
Encontrou-se co' um soldado—11, 2, 6, 12, 15, 8, 14
O soldado era travesso—3, 4, 1, 6, 15, 8, 5, 12, 13, 14
E o devoto malcreado—9, 2, 14, 4, 4, 3, 6, 15, 14

Um chamou ao outro um nome
Que a ninguem tece louvor
Pois é nome p'ra chamar-se
A quem seja empalmador.



Uma burgueza, que se encontrava n'uma situação inte-
ressante, censurava rudemente a creada, que estava em
igual situação.

— «Como, tu não tens vergonha?»
— «E a senhora tambem a não tem?»
— «Mas, desgraçada, ... mas é o senhor!»
— «Pois tambem eu, minha senhora!»

TUDO ESCURECE

Ninguém te póde amar. A natureza
Quiz ser ideal contigo e mãe profusa,
E fez-te a deusa fria, a etherea musa
Dos infindos poetastros da belleza.

Porém negou-te a sensual viveza,
O salero gentil de uma andaluza:
Ora a taça do velho syracusa
Não vale um copo de cerveja ingleza.



A Rainha Victoria de Inglaterra no seu carro de passeio

Filha da Escóssia, e como a Escóssia algente,
Não tens das bellas das regiões do sul
A graça femil e o amor ardente.

E comtudo, se acaso o loiro Bull
Te leva, sinto alguém que de repente
Subtil me põe uma luneta azul.

João Penha.



Dialogo galante

— «E', sem duvida, para se divertir á minha
custa, que o senhor me diz ainda bonita. E eu
tenho já tantos cabellos brancos, e até uma
ruga...»

— Oh! uma ruga! Que engano! E' um sor-
riso, minha senhora, que lhe ficou na pelle!»



Duas *cocottes* assistem á representação de
um drama altamente commedor. Uma d'ellas
chora lagrimas abundantes e soluça com o lenço
na bocca.

— «Como tu és feliz em poder chorar! diz-
lhe a amiga. Eu é que não posso. Esperam-me
para cear no fim do espectáculo.»

RABUGICE

(N'UM ALBUM)

Quanto eu tinha as viçosas primaveras
do dono d'este escriptorio de poesia,
era um pessimo poeta das chimeras
que são a luz dos antros d'esta orgia.

Os albuns já se usavam n'essas eras
que tão longe vão já!... mas a magia,
as ardentes paixões, fortes, austeras,
não eram como são as de hoje em dia.

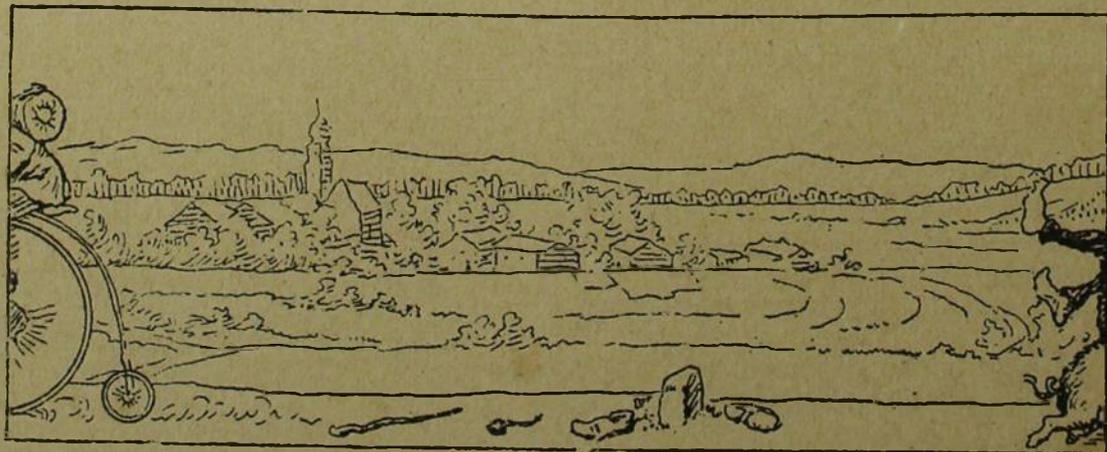
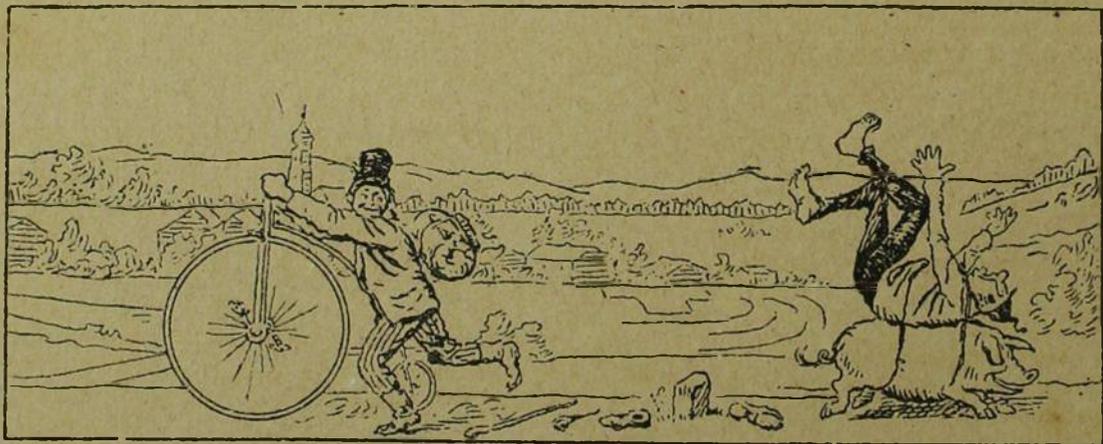
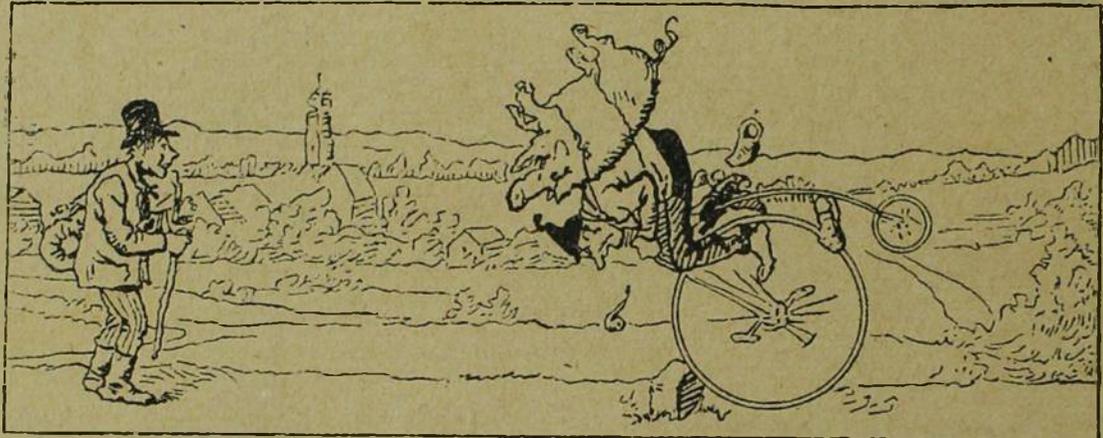
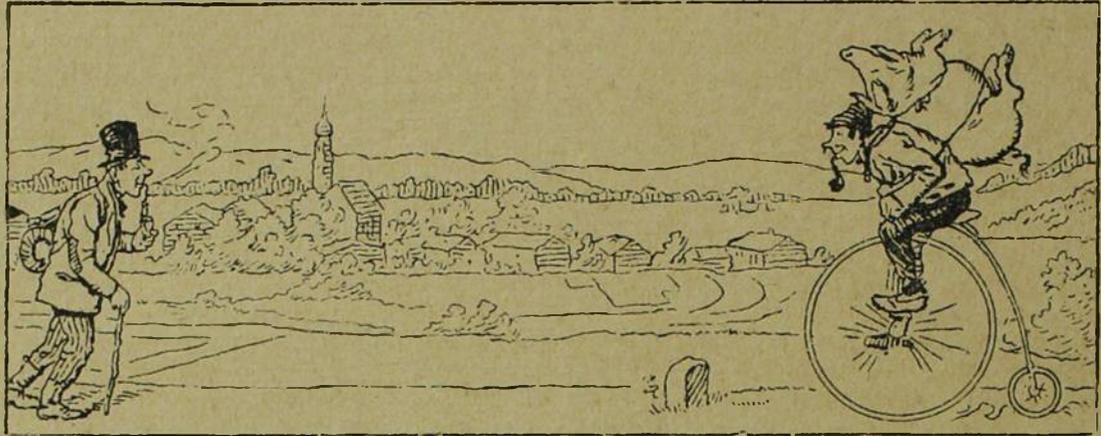
O album era um amigo, um confidente
que em si guardava a dor do padecente
como um crystal o aroma de um veneno.

O *album* é hoje um luxo, um *chic* inutil,
em que o poeta nos conta, chocho e futil,
como é que amava... quando era pequeno.

Camillo Castello Branco.



UM PASSEIO EM BICYCLETE



Prestito funebre

Que alegrias virgens, campezinhas, fremem
N'este immaculado, limpido arrebol!
Como os galos cantam!... como as noras gemem!...
Nos olmeiros brancos, cujas folhas tremem,
Refulgente e novo passarinha o sol!...

Pela estrada, que entre cereaes ondea,
Uma pequerrucha, — tro-la-rô-la-rá! —
Vae cantando e guiando o carro para a aldeia...
São os bois enormes, e a carada cheia
Com um castanheiro apodrecido já.

Oh, que donaires, linda boeirinha!
Grandes olhos garços, sorrisinho arisco...
D'aguilhada em punho lepida caminha,
Com a graça aerea d'ave ribeirinha,
Verdilhão, arveola, toutinegra ou pisco.

Loira, mas do loiro fulgo das abelhas;
Fresca como os cravos pelo amanhecer;
Brincos de cerejas presos nas orelhas,
Na boquita rosea tres canções vermelhas,
Na aguilhada, ao alto, uma estrelinha a arder!

Descalcinha e pobre, mas sem ar mendigo,
Nada mais esvelto, mais encantador!
Veste-a d'oiro a gloria do bom sol amigo...
O chapéu é palha que inda ha um mez deu trigo,
A saíta é linho inda ha bem pouco em flor!...

E os dois bois enormes, colossaes, fleugmaticos,
Na aleluia imensa, triunfal, da aurora,
Vão como bondosos monstros enigmaticos,
Almas por ventura d'ermitões extaticos,
Ruminando Biblias pelos campos fóra!...

Ao arado e ao carro presos noite e dia,
Como dois grilhetas, quer de inverno ou v'ráo!
E, submissos, uma pequerrucha os guia!
E nos sulcos que abrem canta a cotovia,
As boninas riem-se e amadura o pão!...

Levam as serenas fronteiras magestosas
Enramalhetadas como dois altares:
Madresilvas, loiros, pampanos, mimosas,
Abelhões ardentes desflorando rosas,
Borboletas claras em noivado, aos pares...

E eis no carro morto o castanheiro, enquanto
Melros assobiam nos trigaes além...
Heras amortalam-no em seu verde manto...
Deu-lhe a terra o leite, dá-lhe a aurora o pranto...
Que feliz cadaver, que até cheira bem!...

Musgos, lichens, fetos, — chimica incessante! —
Fazem montões d'almas d'essa podridão...
Já n'esse esqueleto seco de gigante,
Sob a luz vermelha, n'um festim radiante,
Mil milhões de vidas polulando estão!...

Sempre á fortaleza casa-se a doçura:
Como o leão da Biblia morto n'um vergel,
Do seu tronco ainda na caverna escura
Um enxame d'oiro rutilo murmura,
Construindo um favo candido de mel!...

Oh, os bois enormes, mansos como arminhos,
Meditando estranhas, incubas visões!...
Pousam-lhe nas hastes, vede, os passarinhos,
E por sobre os longos, torridos caminhos
Dos seus olhos caem bençãos e perdões...

Chorarão o velho castanheiro ingente,
Sob o qual dormiram sestias estivaes?
Almas do arvoredó, o seu olhar plangente
Saberá acaso misteriosamente
Traduzir as linguas em que vós fallaes?!...

Castanheiro morto! que é da vida estranha
Que no ovario exiguo d'uma flor nasceu
E criou raizes, e se fez tamanha,
Que tresentos annos sobre uma montanha
Seus tresentos braços de colosso ergueu?

Onde a alma, origem d'essas formas bellas?
Em tão varias formas que sonhou dizer?
Qual a ideia, ó alma, convertida n'ellas?
E desfeito o encanto, que nos não revelas,
Que apparencias novas tomará teu ser?...

Noite escura!... enigmas!... Ai, do que eu preciso,
Boeirinha linda, linda d'encantar,
E d'essa innocencia, d'esse paraizo,
Da alegria d'oiro que ha no teu sorriso,
Da candura d'alva que ha no teu olhar!...

Grandes bois que adoro, p'ra fortuna minha,
Quem me dera a vossa mansidão christã!
Arrotear os campos, fecundar a vinha,
E nos olhos garços d'uma boeirinha,
Ter duas estrellas virgens da manhã!...

E tambem quizera, mortos castanheiros,
Como vós erguer-me para o sol a flux,
Dar tresentos annos sombra aos pegureiros,
E n'um lar de choça, em festivaes brazeiros,
A aquecer velhinhos, desfazer-me em luz!...

GUERRA JUNQUEIRO.





LISBOA - O MERCADO



P. Marinho gr

RIBEIRA NOVA

A NATUREZA

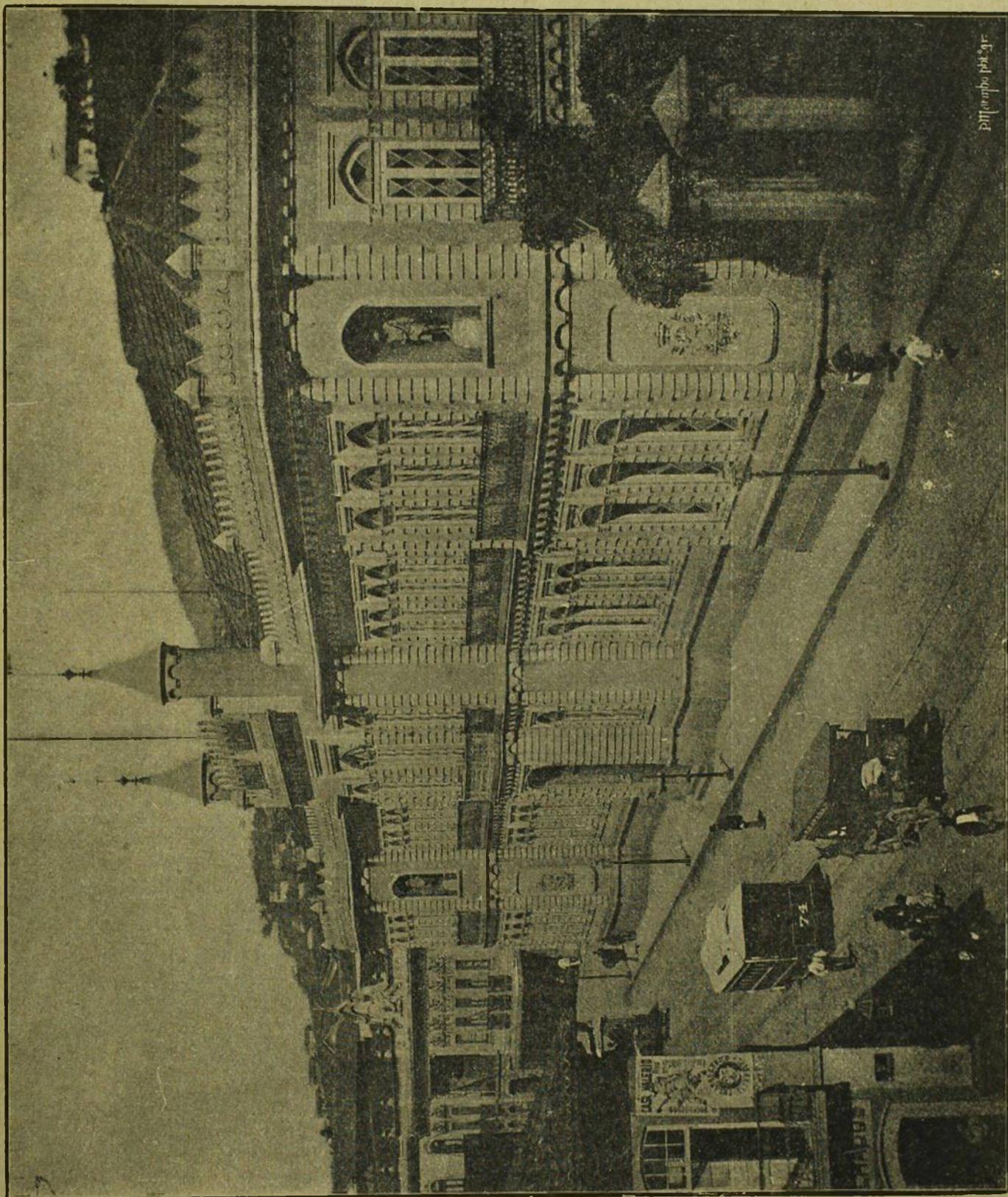
A NATUREZA é uma encantadora musica. O homem que nunca se comoveu escutando as vozes do céu, das aguas, e da terra e tudo o que dizem as vagas, as torrentes, os ventos de procella, os insectos, os passaros, nunca será impressionado nem pela mais bella symphonia d'este mundo. Comtudo, por muito poderosa impressão que em nós produza a musica da natureza, a um tempo exuberante e demasiadamente curta ou nos espanta ou não nos basta. As paixões que ella exprime não são completamente as nossas, tem um que de sobre-humano, que, depois de nos ter arrebatado, excede as nossas forças e nos esmaga. O murmurio argentino dos regatos é um palrar de ondinas de alma zombeteira, de riso sarcastico, que nos dizem o seu segredo n'uma lingua que não comprehendemos senão a meio; não o derramaram todo senão no coração dos peixes, povo de mudos. As vagas mugidoras do Oceano parece que foram feitas para embalar sonhos de Deus, demasiadamente pesados para as nossas cabeças, e o estalar do raio revela coleras que fariam estalar o nosso coração se ella chegasse a sentil-as.

Todos os ruidos da natureza são até certo ponto vozes elementares, que parecem vir de longe, de algum paiz estrangeiro, de um paiz perdido que não habitaremos nunca. A nossa imaginação consegue persuadir a si propria que as aves cantam para ella; mas mistura-se uma certa inquietação com os prazeres que elles lhe dão. O assobio estridente

dos melros exprime bemaventuradas despreoccupações que nos são desconhecidas, uma felicidade sem vicissitudes que resume em tres palavras a sua breve historia. E depois? Acabou-se, disse tudo. Pela indizivel frescura da sua voz, pela incrível limpidez do seu canto, pelos seus prodigiosos golpes de garganta, pelas suas cadencias e os seus trilhos, pelas difficuldades que executa sem esforço algum, o rouxinol acorda em nós a idéa de um poder que nada fatiga. Não reduziu esse miraculoso passarinho ao silencio o santo homem que ousou desafial-o? Evidentemente olha para nós de muito alto, não se digna occupar-se de nós; como poderia elle sympathisar com as nossas fraquezas e os nossos cançassos? vive n'um mundo em que nunca se está cançado e em que todos podem dispensar se de dormir. Sentimos bem que é a paixão que o faz cantar, mas os nossos amores não têm nunca essa certeza victoriosa nem esse clangor de fanfarras:

Affirmavam os gregos que, ao nascerem as Musas, houve melomaniacos que morreram de prazer, e que foram transformados em cigarras, insectos hemipteros que teem o privilegio de cantar sem comer nem beber até morrerem. A canção perpetua, monotona, e estridente d'essas timbaleiras aladas nada tem de humano; dir-se-hia o rechinar da terra calcinada pelo sol, ou o grito d'uma grande frigideira em que se estivesse a frigir um grande bosque de oliveiras. Ha n'isso realmente magia como em todos os ruidos da natureza, cuja musica umas vezes nos transporta, outras vezes nos persegue como uma justiça.

-VICTOR CHERBULLIEZ.



RIO DE JANEIRO — TYPOGRAPHIA NACIONAL



Mouzinho de Albuquerque

† em Lisboa a 8 de janeiro 1902

Joaquim Augusto Mouzinho de Albuquerque, filho de José Diogo Mascarenhas Mouzinho de Albuquerque e D. Maria Emilia Pereira da Silva de Bourbon, neto paterno de Luiz da Silva Mouzinho de Albuquerque e de D. Anna Mascarenhas de Athayde e materno de Joaquim Augusto Pereira da Silva da Fonseca e de D. Maria Luiza Mascarenhas de Athayde, nasceu na quinta da Varzea, concelho da Batalha, districto de Leiria, a 12 de novembro de 1855. Foi baptisado na Igreja de Nossa Senhora da Victoria (convento da Batalha) em 20 de dezembro do mesmo anno, tendo tido como padrinhos seu tio Fernando Luiz Mouzinho de Albuquerque e sua avó materna. Assentou praça aos 16 annos e terminou o curso de cavallaria na Escola do Exercito em 1876.

Era condecorado com a medalha de ouro de D. Amelia. Grande officialato da Torre Espada, commendador de S. Miguel e S. Jorge, de Inglaterra, da ordem militar de S. Bento de Aviz, por serviços distinctos, de S. Mauricio e S. Lazaro, de Italia e Aguia Vermelha com Espadas, da Allemanha; officialato da Legião de Honra; e com duas medallas de ouro de valor militar.

Em sessão solemne da Sociedade de Geographia foram-lhe postas ao peito por El-Rei duas medallas de ouro de serviços relevantes no ultramar, tendo uma como divisa «Feito heroico de Chaimite, prisão do Gungunhana 28 de dezembro de 1895» e outra «Operações de guerra no districto de Gaza em 1897».

Quando, acompanhado por meia duzia de valentes, impellido por um dever de militar, caminhava pelos descampados até Chaimite, quem cuidaria elle que havia de surgir ao seu olhar altivo, a luzir sob o sobr'olho carregado?

Nem uma vez ao coração lhe acudiu o sangue; nem lividez na face o accusou d'um timido sentimento; não houve um gesto da mão, instinctivo, a sustentar a redea do cavallo, que a espora tingia de vermelho; não lhe tremeram os labios que não fosse d'impaciencia.

Ia a caminho da morte. A lugubre visão havia de perpassar ante seus olhos.

Mas, em vez do fantasma, esperado mas não temido, que envolve n'um sudario o corpo esqueletico e cuja foice anda afiada em gume que não se embota, encontrou a Gloria vestida de raios de sol, coroada de louros, agitando palmas; em vez dos buracos negros d'uma caveira, uns olhos que scintillavam amorosamente; em vez do riso parado que se rasga, horrivel, na alvura dos ossos, o sorriso acalentador d'uma deusa, que o chamava a seus braços.

Ia a caminho da morte. Por outra fôrma quiz ella vencer o grande vencedor.

Passaram annos — tão poucos! E então sentiu os braços que o apertavam irem esfriando, o vinho fumoso que lhe davam a beber chegar ás fezes, o sonho desvanecer-se, o arrebol que o encantava fundir-se nas tintas da noite. E opprimiu-o uma angustia.

Em volta do heroe, como aves agoirentas, esvoaçavam miserias do mundo, que haviam trepado até elle e o puxavam para o mundo onde se abrem as covas dos cemiterios.

Dentro d'alma amanhecia-lhe um dia nevoento. E então disse para a deusa que o afagava: «Larga esses trajos, arranca a mascara; quero-te sem a hypocrisia dos teus resplendores.»

E a Morte obedeceu-lhe e levou-o consigo.

Quando elle marchava pelos descampados até Chaimite, foi-lhe curto o caminho da Gloria; foi-lhe depois vereda d'espinhos. Tinha-lhe sido caminho da Morte.

JOÃO DA CAMARA.

Quando começou a correr a noticia do suicidio de Joaquim Mouzinho, ninguem a acreditava: — era impossivel; não podia ser. — O proprio sentimento da curiosidade, talvez hoje mais requintado que nunca, o ancioso desejo de conhecer as causas da tragica morte, só appareceu mais tarde, depois de confirmada a noticia pelos jornaes da noite.

O facto, absolutamente verdadeiro, vem confirmar mais uma vez, que ha na opinião publica um instincto de alta justiça, instincto que a levava a repellir como absurdo, que o homem em quem ella via a encarnação da coragem, do valor, da bravura, do heroismo até á temeridade, pudesse praticar um acto, justamente considerado como uma fraqueza.

Poude, e grande devia ter sido a força que determinou tão violenta contradicção moral.

do Brasil-Portugal

Para nós, essa força não foi externa. Existia em Mouzinho, era congenita da sua natureza impetuosa.

Nos seus admiráveis estudos sobre S. Paulo, diz Ernesto Renan, que as naturezas impetuosas, passam inteiriças d'um ao outro extremo. Ha para ellas, o que não existe para as naturezas frias, momentos solemnes, minutos que decidem do resto da vida. Os homens frios não mudam, transformam-se. Os homens ardentes, pelo contrario, mudam, mas não se transformam.

Mouzinho mudou de meio, mudou de vida, mudou de habitos, e raras mudanças terá havido mais completas; mas, porque era um impetuoso, passou inteiro, macisso d'um extremo ao outro. Mudou, mas não se transformou.

O momento solemne, o minuto que decide da vida dos impetuosos, havia de chegar em Lisboa, como tinha chegado em Africa. Ali o meio era propicio a Mouzinho. O momento solemne levou-o, n'uma allucinação de entusiasmo, á gloria de Chaimite. Aqui era-lhe contrario, levou-o, n'uma desilusão dos homens, n'uma obsessão de tédio, á morte pelo suicidio.

Fique porém registado, que a opinião publica, se por vezes foi injusta para Mouzinho vivo, depois d'elle morto, instinctivamente lhe fez justiça. Até n'isto elle foi grande.

URBANO DE CASTRO.



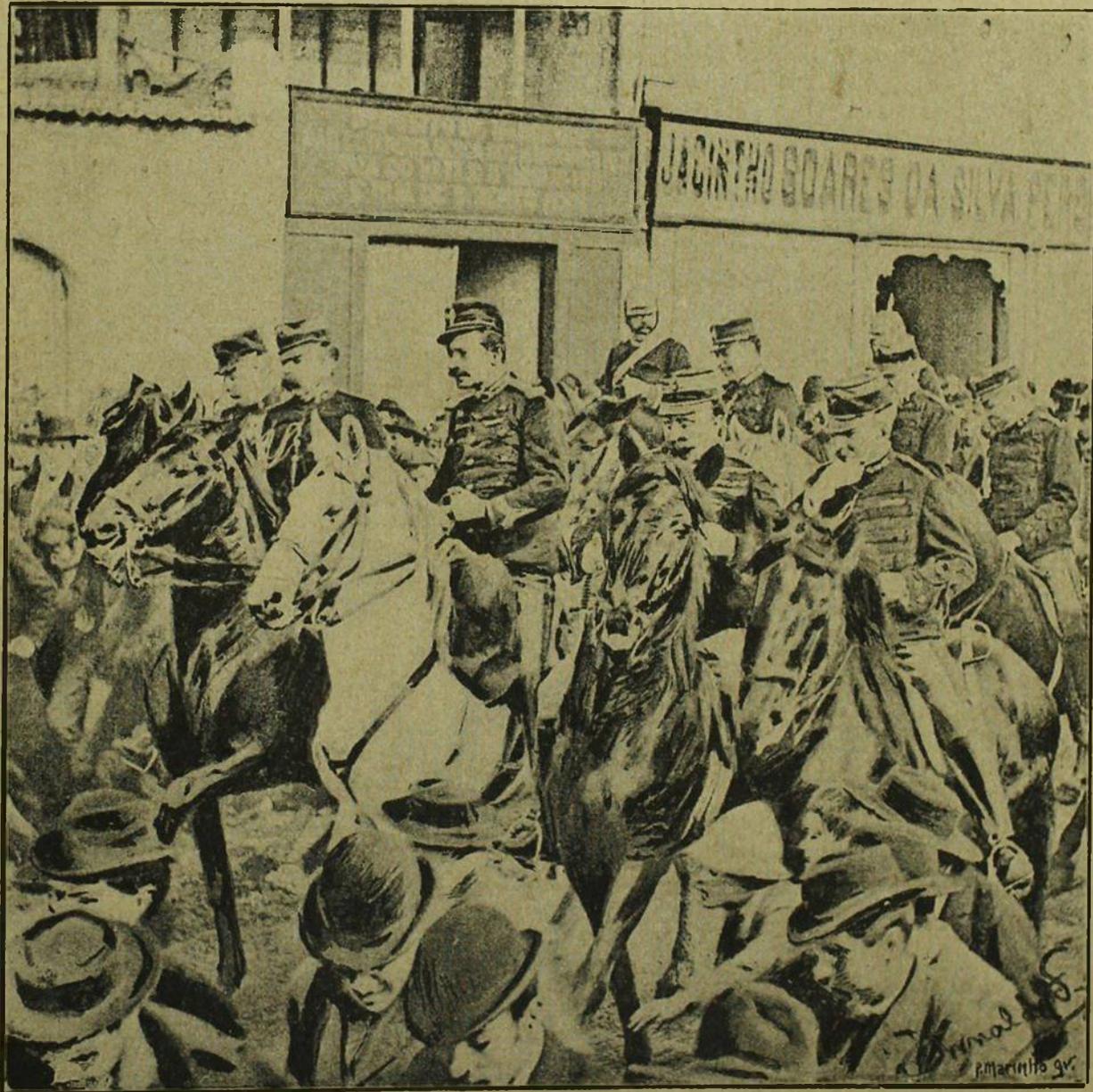
Uma senhora casada lastimava-se deante de Alexandre Dumas de não ter filhos:

— Quando penso que ha creaturas que não deviam ter filhos e teem tantos, e que eu, que não viveria senão para elles não tenho nenhum! Mas o que fazem ellas para isso? Eu não passo um dia que não peça filhos a Deus!

— E' que ellas batem a outra porta, observou timidamente o espirituoso escriptor.

— Como!

— Pedem-n'os aos homens.



MOUZINHO DE ALBUQUERQUE QUANDO REGRESSOU DE AFRICA A LISBOA



A BURLA DO CLARINETE

LEGALMENTE a accusação de mendicidade formulada contra Frenalles não podia agravar o delicto da simulação d'uma enfermidade: mas, de facto, este homem mendigava fingindo tocar clarinete, o que é também uma enfermidade. Prudhomme chegou mesmo a dizer que a cultura d'este instrumento faz cegar. Comtudo não tendo esta questão sido tratada a fundo pela sciencia, é sensato teimar n'esta crença vulgar de que é quando se está cego que se toca clarinete.

O JUIZ — Confessa ter mendigado?

FRENALLES — Que humilhação; mendigar eu!

O JUIZ — Viram-n'ó receber dinheiro das pessoas que estavam sentadas ás portas dos cafés.

FRENALLES — Se todas as pessoas que recibessem dinheiro, fossem mendigas, toda a humanidade mendigava. O que é um mendigo? E' o que diz: "*Uma esmollinha por amor de Deus*". Ou então: "*Compadeça-se d'um pobre desgraçado*". E eu nem disse patavina.

O JUIZ — Seja, mas prenderam-no tendo ainda a mão estendida.

FRENALLES — Se prendessem todas as pessoas que teem a mão estendida, prenderiam as pessoas que estendem a mão para vêr se chove e as que a estendem para apertar a de um amigo ou conhecido.

O JUIZ — Era melhor que se calasse em lugar de dizer semelhantes cousas. (*A um policia presente para servir de testemunha*): Levante a mão.

O agente levanta a mão.

O ACCUSADO — Vê, ahi o sr. policia com a mão estendida (*Risos*). Pode-me dizer que está levantada, mas é uma simples differença de posição, elle não está a mendigar.

O policia presta juramento e declara que seguira o accusado, que o vira parar á porta do café e receber dinheiro.

O ACCUSADO — Como artista musical.

O JUIZ — Tem a licença?

O ACCUSADO — Não; mas que me julguem como musico sem a licença e não como mendigo.

O POLICIA — Nem mesmo é musico; tinha effectivamente um clarinete, mas o que elle fazia era chegar-se ao pé dos freguezes do café e fazer menção de ir tocar; então todos ao verem isto gritavam: "*Não, não, vae-te embora*", e como elle parecia teimar, davam algum dinheiro para se verem livres d'elle. Repetiu este manejo cinco ou seis vezes e com bom resultado. Por fim n'uma das mezas não lhe deram nada e começaram a olhar para elle; mas como alguém, vendo-o ficar com o clarinete na bocca, lhe dissesse: "*Então toca lá isso*", acabou por dizer que não sabia tocar. (*Risos ruidosos no auditorio*).

O JUIZ (*ao accusado*) — Vê, obrigava essa gente a dar-lhe esmola assustando-a com o clarinete, que nem sequer sabia tocar.

O ACCUSADO — Não tinha tido ainda tempo de aprender, visto que o tinha comprado na vespera a um algibebe; mas em todo o caso sou musico, toco harmonium; tinha um, mas o couro rompera-se; dei-o a concertar a um caldeireiro, e este imbecil imaginando que era um folle pôe lhe um bocal. Não sei como o não estrangulei.

O tribunal condemnou este singular artista a dois mezes de prisão.

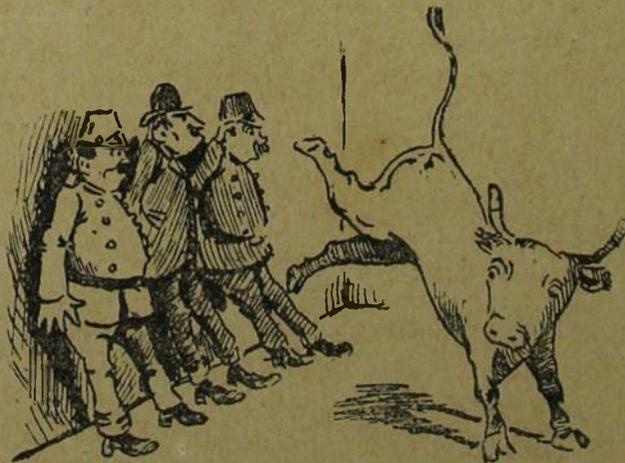
JULIO MAINEAUX.



Dois bohemios vão tomar café ao *Suisso*. Um d'elles chama o creado e tira uma moeda de cinco tostões da algibeira.

— "Ah! exclama o amigo, admirado. Tiveste alguma herança?"

— "Socega, meu velho, responde o capitalista. É uma viuva sem filhos."



A tua janella

Todos os dias na rua
Defronte d'essa janella,
Que barbaridade a tua,
Porque não chegas a ella?

O quente sol no horisonte,
Com todo o fogo d'agosto,
E eu na rua, e eu defronte
Da tua janella posto.

Dezembro, o mez inclemente,
O sangue nas veias gela,
E eu na rua, e eu em frente
Em frente d'essa janella.

Sempre esta idéa constante:
Ah! meu Deus, se eu hoje a visse!
Se ao menos, um só instante
A janella hoje se abrisse!

E nunca se abre, Senhor!
Abrem-se os labios n'um riso,
O botão abre-se em flôr,
Abre-se o teu paraizo.

Abre-se a concha do mar,
Onde a perola se encerra,
A' semente, a germinar
Abre-se o seio da terra.

Abrem-se os braços da mãe,
Para abraçar o filhinho,
E as aves abrem tambem
As azas por sobre o ninho.

Abre o seu calice a rosa,
Abre-se o mar, tão profundo,
Só tu, janella teimosa,
Nunca te abriste um segundo.

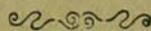
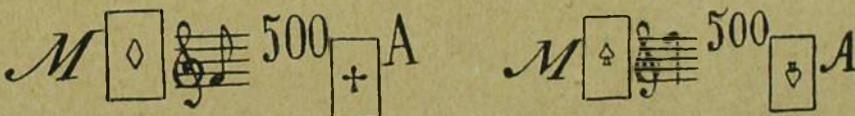
Pois fica sempre fechada,
Como a noite mais escura,
Como uma alma condemnada,
Como negra sepultura!

Mas o que estou a dizer!
Meu Deus, meu Deus o que eu disse!
Ai! que infinito prazer,
Se a janella hoje se abrisse!

URBANO DE CASTRO.



ADELINA TROMBEN — Artista lyrica



Regras de grammatica

Como se empregam os auxiliares?
— Pergunte isso a sua mulher...

*

Os verbos irregulares são os bohemios da
Congregação.

*

Quando se devem empregar as negações?
— Todas as vezes que nos pedem dinheiro
emprestado.

Merina

Rosto comprido, aircsa, angelical, macia,
Por vezes, a allemã que eu sigo e que me agrada,
Mais alva que o luar de inverno que me esfria,
Nas ruas a que o gaz dá noites de ballada;

Sob os abafos bons que o norte escolheria,
Com seu passinho curto e em suas lãs forrada,
Recorda-me a elegancia, a graça, a galhardia
De uma ovelhinha brãnea, ingenua e delicada.

CESARIO VERDE.



Ha tres especies de pobres: os envergonha-
dos, os que envergonham e os sem vergonha.

Todas as mulheres são a *mesma*; a variedade
está apenas nas circum stancias.

Quando uma mulher se torna escriptora faz,
de uma vez só, dois males: augmenta o numero
dos livros e diminue o das mulheres.

E' uma inhabilidade exigir á mulher respos-
tas catheticas e precisas, porque isso cha-
ma-a á prudencia e á reflexão, e n'esse campo
ella só póde responder: *não*.

Provas!... provas!... respondeu ella sem
hesitar — provas?... pois bem, mas o que prova
isso?

Electricas

1.^a

A's direitas é tecido
Por signal nada grosseiro
A's avessas é de vidro
Mas correu já por dinheiro. — 2

2.^a

A's direitas é um carro
Muito baixo por signal
Vem a ser, lido ás avessas,
Conhecido vegetal. — 2

3.^a

A's direitas é parente
Mui chegado a minha mãe
A's avessas sendo bôa
Bem fritinha sabe bem — 2

4.^a

A's direitas é um fructo
Excellente e saboroso
A's avessas é perfume
Mais ou menos doloroso — 3



Reflexão melancholica de um recém-casado:
«Antes do meu casamento, minha mulher era-me
cara e eu era o *seu thesouro*. Agora ainda me é
mais *cara* e eu sou o *seu thesoureiro*.»



Brasil — Uma grande mangueira

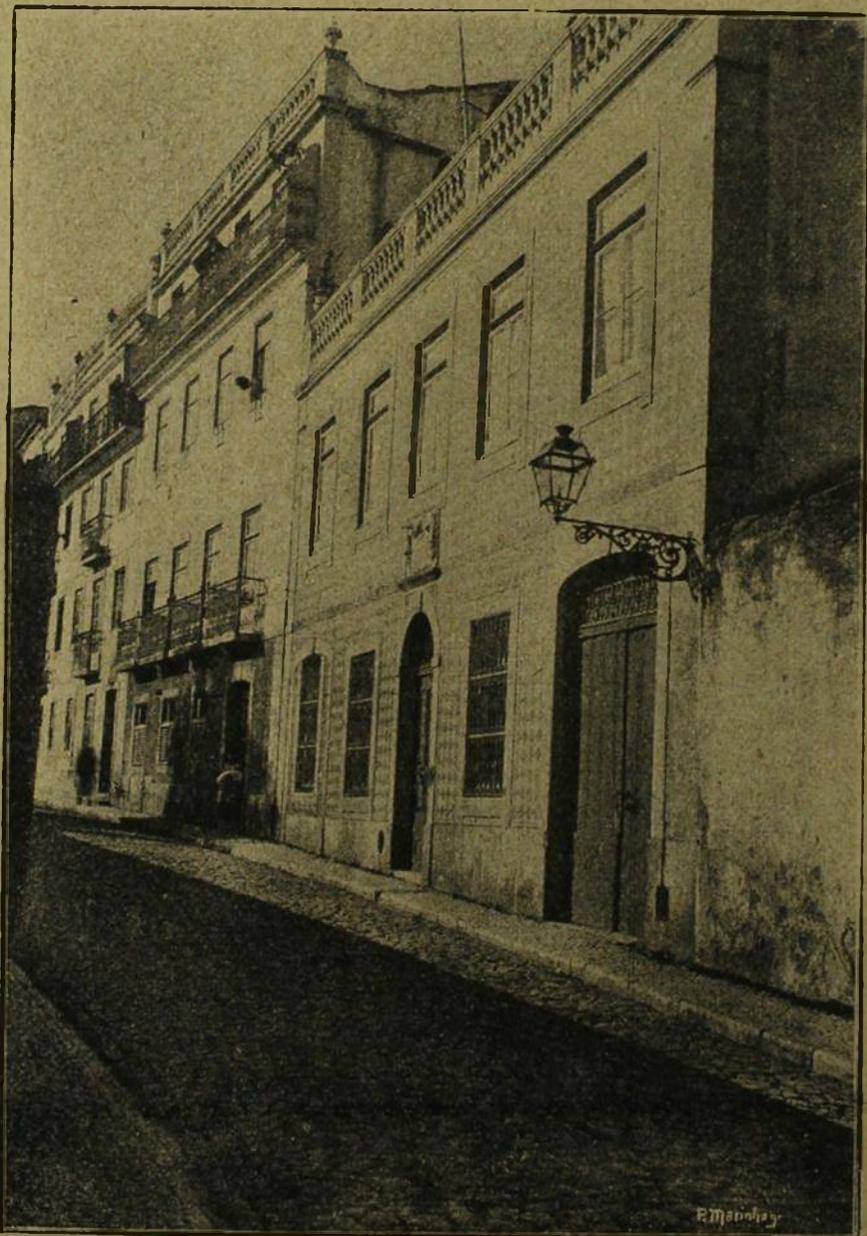
GARRETT

É como a luz do sol o genio dos grandes poetas. O seu clarão brilhante, espalhando-se na terra, aquece e alumia as almas de todos os que encontra. Manifestando-se no livro, astro da intelligencia, afugenta as trevas dos cerebros mais obscuros; esclarece e persuade, até os proprios que não querem convencer-se nem illustrar-se. Na poesia, enternece os insensíveis, arranca lagrimas dos corações mais secos, risos dos labios mais cerrados, gritos de admiração dos peitos mais frios e indifferentes.

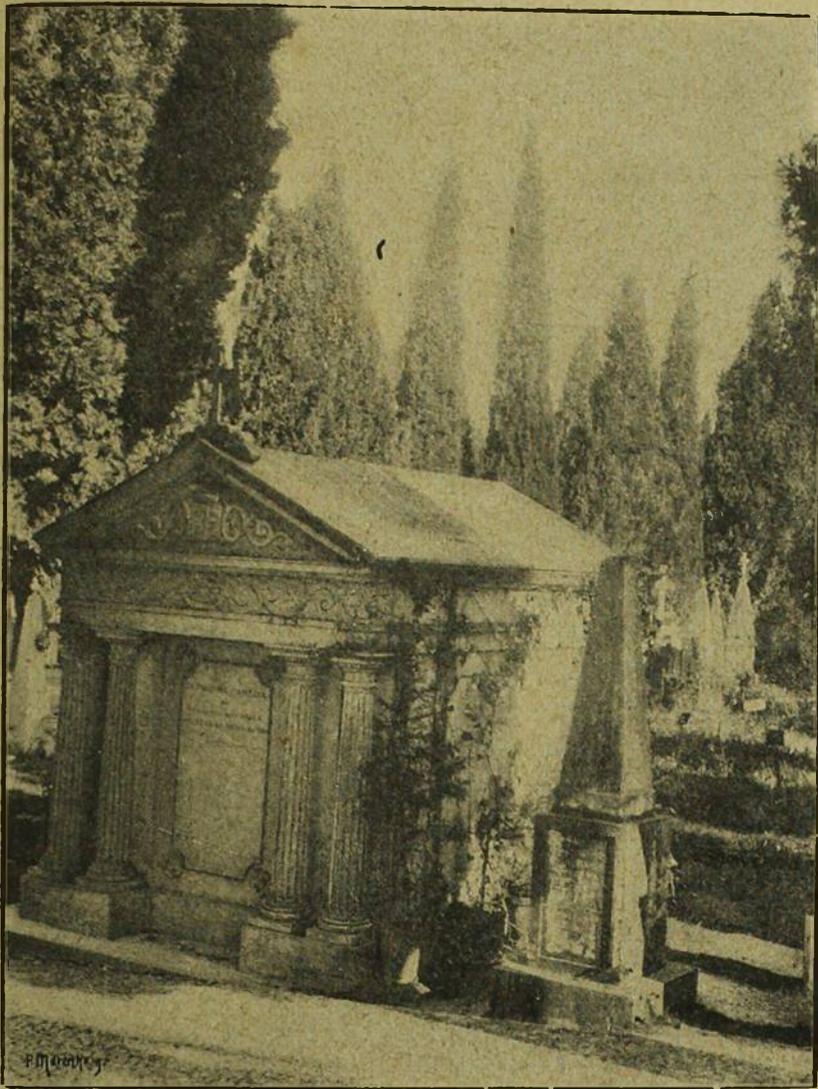
E' uma força invencivel, que transforma os individuos, subjugando a vontade aos mais rebeldes e o espirito aos mais pertinazes. Denuncia emfim, a centelha divina, que o Creador poz na mente do homem.

Quando o escriptor se chama Homero, Virgilio, Dante, Milton, Camões ou Garrett, os seus poemas atravessarão o tempo e o espaço, cada vez mais admirados e queridos. As suas ideias, semelhantes aos raios fulgorosos do rei dos astros, brilharão com o mesmo esplendor com que foram enunciadas milhares de annos antes! Depois de terem commovido e entusiasmado as gerações extinctas, demonstrarão ás presentes que nem os seculos depravados, nem as epochas de obscurantismo lhes alteraram a primitiva grandeza e a graça nativa! Filhos divinos do genio, só deixarão de existir quando Deus, destruindo o mundo e chamando a si o ultimo homem, volver tudo ao nada de onde nos tirou a sua omnipotencia.

Ha quarenta e trez annos (1) que o rigor da sorte me arremessou, creança, desvalido e ignorado, para as praias do exilio, nas margens do Guajará. A fortuna adversa, não contente de haver-me expatriado, internou-me em seguida nos sertões do Amazonas, talvez com o intuito de tornar mais rude do que me fizera o acaso ao sair do berço. A primeira luz, que animou a solidão da minha alma exilada, foi produzida pela leitura dos Lusíadas. Deslumbrado por esse clarão intensissimo, o meu espirito



Casa onde falleceu Garrett, na rua de Santa Izabel (hoje rua Saraiva de Carvalho), em Lisboa.



*Tumulo em que repousa o corpo de Garrett
no cemiterio dos Prazeres, em Lisboa*

juvenil sonhou com as aventuras perigosas, que celebra o epico immortal, e arrastou-me para o seio das florestas. Ali, porém, a convivencia com os indios e com as feras, bravas como elles, breve enfraqueceu a chamma de esperança redemptora, com que me aquecera o cantor de nossas glorias. Percorria já, sem entusiasmo e sem pavor, as matas virgens das solidões profundas, que circumdam a enorme bacia do rio gigante. Arrojava-me, unicamente como caçador ferino, através das selvas densas e sombrias, onde se acoutavam a anta e o porco bravo; feria sem dó nem repugnancia os seios virginaes de arvores sagradas, derramando pelo solo, juncado de folhagem apodrecida, os oleos preciosos e as resinas odoríferas,

destruia com prazer estúpido formosissimas e prodigiosas flôres, filhas dilectas d'esse paraizo encantado; e não tinha consciencia de que estava mutilando, depois de as ter profanado com olhares de impia ignorancia, as mais admiraveis maravilhas da criação!

Mas, um dia, aos treze annos, talvez guiado pelo archanjo da poesia, entrei na modesta residencia de uma familia indigena: e encontrei lá, aberto, o livro do meu destino, a ordem que me enviava a Providencia, para que mais tarde se cumprissem os seus mysteriosos designios. Era o Camões, o immortal poema de Garrett.

Como e porque iria ali parar esse monumento litterario, a mãos de gente que não sabia ler, senão para que eu viesse a receber piedosamente o derradeiro adeus d'aquelle que o tinha levantado á gloria da sua patria?! Olhando em torno de mim, depois de o ter lido, fiquei como que assombrado com o espectáculo grandioso que me

rodeava. Abriram-se repentinamente os olhos da alma; de creança que era, acordava homem, e tão differente do que fôra até esse momento, que a mim proprio me desconhecia!

Fez-se immensa claridade nas trevas que me envolviam. A luz, apesar de vir de muito longe, era tão intensa, que illuminou a profundez das matas virgens, e mostrou-me n'ellas prodigios em que a minha vista não attentára nunca! Era a repetição das scenas do paraizo. Havia comtudo a differença de que, caída a venda da minha innocencia, achava-me effectivamente n'um eden, mas sem sciencia bastante para poder guiar-me fóra d'elle!

Voltei ao Pará, e, após alguns annos de hesitações e desejos, escrevi ao au-

ctor do livro que me havia transformado; contava-lhe as minhas desventuras, os trabalhos que passára, a vida material e quasi de escravidão que vivia ainda; e dizia-lhe quaes eram as aspirações que despertára em mim a leitura do seu poema sublime.

Logo, porém, que despedi das mãos a carta, voltaram-me novamente as dúvidas e receios, que tanto tempo me impediram de a escrever; e conclui que fôra grande temeridade deixal-a partir, porque certamente ficaria sem resposta. Como ousaria eu, creança, humilde e obscuro, esperar que o semi-deus baixasse do olympo até mim, para responder-me? Ignorava ainda que quanto maior é o homem mais os seus actos se approximam dos da divindade; e que só a verdadeira grandeza não julga humilhar-se quando desce a proteger os que se acolhem á sombra d'ella. E esquecia-me tambem de que o auctor do Camões fôra já pobre emigrado, como eu, e que não são insensíveis á dôr alheia os que uma vez padeceram em misero desterro.

F. GOMES DE AMORIM.

(1) 1837.

Um marido quiz dar, como presente de Anno Bom, a sua mulher um laço de rendas o mais bonito possível, e, para que elle fosse completamente do seu gosto, pediu-lhe a ella que o comprasse, dizendo-lhe porém que era para dar de presente a uma senhora das suas mais intimas relações.

A esposa foi e apresentaram-se as mais formosas e preciosas rendas de Bruxellas e de Valenciennes.

Ella, porém, pensava:

— Não vale a pena tambem estar a gastar ahi um dinheirão louco por causa da Amelia.

Tudo lhe parecia por conseguinte muito caro, e afinal comprou um laço de rendas muito ordinarias que levou a seu marido.

— E' bonito de veras? perguntou-lhe o marido.

— E'.

— Compraste-o bem a teu gosto? Como se fosse para ti?

— E' claro.

— Pois para ti é que elle é, fica com elle, minha querida. E' o meu presente, disse o marido encantado com o seu stratagemata.

Imagine-se agora a cara da esposa.

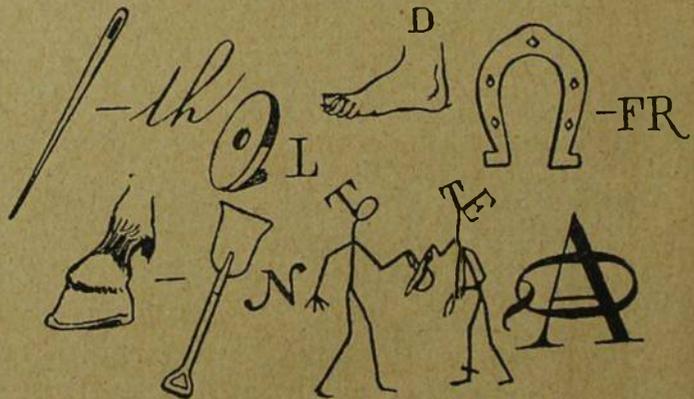
Garrett quando escrevia em tom humoristico no *Chaveco Liberal*, foi accusado por um jornal francez que defendia a politica miguelista, *Quotidien*, de baixo e de sensaborão.

Respondeu o *Chaveco* terminando por pedir ao *Quotidien* que lhe restituísse a confiança, intercedesse por elle junto do *benigno* Miguel, e lhe enviasse esse memorial em bom francez:

Memorial ao «Rei Chegou»

Sire Michel! mon roi et mon seigneur,
Toi le plus grand des rois et le meilleur,
Vois ce pauvre Chéhek, toujours fidèle,
Plus humble, plus soumis qu'une nacelle,
Vers toi cinglant au souffle de l'amour,
Sans louvoyer, sans faire un seul détour,
Il vient prêter serment, te rendre hommage,
Et de sa loyauté t'apporte un gage;
Ce ne sont pas des diamans de l'or,
Et toutefois c'est un riche trésor:
Ce n'est qu'un petit bout de corde grise;
Du bienheureux S^t. François d'Assise
Elle ceignit les reins, c'est son cordon,
Portez-la, Sire, por dévotion:
Et puissies vous un jour, roi très fidèle,
Etre sauvé par la vertu d'icelle
Roulez-la bien autour de votre cou;
Et S^t. François, qui n'est pas un saint fou,
Viendra bientôt, suivi de S^t. Ignace,
Pour vous porter au Ciel dans sa besace.»

ENYGMATA



Um rapazito entra n'uma botica e diz:
— Quatrocentas grammas de oleo de ricino, medida pequenina.
— Medida pequenina porque? pergunta o boticario espantado.
— Sou eu que a tomo.

Minha amante, um teu affago,
retrata-se n'este amôr,
como se espelha uma flôr
nascida á margem d'um lago.

do Brasil-Portugal



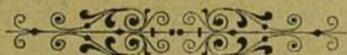
Actriz Angela Pinto

Brilha n'agua a tremulina,
Reflexo movel da lua,
Scintillação argentina
D'uma luz tibia mas crua.

Sopra uma tépida aragem;
Grupos de esbeltas palmeiras
Accentuam na paizagem
As estaturas ligeiras.

A brisa faz baloiçar
As palmas e os troncos lestos,
Que parecem ao luar
Gigantes fazendo gestos

A' janella d'um cottage,
Que ao pé do rio se eleva,
Está, com um branco traje,
D'aquelle Eden a doce Eva.



SERENATA INDIANA

Um doce rio deslisa
Por entre arvores gigantes
A' claridade indecisa
Das estrellas scintillantes.

Espalham cheiros nos campos
As florestas tropicaes,
Volitam os pirlampos
Por sobre os verdes juncaes.

Já se não ouvem os trilos
Que ao solo modúlam as aves,
Ouve-se o cri-cri dos grilos
E uns susurros mais suaves.

Ha o murmurio do rio,
Ha o frémio da relva,
E o flébil ciciar macio
Das ramarias na selva.



Angela Pinto
na Lagartixa

Almanach

Por baixo d'essa janella,
A poucos passos do rio,
Com os olhos fitos n'ella
E preso ao fundo amavio,

Que exhala em torno a creoula,
(Como um perfume se exhala
Do seio d'uma cassoula,
Vê-se um rapaz que lhe falla.

«Tu és a vida d'esta alma,
Viver sem ti é morrer;
Tu és a unica palma
Que eu desejava colher.

«Para mim tem menos graça
A mais bella flôr d'abril,
Que o teu vulto quando passa
Com esse porte gentil.



Actriz Cinira Polonio

Escutemos nós es dois;
Quinze annos ella, elle vinte...
Leitora! eu espero pois
Que lhes desculpe o seguinte.

«A janella onde te inclinas
Quero e não posso trepar;
Se as tuas mãos pequeninas
Me quizessem ajudar!...

«A tua bocca vermelha
Tem o viço d'uma rosa;
Quem me dera ser abelha
E libar-te o mel formosa!

«Quando aspiro o halito dôce,
Que exhalas, sinto um deleite
Suave, como se fôsse
Um fresco aroma de leite.

do Brasil-Portugal

«Tu não sabes como enturvas
O meu olhar, mal assomas.
Se recae nas dôces curvas
Das tuas virgineas pomas.»

O teu cabello tão negro
Faz a inveja a raiva, o escandalo
Das rivaes... Só eu me alegro,
Mal lhe sinto o cheiro a sandalo.

«Esse teu cóllo de Venus
Parece feito de lirios,
Mas parece ter venenos,
Porque me causa delirios.»

«A tua voz, ó creoula,
Tem essa meiga ternura
Do gemer da triste rôla
Que o perdido par procura.»

«Macio como o velludo
E' teu olhar, minha flôr;
Quando o vejo, fico mudo,
Do rosto fico sem côr.»

«Esse teu olhar deslumbra;
De noite, se olhas, é dia!
Dissipa a tréva e a penumbra
Esse olhar que me allumia.»

«Esses dois limpidos mundos,
Que vejo atraz dos teus cirios
Commettem gostos profundos,
Commettem não sei que idilios.»

«Para evitar os escolhos
Da vida, tenho uns pharoes



Actriz Lucinda do Carmo

Só nos teus humidos olhos
Que brilham como dois soes.

«Quando te vejo sorrir,
Parece me vêr immerso,
Desde o zenith ao nadir,
Em alegria o universo.»

«Vi-te chorar uma vez,
Pareceu me que chorava
O céu e a terra... Bem vês
Que a minha alma é tua escrava.»

«Para beber os teus prantos
Dava a sciencia dos sabios,
E dava a gloria dos santos
Por um beijo d'esses labios!»

Ouviu-se então outra voz
Dizer: só nos vê a lua...
Pois bem! já que estamos sós,
Confesso, amo-te, sou tua!»

Depois sómente se ouviu
O Ciciar d'um longo beijo...
E á luz da lua elle viu
Que ella córava de pejo.



Actriz Maria Pia

FERNANDO LEAL.

Uma lição de latim

Todas as vezes que encontro no meu caminho uma ocasião de ser desagradavel á lingua latina, esfrego contentissimo as mãos. Isto são contas atrasadas, velhas questões de mocidade, e por mais desagradavel que eu lhe seja, nunca serei mais do que ella o foi para mim. Odio velho não cança, é bem certo o dictado, e a sr.^a Marini veiu trazer-me a ocasião de servir um copinho de vingança — essa ambrosia dos deuses — ao meu odio incansavel.

O latim! oh! com a bréca! quando me lembro do Moura da grammatica, só me applaca a ira contra todos os Mouras d'este mundo, o Moura da Trindade, que é um cavalheiro delicado e amavel, sem casos e sem verbos irregulares, que ás vezes já me tem passado alguns bilhetes de beneficio, mas que até hoje, em sua honra o diga — nunca me impingiu uma declinação sequer!

De todos os homens que mechiam em latim, na minha infancia, só um, um só, me era sympathico, e esse, coitado! apesar de toda a sympathia que me inspirava, e de toda a bondade de que era feita aquella alma — uma alma que ninguem diria fadada para o latim! — fez-me passar bem maus quartos d'hora!

Era o dr. Macedo, um santo homem que não tinha R. R. no seu alphabeto de examinador, e que desceu ao tumulto sem nunca saber o que era fazer chorar uma creança.

Pois mesmo esse santo dr. Macedo, quando o latim me approximou d'elle, me fez passar noites e noites em torturas. Não era d'elle, era do latim, está mais que provado.

Eu ia todas as tardes a sua casa dar lição. Era depois de jantar, d'inverno. As lições davam-se n'uma saleta atapetada, agasalhada, que seria extremamente confortavel se não tivesse uma grammatica do Moura.

Eu, entrava, sentava-me e conversava um bocado: depois o dr. Macedo encostava-se á mão, defronte de mim, e eu começava:

Justa Justae Justo

Quando ia no dativo olhava para

elle, a procurar-lhe no rosto um sorriso approvativo, que me enchesse d'orgulho. O dr. Macedo dormia a somno solto. E eu estacava. Positivamente estava a perder o meu latim.

Esperava que elle acordasse: mas ás vezes o somno prolongava-se e eu então passava por torturas infernaes:

— Que fazer? Se elle me fica aqui a dormir toda a noite? Nada mais facil; depois de jantar, com o agasalho confortavel da casa, com a digestão a fazer-se lentamente, com o meu latim, era quasi inevitavel! E



que partido tomar? Acordal o? Era envergonhal-o, humilhal-o deante de mim seu discipulo, que resistia a uma declinação, ao passo que elle, o mestre, não chegava ao accusativo. Ir-me embora? E quando elle acordasse? Esperar? E se elle dormisse toda a noite?

Um inferno que se agitava no meu cerebro.

De repente elle abria os olhos, e eu então continuava logo, com uma precipitação delicada para que elle não desse pela longa pausa:

Justorum Justarum Justorum

D'ahi a momentos, os olhos fechavam-se-lhe outra vez; e o inferno tornava a alojar-se-me n'alma.

E passavam-se assim todas as tardes d'inverno.

Uma vez porém o caso foi mais serio.

Cheguei ás 6 horas — a nossa hora — a casa do dr. Macedo. Comecei a desdobrar o meu latim. Era receita prompta: dr. Macedo a dormir. N'essa noite ou fosse pelo contagio ou fosse porque me ouvira muito a mim proprio, os olhos começaram-se a cerrar e d'ahi a pouco sonhava como um fumador de

haschich. O dr. Macedo acordou: achou-se então na minha situação de todos os dias. Acordar-me? Era expôr-me a uma vergonha. Ir-se embora? Não podia porque era o dono da casa, como aquelle homem da *soirée*. Esperou. Mas enquanto esperava adormeceu. Elle a fechar os olhos, eu a abrir os meus. Achei-me na situação d'elle. Esperei, mas d'ali a momentos os olhos tornaram-se-me a fechar. Eu a fechal-os elle a abril os. Achou-se na minha situação. Esperou, tornou a adormecer, e assim, desencontrados, dormimos e acordámos durante muito tempo. Finalmente encontrámo-nos. Conjuguéi um verbo e a lição deuse por terminada. Sahi a correr. N'essa noite meu pae tinha um camarote em S. Carlos, cantava a Volpini por quem eu tinha uma lyrica paixão fatal e romantica. Cheguei a S. Carlos. Estava a porta fechada.

— E' que não houve espectáculo, pensei.

Mas então reparei que andava pouca gente pelas ruas, que as lojas estavam já fechadas. Lembrei-me de vêr que horas eram. Era uma e vinte!

A lição de latim começára ás seis.

D'esse dia em diante o latim para mim riscou, e foi com immenso jubilo meu que a sr.^a Marini lhe deu uma catanada vigorosa.

GERVASIO LOBATO.

BEBIDA REFRIGERANTE

Fazer ferver agua, deixar esfriar e juntar a cada litro uma colher de mel e uma colher d'aguardente. Esta bebida, excessivamente agradável, é recommendada contra as febres biliosas.

Uma maneira de fazer cabrito

Depois de assado o cabrito, corta-se em pedaços, que se irão passando por ovos, e frigindo-se em manteiga. Preparem-se, junto d'uma frigideira baixa, uma quarta de queijo em talhadas, um pão de dez réis em fatias e uma quarta d'assucar; unte-se a frigideira com manteiga, ponham-se n'ella as fatias de pão em cama, e sobre cada camada de fatias outra de talhadas de queijo, com assucar e canella por cima. Finalmente sobre este preparo deita-se o ovo batido que sobejou de cobrir o cabrito. Ponha se a côrar, e quando estiver côrado, mande-se á meza com o cabrito, deitando canella e limão por cima.



Linguas de vacca lampreadas

Logo que estiver cosida uma lingua, e feita em talhadas, ponha-se a afogar n'uma tijella de fogo, com meio arratel de toucinho derretido, limpo dos torresmos, um golpe de vinho, outro de vinagre e todos os adubos; depois de afogada deita-se-lhe uma pouca de farinha torrada para fazer o molho grosso e pardo, e assucar (querendo).



Carneiro com arroz

Ponham-se dois arrateis de carneiro a afogar com meio arratel de toucinho, duas cabeças d'alhos, canella, pimenta, cravo, gengibre, um golpe de vinho, um golpe de vinagre e cheiros. Estando tudo mais de meio cosido tempere-se com todos os adubos e com bastante açafão e deite-se n'uma frigideira onde tambem então se deitará o arroz. Pôr depois sobre as brazas com tampa de lume por cima e coser devagar até estar enxuto.



O teu olhar, que derrama luz e brilhos como a aurora, tem a expressão de quem ama e a tristeza de quem chora.

PRA I M SAU C
QEM I I BOL T



Actriz Amelia Loppicolo

Este homem é conhecido — 1
Esta ave tambem o é — 2
Pouca gente tem havido
Que o não tenha visto *em pé*.



O JANOTA

(Almeida Garrett)



Maria Guerrero
Celebre actriz hespanhola

Um gracioso madrigal.

Ella — Não recebeu pelo correio a minha carta?

Elle — Não.

Ella — Pois olhe! N'essa carta mandava-lhe um beijo!

Elle — Que descuidada! Não sabe que as cartas que encerram objectos de valor devem sempre registrar-se?

Quando vejo a tua fronte
sinto ciumes ao vel-a ..
mas, nem eu só ando assim,
disse-m'o ha pouco uma estrella

DE todos os tempos nunca o janota foi bem accete em Portugal. Em qualquer classe que appareça é certo que se torna sempre o alvo das ironias de todos. Nem a profissão, por mais inoffensiva, o salva. Ao proprio homem do mundo, sem pretensões a ser outra cousa, não se lhe perdõa, se as suas sobrecasacas são irreprehensíveis de córte; se o *veston* cahe direito sem uma prega; se a gravata é bem mordida, n'um laço perfeito, por uma simples perola; se o chapéu alto é lustroso como o setim, ou o côco d'uma côr menos vulgar e d'uma fórma ainda desconhecida nas ruas da baixa! Os plumitivos, então são ferozes para os seus camaradas de lettras, para quem o vestuario não é uma cousa inteiramente indifferente.

Garrett, tendo sido o primeiro janota do seu tempo, pôde bem calcular-se a espessa couraça de desdem de que teve de se armar para resistir á chuva de ironias com que, a desproposito das suas *toilettes*, lhe pretendiam diminuir o valor litterario.

Entretanto todo o mundo o sabe, porque os seus intimos não se cançavam de o referir, que nunca, em cada manhã, Garrett deixou de préviamente combinar, sábia e artisticamente, a composição do seu vestuario como um pintor que pacientemente prepara a sua paleta.

Assim, elle mandava primeiro collocar a sobrecasaca sobre as costas de uma cadeira, depois passava em revista os colletes variegados, dispunha o que escolhia sob as bandas da sobrecasa, já eleita, estudando-lhe o effeito.

Em seguida, cabia a vez ás calças que, n'esse tempo, iam desde a captiva côr da clara flôr d'alecrim até aos mais inverosímeis tons dos roxos sombrios.

Escolhidas, tomavam tambem logar no improvisado manequim com o cós já discretamente escondido por debaixo do collete preferido. Por ultimo era a vez das gravatas, e como essas se amontoavam ás duzias na vasta gaveta, a escolha era ainda mais demorada.

Só depois de mirar e remirar o effeito geral é que o Principe das lettras e da elegancia definitivamente se resolvia a... vestir-se.

Compreende-se que um homem para quem o simples vestuario se tornava assim uma arte, tão complexa e complicada, merecendo-lhe os maiores cuidados do seu apurado bom gosto, fôsse tambem na escripta do mais singelo periodo, d'uma exigencia tão absoluta como impeccavel. E assim foi.

E se algumas das suas brilhantes paginas parecem, á primeira vista, um pouco des-cosidas e destoando d'essa perfeição, lidas com cuidado facilmente se lhes descobre a limpida harmonia geral.

Indifferente ás criticas que lhe faziam, e que o accusavam de pejar a nossa lingua de inuteis francesismos, elle, que tão artistica-mente a renovava e refundia, era igualmente indifferente aos que o apodavam de velho e ridiculo casquilho, sendo elle proprio, com inegualavel bom humor, o primeiro a divul-gar e a fazer espirito com as suas fraque-zas mais intimas.

Assim contava que, cançado de aturar creados de Lisboa, resolvera pedir a um amigo da provincia para de lá lhe mandar um honesto aldeão, que elle desbravaria e que pelas suas qualidades, lhe fizesse espe-rar que por largo tempo se conservaria ao seu serviço. Veio o rapaz. Garrett, pater-nalmente, explicou-lhe que nos primeiros dias não tinha senão que reparar na sua *toilette*.

— O teu serviço, resumir-se ha em muito pouco. Vestir-me e despir-me. O resto do tempo, depois de cuidares do meu quarto, pertence-te. E's livre. Farás o que entenderes.

Quando n'essa primeira noite Garrett che-gou a casa, o creado correu a acender luz no quarto e, conforme as instrucções rece-bidas, postou-se immovel a um canto, Garrett principiou a despir-se, recommendando-lhe que reparasse na ordem com que procedia, Paletot, casaca e collete pendurou os, com cuidado, em cabides differentes. Antes de desfazer o nó da gravata pegou da cabel-leira, collocou-a sobre a chaminé d'um can-dieiro apagado que descansava em cima da bojuda commoda. N'esse instante não lhe escapou um ligeiro movimento de assombro do creado.

Depois, e com um pequeno esforço da mão esquerda, tirou a dentadura que depoz so-bre o lavatorio. O creado estremeceu. Gar-rett, impassivel, como quem não tinha re-parado, sentou-se e já descalço, principiou a tirar a custo as calças. Em seguida, e olhando pelo canto do olho para o pobre rapaz que já tremia, desatou lentamente as postigas barrigas das pernas que, n'uma curva graciosa, mais esticavam as calças es-treitas. Amorosamente estendeu as fôfas almofadinhas sobre um pequeno banco ao lado da cadeira. O creado empallideceu, tor-nando-se livido. Garrett, muito serenamente, levantou-se da cadeira e voltando-se para o rapaz, disse-lhe, fazendo com a mão direita um rapido e expressivo movimento rotativo:

— Agora, Francisco, desatarracha-me a cabeça e põe'ma com cuidado em cima d'aquella mesa!

O pobre pacovio, apavorado e aos gritos, desatou a correr pela casa fóra, batendo em baixo com estrepito a porta da rua, por onde fugiu. Nunca mais voltou a apparecer.

Garrett só lhe pareceu comprida aquella noite pelo muito que lhe tardou referir a comica aventura, em que era o protogonista, aos seus amigos.

Foi com esta superioridade pelas suas proprias fraquezas que Garret, pôde, sem ridiculo, atravessar a vida conservando no seu aspecto exterior a apparencia de moci-dade que sentia, cheia de viço e frescura, no seu sempre apaixonado coração.

Conde d'Arnos

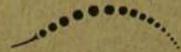


Se algum dia, por caso, na espessura,
Se perder o amor e a afeição,
Tirem a pedra d'esta sepultura,
E em figura de cinza os acharão.

CAMÕES.



Logo que um Perú esteja depennado e limpo mette-se-lhe dentro meio arratel de presunto, e no mesmo presunto uma *moeda de ouro portugueza*, uma pedra d'assucar que peze uma quarta, duas gemmas d'ovos, duas maçãs camoezas, ou um marmello, ou ain-da, duas maçãs azedas. Ponha-se depois o Perú n'uma panella com duas onças de man-teiga de vacca, todos os adubos inteiros, vi-nagre, sal e pouca agua. Quando estiver na panella, depois de barrada, para que não saia o bafo, ponha-se a cozer devagar em lume brando; mande-se á meza sobre fatias, e aspergido de sumo de limão.



BILHETE POSTAL

Meu caro — 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11

Parto hoje para — 4, 7, 6, 9, 5, 4
onde vou visitar o — 11, 3, 4, 2, 10, 5, 7 que
tem estado á morte.

Teu amigo

1, 8, 1, 3, 11

NO CHIADO

O' lama do Chiado, ó lama do bom tom,
Eu quizera fazer-te um bello poema com
A verve de Musset e o rir de Gavarni;
Mas não merece a pena estar a gente aqui
A descobrir, a achar as rimas mais preciosas,
A torcer uma estrophe em espiraes nervosas,
A pôr na reticencia a indiscrição d'um pagem,
A florir n'um bom verso uma brilhante imagem,
E a enroscar n'um idéa um dito puro e fino
Como os ricos florões d'um portal manuelino,
Para no fim de tudo encher uma columna
D'um jornal de dez réis levado da fortuna,
Que amanhã dormirá n'uma tenda boçal
Entre um queijo flamengo e uma ode immortal.

Eu sentia-me até bastante resolvido
A cantar n'este instante algum vergel florido,
Uma bocca escarlate, honesta e virginal,
Uma trança d'aurora, um riso de crystal,
Tudo o que ha de gentil, de luminoso e puro
— Uma cabeça loira ou um trigal maduro,
E Julieta e Romeu na scena da varanda,
Mas precisava ter um bom papel de Hollanda,
Um typo de Elzevir, um optimo editor,
E sobretudo em vez dos olhos teus, leitor,
O fresco olhar azul d'uma pessoa amada,
Que cobrisse da gloria ingenua da alvorada
Os meus versos pagãos cheios de seiva e flores.
E ao toque do clarim e ao rufo dos tambores,
Fazendo telintar as lanças e as esporas,
Eu mandaria então em legiões sonoras
Um exercito ideal de estrophes coruscantes,
Que iriam desfilar esplendidas, radiantes,
Debaixo do balcão d'essa creança...

Em summa

Tenho estado a soprar n'uma bola de espuma,
Que rebentou. Nem sei a transição que fiz
Da lama do Chiado aos sonos juvenis,
Da phrase de Cambrone ao azul da utopia.

Voltemos ao Chiado. E' já quasi meio dia;
Vamo-nos encostar á porta da Havaneza,
E veja-se passar Lisboa, essa burgueza
Que vae de risca ao meio e vae de fato preto
Ao sport da uma hora — á igreja do Loreto.

Alguns velhos leões de nobre gaforina
Onde falta o cabello e sobra a bandolina,
Discutem entre si com toda a auctoridade
Petiscos do Baldanza e córos da Trindade.
Janotas de balcão, Neros hebdomadarios,
Que exercem a virtude em dias ordinarios,
Correndo no domingo ao vicio, aos sorvedoiros,
Lançando-se ás paixões como S. Thiago aos moiros,

Vão meditando já na bachanal tremenda
Aonde á meia noite o dedo da legenda
Escreverá talvez sobre a muralha espessa
Esta negra inscripção: *Dois pintos por cabeça.*

Brunidos de entusiasmo, esplendidos, jocundos,
Provincianos joviaes da Beira Baixa oriundos,
Observam com prazer e muita admiração
Os progressos que faz a civilisação
Na capital do reino.

Exhibem-se os alferes,
O encanto do inimigo e o terror das mulheres...

Nos grupos do Prazer, do Chic, da Finança
Admira-se um cavallo, uma girafa mansa
Que vae trotando.

A missa está quasi a acabar.
A igreja do Loreto é o piedoso *boudoir*
Onde Christo recebe as preces perfumadas
Das almas do bom tom.

Recrusam-se, damnadas,
No insano frenesim da rubra extravagancia,
Preversas multidões puxadas á substancia,
Calcando dignamente as lamas venenosas,
A lama onde os corceis das raças milagrosas
Mais gostam de imprimir a marca das suas patas,
E onde ás 5 da tarde illustres burocratas
Poisam a nobre planta ornada de galocha.

Sinto-me triste. A aurora ingenua desabrocha
Na candura do azul, como uma rosa enorme.
E, emquanto o meu visinho (um brasileiro) dorme
Fazendo variações no cornetim nasal,
Eu filho da Utopia e primo do Ideal
Tenho estado rimando esta canção florida,
Que seria melhor, não sendo tão comprida.

GUERRA JUNQUEIRO.

Um actor, que tem um profundo orgulho
em saber algumas palavras francezas que
aprendeu para ir á exposição de Paris, che-
gado a França, foi jantar a um restaurant
com um amigo, e perguntou ao criado, em
bom francez:

— Que horas são?

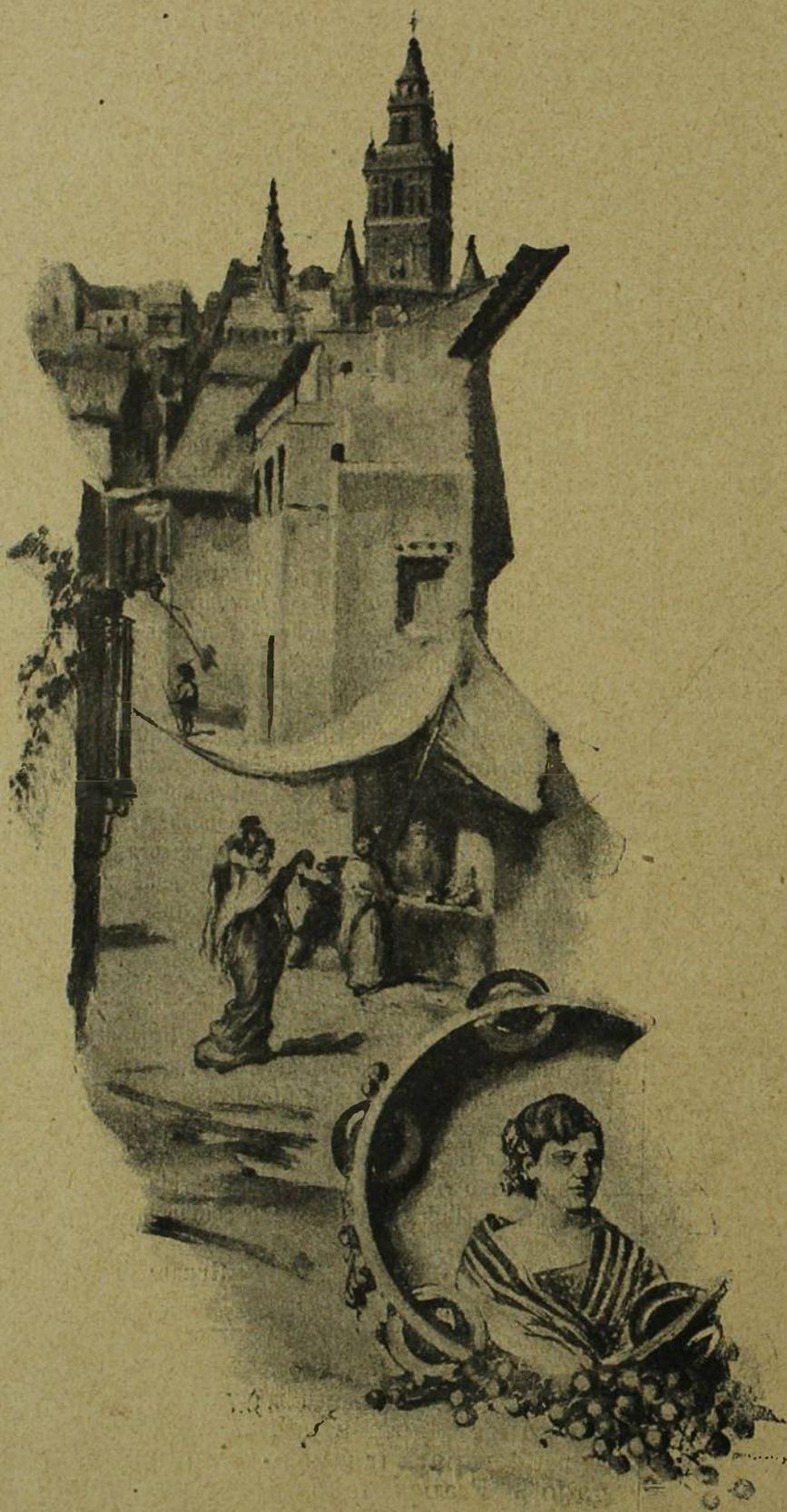
O criado tira o relógio, e vendo que está
parado, diz:

— Tenho o relógio parado.

— Como? exclamou o nosso actor olhando
para o amigo a quem julga assombrar com
o seu profundo conhecimento do idioma de
Voltaire... Já é tão tarde?

O Demi-Monde

definido por Dumas filho



RAYMOND — Mas em que sociedade estamos nós? porque realmente não percebo nada.

OLIVIER — Ah! meu bom amigo, é preciso ter, como eu, vivido muito tempo na intimidade de todos os circulos parisienses para comprehender a côr d'este, e, mesmo assim não é facil explical-o. Diga-me cá: gosta de pecegos?

RAYMOND — De pecegos? gosto.

OLIVIER — Muito bem. Ora imagine que entra um dia na loja de um vendedor de comestiveis, em casa de Chevet ou em casa de Potel, e que lhe pede que lhe mostrem os melhores pecegos. Qualquer d'elles a apresentar-lhe-ha logo um cesto contendo fructos magnificos dispostos a alguma distancia um dos outros, e separados por folhas verdes, a fim de que não possam tocar-se nem corromper-se pelo contacto; pergunte-lhe o preço, e elle lhe responderá, supponhamos, vinte soldos cada um; dê uma vista d'olhos em redor, e verá certamente não longe d'este cesto outro tambem cheio de pecegos inteiramente semelhantes na apparencia, porém mais unidos um dos outros, não se deixando observar por todos os lados, e que o vendedor lhe não offerecera como fez aos primeiros... Diga-lhe então. E por estes quanto pede? 15 soldos — E' de crer que o meu amigo naturalmente o interrogue qual é a razão porque esses pecegos, tão grandes, tão bellos, tão maduros e appetitosos como os primeiros, sejam comtudo mais baratos.

O vendedor pegará n'um ao acaso, e revolvendo-o o mais delicadamente possivel entre dois dedos, lhe mostrará um ponto negro que é a causa da inferioridade do preço.

Isto explicado, saiba meu amigo que se acha na cesta dos pecegos a 15 soldos. As mulheres que vemos teem todas uma falta no seu passado, uma mancha no seu nome; unem-se então umas ás outras afim de que se lhe não veja ou se veja o menos possivel, e com a mesma origem, a mesma exterioridade, os mesmos prejuizos das senhoras da sociedade escolhida, comprehendem que o não são, para formarem uma classe propria, tomarem uma posição equívoca, que não teem nem aristocracia, nem a burguezia, mas que voga, como uma ilha fluctuante no oceano parisiense, e que attrahe, acceita recolhe e admite tudo quanto decae,

do Brasil-Portugal

quanto emigra, quanto foge dos dois continentes, sem contar os naufragios que se encontram de passagem, e que ninguem sabe d'onde vieram.

RAYMOND — Mas onde vive particularmente essa classe?

OLIVIER — Por toda a parte, indistinctamente, porém um parisiense conhece a ao longe.

RAYMOND — E como a conhece?

OLIVIER — Pela ausencia dos maridos. E' uma sociedade de mulheres casadas, porém onde faltam sempre os maridos.

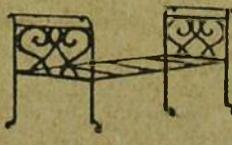
RAYMOND — Mas d'onde vem essa gente estranha?

OLIVIER — E' uma creação moderna. N'outro tempo o adulterio como nós o comprehendemos não existia. Era uma coisa que, como se vê nas scenas de Molière, ridicularisava o marido sem condemnar a mulher; porém depois que o codigo auctorisou os maridos a expulsar do seio da familia a esposa que esquece os seus juramentos e deveres, operou-se uma transformação nos costumes conjugaes, que veio dar origem a uma nova creação social; porque todas as mulheres compromettidas, desquitadas, repudiadas, que seria d'ellas? . . . A primeira que se encontrou n'este caso foi occultar o seu erro e chorar o seu crime n'um retiro o mais ermo que poudo achar; quando houve uma segunda, poz-se esta em busca da primeira, e, quando se encontraram, chamaram desgraça ao que era culpa, e erro ao que era um crime, e começaram a desculpar-se para se consolarem mutuamente; porém logo que foram tres, convidaram-se para jantar, e quando se acharam quatro, fizeram uma contradança. Depois em torno d'estas mulheres vieram grupar-se todas as solteiras que se estrearam na vida com alguma imprudencia — as falsas viuvvas, as falsas casadas que usam do nome do homem com quem vivem, finalmente todas as posições equivocadas de mulheres, que querem fazer acreditar que são alguma cousa, e encobrir o que realmente são. Hoje está uma sociedade numerosa e completa funcionando regularmente e com muitos attractivos para a mocidade, porque n'esta sociedade bastarda o amor é mais facil que na classe superior, e mais barato do que na inferior.

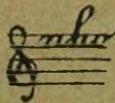
RAYMOND — Mas onde vae isso parar?

OLIVIER — (*senta-se na cadeira*). — E' o que ninguem sabe. Porém debaixo d'esta superficie brilhante de belleza de risos, de amor, de bailes e festins, serpeam dramas sinistros e preparam-se horriveis expiações, escandalos, que trazem ruinas, deshonor de familias, processos, filhos separados de suas mães, e obrigados a esquecer-as cedo para as não amaldiçoar mais tarde. Tudo isto passa até que sobrevêm dos confins do passado, para se apoderarem do futuro, os pesares, os remorsos, o abandono, a solidão. Entre estas mulheres, algumas conseguem achar um homem que teve a loucura de as tomar a sério. Estas fixam-se n'esta sociedade como a sr.^a de Vernaières, e n'ella morrem entre o desejo de subir e o receio de descer. Ou seja que se arrependam sinceramente, ou seja temor do deserto que se fórma em torno d'ellas, imploram em nome dos interesses de familia, em nome de seus filhos, o perdão de seu marido. Ha sempre amigos communs que entrevem, e que apresentam algumas razões justificativas. A mulher está velha, não tornará a dar que fallar de si; estuca-se bem ou mal este casamento em ruina, caia-se a fachada, vão viver um ou dois annos para uma quinta; depois voltam, o mundo fecha os olhos, e deixa penetrar por uma portinha os que fez despedir publicamente pelo portão.

ENYGMATA

5 □ C O^DA  -c+G



DA  (sabbado)



Brasil — DE VOLTA DA FONTE — F. Villaça



Rio de Janeiro — A Bolsa na Rua 1.º de Março

Duas ilhas historicas

DUAS ilhas historicas se miram nas aguas do Mediterraneo em frente de Nice e de Cannes, a vinte minutos d'esta ultima, em uns pequenos vapores que lembram os que costumam transportar-nos para o outro lado do Tejo.

Completamente differentes entre si, essas ilhas, que são deveras curiosas, representam uma, a de *Sainte Marguerite*, o inculto; a outra, a de *Saint Honorat*, a civilização. N'aquella brilha a natureza, n'esta o homem; o matto, que cresce abundante na primeira, lembra-nos o sertão da Africa; as hervas e as flores que se ostentam na segunda, recordam-nos as cuidadas sementeiras dos nossos campos verdejantes; por isso a primeira é uma celebre prisão militar, e a segunda um não menos celebre convento monastico; e emquanto ali, parece echoar ainda o praguejar afflictivo dos martyres, n'esta echoam apenas as preces festivas dos frades que com o seu trabalho, o seu talento, e o seu inexcusable bom gosto, reconstruem a igreja em 1877, e arrancam da terra com a enxada do lavrador, tudo quanto ella lhes póde dar. A ilha de Santa Margarida é uma floresta antiga, a de Santo Honorato, um jardim moderno, e cada uma d'ellas deixa no espirito dos que as visitam uma impressão completamente diversa, perfeitamente unica.

Quando o vapor atracou á primeira, saltei muito lepido como se tivesse medo de não encontrar em casa o Bazaine ou o Mascara de ferro; logo atraz puzeram pé na ilha duas senhoras, sobraçando um pequeno cesto elegante, semelhante aos que as creditas francezas levam ao mercado. Voltei-me, e parei para as deixar passar. A pressa com que iam, mostrava-me que conheciam o terreno para mim até ali absolutamente desconhecido, e desde logo fiz tenção de as não perder de vista. Voltaram á esquerda e galgaram em direcção ao castello, que no abandono nos faria lembrar Leiria, Pombal e tantos outros, se não avistassemos logo a espingarda de uma sentinella.

Entraram e eu entrei tambem, não tardando em vir ao nosso encontro uma velhota amavel como todos os cicerones em França.

que nos encaminhou para os *quartos* da prisão.

— Aqui esteve o *Masque de fer*, e aqui está ainda a cadeira em que elle se sentava!

Pela fresta aberta no rochedo, entrava pouca claridade, mas em compensação entrava um bello fresquinho de janeiro, que nos lembrava que já não estavamos no littoral.

Ou pela corrente do ar, ou pelas recordações historicas do personagem citado, sentimos um calafrio em todo o corpo, pensando como é que um ente humano que passa 40 annos da sua vida preso, poderia ter resistido a 12 annos de clausura, n'aquella fria masmorra, ouvindo a todo o instante o bater compassado das ondas no rochedo, sentindo a agua resvalar fria por aquellas pedras que resistiam ao tempo e ao fogo, ás balas das metralhadoras, a tudo, menos ao frio do inverno! Brrr... Brrr e levantámos a gola do nosso casaco.

— E quem era o *Masque de fer*? perguntámos então á mulhersita.

— Ao certo não sei dizer-lhe.

Não era positivamente esta a resposta que ambicionavamos.

O *Masque de fer* que eu queria não era o da historia, era o d'ella, e por isso insisti na pergunta.

— Parece que era um irmão gêmeo de Luiz IV.

Bastava-me. Em boa verdade, era essa a versão mais poetica de todas as da historia, era essa a unica mesmo que convinha a um cicerone. Julgal-o um criminoso, era dar cabo de uma lenda que o transformava em martyr, e era como martyr que eu o queria. ali n'aquelle local verdadeiramente desolado e triste.

— Irmão, mas não gêmeo, irmão natural, simplesmente, interrompeu uma das minhas companheiras. Era uma rapariga alta e forte, muito branca e muito loura, perfeito typo do norte, sorrindo sempre como quem sabe que tem bonitos dentes e fallando francez como quem tem a certeza de que falla bem.

— Se eu fosse descendente do duque de Buckingham, minha senhora, defenderia Anna d'Austria contra a sua phrase.

— Contra Richelieu, é que quer o senhor dizer, replicou-me ella sorrindo; e encaminhando-se para a prisão onde esteve Bazaine, accrescentou baixinho:

— Veja lá como se porta agora, a respeito do marechal francez. Olhe que eu sou sub-

dita de Sua Magestade o Imperador da Allemanha.

— Nada receio. Para mim, o marechal foi mais infeliz do que criminoso... E note-se que não estive com elle em Metz.

A prisão é igual á outra e, como ella, abre em frente para o rochedo. Dois minutos de observação e sahimos.

A guarda do Castello, que tinha desapparecido, esperava-nos á porta com o livro dos visitantes para nos inscrever, o que fizemos, deixando no melhor da nossa calligraphia a nossa nacionalidade, que ninguem sabia bem onde ficava, se na Hespanha, se no Brasil, o que me revoltava desdenhoso pelos conhecimentos geographicos d'aquella gente, e fizemo-nos ao largo, como se diz em estylo marinho, isto é, entrámos na floresta, embrenhámo-nos no matto, eu e as minhas duas companheiras, que se sentaram perto de um pinheiro, abriram o cesto e começaram a devorar com um bello appetite fartas sandwicks acompanhadas do indispensavel Bordeus! A conversa começou pela mutua apresentação de nossas respectivas pessoas: eu era portuguez, nascido na capital de um paiz que não pertencia á Hespanha, que pelo contrario tinha, 248 annos antes, repellido o jugo dos Philippinos; ellas eram hamburguezas, filhas da cidade industrial por excellencia.

Entre nós havia um grande abysmo, era o Tejo, cuja existencia ellas ignoravam, naturalmente, para não ferirem as susceptibilidades do seu Elba; entre ellas, havia tambem outro abysmo, o seu temperamento, que fazia de uma — cujo perfil traçámos já, uma *bas bleue* — e da outra uma collegial acanhadissima — cuja voz me foi impossivel ouvir. Verdade seja que a sua companheira não lhe deixava tempo para fallar, porque tinha arrematado toda a conversa: contava, perguntava, respondia, commentava, applaudia, censurava, indignava-se, enthusiasmava-se, ria-se, elevava ás nuvens tudo quanto era allemão, desde o ensino pratico das escolas até ao porte galhardo dos soldados, deprimia tudo quanto era francez, abrindo apenas uma excepção para um francez que então estava passando o inverno n'uma pittoresca villa, perto do Boulevard de la Croisette, francez cuja desgraça ella chora naturalmente hoje: — o pobre Guy de Maupassant!

Meia hora depois, o vapor conduzia-nos á ilha de Santo Honorato, onde logo á entrada se passa por baixo de um portal em pedra,

que é quasi um monumento, e no qual se lê esta inscripção latina: *Pulchrior in toto non est locus orbe Lerina — Dispeream hic si non vivere semper — Amen...* O terreno é firme, limpo, bella estrada como se a ilha tivesse deputado seu, cercada de ambos os lados por boas plantações. A' direita deparam-se-nos uma mesa e bancos de pau: é um restaurante improvisado ali, pittorescamente, para commodidade dos visitantes, um retiro apropriado ao antigo Vicente das feiras nacionaes que mandava fazer alto frente a todos, para rimar com o nome, em réclame ao peixe frito. A especialidade da ilha é um licor feito pelos frades, muito parecido com o do Padre Kerman em sabor, e nas côres — amarello e verde, licor que tem um consumo doido em toda a França, especialmente nas cidades do littoral e ainda nas do sul da Italia. A' esquerda, a entrada conduz nos ao convento fundado pelo Santo de quem a ilha guardou o nome, em 410. Parte d'este está em ruinas, excepção feita da Torre que se ergue altiva em frente da capella, espelhando-se nas aguas do Mediterraneo; a capella toda em cantaria faz lembrar a Sé de Lisboa, em ponto pequeno, não pela imponencia mas pelos arcos que sustentam a abobada, sob a qual, no momento em que entramos no côro — privilegio que ao sexo fraco não é dado — resavam padres e frades, separados por uma grade de madeira.

A egualdade prégada pelo bom do Nazareno, como se vê, até de portas a dentro dos conventos soffre correctivo. Os frades padres estão sentados, tendo em frente, em estantes monstras, os missaes e os evangelhos; os frades que não teem corôa, os que andam pelo campo, cuidando da lavra e da flora, os verdadeiros auctores da transformação d'aquella ilha, esses assistem de pé ou de joelho aos officios religiosos. Emquanto os outros se escondem nas suas cellas, sósinhos com os livros, ou entregues á sua eterna meditação monastica; estes trabalham sem descanso, cosinham uns, outros lavam, aquelles plantam, estes regam, são carpinteiros, pedreiros, floricultores, architectos, varredores, carregam, cosem, engomam e fazem tudo, substituindo com o seu trabalho incansavel, desde a delicada tarefa da mulher nos arranjos domesticos, até ao pesado mister de moços dos recados, sahindo a miudo da ilha, que é, por assim dizer, a verdadeira casa d'elles — emquanto o convento é a casa dos

padres — para atravessarem o Mediterraneo e indo até ás margens do littoral abastecer-se no mercado que fica tão distante do mar como do Tejo, a nossa antiga ribeira. São ainda esses que acolhem os visitantes, que os instruem, que lhes mostram as capellas e os jardins, que lhes vendem o licor, que fazem citações historicas, que narram pormenores da vida monastica dos outros, que nos põem ao facto de toda a sua obra. Em tudo pensam e de tudo sabem. Sempre em carola, como os estudantes de Coimbra, com as suas vestes amarellentas, e grossos cordões pendendo a cruz, cabello rapado, alguns descalços, faça frio ou calor, chuva ou bom tempo, elles são a um tempo n'aquelle seu pequenino paiz, rodeado pelo Mediterraneo, Reis e vassallos; policiam, julgam, condemnam, são medicos e enfermeiros, gatos pingados e coveiros, e acima de tudo isto patriotas exaltados, defensores entusiastas da sua patria, que é a sua ilha, de cuja defeza militar não descuraram tão pouco, porque lá fomos encontrar devidamente armada a velha e arruinada fortaleza.

Que contraste singular formam essas duas ilhas, uma habitada por tres soldados, um cabo, e uma velhota e outra povoada simplesmente por uma familia numerosa, que dividiu todos os seus filhos pela administração civil e ecclesiastica do seu fecundissimo solo. E que maior contraste ainda fazem ambas, na sua solidão, com o reboiço mundano das cidades do outro lado do Mediterraneo, onde o commercio foi accordar no mais recondito da civilisação, novas fontes de prazer e de vicio.

João Costa.

A civilisação não deve consistir em conhecer as leis da natureza e violar as leis da justiça.

ETIENNE LAMY.



Os prodigos não pensam nunca no dinheiro que teem, e ainda menos no dinheiro que devem.

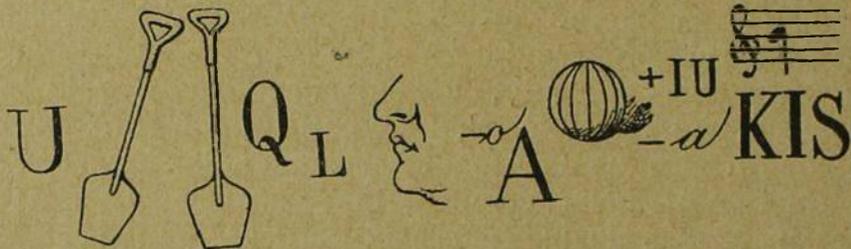
ANATOLE FRANCE.

Charada

Marianna diz que tem
Sete saias de balão,
Que lhe deu um caixeirinho
Da gaveta do patrão. -- 2

A menina vae ao baile
Leva saia de balão.
Brinquem todos, todos, todos
Brinquem todos quantos 'stão. -- 2

Quem me dera ser casada
Para estar sempre entretida
Pois a vida dos casados
E' a mais alegre vida.



Carta aberta a uma mulher loira

Não esperas, decerto, o madrigal calçado
D'ouro e seda, nervoso, excessivo e ardente,
Porque não podes ter, incontestavelmente,
A estranha pretensão de me ter conquistado

Tu, que arranjaste um olhar de mulher perigosa,
Preciosissimo ar, irritantissimo ar,
Cravando-me no peito as garras côr de rosa,
Nem tiveste poder para me apaixonar!

Pedir-te amor, não peço, — embora reconheça
Que não o tens negado a muita gente peor...
Mas bem vês: nem o amor é coisa que se peça,
Nem eu me baixaria a mendigar amor.

Sendo tu irritante, a mais não poder ser,
Desde a bocca pintada até ao braço nú,
Eu tenho, minha filha, o exquisito poder
De ser mais irritante ainda do que tu.

No amor proprio que tens, alguma coisa falta,
Especie de bonéca, especie de rainha:
Porque a tua vaidade, apesar de ser alta,
Tem muito que subir, para alcançar a minha!

JULIO DANTAS.

O lago de Genezareth

O lago de Genezareth é a joia da Galiléa. Não é uma saphyra sempre azul: as suas aguas parecem-se com a opala de reflexos cambiantes. Quando o céu n'elle se reflecte, brilhante de branca luz, apparece toda a alvejar tambem, como a neve do Hermon.

O olhar não distingue já onde é que o lago acaba e onde principia o céu. As collinas das duas margens adoçam, affastando-se, as suas arestas e o seu matiz. As mais proximas tingem-se com uma côr de violeta sombria, as mais distantes com um azul pallido. A' tarde, depois do pôr do sol, o lago parece adormecido, as suas aguas sem rugas, presas, tomam umas tintas metallicas. Visto na sua largura, confunde-se com a terra; uma linha brilhante como uma lamina de aço mascara a praia. As collinas reflectem-se vagamente em largas faxas violaceas, assetinadas, n'um fundo verde. Por instantes, desce um sopro da montanha e franze, sem a perturbar, a bella toalha immovel; é como que um frémito. A' medida que o dia declina, as côres do lago apagam-se a pouco e pouco, e perdem-se n'um cinzento roxo, como o céu. Ao nascer das estrellas, a brisa refresca, a vaga quebra-se nos seixos, acaricia as moitas de eloendros e agita os grandes cannaviaes. Os antigos, diz-se, tinham-lhe chamado Kinnerot, porque tinha a forma de uma harpa, o «Kinnar» dos Hebreus. D'elle tem a harmonia.

PADRE DIDON.

— Então que resultado tiraste tu da côrte que estavas fazendo á filha d'aquelle ricasso muito bruto?

— Não tirei tão bom resultado como suppunha. Pedi ao pae a mão da filha, e elle respondeu-me com o pé.

ORIGEM DO AMOR

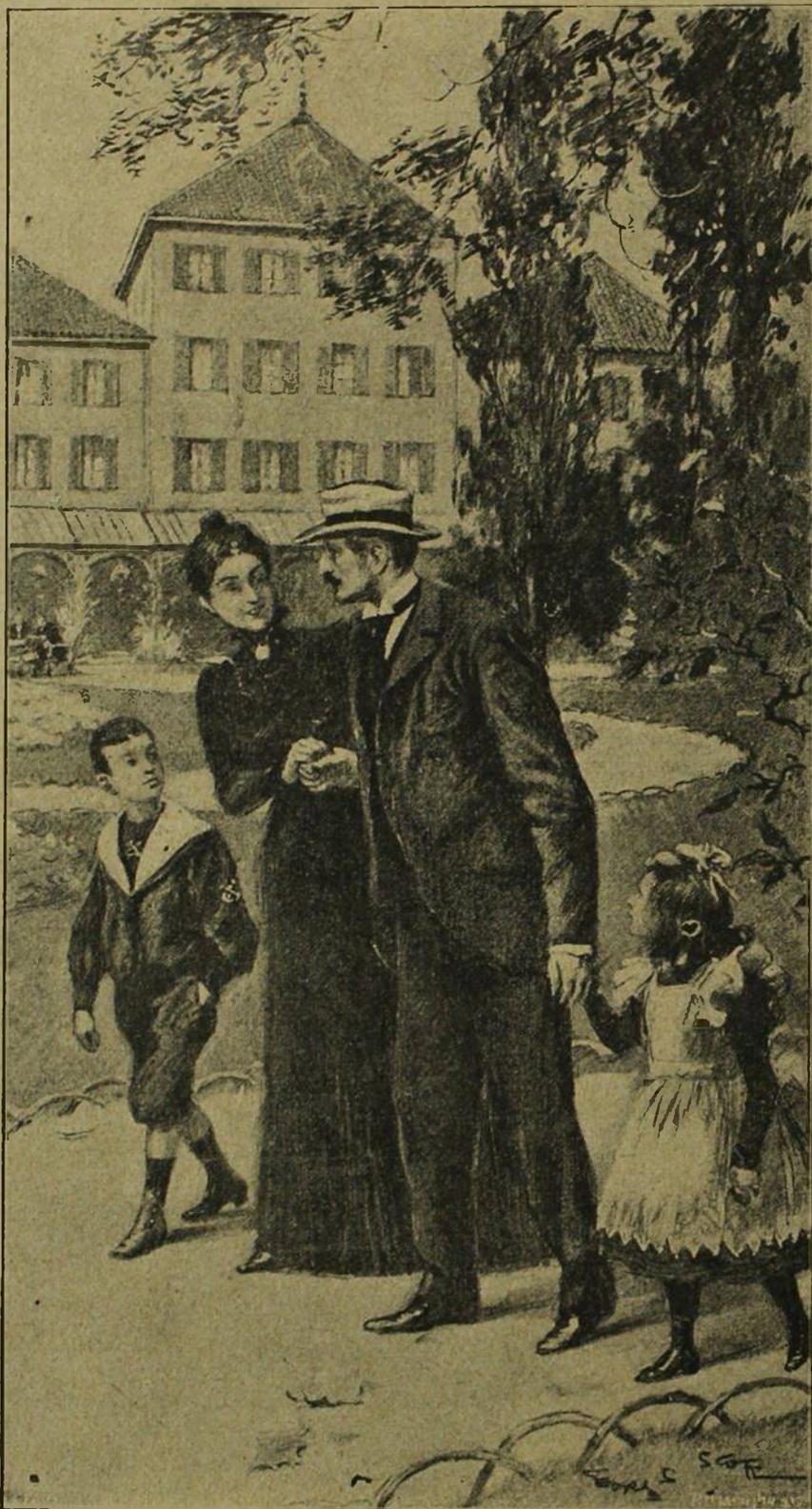
Que o amor é filho de Venus
Ensina a mythologia;
Mas historias! Não é tal.
Sobre a questão ouvi sabios,
Consultei bons alfarrabios,
E conheci afinal
Que a mãe d'elle, a verdadeira,
Aqui baixinho... E' a asneira.

CONDE DE MESQUITA.



D. ALEXANDRE DE SALDANHA DA GAMA

E' o actual chefe do partido miguelista em Portugal. Relativamente novo ainda, pois conta apenas 50 annos, foi escolhido ha annos pelo Sr. D. Miguel de Bragança para seu Logar-tenente.



O capitão Deyfrus depois do indulto acompanhado da esposa e filhos

Alli vi o maior bem,
Quão pouco espaço que dura,
O mal quão depressa vem,
E quão triste estado tem
Quem se fia da ventura.

CAMÕES.

NOVISSIMAS

E' instrumento para quem tem
o ouvido muito apurado. — 3, 1

Este sacco que eu tenho é de
bonita côr. — 2, 2

Na musica é triste e grosseiro.
— 1, 2

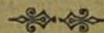
Existe em Aveiro o esconderijo
d'este animal. — 1, 2



LOGOGRIPHO

O José vae para a festa — 1, 2, 8, 5, 9, 12
Co' uma conchinha na mão — 3, 9, 4, 9, 10
A mulher diz ser a concha — 6, 10, 11, 19
Que nos livra do tufão — 1, 2, 10, 9, 4, 9, 7

Eis aqui um empregado
Que foi pago pelo Estado.
Pois já teve occupação
Em qualquer repartição.



BILHETE POSTAL

Amigo — 9, 7, 6, 4, 1, 10

Fui hontem ver o 1, 2, 3, 4, 5, 6,
7, 8, 9, 10. Antes não fôra. Encon-
trei-me lá com o 8, 9, 7, 6, 5 e...
fomos ás do cabo. Avisa teu 8, 7,
6, 9, 5 de que preciso fallar-lhe.

Teu

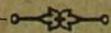
2, 8, 6, 4, 3, 2, 10



Africo-novissimas

Arrecada no armario a tua rou-
pa — 2, 2.

Na Ribeira houve desordem com
este homem — 1, 3.



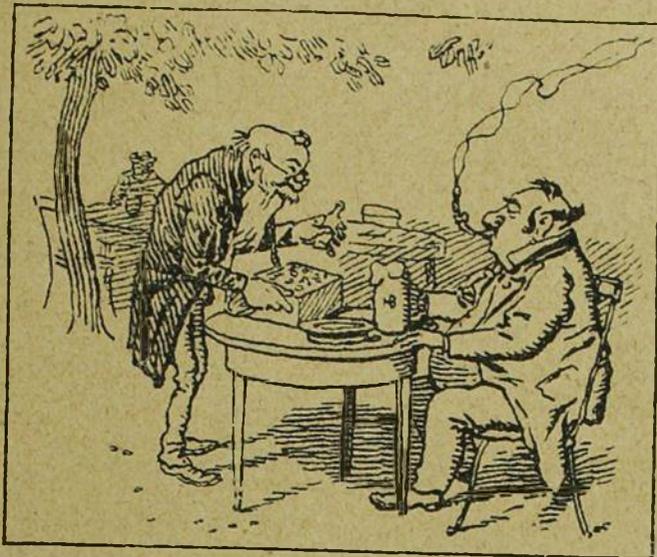
Logogripho rapido

1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8
A machina

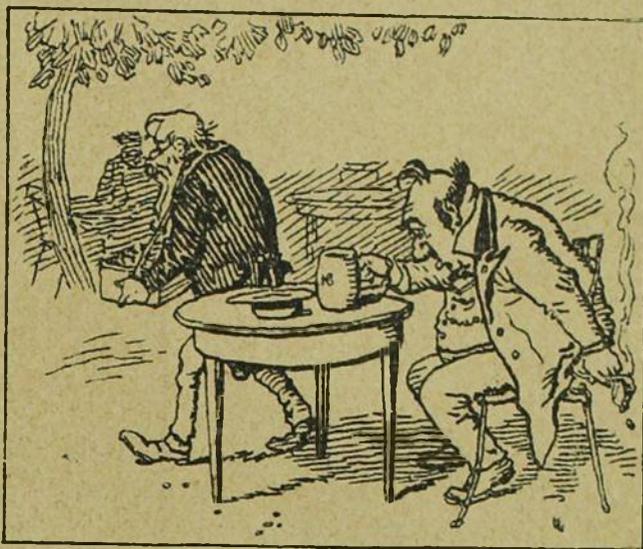
9, 10, 11
corre

atraz d'este soldado.

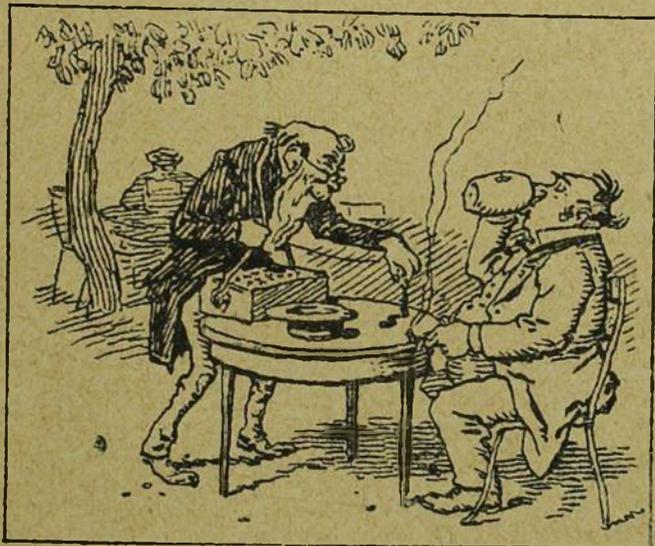
O verdadeiro colla tudo



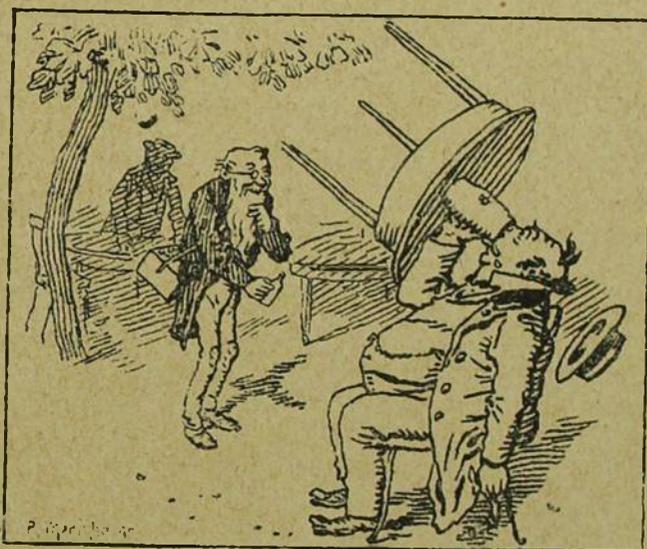
1



3



2



4

CHARADAS

1

Instrumento bem vulgar — 1
Que a mais pobre casa tem.— 2
Embarcação regular
Que no mar navega bem.

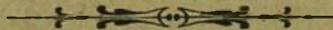
2

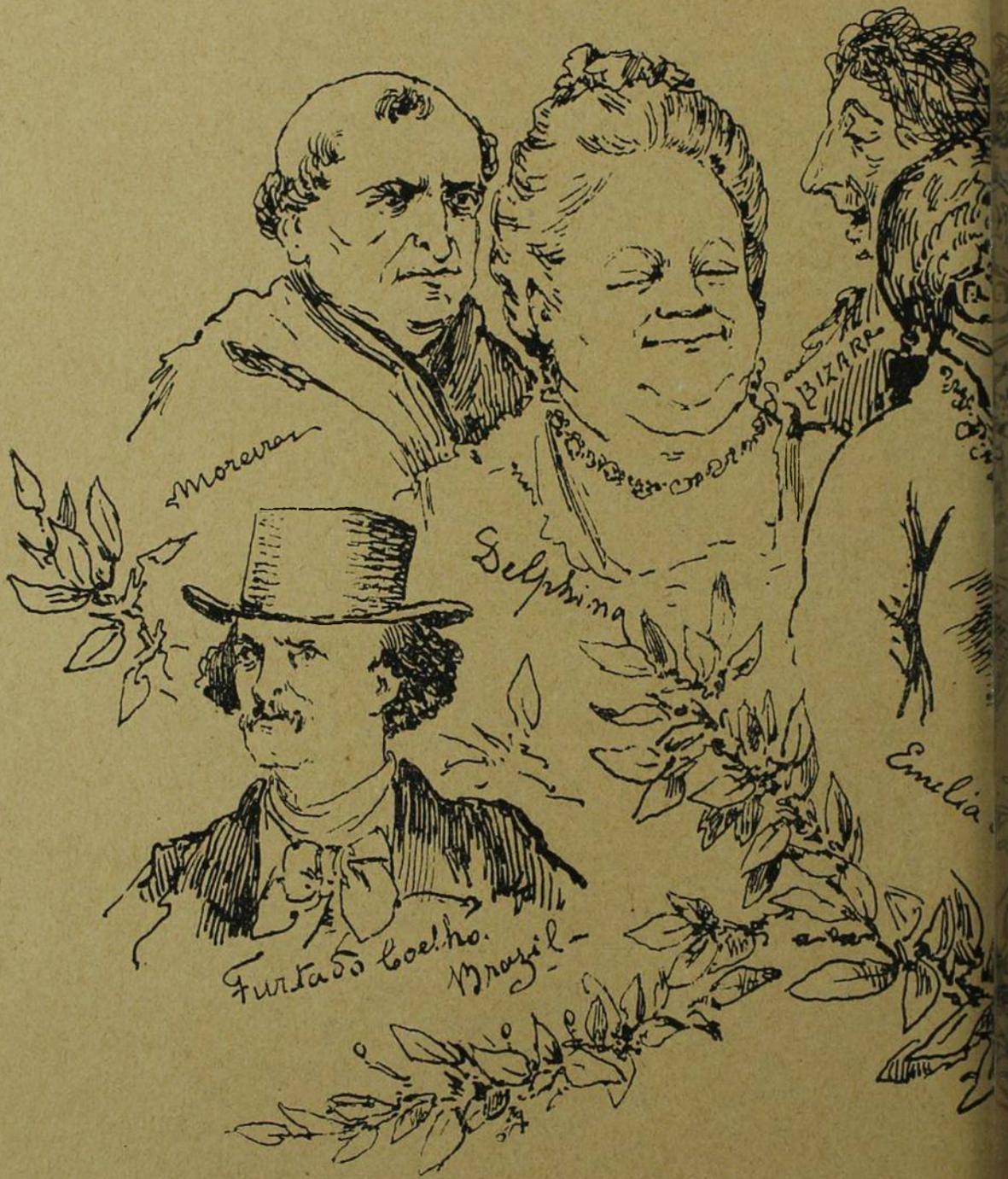
Na primeira tem um jogo — 2
Na segunda tem medida.— 1

E' signal de cortezia
Para gente conhecida.

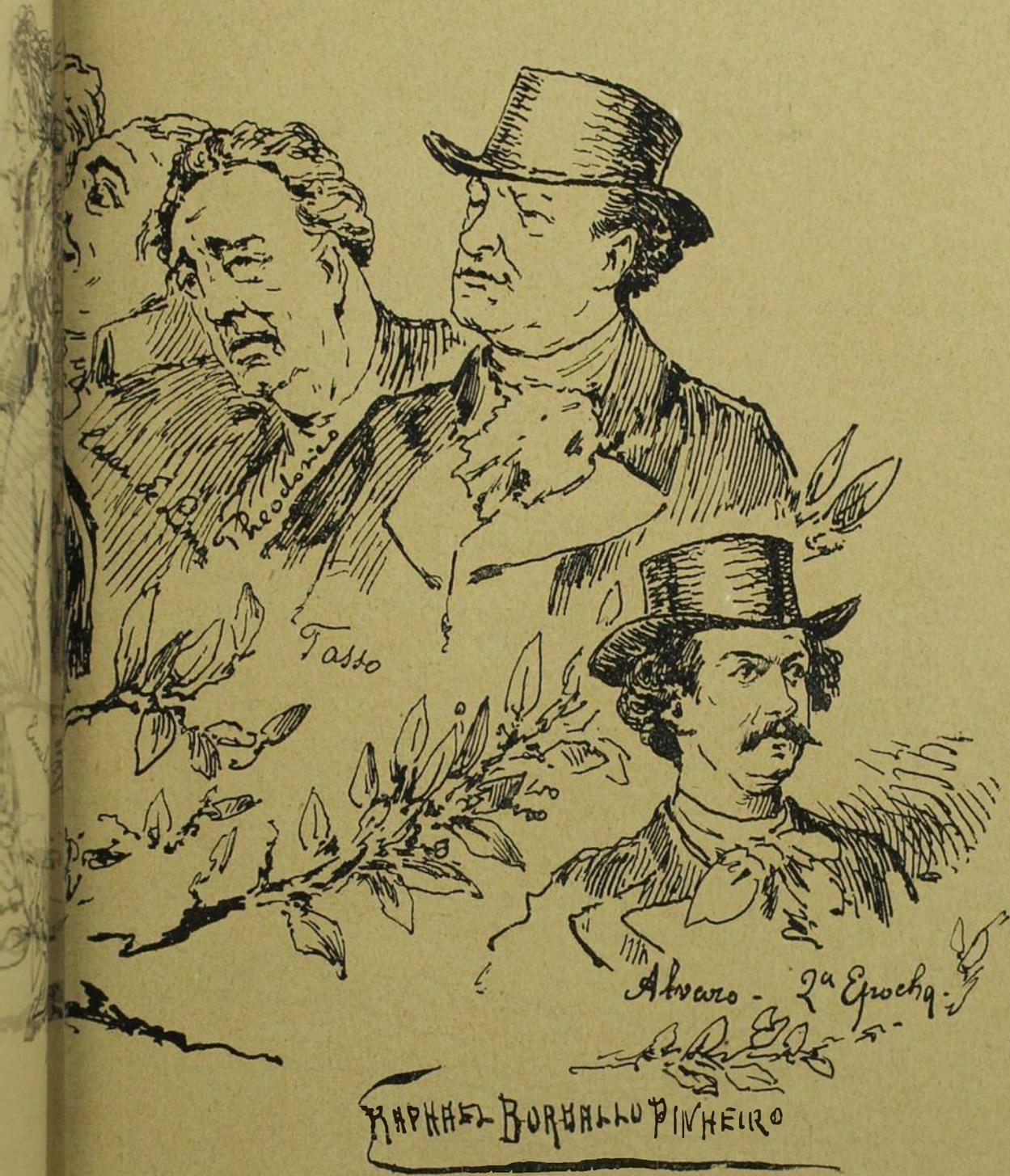
3

Marianna tem na quinta — 2
Uma palmeira gigante,— 2
Que foi hontem transportada
Por carregador possante.





Os primeiros interpretes da MORGADINHA DE VALFLOR, de Pinheiro C...



representada pela primeira vez a 3 d'abril de 1869, no theatro de D. Maria



Historia de ladrões

— Minhas senhoras, principiou Ver-teuil, o que eu vou contar é uma historia de ladrões; mas apesar de eu ter apenas oito annos quando me succedeu, os rapazes pequenos não serão capazes de a perceber.

Ora n'esse tempo, tinha eu muito medo á noite, e meu tio, um digno homem, fazia-me dormir no seu quarto, n'uma cama que se armava de proposito, durante o mez todo que eu passava annualmente na sua casa de campo.

Eu tinha uma tia, tambem, uma encantadora madrinha! Como podem imaginar, minhas senhoras, um rapazito de oito annos, por mais medroso que seja, resigna-se a estar só se se dirigem ao seu bom coração. Ora eu percebi perfeitamente que a minha madrinha tambem havia de ter medo sósinha no seu grande quarto, e, escondendo a cabeça debaixo dos lençoes, perdoava a meu tio ir de vez em quando socegal-a.

Demais, como eram todos meus amigos, e como afinal de contas a minha tia

era uma pessoa crescida muito capaz de se defender contra os ladrões, deixavam-me só o menos vezes possivel.

Ora n'essa noite dormia eu a bom dormir quando me acordou em sobresalto um rumor de vozes.

No meio do quarto estava um homem com uma espingarda na mão.

Eu ia dar um grito, mas elle fez um movimento e reconheci Morin, o cocheiro.

— Falle mais baixo, disse meu tio que se vestia rapidamente, o pequeno tem medo.

— Vi-o atravessar o pateo, tornou Morin, porque eu tinha-me levantado para ir prender um cavallo, os cães rosnavam já havia cinco minutos, vi o homem deslizar ao longo da parede, parar diante da janella, abrir as persianas que de certo se tinham esquecido de fechar, e saltar para dentro.

Não quiz dar o rebate muito cedo, era melhor apanhal-o na ratoeira. Subi para a janella um minuto depois. A porta da sala ficára aberta; ouvia-o agora a subir a escada. Elle ia muito devagarinho. Tirei ás apalpadellas uma espingarda do armeiro do vestibulo. Quando chegou ao primeiro andar, o homem enfiou sem hesitar pelo corredor da esquerda, e parou diante do quarto da senhora...

— Que dizes tu? perguntou meu tio com voz surda. Deixou cabir o *paletot* que ia enfiar, e, tirando um *revolver* da sua secretária:

— Porque não atiraste?

— Primeiro julguei que não seria um ladrão, mas elle só queria escutar se a senhora dormia, porque continuou a andar, e só parou ao fundo do corredor diante da porta da livraria, abriu-a e entrou...

— Está bom! interrompeu bruscamente meu tio; pega n'um castiçal, e vem comigo.

Sahiram.

Podem imaginar, minhas senhoras, como eu ficaria assustado na minha cama, depois de semelhante dialogo.

Entendi logo que não estava em segu-

rança debaixo dos meus lençoes, e, saltando para o chão, em camisa, e todo a tremer, metti-me pelo corredor para ir ter o mais depressa possivel com meu tio e com Morin.

Com muito custo, guiado comtudo por um raio de luar, cheguei ao quarto da minha madrinha. Ali, porém, esperava-me outro susto.

Sahiu de lá um homem de repente, deu-me um encontrão e desapareceu na escada.

— Soccorro, ia eu a gritar. Mas senti-me arrastado de subito, emquanto uma voz meiga me dizia muito baixinho:

— Henrique! meu filho! cala-te! cala-te!

Depois ouvi correr um ferrolho, e, um pouco mais socegado, reconheci á debil claridade de uma lampada quasi extincta, a minha madrinha ajoelhada ao pé de mim.

— Abre! gritou de repente meu tio, abre!

— Henrique, murmurou ella, peço-te, supplico-te, dize que não ouviste nada, senão estou perdida.

— Não queres abrir? tornou a voz furiosa do meu tio, pois nós vamos vêr. Ajuda-me, Morin!

Saltaram fechadura e ferrolho, e elle fechou-se no quarto de revolver em punho.

Ficou de certo prodigiosamente espantado de me encontrar ali, porque esteve os seus dois minutos de bocca aberta, emquanto o desconfiado Morin revistava todos os cantos com o seu castiçal.

— Como estava aqui o pequeno? interrogou elle emfim: estava aberta a tua porta? Vamos, responde!

— Veio chamar por mim todo assustado, e disse-me que tu andavas á procura de um homem, de um ladrão.

— E não viste nada?

— Nada.

— Porque é que te fechaste? Porque é que não respondias?

— Ainda o perguntas? Com esta criança aterrada? E eu? Cuidas que fiquei muito tranquilla depois do que elle me disse?

Elle foi silenciosamente á janella e abrio-a. As vidraças estavam fechadas.

Voltou para mim:

— E tu, Henrique, ouviste bulha? viste alguem no corredor ou n'este quarto?

— Que queres dizer? perguntou elle.

— Deixa fallar a criança.

Eu não percebi lá muito bem porque é que a madrinha conhecia um ladrão, e porque é que estava perdida, se eu dissesse que o tinha visto, mas eu era muito amigo d'ella e já não tinha medo.

— Eu não vi nada! respondi eu.

— Ah! disse simplesmente meu tio, e pareceu respirar mais livremente.

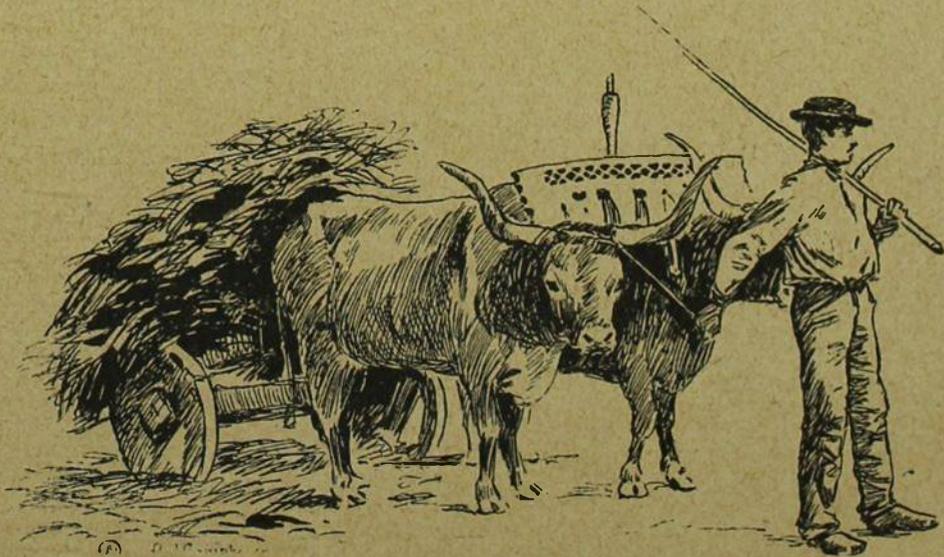
— Afinal de contas, murmurou Morin, o homem escapou-se.

— Acorda os criados, tornou meu tio; vamos revolver tudo. Mas tu estás certo de ter visto bem?

— Deixa Henrique esta noite commigo, interrompeu minha madrinha. Não m'os faças morrer de medo com essa historia de ladrões.

Não se encontrou ninguem. Já o suspeitavam, não é verdade?

Com a curiosidade das crianças, pro-



curei perceber o que se tinha passado, e à força de matutar, adivinhei. A minha tia de certo que tinha que dizer a esse ladrão alguma coisa muito mysteriosa e muito importante; vendo-o descoberto, e, percebendo bem que iriam ter primeiro á casa para onde o tinham visto entrar, abria-lhe a porta do seu quarto enquanto Morin ia avisar meu tio. Eu chegára a tempo exactamente de assistir ao feliz desenlace d'este drama.

A minha madrinha déra-nos verdadeira prova de um grande sangue frio, e não se espantam de certo, minhas senhoras, de eu lhes dizer, que soube d'ahi por diante fazer seu marido feliz.

Depois d'essa noite, concluiu Verteuil, meu tio deixou de ter grande confiança em Morin, a minha madrinha afinal conseguiu que meu tio o despedisse, affirmando que um cocheiro sujeito a allucinações era muito perigoso para os seus amos.

JACQUES LOZÉRE.

Novissimas

A nota alegre toca-se em casa da ladina — 1, 1, 2.

Em Ovar, no outomno, ha uma cobra que imita o zurrar dos burros — 1, 1, 3.

Nota que é de todos em França — 1, 3.

Charadas

I

Fazer posso um juramento
E com elle eu provarei
Que a mulher que lhe apresento
Filha foi d'um nosso rei — 3

Tanto o caso é verdadeiro
Que eu podia mais jurar
Que aos nascidos em Aveiro
E' mui facil de encontrar — 2

Entretem vêl-a passar
Seja tarde ou de manhã
Para mais indo a rufar
Rantamplan tanplan planpan.

Quadras para a guitarra

I

Vão as pombas pelo ceu,
vão as canções pelo ar,
vae na dança, junto ao meu,
o coração do meu par.

II

Se eu chegasse a ser estrella
e a brilhar no azul dos ceos,
eu dava todo o meu brilho
só por um beijo dos teus.

III

Quando me tentas fitar
meu peito envolve-se em dor,
que os raios do teu olhar
são como espinhos de flor.

IV

Meus olhos sentem-se presos,
mas não choram na prisão;
deixal-os andar, deixal-os,
presos no teu coração.

V

Perguntou-me um labio amado
porque não choro e só canto:
— E' porque eu guardo o meu pranto
para chorar o passado.

VI

Póde soluçar o lyrio
e o branco jasmim florente;
chore quem quizer, eu canto
porque me sinto contente.

VII

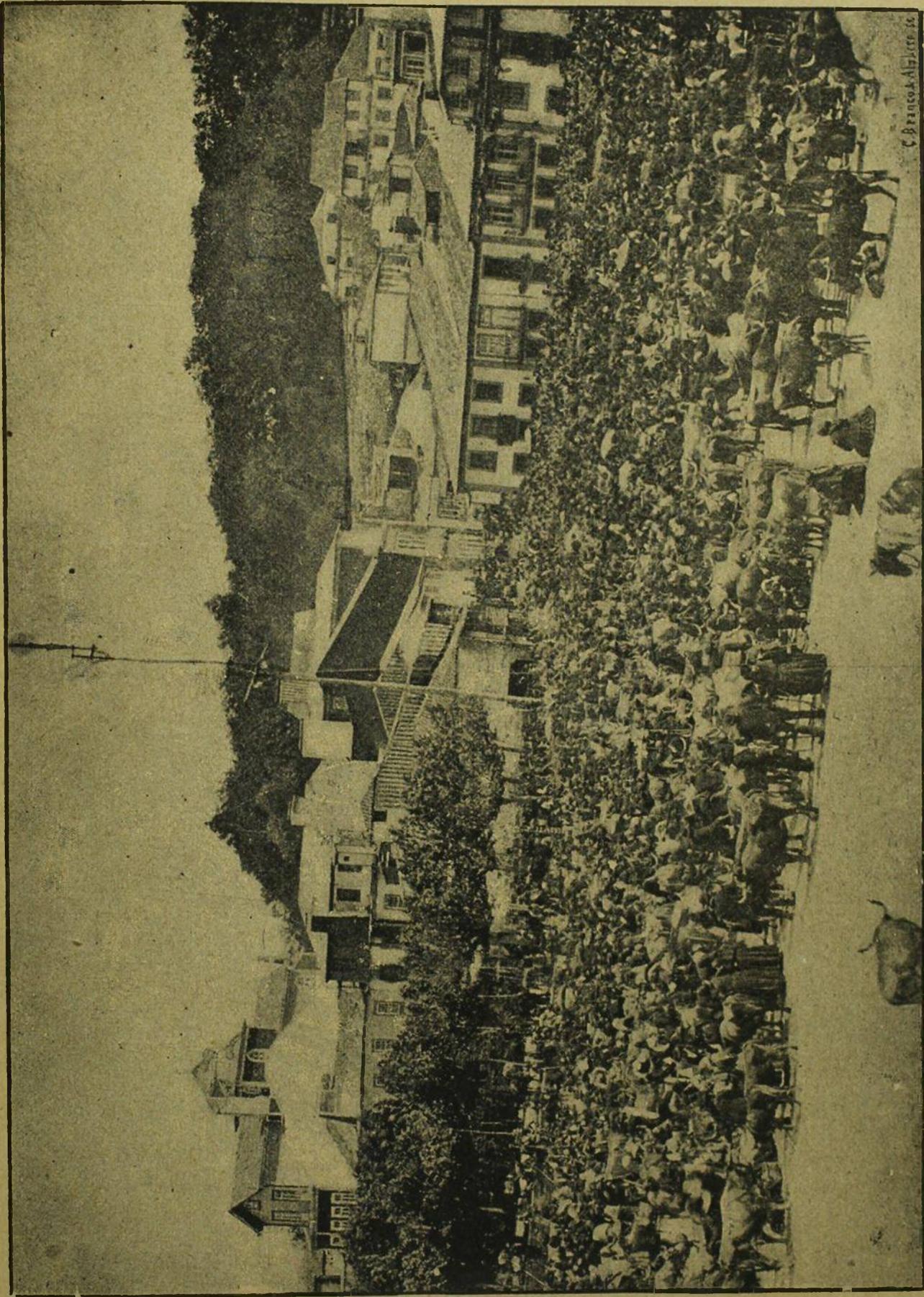
A luz, que tem sete côres,
com ellas não me seduz,
que o olhar dos meus amores
é mais brilhante que a luz.

VIII

Lanço meus olhos em volta,
lanço beijos em redor;
eu quero ver se conheço
o rosto do meu amor.

IX

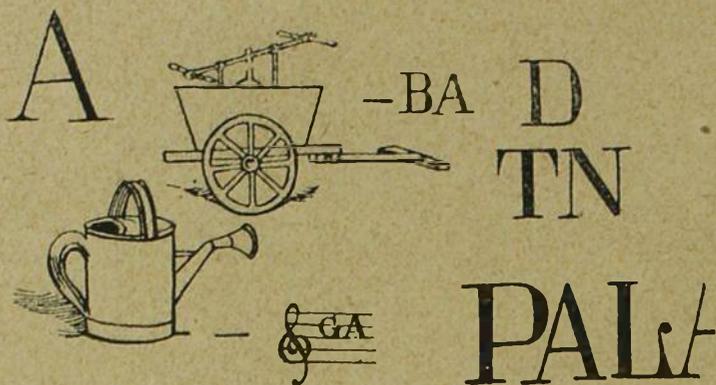
Quero envolver-me nas maguas
do teu seio que perfuma,
como se envolvem na espuma
as plantas filhas das aguas.



C. Branco & Albriter 16

Uma feira de gado

ENYGMATA PITTORESCO



Manhã cedo

O moinho a trabalhar, vellas alvas, esguias, enfunadas de bom vento e cortadas no azul luminoso como as de navio em alto mar.

O sol subindo; uma bella manhã de maio, tepida e socegada, arvores cobertas de flôres e prados e montes vestidos de seus mantos mais verdes. Frescas raparigas com grandes fornadas á cabeça, e creanças — é quinta feira — com saquitos inchados de milho, veem pelo carreiro em zig-zag que sobe da aldeia. Entram no moinho:

— Bons dias, tia Zefa; bons dias, tio Antonio.

— Bons dias, bons dias.

O moço, em mangas de camisa, cabelleira negra empoada, enfarinhado e risonho — olé cachopas! — ajuda-as a poisarem os saccoes que ellas vão alinhando ao longo das paredes, como os cantaros nas fontes. Riem, conversam, falam muito.

E o moinho a trabalhar *rrequé, rrequé*, as mós rodando, enquanto o milho, de cima, vae cahindo com o som de agua sobre ellas, saltando, correndo, girando e logo sumindo-se por entre a pedra que o tritura...

Esperando vez, vem tudo para o sol. As creanças, brincam por debaixo das arvores, jogam o pião, fazem correrias: e as raparigas, ageitando as saias, sentam-se ao pé do velho veterano — physionomia aprazivel, grandes bigodes brancos — sentado na sua cadeira, á porta do moinho, fumando sempre no seu cachimbo de barro, sempre, imperturbavelmente.

— Eh, tio Antonio — dizem-lhe ellas — que bom sol!

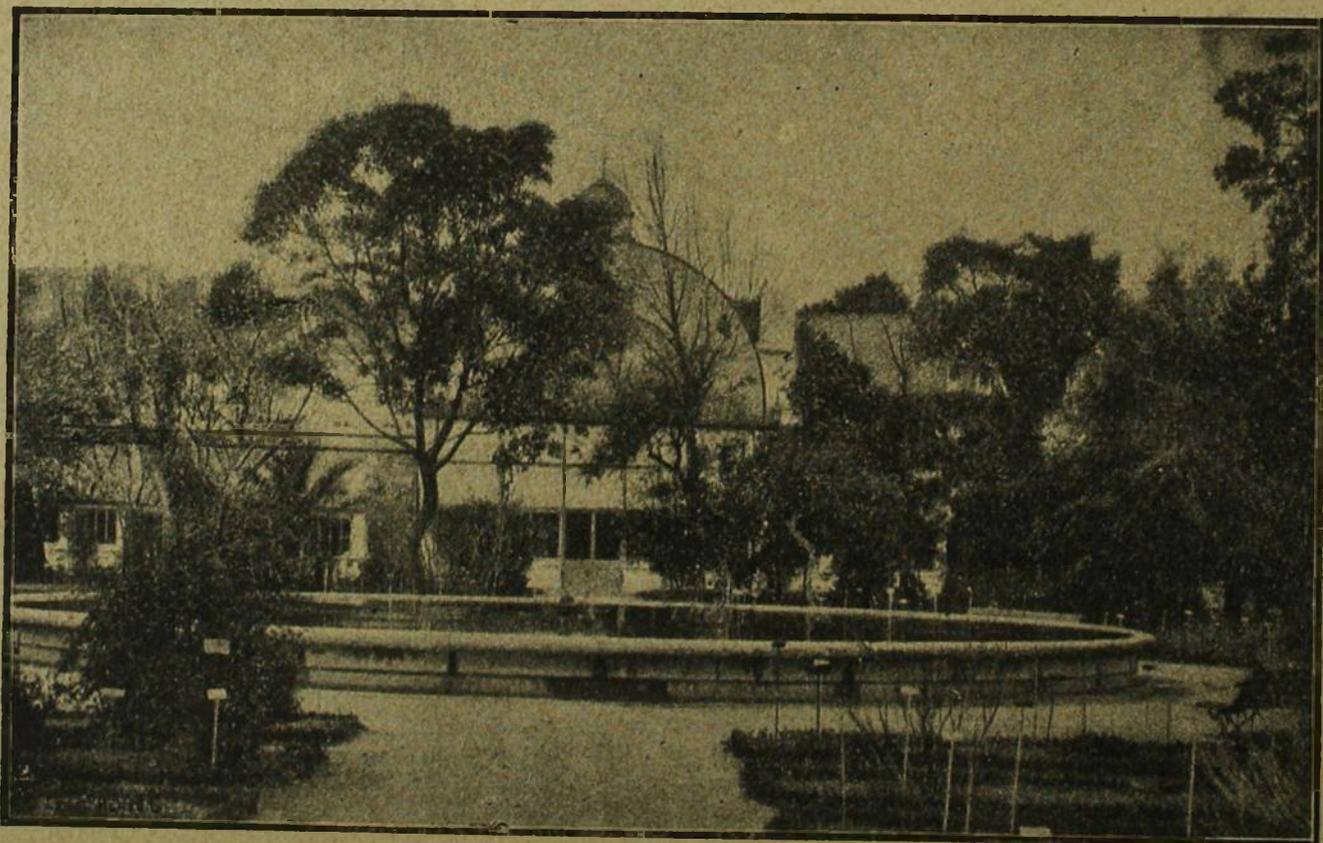
O velho faz:

— Ah!

Estende as pernas, cruza as mãos sobre o peito, enclavinha os dedos, os olhos fechados, n'um delicioso bem estar:

Ah!

.....
GUILHERME GAMA.



Lisboa — Jardim botânico da Escola Polytechnica



DR. MANUEL D'ARRIAGA

Advogado e antigo deputado republicano ás Côrtes

PSALMO

O nome do Senhor seja louvado
Na terra e nas alturas:
Louvem-no estrellas, lua, sol dourado
E angelicas creaturas.

Louvem-no de continuo aos céos profundos
E as aguas lá de cima;
Louvem o nome do que fez os mundos
E a todo o ser anima;

E, dando luz a cada ser creado,
Poz-lhe um preceito, que hade
Permanecer constante, inquebrantado,
Por toda a eternidade!

Louve-o quanto na terra se sustenta,
Louve-o até o inferno;
Louve-o a tempestade, que rebenta
Fiel á voz do Eterno.

Louve-o o monte, que a sua cumeada
A's nuvens alevanta,
Louve-o a arvore de fructos avergada,
Louve-o a esteril planta.

A ave, que vòaa, a fera, o bicho immundo
Louvem-no a cada instante,
Povos e reis, novos e velhos .. tudo
Em tudo o louve e cante!

CANDIDO DE FIGUEIREDO.

No caminho de ferro. Authentico.
Conversam dois sujeitos, um chegado do
Brasil. Diz elle:

Eu vim-me safando. Tive medo que *ella*
preferisse os gordos.

Ella era a febre amarella. Gordo era *elle*.
Silencio. D'ahi a pedaço elle torna:

— Dizem que no Brasil não ha ouro. Eu
vi-o ir em carroças.

O outro que está na outra extremidade
do wagon, não percebe, e, como tem as vi-
ctimas da febre amarella na cabeça, torna:

— Em carroças! Então cahem como tor-
dos!

— Em carroças! Vi eu. Guardadas por 4 sol-
dados!

— Guardados para quê?

— Para ir para o Thesouro!

— Mas para que é que os querem no The-
souro?

— Para render.

— Para render!!!

Nunca podemos saber como terminou
aquelle *qui-pro-quo* extraordinario em que
um fallava no oiro e o outro nas victimas
da febre amarella.

TRANSPOSTAS

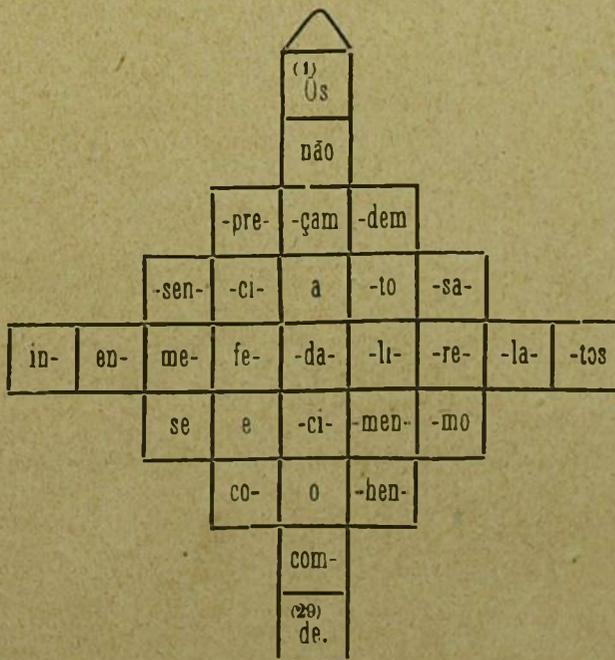
Grito por esta moeda. — 2

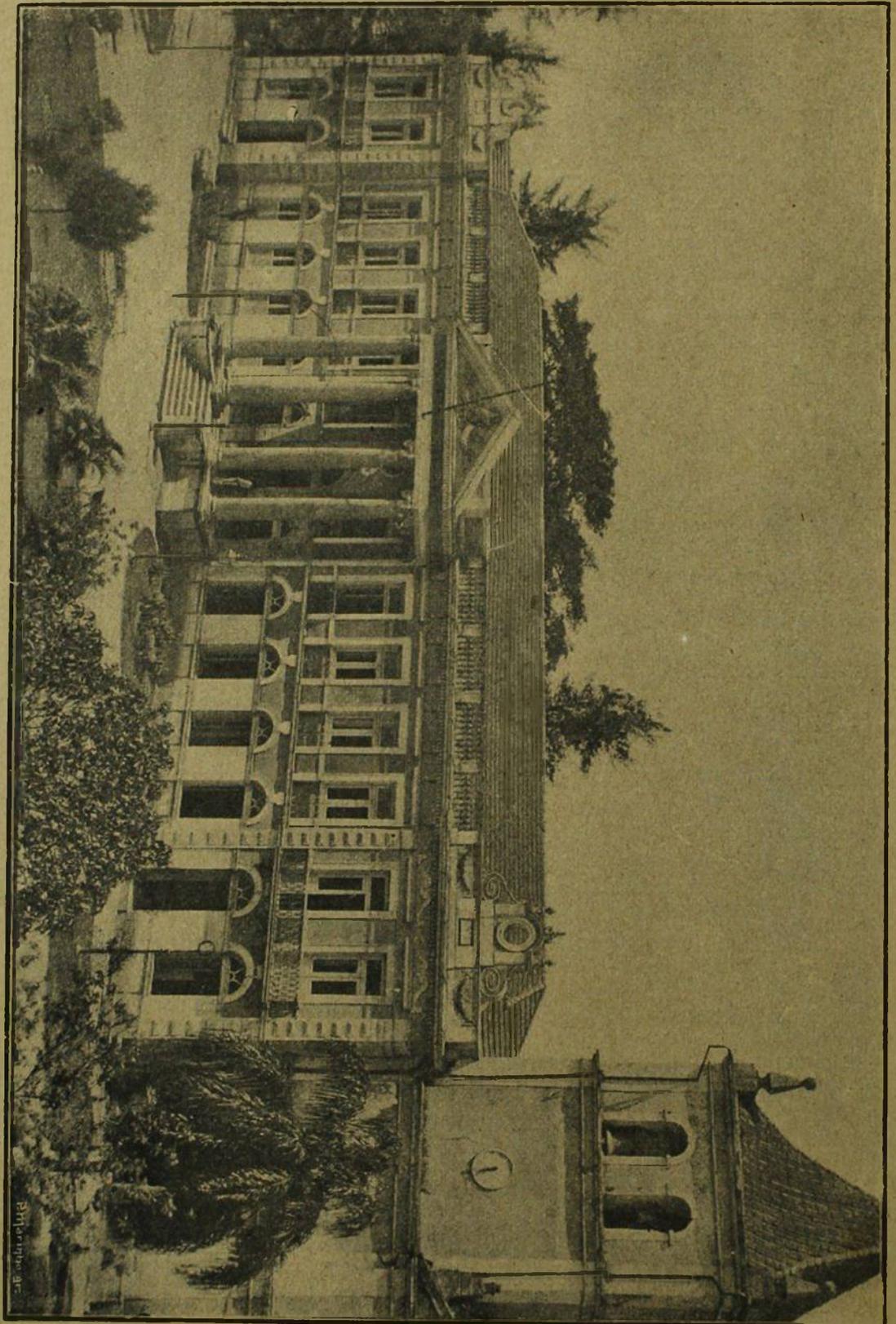
Este ornamento tem muito trabalho. — 2

A moldura cahiu no poço. — 2

Tem destreza para trabalhar com a machina. —

SALTO DE CAVALLO





S. Paulo (Brasil). O Palácio do Presidente do Estado

AS DELICIAS DE CINTRA

A Cintra! a Cintra! exclamou toda a familia Giralдино com o mesmo entusiasmo com que os francezes gritaram: a Berlim! O respeitavel chefe d'esta caravana preparou-se com o seu guarda pó de linho e o seu palhinhas amarello, a madama cobriu-se com o chaile de Tonkim das grandes solemnidades, as meninas, devidamente ensaboadas e aromatisadas, deram a mão ao Zézinho e metteram-se todos n'um compartimento de segunda do caminho de ferro de Lisboa á famosa Cintra, que Lord Byron teve a amabilidade de cantar, declarava Giralдино. Um cavalheiro muito dedicado...

Viagem sem incidentes.

— Estamos chegados, bradou risonhamente Giralдино pae. E triumphantes, satisfeitos, foram pela estrada fóra, as meninas adeante, o noivo de Laurinha ao lado, o Zézinho na vanguarda de todos.

— Paremos e vejamos a natureza.

E todos se reúnem, e todos concordam que é esplendida.

— Minhas filhas, olhem lá para cima... Lá está a Pena, onde vamos antes de jantar...

Agora olhem lá para baixo, lá está o *chalet* do sr. Alfredo Guedes, que foi provedor do asylo da Mendicidade... Vasco da Gama ao longe encarrapitado... O grande navegador está olhando para os mares...

— Zezinho, oiça o papá, exclamou Giralдина mãe...

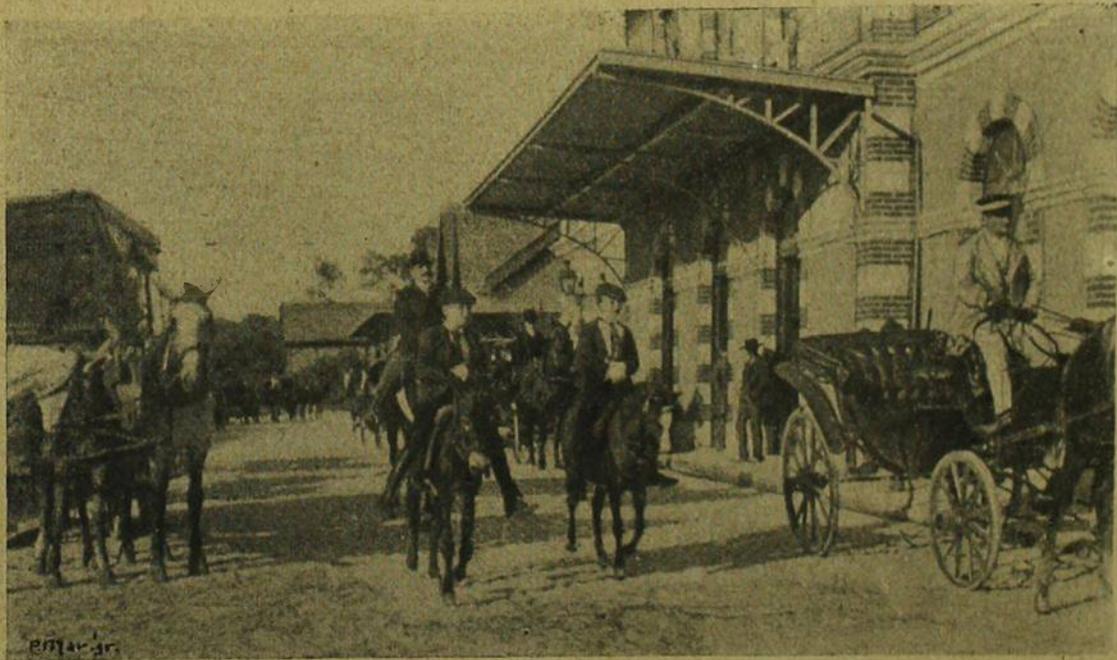
— Tens razão... É bom saber historia patria, principalmente antes do seu exame. E continuou:

— O grande navegador está olhando para os mares que elle atravessou com os seus galeões para ir descobrir a India... Por esse motivo devemos ser gratos ao sr. Gama... e o menino tire respeitoso o seu chapéu.

Zézinho obedeceu e pediu um burro.

— O burro, não, filho, é anti hygienico... Iremos a pé... O andar faz bem... E foram caminhando, caminhando, (caminhando por uma estrada cheia de sol, Giralдино pae com um lenço em volta do pescoço, por causa das bagas preciosas do suor, a madama muito conformada com a vontade do seu esposo, as meninas muito afflictas dentro das suas botinas apertadas.

— Isto é que é bom para a saude! que bom ar! ha!... que rico cheiro dos pinhaes. Aspirem, meninas, este aroma vivificante... E todos pararam bebendo a grandes tragos o perfume dos pinheiros que cortavam a estrada. E toda a familia



Cintra — Estação do caminho de ferro

Giraldino encheu os pulmões, principalmente Zézinho que era fraquinho do peito.

Burricadas alegres passaram galopando, trens de aluguer conduziam familias menos temerarias de que a de Giraldino, e o pae murmurava sempre:

— Tudo aquillo é anti-hygienico. Andar a pé é bom... Desenvolve os musculos... e abre o apetite...

E continuaram a caminhar, as botas empoeiradas, o Tonkim perdendo todo o brilho e frescura, conservados, ha annos, n'uma caixa de camphora, as meninas procurando descançar sobre cada pedregulho ou mesmo junto das silvas que bordavam a estrada. Giraldino, observava que era perigoso por causa das lagartixas... As meninas tremendo, seguiam anciosas, de se verem chegadas ao ponto desejado.

— Lá em cima é que se descança... Temos sombras magnificas... Agua dos passarinhos... Ar magnifico... Zézinho declarou que não podia mais e queria um burro, ao que a mamã Giraldina, zangando-se, respondeu que o burro lhe dava ella...

E acompanhou a phrase d'um açoite, que arrancou ao pequeno algumas lagrimas sentidas.

— Ainda falta muito, papá? perguntaram as meninas.

— Apenas dois passos. Descancemos, propozeram todas.

— Não é occasião propicia. Vimos transpirando, o mais leve golpe d'ar póde trazer-nos uma pneumonia.

E continuaram a caminhar, a caminhar, a caminhar, ao mesmo tempo que Giraldino ia murmurando:

Isto é que faz bem!

Que bello ar!...

Que fertil natureza!

Vespas impertinentes atacavam de vez em quando o rancho, obrigando as meninas a fugirem e o noivo da Laurinha a tomar attitudes bellicas para defender a sua bella.

Cães rafeiros ladravam furiozamente ás

canellas do Zézinho, que declarava sempre que se tivesse um burro já tinha as canellas a salvo.

Giraldino já não podia comsigo, a madama tinha assanhados todos os callos, as meninas iam derreadas e o noivo de Laurinha pensava que o amor a pé pela ladeira da Pena era uma grande massada.

Entretanto o respeitavel chefe continuava, exclamando:

— Isto é que faz bem! que riqueza d'ar! que panorama deslumbrador! não ha nada como Cintra...

Esplendido... A... a... do... ravel!... concluia a mamã Giraldina com muita saudade do seu roupão caseiro, dos seus sapatos largos e do cantinho do seu quarto.

Finalmente chegaram á Pena. Uma sombra magnifica espalhava-se á entrada e a brisa perfumada da serra atravessava fina e provocante as ramarias dos arvedos. As meninas correram a sentar-se. Giraldino berrou:

— Imprudencia! não veem que uma pneumonia nos póde arrastar á campa!

E as meninas levantaram-se horrorisadas, como que sentindo cortar-lhes a espinha um calafrio medonho. E continuaram a caminhar, a caminhar, a caminhar, subidas continuadas, propondo Giraldino que fossem todos á torre d'onde se disfructava um panorama riquissimo, o mar por onde se ia para as terras estrangeiras, vaporsinhos que chegavam e outros que partiam; e ao fim...

— Jerusalem, papá! interrogou a Laurinha lembrando-se da India.

— A immensidade! concluiu dramaticamente o chefe da caravana.

E treparam, treparam, treparam, até que se viram encarrapitados no alto da torre, mas a mãe Giraldina espirrou, uma, duas, tres vezes, de fôrma que mal se demoraram receiosos da tal pneumonia que os podia arrastar á campa.

D'alli passaram a ir visitar a fonte dos passarinhos. Aquillo é que era agua! que finura! só em Cintra é que se póde beber agua...

do Brasil-Portugal

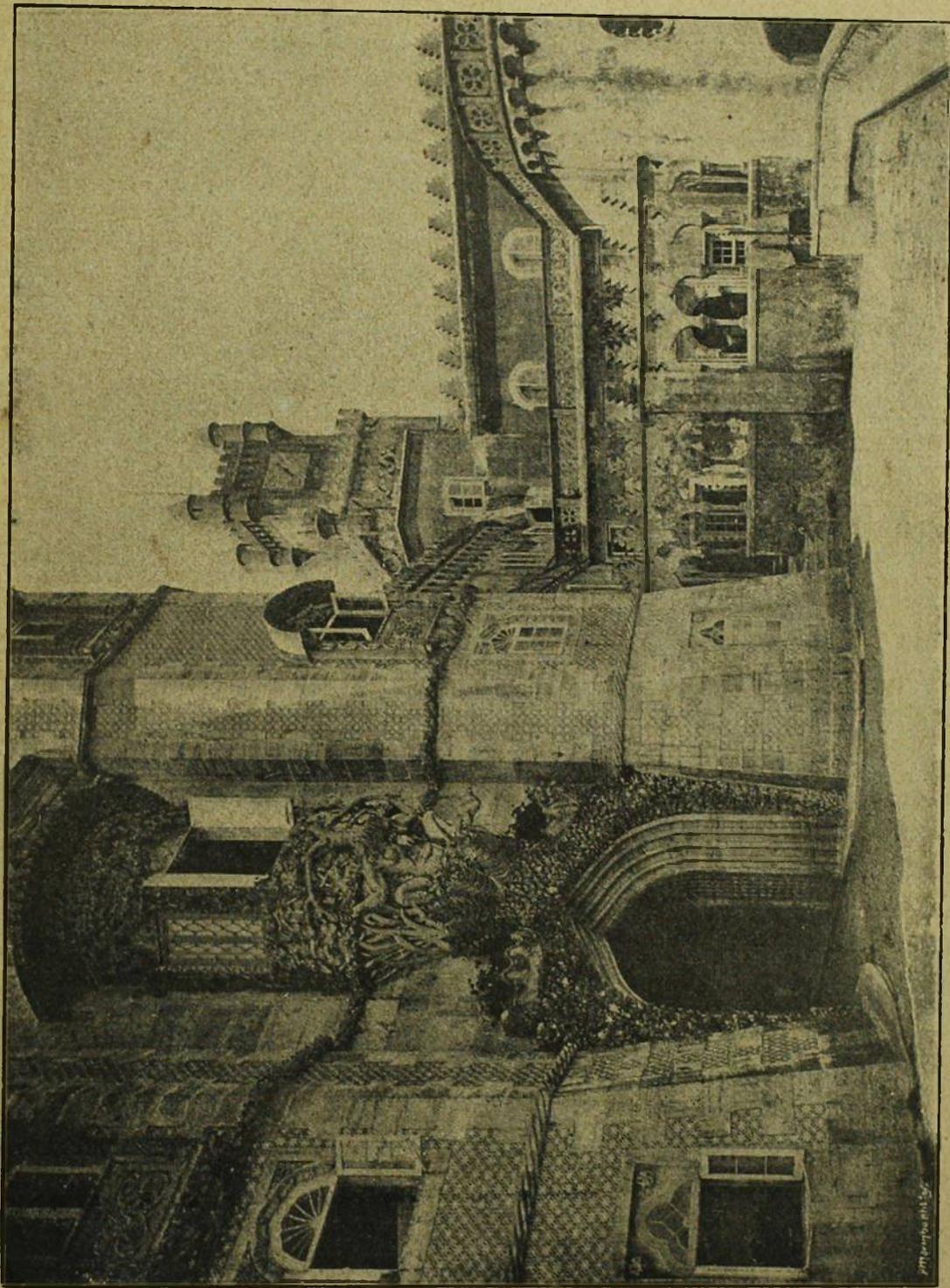
E dirigiram-se para a fonte, muito contentes, muito felizes as meninas, o Zézinho e o noivo de Laurinhã, quando Giralдино pae, berrou:

— Não! não bebam! um pucaro d'agua

E os pucaros suspenderam-se.
Eram horas de jantar no hotel.

— Partamos!

E o bando sahiu da Pena em passo acelerado, porque faltava meia hora para



Sintra. - Entrada do Castello da Pena

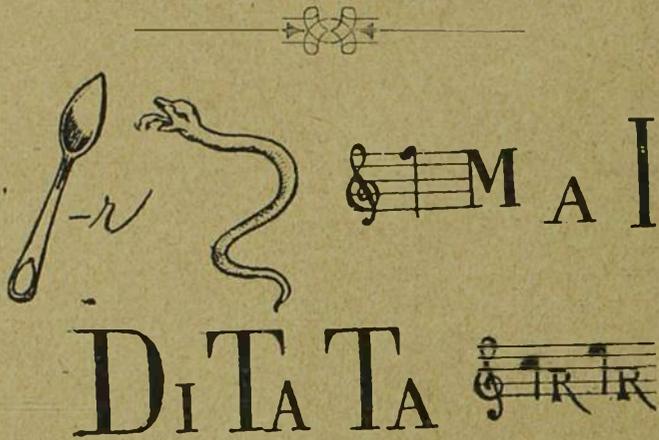
nevada n'estas alturas póde causar-nos uma congestão! Suspendam os pucaros... para não termos a lamentar qualquer incidente desagradavel...

o jantar no Nunes. Quando lá chegaram cada um dos passeantes cahiu sobre uma cadeira, moido, estafado, sem vontade de comer, e apenas o Giralдино, enxu-

gando a calva com o lenço vermelho, sorria embasbacado para a natureza:

Que bom ar! que fertil vegetação! que deslumbrante panorama! Isto é que dá saude! isto é que dá vida! Cintra, Cintra e unicamente Cintra.

Rigoletto.



Muitas vezes as cousas fallam quando os homens se callam.

DUQUE DE BROGLIE.

*

Um orador que renuncia á tribuna é como uma mulher bonita que renuncia ao mundo.

PAUL BOURGET.

✱

Syncopadas

3 — A moldura está embrulhada n'um chambre — 2

3 — A fxa já está muito negra — 2

3 — Vaso a agua em cima do taboleiro — 2.

3 — Bonita cõrtem a minha fxa — 2

3 — Appellido de uma mulher — 2

3 — Deserto será nome de mulher — 2

3 — Snr. Rocha, fico-lhe muito agradecido — 2

3 — Esta corda serve para prender o animal — 2

3 — A palpebra está com má cõr — 2

CINTRA

Oh Cintra! oh saudossimo retiro,
Onde se esquecem maguas, onde folga
De se olvidar no seio a natureza.
Pensamento, que embala adormecido
O sussurro das folhas c'o murmurio
Das despenhadas lymphas misturado;
Quem descançado á fresca sombra tua
Sonhou senão venturas? Quem sentado
No musgo de tuas rocas escarpadas,
Espairecendo os olhos satisfeitos
Por céos, por mares, por montauhas, prados,
Por quanto ha ahi mais bello no universo,
Não sentiu arroubar-se-lhe a existencia,
Poisar-lhe o coração suavemente
Sobre esquecidas penas, amarguras,
Ancias, lavor da vida? — oh grutas frias,
Oh gemedoras fontes, oh suspiros
De namoradas selvas, brandas veigas,
Verdes outeiros, gigantescas serras!
Não vos verei eu mais, delicias d'alma?
Troncos, onde eu cortei queridos nomes
D'amizade, e d'amor, não hei-de um dia
Perguntar-vos por elles? Soletrando
Não lerei pelas arvores crescidas
Os caracteres, que, em tenrinhas plantas,
Pelas verdes cortiças lh'entalhára?

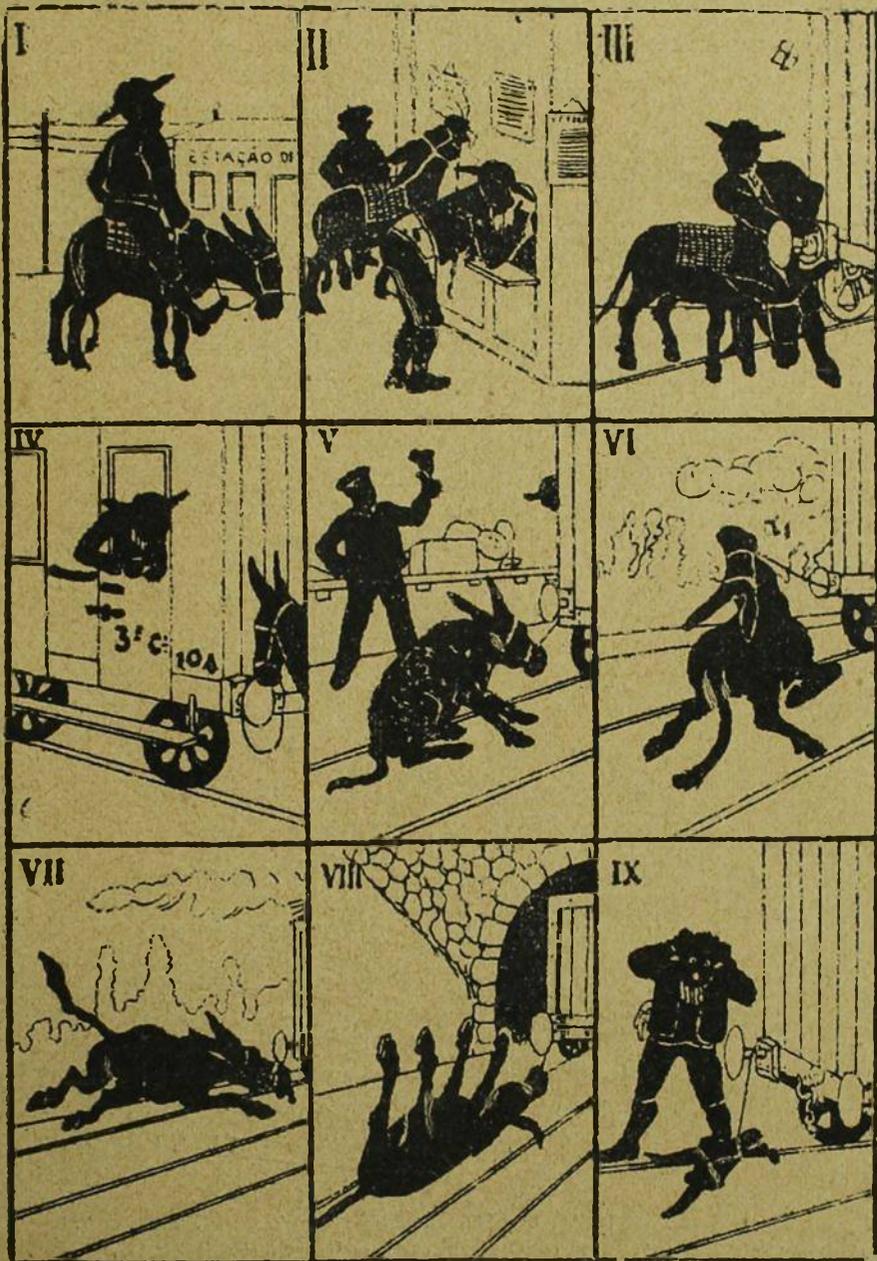
Visconde d'Almeida Garrett.



Cintra — O passeio na Estephania

O HOMEM E O BURRO

(Conto mudo)



Um dito de Leão XII

Um marquez *voltairiano* e grosseiro achou de bom gosto n'um jantar diplomatico o mostrar ao nuncio do Papa que então era o cardeal Pecci — hoje Leão XIII, — uma caixa de rapé que tinha e em cujo tampo se via, na mais lubrica situação uma Venus, completamente nua.

Pecci pegou, sem desconfiança, na caixa e ficou impassivel ao ver a figura obscena, enquanto o marquez ria grosseiramente recostado na sua cadeira. Conservou a caixa um instante na mão, um instante apenas, o sufficiente para não parecer que se sobresaltava e depois entregando-a tranquillamente ao marquez, perguntou-lhe serenamente, com um meio sorriso amavel e bondoso.

— E' o retrato da sr.^a marqueza?

Uma vela se consome
A' força de muito arder:
Assim se consome um homem
Ao lado de uma mulher.

Vale mais o moreno
D'esta morena,
Do que toda a brancura
De uma açucena.

Tres annos depois de morto
Perguntou-me o frio chão,
Se eu já te havia esquecido,
E eu respondi-lhe que não.

Não me mandes cá papeis
Que eu não sei ler;
Manda-me a tua pessoa
Que a quero ver.

Nome — só de Manuel!
Mulher — só sendo Maria!
Amor — só amor de mãe!
E luz — só a luz do dia!

Zeloso me chamam!
Tolice tremenda!
Eu sou lavrador
E guardo a fazenda.

O viscondesinho foi ao photographo para comprar o retrato da sua amada.

— Quanto te custou esse retrato, pergunta-lhe um amigo.»

— «Quatro mil réis.»

— «Tu és tolo!»

— «???»

— «Pois não és!... Com mais dez tostões tinhas o original.»



O ABANICO



gaditana deixaria de existir no dia em que lhe tirassem da mão o abanico (leque). Imaginem a mais formosa d'ellas, vestida com a singela elegancia que lhes é peculiar; ponham-lhe sobre os cabellos de ebano a mais delicada camelia de Puerto Real; deem-lhe a frescura dos vinte annos e a felicidade de uma affeição correspondida; mas escondam-lhe o abanico, e vel-a-hão emmudecer como se uma desgraça lhe apertasse o coração.

Se o leitor não sabe o que é o abanico nas mãos da gaditana, dir-lhe-hei que é uma coisa exactamente igual ao leque, mas que não serve para refrescar o rosto. Sempre ouvi dizer, e até já o vi escripto em letra de imprensa, que o abanico é um telegrapho entre as hespanholas. Isto poderá ser verdade no resto da Hespanha: em Cadiz, não. O abanico é, por assim dizer, a continuação dos nervos delicados da gaditana, forma parte da sua organização, e, como a physionomia, é, nem mais nem menos, o espelho da alma, onde se reflectem os diversos sentimentos do amor, do odio, da indifferença e do desdem.

Ora um espelho não é um telegrapho. A physionomia revela o estado da alma a despeito mesmo da propria vontade. O telegrapho é uma linguagem; o abanico é o coração nas mãos das gaditanas.

Quando se entra no grande theatro de Cadiz, no momento em que a solemnidade da scena produz na sala um silencio igualmente sole-mne, ouve-se o ruido dos mil abanicos que se abrem e se cerram debaixo de impressões variadas, semelhante ao quebrar das ondas nas areias de uma praia. O abanico que se cerrasse sem ruido seria um traste inutil, como o clarinete sem bocal, ou antes como a harpa sem cordas. Não basta vê-lo, é preciso ouvil-o. A mudez de um abanico pode ser a causa de uma desgraça, e ás vezes tambem a concessão de um favor. Quem cala consente.

Se algum dia, leitor sensivel, declarares o teu amor a uma gaditana, não lhe interrogues os olhos, interroga-lhe o abanico. Se ella o agita vivamente, é como se te declarasses ao teu espelho. Se o move com indolencia, é porque te escuta. Se descança a barba sobre a extremidade d'elle, conservando-o fechado e immovel, é que te acceita. Se o volteia entre as duas mãos, contando-lhe as varetas, ama-te, leitor.

Na nossa terra não é raro que as meninas mordam os labios quando lhe entram as penas no coração. Em Cadiz, nas mesmas circumstancias, quebram-se entre os dedos quatorze varetas de marfim.

— Ai Pepa, Pepa! — diz-se alli — vejo agora que ainda o amas; com este é o quarto abanico que despedaças.

BARÃO DE ROUSSADO.



A VIDA

Abri meus olhos ao raiar da aurora e parti. Veio o sol e então segui-a... a sombra, que eu julgava guiadora, a minha propria sombra fugidia.

E foi subindo o sol; ao meio-dia escondeu-se-me aos pés a sombra; agora se volvo o olhar onde passei outr'ora, vejo a seguir-me, a sombra que eu seguia.

A gente é o sol d'um dia; sobe, avança, passa o zenith e vae, na immensidade, apagar-se no mar, onde se lança...

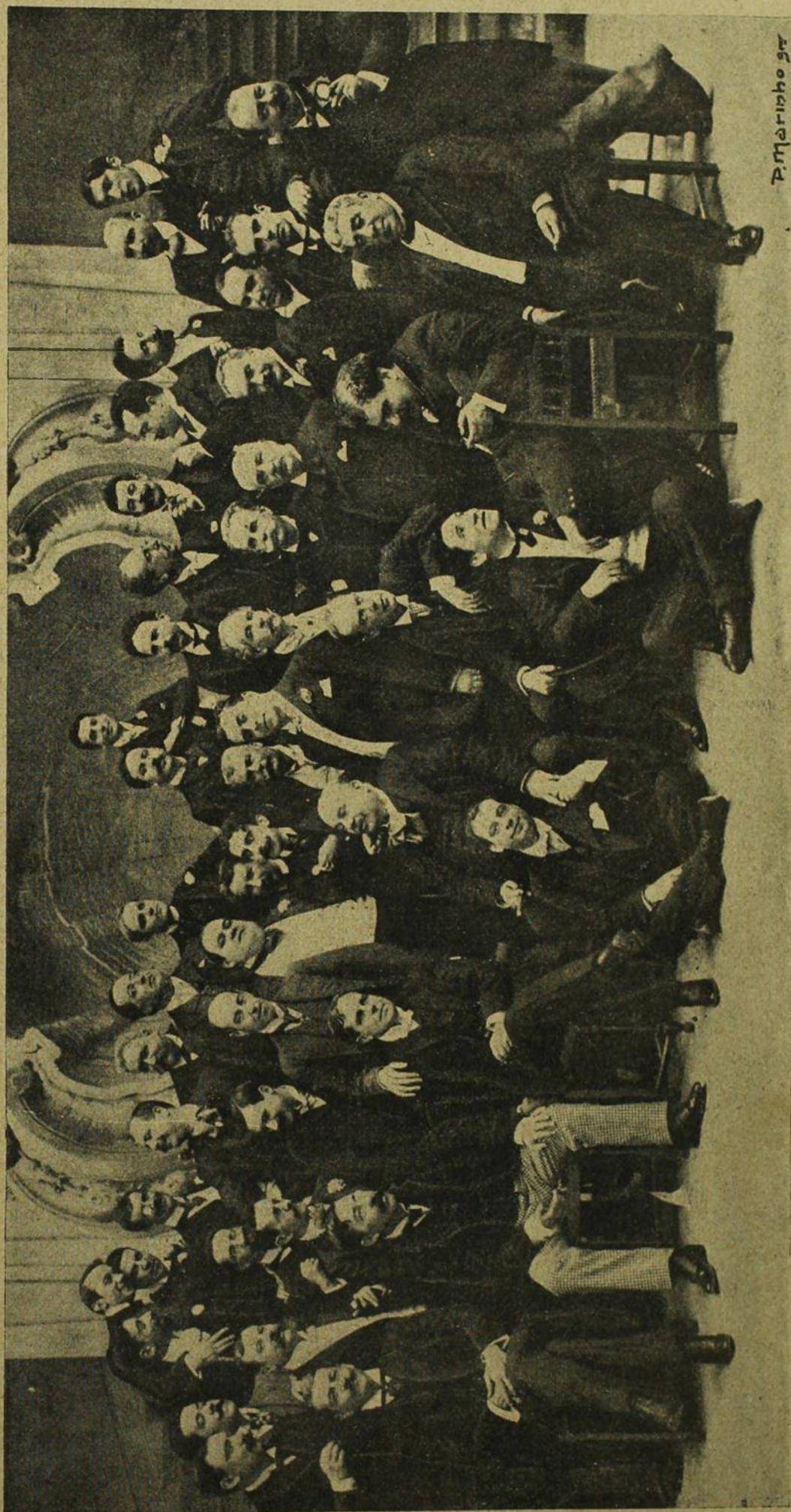
E a vida é a propria sombra; meia idade somos nós que a seguimos e é — *esperança*; depois segue-nos ella e é — *saudade*.

FERNANDO CALDEIRA.

Com a censura acontece o mesino que com as sogras — acostuma-se a gente a ellas: mas é preciso ter muita paciencia e um pouco de espirito.

DUMAS FILHO.

*Um grupo de actores
e jornalistas portugueses*



TIÇÃO NEGRO

ALVORADA

Aug. Machado.

$\text{♩} = 58$
 And. no um poco Mosso

Para u... ma 'strella que de a lem me fo ge Si mu lo o the re re singular con quista de Pro... me...

mas can to para o Sol que nasceu ho je n'ou tro lo gar
 Sò por ha ver - te que ro a es ca la vis ta tre pa ra o céu

tre las na au... re a cham ma des se ar... re... bol min h' al... ma in... flam ma ra... di... an... te sol
 dis por teu res... pei to lle que ro op... pôr en che me o pei... to do teu 'splen... dor

Su... mam se em bo ra es...
 For... ças fu... rias ar...

Por ti sus pi ro por
 Sim meu a... môr em che me

Stesso tempo $\text{♩} = \text{♩}$

Se dormis don-zel...la despen-tae a...bri
Que aul-tima es...trel-la desmaian-do vi
a...bri a ja-nel...la a

poco cresc.

vi.

por pie-da-de a...bri a...bri a...bri que a ul-tima es...trel...la
des mai-an...do

cresc.

poco sf.

Oh fogo e

1.^a vez.

2.^a vez.

p.

ff

ESTOICISMO



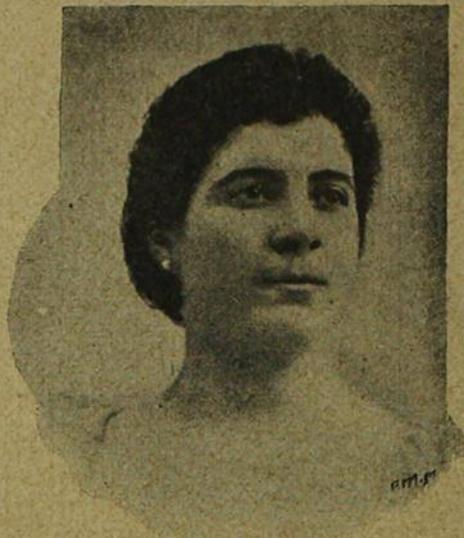
Tu que não crês, nem amas, nem esperas,
Espírito de eterna negação,
Teu halito gelou-me o coração
E destroçou-me da alma as primaveras...

Atravessando regiões austeras,
Cheias de noite e cava escuridão
Como n um sonho mau, só oiço um não
Que eternamente ecoa sobre as esferas...

Porque suspiras, porque te lamentas,
Cobarde coração? Debalde intentas
Oppôr á Sorte a queixa do egoismo...

Deixa aos tímidos, deixa aos sonhadores
A esperança van, seus vãos fulgores..
Sabe tu encarar sereno o abysmo!

Anthero de Quental.



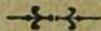
O nú póde ás vezes não ser verosimil.

DUBUT DE LAFOREST.



O amor? E' uma gymnastica do corpo que querem fazer passar por um exercicio da alma.

J. RICARD.



Quaes' são as mulheres mais honestas; aquellas que teem por unica roupa o seu pudor ou aquellas que teem por unico pudor a sua roupa?

MAURICIO TALMEYER.



Um excellente homem que não tinha grandes meios de fortuna, passeava no mercado, e viu um pequeno pedaço de salmão que lhe despertou o appetite.

— Quanto custa?

— Cinco tostões.

O bom do homem estava vae não vae para comprar o salmão quando d'elle se acercou um pobre, pedindo esmola.

— E eu ia gastar cinco tostões n'uma gulodice, e mettendo a mão na algibeira dá os cinco tostões ao pobre.

Mas oh! surpresa! Voltando-se, viu o mendigo dirigir-se á peixeira e comprar a tal posta de salomão por cinco tostões!!



Os dois espelhos

Ante o christal d'um espelho
Aos quarenta annos me vi,
e achando-me feio e velho
de raiva o espelho parti,

Da alma na transparencia
Meu rosto depois mirei,
e tal me vi na consciencia
que o coração me rasguei

E' que em perdendo o mortal
a fé, juventude, amor,
se se olha ao espelho — mal,
se na alma se vê — peor.

CAMPOAMOR

Trad. Xavier Rodrigues Cordeiro.



MINHA MÃE



Conde Andeiro

Foi signal de insulto o chamar a
alguem Conde Andeiro, e, segundo
parece, tambem se repetia este nome
como de coisa que assombrou, e
Bluteau refere que com tal nome se
mettiam medos ás creanças, em fór-
ma de papão, ou como se dizia en-
tão: se fazia coro ás creanças.

Todos sabem que João Fernandes
Andeiro, o favorito da rainha D. Leo-
nor, mulher d'el-rei D. Fernando,
morreu ás mãos do mestre d'Aviz,
depois o nobre e grande rei D. João I,
e que por causa d'elle e dos seus
amores com a Rainha esteve este
reino á beira d'uma completa per-
dição.

O nome d'esse homem ficou sendo
um padrão de infamia, uma memo-
ria nefanda para o paiz, e com esse
nome apodavam os traidores; e o
povo o tomou como symbolo de coisa
má, e por isso as amas, para assus-
tarem e acalentarem as creanças,
lhes faziam coro repetindo o nome
infame.



Quando a minha alma estende o olhar ancioso
Por esse mundo a que inda não pertengo,
Das vagas ondas d'esse mar immenso
Destaca-se um vulto mais formoso :

F' minha santa mãe ! berço mimoso
Donde na minha infancia andei suspenso,
E minha santa mãe, que vejo e penso
Verei sempre, se Deus é piedoso !

Como linguas de fogo que se attrahem,
Avidamente os braços despedimos
Um para o outro os braços caem . . .

Porque é então que olhamos e medimos
A immensa distancia d'onde saem
Os ais da saudade que sentimos !

JOÃO DE DEUS.



O pavão e o corvo

Passeando o pavão com ufania,
E' fama que dissera ao corvo um dia:
«Repara quanto devo á natureza !
«Olha que lindas côres, que viveza,
«Que adorno, que matiz ! Olha este rabo !
«Em mim não ha senão, e tu, diabo,
«Negro como um carvão, como um besouro,
«Inda és, de mais a mais, ave de agouro !»

O corvo, que na lingua não tem papas,
Lhe responde: «Essas pennas são mui guapas,
«Mas, para refrear teu desvario,
«Observa d'essas pernas o feitio.»
Ainda (quem dará credito a isto ?)
As pernas o pavão não tinha visto . . .
Mas que muito ? se ha gente, e gente grave,
Que em seus olhos não vê nem uma trave !

BOCAGE



Nunca se deve pôr um nome
muito risonho aos sitios onde se
encontra a felicidade, porque a
felicidade desaparece e o nome
fica.

Os judeus são, na familia
christã, uns antepassados que
teimam em não morrer.

Duas sobremesas de um jan-
tar de dois doutores: — um figo
e uma noz.

O cumulo do pudor:
Proibir que os botes . . . an-
dem á véla.

N'um album:
Ha duas classes de mulheres,
as más e . . . as pessimas.



O FADISTA

O FADISTA não trabalha nem possui capitães que representem uma acumulação de trabalho anterior. Vive dos expedientes da exploração do seu próximo. Faz-se sustentar, de ordinário, por uma mulher pública, que elle espanca systematicamente. Não tem domicilio certo. Habita successivamente na taberna, na batota, no chinquillo, no bordel ou na esquadra de policia. Está inteiramente atrophiado pela ociosidade, pelas noitadas, pelo abuso do tabaco e do alcool. E' um anemico, um covarde e um estúpido. Tem tosse e tem febre; o seu peito é côncavo, os braços são frageis, as pernas cambadas, as mãos finas e pallidas como as das mulheres, suadas, com as unhas crescidas, de vadio; os dedos queimados e enegrecidos pelo cigarro; a cabelleira fetida, enfarinhada de poeira e de caspa, reluzente de banha.

A ferramenta do seu officio consta de uma guitarra e de um *santo christo*, que assim chamam technicamente á grande navalha de ponta e triplice calco na mola. E' habitado por uma molestia secreta e por varios *parasytas* da epiderme. Um homem de constituição normal desconjuntar-lhe-hia o esqueleto, arrombal-o-hia com um socco. Elle sente isso e é traçoieiro pelo instincto de inferioridade. Não ataca de frente, como o espadachim ou o pugilista, investe obliquamente, tergiversando, fugindo com o corpo, fazendo fintas com uma agilidade proveniente do seu unico exercicio muscular — as *escovinhas*.

Não ha senão uma defeza para o modo como elle aggride: o tiro ou a bengala, quando esta seja manejada por um jogador extremamente dextro.

A guitarra debaixo do braço substitue

n'elle a espada á cinta, por meio da qual se acamaravam com a nobreza os pimpões seus ascendentes do seculo xvi. E' pela prenda de guitarrista que elle entra de gôrra com os fidalgos, acompanhando-os ainda hoje nas feiras, nas toiradas da Alhandra e da Aldeia-Galleja, e, uma ou outra vez, nas ceias da Mouraria, onde depois da meia-noite se vae comer o prato de *desfeita*, acepipe composto de bacalhau e grão de bico polvilhados de vermelho por uma camada de colorau picante.

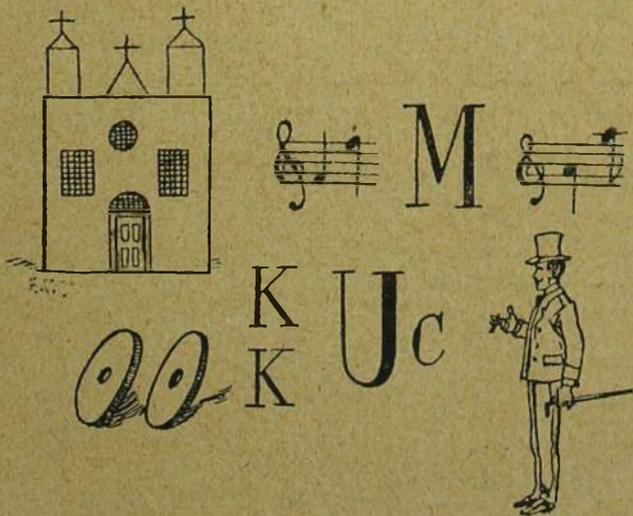
Por effeito da tradição na orientação mental da sua classe, elle procura ainda hoje, como ha duzentos annos, parecer-se e confundir-se pelo modo de trajar com os fidalgos ou com os que julga taes. A classe dos fidalgos que tresnoitam hoje pelas tabernas e pelos alcouces de Alfama, que são levantados bebedos dos becos mal afamados, que falam em calão e que fazem troças no Collete Encarnado e na Perna de Pau, esta classe de fidalgos, dizemos, compõe-se hoje principalmente de jovens burguezes febricitantes, filhos de honestos lojistas ou de pacientes alfayates, desencabrestados da rotina paterna pela educação do lyceu e do collegio nacional, escalavrados pelo alcoolismo e pelo mercurio, profundamente corrompidos, profundamente bestializados. O fadista imita esses senhores na escolha que elles fazem dos seus trajes de pandega. Usa como elles a bota fina de tacão apiorrado ou o salto de prateleira, a calça estrangulada no joelho e apolainada até o bico do pé, a cinta, a jaleca de astrakan e o chapeo arremessado para a nuca pelo dedo pollegar, com o gesto classico do grande estylo canalha.

A guitarra, seu instrumento de industria e de amor, dedilha-a elle com um desfastio impavido, deixando pender o cigarro do canto do beijo pegajoso, gretado e descabido; com um olho fechado ao fumo do tabaco e outro aberto, mas apagado, dormente, perdido no vago em

uma contemplação imbecil; o tronco do corpo cahido mollemente para cima do quadril; a perna encurvada com o bico do pé para fóra; o *cachucho* da amante reluzindo na mão pallida e escura. Também canta, algumas vezes, apoiando a mão na ilharga, suspendendo o cigarro nos dedos, de cabeça alta, esticando as cordoveias do pescoço e entoando as melopeias do fado, em que se descrevem crimes, toiradas, amores obscenos e devoções religiosas á Virgem Maria, com uma voz soluçada, quebrada na larynge, acompanhada da expressão physionomica de uma sentimentalidade de enxovia, pelintra e miseravel.

De resto, o fadista não tem vislumbres de senso moral. Explica os seus meios de vida pelo premio tirado na cautela de pataco, que lhe foi vista na algibeira ce-bosa do collete. Na batota concilia-se com o furto e com o roubo; na esquadra da policia concilia-se com a mentira; nas suas convivencias do bordel concilia-se com a infamia; e as condições especiaes em que ama e é amado acabam por dissolver n'elle os ultimos restos d'essa dignidade animal, para assim dizer anatomica, commum a todos os machos.

Ramalho Ortigão.



NOIVADO NA ALDEIA

— «Andaram na aldeia,
Ha bem poucos dias,
Alguns da cidade,
Prégando heresias.

Botaram-se aos Santos,
Ao padre prior,
E até contenderam,
Com Nosso Senhor!

— «Ouviste los homens?»
— «Ouvi-os, Iria.»
— «Que vae na cidade,
Com tanta heresia!»

Dois annos que eu fôra
Mais velho, abastava;
E o demo os levasse,
Se os não estoirava!

A fructa é avondo.
Ao que mostra o pão
Não cabe nas eiras.
E o vinho... isso então!

Nunca vi um maio
Tão bem assombrado
Assim Deus nos guarde
D'algun mau olhado!

Que a tal gente brava
D'aquelle pensar,
E' capaz trazer-nos
A peste ao logar!»

— «Escuta, ó meu Carlos...
— «Dize tu, Iria.»
— «Bateram Trindades,
E eu cá entendia:

A' minha madrinha,
Que é Nossa Senhora,
Ir a gente juntos,
E rezar-lhe agora!»

Entraram na ermida,
E o Carlos e a Iria,
Cortados de medo,
Por tanta heresia,
Rogaram mãos-postas
A' Virgem Maria!

Quatro annos contados,
Depois d'esse dia,
N'uma manhâsinha,
Mal o sol rompia,
Na mesma capella,
De Santa Maria,
Casavam-se uns noivos —
O Carlos e a Iria.

BULHÃO PATO.

ENYGMA

Com seis syllabas formado
E doze letras composto
P'ras dizer todas, um gago,
Mil trejeitos faz no rosto.

Isto dito vamos pois
Dividil-o bem ao meio
O que lêr n'uma das partes
Eu na outra tambem leio.

TYPOS DE LISBOA



O vendedor de hortaliça

Das letrinhas que são doze
Como ao certo já sabeis,
São seis d'ellas consoantes
E vogaes as outras seis.

A primeira e a terceira
São em extremo parecidas
Com a setima e a nona
Consoantes definidas.

Tambem são muito eguaes
A oitava e a segunda
Mas ainda temos mais,
O leitor não se confunda.

Pondo quarta, sexta e decima
Que são trez letras vogaes
Mesmo a par da duodecima,
Vemos todas eguaes.

DOLORA

No caminho, onde nós ambos passamos,
Ó minha casta flôr!
Os passaritos, altos, nos seus ramos
Fallavam-nos de amor...

E, depois, quando ali voltei ancioso,
E que já não te vi,
Fudo quanto avistei, n'um tom choroso,
Me fallava de ti...

JOAQUIM D'ARAÚJO.

A *coquetterie* que tanto se censura ás mulhe-
res, não é talvez para ellas senão uma fórma de
caridade.

GUSTAVO CLAUDIN.

Uma creança está explicando o mechanismo
do telephone á sua creada.

— «Sabes, Maria, como funciona este appa-
relho?»

— «Não, meu menino.»

— «Pois bem, é muito simples. Pega-se no
apparelho com uina mão e fala-se com a ou-
tra.»

CHARADAS

Um fato de panno grosso
Mesmo no pino do v'rão, — 2
Faz lembrar agua de poço
Ou da alface a fresquidão. — 2

O conceito
Alguem disse
Ser affago
Ser meiguice.

Quinta e decima primeira
São tambem muito irmãsinhas.
Vou findar esta massada
Com mais tres ou quatro linhas.

Se das letras do meu todo
Fizer somma bem cuidada,
Acha quatro em vez de doze
Sem a somma estar errada.

A moeda que aqui vê — 1
Foi a que eu offereci — 1
Um d'estes dias na feira — 1
Por um traste de madeira
Que por pouco não parti
Quando n'elle me puz de pé.

BIFORMES

O pateta come a erva — 3
O magistrado tem uma commenda — 3
Vae o pescador na embarcação — 4
Grosseiro é o homem que trata mal esta mu-
lher — 3

Supressão de consoantes

.ue. .e.e.a.e.a.e.a
E..a..e...e.a.a.a.
.ei.i..o.a.é.o..e.
A..a.o.a.é.a.a.a.

Definição do casamento por um poeta *mino-
taurizado*: — «O casamento é uma arvore, cujos
fructos são para a mulher, cujas flôres são para
o amante e cujos paus são para o marido.»

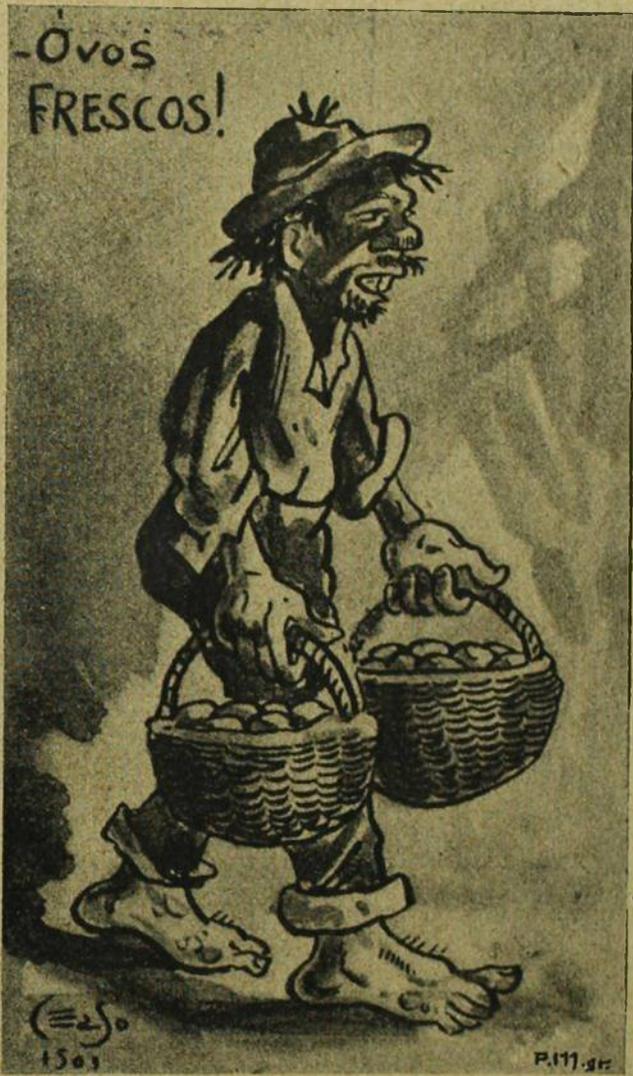
ENYGMA

Q
+

QR

OO
MN

TYPOS DO RIO DE JANEIRO



O vendedor de ovos

ENYGMA

FU
RO

FU
RO

FU
RO

U

Almodavar

U

Vermoil

U

Zambujal



Busto do Conselheiro CAMÊLO LAMPREIA
Ministro de Portugal no Brasil

Calendario para 1904

(ANNO BISSEXTO)

1.º SEMESTRE

	Janeiro					Fevereiro					
DOMINGO		3	10	17	24	31		7	14	21	28
Segunda		4	11	18	25		1	8	15	22	29
Terça		5	12	19	26		✠ 2	9	E 16	23	
Quarta		✠ 6	13	20	27		3	10	17	B 24	
Quinta		7	14	21	28		4	11	18	25	
Sexta	✠ 1	8	15	✠ 22	29		5	12	19	26	
Sabbado	2	9	16	23	30		6	13	20	27	
	Março					Abril					
DOMINGO		6	13	20	27		✠ 3	10	17	24	
Segunda		7	14	G 21	28		4	11	18	25	
Terça	1	8	15	22	29		5	12	19	26	
Quarta	2	9	16	23	30		6	13	20	27	
Quinta	3	10	17	24	✠ 31		7	14	21	28	
Sexta	4	11	18	✠ 25		✠ 1	8	15	22	G 29	
Sabbado	5	12	✠ 19	26		2	9	16	23	30	
	Maió					Junho					
DOMINGO	1	8	15	22	29		5	12	19	26	
Segunda	2	9	16	23	30		6	✠ 13	20	27	
Terça	B 3	10	17	24	31		7	14	21	28	
Quarta	4	11	18	25			1	8	15	22	✠ 29
Quinta	5	✠ 12	19	26		✠ 2	9	16	23	30	
Sexta	6	B 13	20	27		3	✠ 10	17	✠ 24		
Sabbado	7	14	21	28		4	11	18	25		

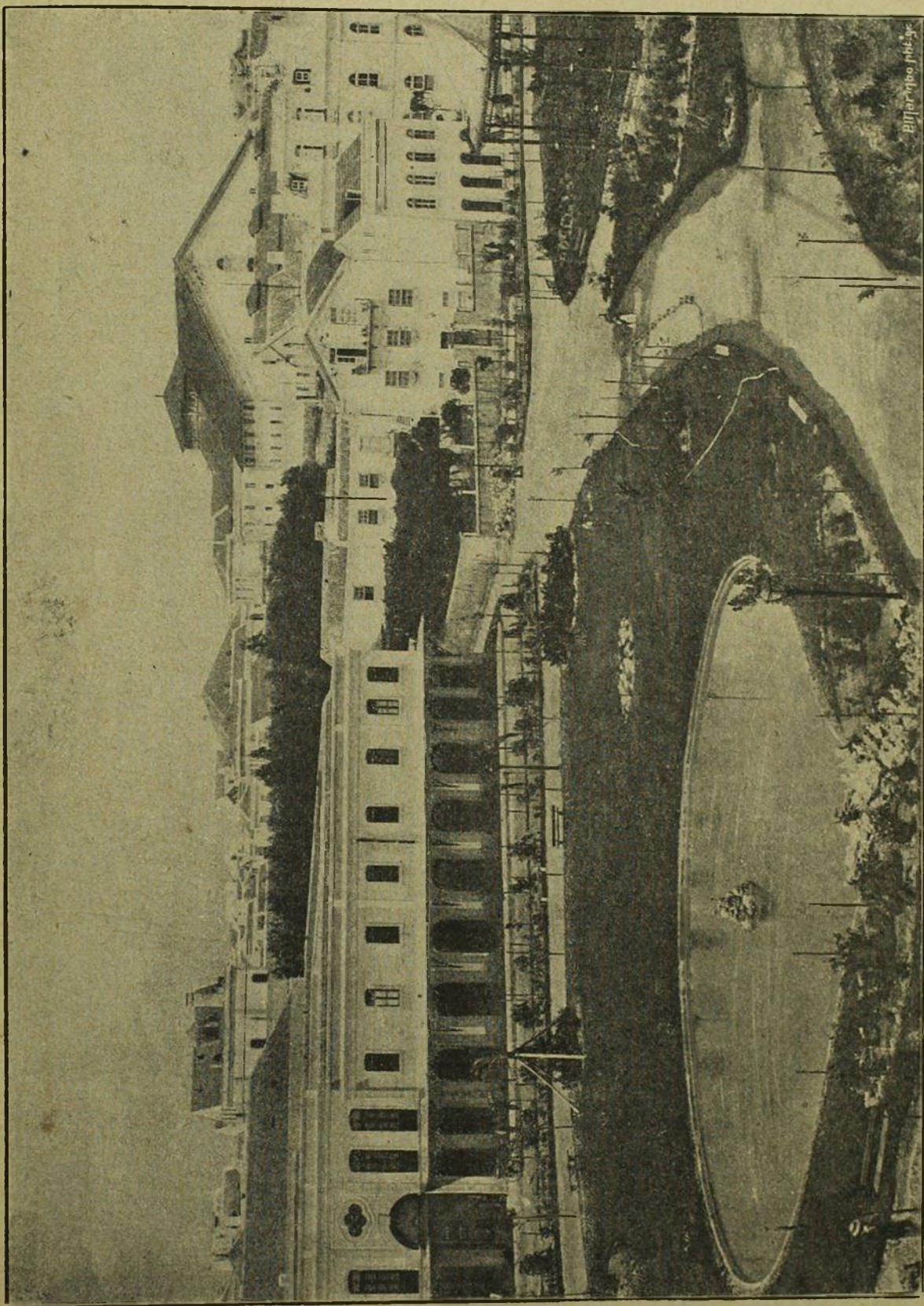
Calendario para 1904

(ANNO BISSEXTO)

2.º SEMESTRE

	Julho					Agosto								
DOMINGO		3	10	17	24	G	31		7	14	21	28		
Segunda		4	11	18	25			1	8	✠	15	22	29	
Terça		5	12	19	26			2	9		16	23	30	
Quarta		6	13	20	27			3	10		17	24	31	
Quinta		7	B	14	21			4	11		18	25		
Sexta	1	8		15	22			5	12		19	26		
Sabbado	2	9		16	23			6	13		20	27		
	Setembro					Outubro								
DOMINGO		4	11	18	25			2	9	G	16	23	30	
Segunda		5	12	19	26			3	10		17	24	31	
Terça		6	13	20	27			4	11		18	25		
Quarta		B	7	14	21	G	28	5	B	12	F	19	26	
Quinta	1	8		15	22		29	6		13		20	27	
Sexta	2	9		16	23		30	7		14		21	28	
Sabbado	3	10		17	F	24		1		8		15	22	29
	Novembro					Dezembro								
DOMINGO		6	13	20	27			4	11	18	✠	25		
Segunda		7	14	21	28			5	12	19		26		
Terça	✠	1	8	B	15	22	29	6	13	20		27		
Quarta	B	2	9		16	23	30	7	14	21		28		
Quinta		3	10	17	24			1	✠	8	15	22	29	
Sexta		4	11	18	25			2		9	16	23	30	
Sabbado		5	12	19	26			3		10	17	24	31	

✠ indica os dias sanctificados.
 G indica os dias de grande gala.
 F indica os outros dias em que ha feriado.
 B indica os feriados officiaes no Brasil.
 E indica o entrudo.



Portugal — Jardim da Figueira da Foz



O barão de Rio Branco
Distinto diplomata brasileiro

VIVIER, o celebre e espirituoso artista, passou, ha pouco, algum tempo em Paris, de regresso das suas viagens de verão. Apenas chegou, foi convidado para jantar em casa do sr. X., rico capitalista e amator de musica. Depois do jantar, os donos da casa disseram ao seu agradável convidado:

— Esperavamos dever-lhe a honra de o termos muitas vezes a jantar connosco, o seu talher estará sempre posto na meza.

— Sempre? — disse Vivier; — já se vê no sentido elegante da palavra.

— De modo nenhum. Não somos pessoas de falsa delicadeza. A nossa casa está ás suas ordens. Venha jantar connosco sempre que queira. Muito folgariamos em o termos cá todos os dias.

— Seriamente?

— Pois decerto; teriamos sempre muito prazer.

— Pois bem, visto que são tão cordeaes, prometto-lhes fazer o que estiver ao meu alcance para lhes ser agradável.

No dia seguinte, ás seis horas, Vivier apresentou-se.

— Já vêm, disse elle, que acceitei, litteralmente, o convite que me fizeram; cá me teem para jantar.

— Ah! é muita bondade sua. Dá-nos muito prazer, — disseram os donos da casa.

O jantar correu muito alegre, e o artista ao despedir-se recebeu muitos agradecimentos.

No outro dia, quando elles estavam para ir para a meza, appareceu Vivier outra vez.

— Cá estou eu, exacto, pontual, e fiel á minha promessa. Mas é singular, — continuou elle, olhando penetrante e fixamente para a cara dos donos da casa, — é singularissimo. Parecem estar surprehendidos. Não me esperavam?

— Oh! certamente que esperavamos: dá-nos sempre muito prazer, disse o amphytrião.

Vivier sentou-se á meza, nas melhores disposições de espirito, e pareceu não reparar que estava sósinho fazendo os gastos da conversa, e que na realidade a conversação era simplesmente um monologo.

No quarto dia, ás seis horas em ponto, appareceu outra vez o teimoso convidado. Eram então tão visiveis a frieza e o constrangimento que Vivier falou n'isso.

A dona da casa replicou:

— E' porque receíamos que não jante bem. Temos hoje um jantar tão pobre.

— Eu julguei que não me esperavam; mas isso não é motivo para tristezas. Não sou exigente. Desejo apenas ter o prazer da sua companhia.

— Sentou-se com perfeita compostura, comeu magnificamente, e então, voltando-se para a dona da casa com um ar cumprimenteiro, disse:

— O que queria mais? O jantar é esplendido. Não podia desejar nada melhor.

No outro dia — era já o quinto — Vivier chegou, como de costume. O porteiro sahiu ao encontro d'elle á porta da rua.

— O sr. X não está em casa. Janta hoje fóra.

— Ah! muito bem. Mas esqueci-me hontem do meu casaco de cima; vou perguntar ao creado por elle. E subindo a escada bateu á porta.

Abriu-se a porta, ninguem esperava essa apparição.

— O guarda portão é um idiota! — disse Vivier, alegremente. Estava a dizer que tinham sahido. Eu bem sabia que elle estava enganado. Mas que caras tão compridas! que ar tão sombrio e tão melancolico! Aconteceu alguma cousa! Digam-me, para que eu possa offerecer-lhes as minhas sympathias.

Durante todo o jantar o espirituoso artista continuou e redobrou as suas supplicas de que lhe deviam confiar a elle que desgraça tinha acontecido. Lamentou-se por essa reserva, e entregou-se a toda a especie de conjecturas e de perguntas.

— Perderam algum dinheiro em especulações? perderam alguma herança? soffreram algum choque nos seus bens, na sua ambição?

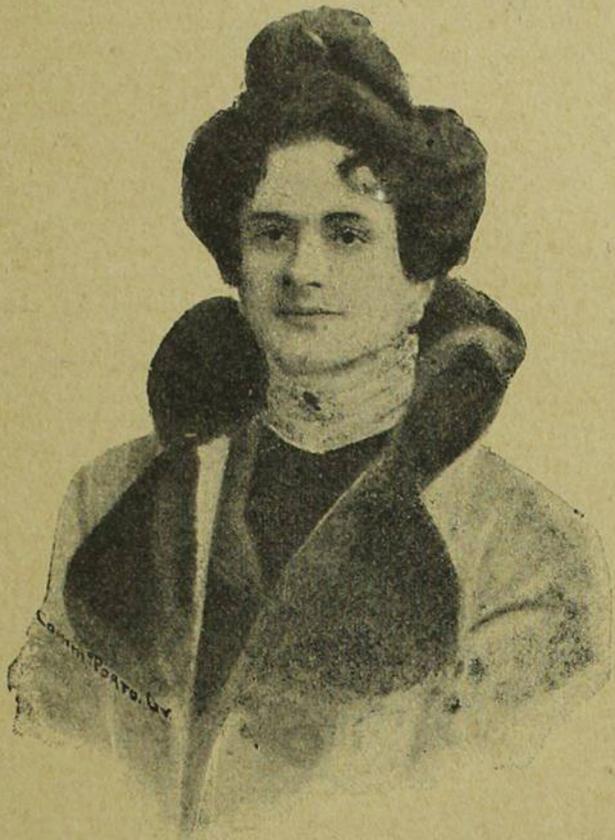
Então, á sobremeza, soltando uma gargalhada, disse:

— Sei do que se trata, e o que é que os perturba. E' o seu convite tão cordialmente feito, e acceite tanto á lettra. Entendi que devia fazer uma experiencia, por desconfiar que não me aturariam muito tempo. Hoje fecharam-me a porta na cara, e amanhã, se eu voltasse, atiravam-me pela janella fóra. Desejo-lhes muito boas noites.



do Brasil-Portugal

Actrizes portuguezas



CECILIA MACHADO



GEORGINA PINTO



MARIA FALCÃO



CECILIA NEVES

Um jantar arabe

Uma tarde, já á tardinha, guiados por um interprete e acompanhados por quatro criados da Legação, chegámos, por umas viellas escusas, a uma porta de arabescos, que se abriu, como por encanto, assim que nos avisinhámos; e, atravessando uma salita branca e núa, achámo-nos no coração da casa. A primeira cousa que nos impressionou foi uma grande confusão de gente, uma luz estranha, uma pompa maravilhosa de côres. Vieram ao nosso encontro o dono da casa, o filho e os parentes, coroados com grandes turbantes brancos, detraz d'elles estavam os servos com as cabeças mettidas nos capuzes; mais para alem, nos angulos escuros, rostos attonitos de mulheres e creanças; e apesar de tanta gente um silencio profundo. Julgava estar n'uma sala, ergui os olhos, e vi as estrellas. Estavamos no pateo. Como todas as outras casas mouriscas, era esta um pequeno edificio quadrado, com um pateosito ao meio, ao lado do qual se abriam duas salas altas e compridas, sem janellas, só com uma grande porta arqueada, fechada por uma cortina. Os muros exteriores eram brancos como a neve e os arcos das portas denticulados, os pavimentos em mosaico; aqui e alem uma porta e um nichosito para pôr os chinellos. A casa fôra ornamentada. Os pavimentos cobertos de tapetes; ao lado das portas dois grandes candelabros com velas amarellas, verdes e encarnadas, em cima das mezas espelhos e ramalhetes. Mas o effeito de todas estas cousas, em si nada estranhas, era estranhissimo. Era um pouco de ornamentação de uma egreja, e juntamente um ar de theatrinho, de sala de baile; mas cheia de gentileza e de graça; e na distribuição da luz e na combinação das côres um effeito novo, uma significação profunda, uma correspondencia maravilhosa com tudo o que tinhamos sempre pensado e sentido confusamente d'aquelle povo; como se aquella fosse, por assim dizer, a luz e a côr da sua lei e da sua religião, e como se, vendo o interior d'aquella casa, vissemos pela primeira vez para dentro da alma da raça. Gastaram-se alguns momentos em cortezias e em vigorosos apertos de mão: e fomos convidados a vêr o quarto dos esposos. Procurei inutilmente, com uma curiosidade de europeu descarado, os olhos de Mahomet; já inclinára a cabeça e escondia o rubor de baixo do turbante. A camara nupcial era uma sala alta, comprida e estreita, com porta para o pateo. De um lado ao fundo estava o leito da esposa; da parte opposta o de Mahomet: ambos armados com ricos

estofos, de uma côr vermelha carregada, e orlados de galões: o pavimento coberto de espessos tapetes de Rabat; as paredes de tapeçarias amarellas e vermelhas: e entre os dois leitos o fato da esposa pendurado d'parede; corpetes, saias, calças, vestidinho de corte desconhecido, com todas as côres de um jardim florido, de lã, de seda, de veludo, agaloados e estrellejados de oiro e de prata; todo o enxoval da boneca de uma princezasinha: um espectáculo de fazer andar a cabeça á roda a um coreographo e de fazer morrer de inveja uma mimica. D'alli passámos para a casa de jantar. Aqui tambem alcatifas, tapeçarias, ramos de flores, grandes candelabros postos no chão, colchões e travesseiros de cem côres estendidos ao pé das paredes, e dois leitos enfeitados com grande pompa, porque era o quarto nupcial do dono da casa. Ao pé de um dos leitos estava posta a meza, contra o costume dos arabes, que põem os pratos no chão, e comem sem talheres, e sobre ella scintillava, apesar do preceito do Propheta, uma corôa de velhas garrafas, encarregadas de nos lembrar, no meio das volupias do banquete mourisco, que eramos christãos. Antes de irmos para a mesa, sentámo-nos de pernas cruzadas nos tapetes, á roda do secretario do dono da casa, um bello mouro de turbante, que preparou o chá á nossa vista, e nos fez tomar, segundo o costume, tres chavenas a cada um, despropositadamente asucaradas e perfumadas com ortelã-pimenta; e entre uma e outra chavena affagámos o rabicho e a cabecinha rapada de um lindo pequeno de quatro annos, ultimo irmão de Mahomet, que contava furtivamente os dedos das nossas mãos para se certificar de que eram cinco como os de todos os mahometanos.

Tomado o chá, sentámo-nos á mesa. A nosso pedido sentou-se tambem o dono da casa para nos fazer companhia, e principiam a desfilar os pratos arabes, objecto da nossa vivissima curiosidade. Eu saltei no primeiro com a maxima confiança... O Deus eterno! O meu primeiro pensamento foi de me atirar ao cosinheiro. Todas as contracções que se podem produzir no rosto de um homem com o assalto subito de uma colica, ou com a noticia de fallencia do seu banqueiro, me parece que se produziram no meu. Percebi immediatamente que uma gente que comia d'esta maneira devia acreditar n'outro Deus e tomar n'outro sentido a vida humana. Não saberei exprimir o que senti na bocca senão comparando-me com um desgraçado obrigado a merendar os boiões de um cabelleireiro. Era um sabor de pomadas, de banhas, de sabões, de unguentos, de tinturas, de cosmeticos, de tudo o que se possa

imaginar menos proprio para passar por uma bocca humana. A cada prato trocavam-se olhares de assombro e de terror. A materia prima devia ser boa: era gallinha, carneiro, caça, peixe: pratos enormes e de bella apparencia, mas tudo a nadar n'uns molhos dominaveis, todos cheios de unto, perfumados, almiscarados, tudo cosinhado de tal fórma que parecia mais natural metter-lhe o pente do que o garfo. Mas não havia remedio senão comer alguma coisa e conformei-me com o sacrificio, repetindo aquelles versos de Aleardi:

Oh! n'esta vida
Pesa de certo algum delicto ignoto
Alguma expiação.

A unica cousa que se podia comer era o carneiro no espeto. Nem ao menos o cuscussû, o prato nacional dos mouros com o trigo moido da grossura do farelo, feito em caldo ou em leite e cozido a vapor! nem ao menos esse famoso cuscussû o consegui ingurgitar sem me fazer de mil côres! E houve algum de nós que comeu de tudo, facto consolador que demonstra que ainda ha na Italia grandes caracteres! A cada bocado o nosso hospedeiro interrogava-nos humildemente com o olhar, e nós, esbogalhando os olhos, respondiamos em côro: Excelente! Superfino! — e deitavamos logo abaixo um copo de vinho para reanimar os espiritos. N'um certo momento, retumbou no pateo uma musica extravagante que fez com que nos levantassemos de um pulo. Eram tres tocadores, vindos, como quer o costume mourisco, para alegrar o banquete; tres arabes de grandes olhos e de nariz de papagaio, vestidos de branco e de vermelho, um com a thiorba, outro com o bandolim, o terceiro com o pandeiro e todos tres sentados fóra da porta da nossa sala, e ao pé de um nicho onde tinhamos posto as nossas chinellas. Tornámo-nos a assentar, os pratos recommçaram a circular (vinte e tres, entrando a fructa, se bem me recordo) e os nossos rostos a contorcer-se e as rolhas a saltarem. A pouco e pouco as libações, o cheiro das flôres, o fumo dos aloés que ardia nos thuribulos cinzelados de Fez, e aquella extravagante musica arabe, que á força de repetir o seu mysterioso lamento, se assenhoreia da alma com uma sympathia irresistivel deram-nos por alguns momentos uma especie de embriaguez taciturna e phantastica durante a qual cada um de nós julgou sentir um turbante na cabeça e a cabeça de uma sultana sobre o coração. Acabado o jantar, levantaram-se todos, e dispersaram-se pela sala...

Edmundo de Amicis.

O FUNERAL DA POMBA

Um pequenino, a soluçar, caminha
A' tarde pela estrada;
Vai, de capa encarnada,
A agitar tristemente a campainha.

Abre o prestito, á frente, o irmão mais velho
Com ares d'infeliz;
Leva uma cruz alçada e um Evangelho,
E uma saia a fingir sobrepeliz.

Tres criancinhas vão
Tirando o carro com sentida magua,
A enxugar—coitaditas!—com a mão
Os olhos rasos d'agua!

A pomba vai deitada
Sobre um colchão de folhas setinosas;
Abriga-a uma ramada
Toda feita de petalas de rosas.

Vão raparigas a espargir-lhe em roda
As flores que despontam no caminho
E as longas azas, que a encobrem toda,
D'uma brancura doce,
Deixam n'a ir assim como se fosse
Amortalhada n'um lençol de linho!

No ar adeja o bando
Dos rouxinoes, soltando
Uns dolorosos pios!...

Das folhas do arvoredro
Pendem sentidas lagrimas em fios.

E pelo pinheiral
Perpassa o vento a soluçar a medo,
Como quem chora em intimo segredo,
Ao vêr passar o triste funeral!

ALBERTO BRAGA.



Um soneto monosylabico

Cri
bem
em
ti

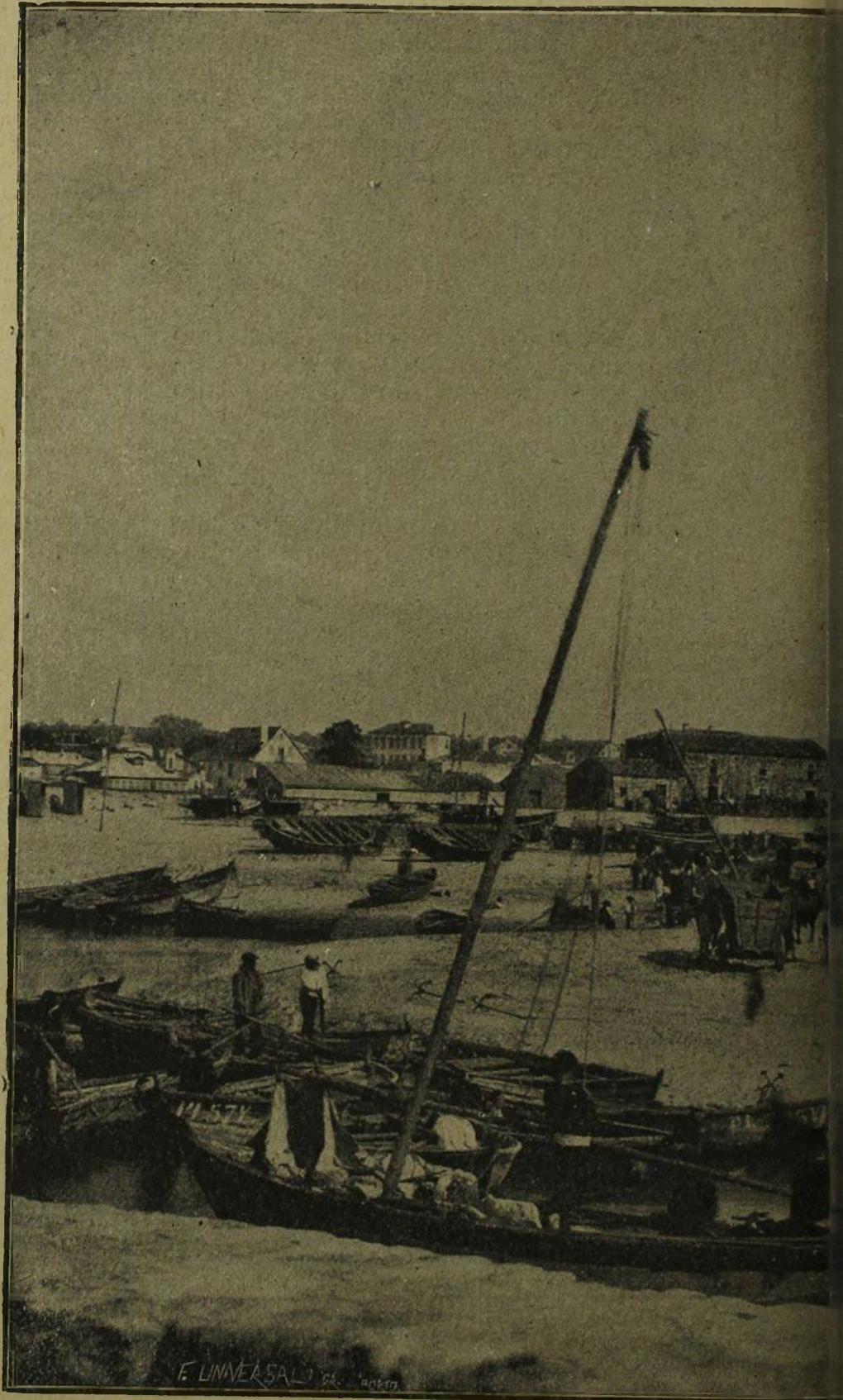
e
nem
sei
quem

te
deu
mais

ais
que
eu

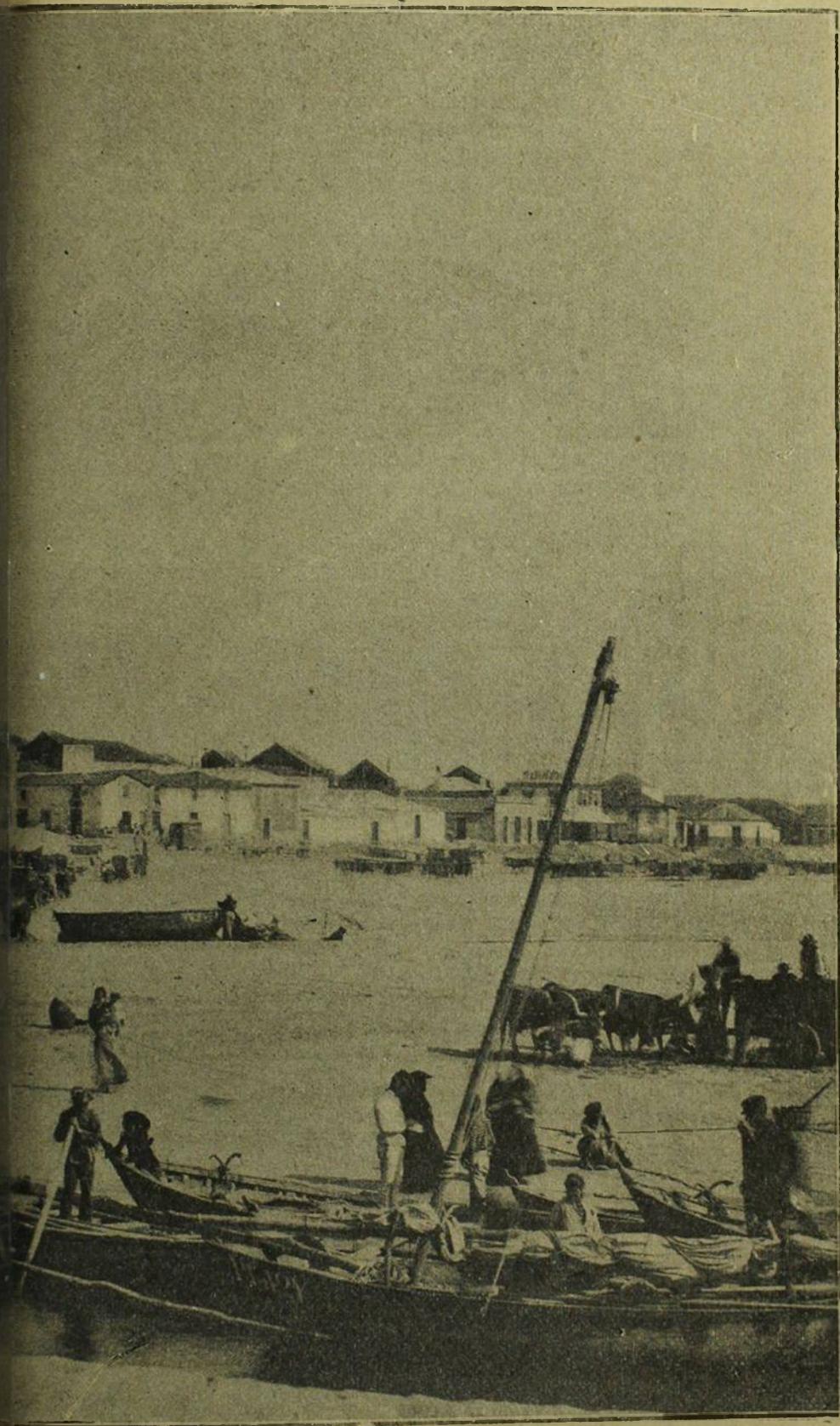
Já é pachorra!

Porto



O descarregar do

Portugal



meas em Mattosinhos

ROSITA

Rosita sobe a encosta — O sol declina,
Rubro, atravez do pinheiral sombrio. —
Leva á cabeça o cantaro vazio,
A encher na veia d'agua crystalina.

Vae cantando em voz alta, que domina
O silencio da tarde; ao longe o rio
Desdobra-se nos campos como um fio,

Delgado e rutilante, de platina.
No alto da serra encontra o jornaleiro,
Aquelle mocetão rude e trigueiro

Que a amou e passa agora indifferente.
Rosita desce a encosta; vae calada,
No coração a raiva concentrada,
E os olhos marejados no poente.

Macedo Papança.

(Conde de Monsaraç).

N'uma estação de caminho de ferro o empregado, muito azafamado, fazendo entrar para o wagon uma creança que se está a despedir da mãe, uma galante senhora

- Ande, menina! Suba, suba!
- Eu não posso subir sem beijar a mamã.
- Eu cá a beijo. Suba, suba!



Na China

A camponeza dos arredores de Coimbra

DEVIAM saber latim e grego as *tricanas* do tempo das *cathedrilhas* de Scoto, e do dominio de Aristoteles, devem conhecer perfeitamente Augusto Comte e Herbert Spencer as *tricanas* de agora. Em Lisboa as sopeiras conhecem intimamente os filhos de Marte, em Coimbra as *tricanas*, que são muitas vezes as serventes d'aquelle bairro latino, conhecem os filhos de Minerva; por isso tambem devem olhar com desdem supremo para as filhas de Lisboa, que têm de trazer os seus amores pela vulgaridade das casernas e das esquadras, emquanto ellas têm por adoradores toda a futura magistratura judicial.

Alli onde as vêem são as verdadeiras Lauras de todos os Petrarchas da nossa terra. As estrophes que um estudantinho poeta solta á briza dos vinte annos são quasi sempre dedicadas a alguma *tricana* dos bons tempos. Quando Camões fez a côrte a Natercia, já era homem erudito, que sabia Petrarcha de cór e salteado e por isso lhe dirige uns sonetos magistraes, que muitas vezes — maganão — se limitam a ser uns exercicios de rima no genero das do poeta de Vaucluse. Mas as trovas sinceras peninsulares a valer, filhas das inspirações do Mondego, nascidas espontaneamente entre os salgueiraes como as flôres silvestres, essas, por Deus, illuminou-as com o negro olhar de alguma *tricana* de Coimbra. Depois, no fim da vida, quando já o sol do Oriente lhe queimára o sangue e lhe accendera nas veias as extranhas concupiscencias dos cli-

mas tropicaes, até as pretas o captivaram. Triumphava nos ultimos annos do poeta a pretinha saracoteante e o provocante mexilhão, mas na aurora da sua existencia foram as sedutoras tricanas, portuguezas de lei, de olhar escuro e brilhante como uma noite estrellada, de corpo flexivel e elegante como um arbusto novo, de voz suave como as melodias do Mondego, que lhe fizeram andar a cabeça á roda. Romantica no principio, realista no fim, foi classico no meio. Catharina de Athayde é a inspiradora official, a musa, a Natercia, que Camões adora de lyra em punho e de corôa de loiros na cabeça, mas a tricana da mocidade, a *Lianor* que vae de cantaro á fonte, essa é a inspiradora nacional e adorada pelo poeta ao som da guitarra da sua patria, sob o luar sereno do nosso bom céo portuguez.

Assim n'um momento dado da sua vida encontram-se alli em Coimbra os rapazes gentis e enamorados e as galantes e divinas tricanas. Foram ellas o sonho d'aquellas adolescencias em pleno verdor, e elles o ideal supremo d'aquelles corações feminis, que despertam na abençoada ignorancia da vida, mas depois passaram os cinco ou seis annos sacramentaes, veiu a barba aos rapazes e o rude trabalho ás raparigas; elles sahiram de Coimbra, advogados, medicos, prelados, engenheiros, homens graves, condecorados, maçudos e maçadores, casaram com umas burguezas ricas e gordas, ou com umas fidalgas anemicas e espevitadas, e de quando em quando, no aborrecimento do seu lar prosaico, sentem passar com uns sopros de mocidade a imagem dulcissima da tricana ignorante e ingenua que adoraram dois dias! Ellas sentiram deformar-se lhes o corpo sujeito aos rudes trabalhos do campo, casaram com alguns lapuzes que lhes batem, e quando estão a esfregar alguma casa, ou a ensaboar alguma roupa, com as farripas do cabello já grisalho a cahirem sobre os olhos, vêem tambem, com um suspiro, passar entre os salgueiros a imagem fina do estudante que vinha ao seu encontro, de livros a tiracollo e que ás vezes falava nas maravilhas ignoradas da poesia e da sciencia!

PINHEIRO CHAGAS.

No theatro annamita de Paris os papeis de mulheres são desempenhados por homens.

Ha noites, como o intervallo se prolongasse e o publico dêsse mostras de impaciencia, o emperezario vem á scena e diz:

— Peço ao respeitavel publico a fineza de esperar mais um bocadinho, porque a rainha está ainda a fazer a barba.

BRASIL

Os feriados nos diversos Estados da Federação

ALAGOAS. — 15 de março, Installação da 1.^a assembléa provincial. — 11 de julho, Promulgação da Constituição. — 16 de setembro, Creação da Provincia.

AMAZONAS. — 1 de março, Abertura do Congresso. — 1 de julho, Primeira constituição do Estado. — 10 de julho, Emancipação dos escravos. — 5 de setembro, Elevação á cathegoria de provincia em 1850. — 21 de novembro, Adhesão á Republica.

BAHIA. — 2 de julho. — Tomada da cidade da Bahia. — 7 de novembro, Revolução em 1837 (Sabinada).

CEARÁ. — 12 de julho, Promulgação da Constituição. — 16 de novembro, Adhesão á Republica.

DISTRICTO FEDERAL. — 20 de janeiro, Fundação da Cidade do Rio de Janeiro.

ESPIRITO SANTO. — 23 de maio, Povoamento do territorio do Estado. — 12 de junho, Execução de Domingos José Martins em 1817. — 28 de Agosto, Festa de N. S. da Penha. — 20 de novembro, Adhesão á Republica. — 25 de dezembro, Natal.

GOYAZ. — 1 de junho, Promulgação da Constituição.

MARANHÃO. — 28 de julho, Promulgação da Constituição. — 18 de novembro, Adhesão á Republica.

MINAS GERAES. — 15 de junho, Promulgação da Constituição.

MATTO GROSSO. — 15 de agosto, Promulgação da Constituição. — 9 de dezembro, Adhesão á Republica.

PARÁ. — 21 de junho, Promulgação da Constituição. — 15 de agosto, Adhesão á Independencia do Brasil. — 16 de novembro, Adhesão á Republica.

PARAHYBA. — 5 de agosto, Festa da Padroeira, N. S. das Neves.

PARANA. — 7 de abril, Promulgação da Constituição. — 16 de dezembro, Installação da provincia em 1850.

PERNAMBUCO. — 27 de janeiro. — Restauração de Pernambuco do dominio hollandez em 1654. — 17 de junho, Promulgação da Constituição. — 10 de novembro, Primeiro brado de Republica, dado por Bernardo Vieira de Mello em 1710 em Olinda.

PIAUI. — 24 de janeiro, Commemoração da Independencia. — 13 de junho, Promulgação da Constituição. — 16 de novembro, Adhesão á Republica.

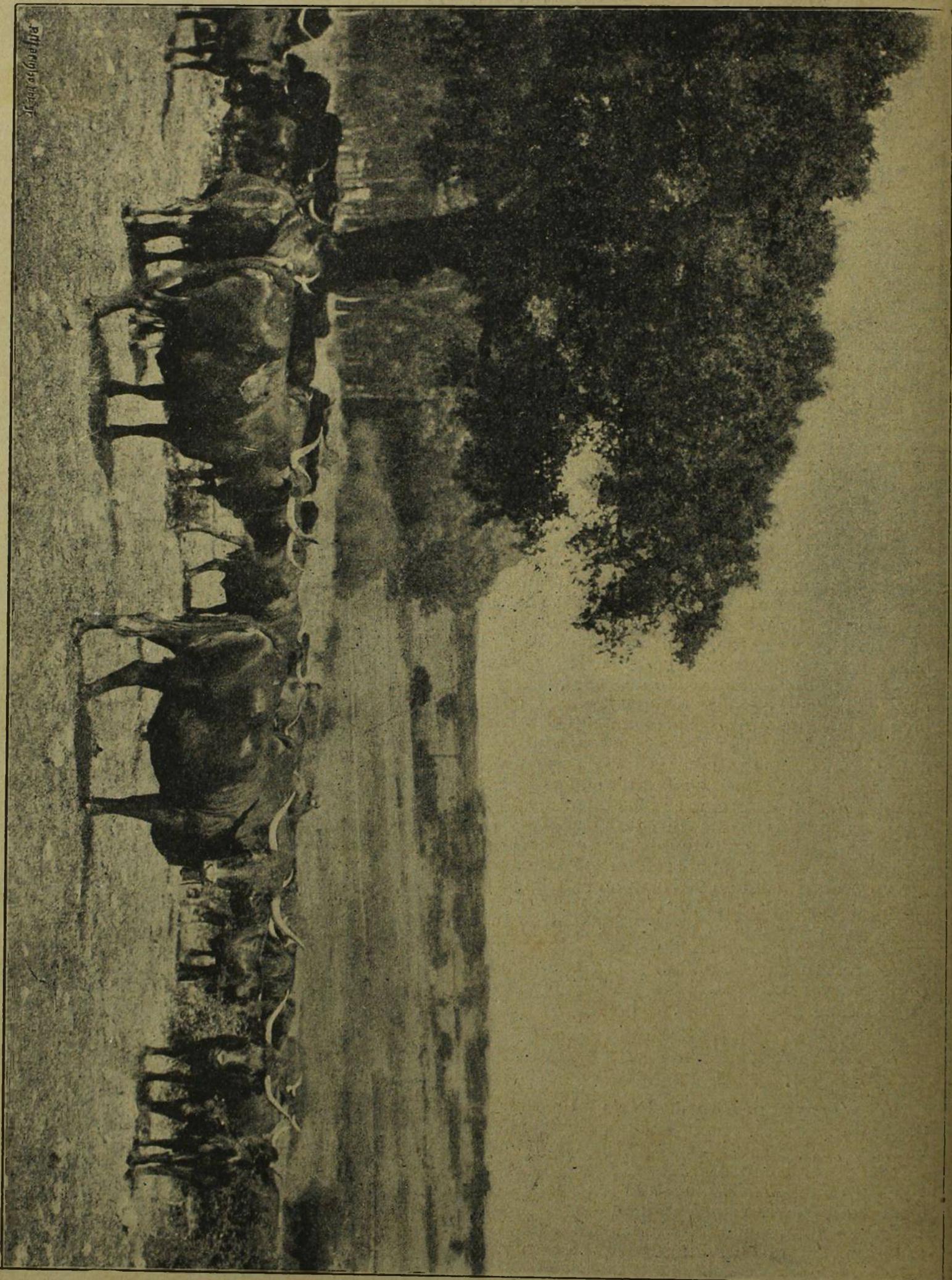
RIO GRANDE DO NORTE. — 19 de março, Installação do governo republicano de André de Albuquerque Maranhão em 1817. — 7 de Abril, Promulgação da Constituição. — 12 de junho, Morte do Padre Miguel Joaquim de Almeida Castro, conhecido por frei Miguelinho, em 1817.

RIO GRANDE DO SUL. — 14 de julho, Promulgação da Constituição. — 20 de setembro, Revolução republicana em 1835.

S. CATHARINA. — 11 de junho, Promulgação da Constituição. — 17 de novembro, Adhesão á Republica.

S. PAULO. — 8 de julho, Installação do Congresso Constituinte. — 14 de julho, Promulgação da Constituição. — 14 de dezembro, Restauração da legalidade.





Uma manada de vacas



Uma tirada de cortiça

TRACÇÃO ELECTRICA

Está estabelecida a tracção electrica em Lisboa com carreiras para os seguintes pontos:

Ribamar, Lumiar, Poço do Bispo e Bemfica. Ha carreiras amiudadas entre estes pontos e o Rocio.

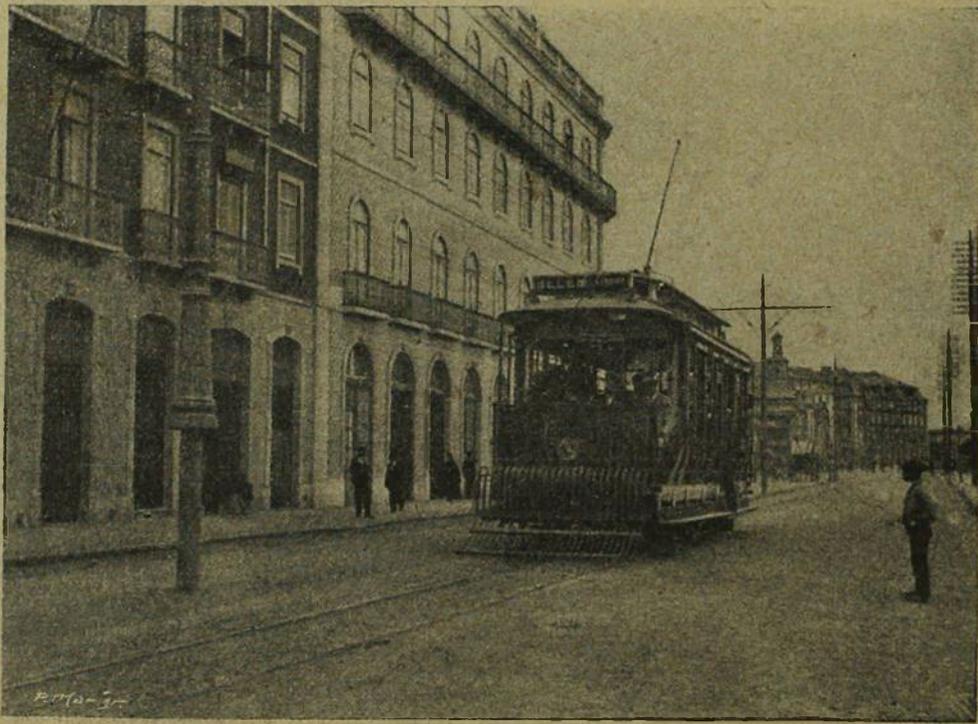
Dentro da cidade, ha carreiras para o Intendente, Avenida, Conde Barão, e Caminho de ferro.

A linha do Principe Real faz a circulação pelas ruas da Escola Polytechnica, travessa de S. Mamede á Avenida, Rocio, Arsenal, Alecrim e S. Roque, e vice-versa.

Ha outra circulação pela rua de S. Bento.

Os carros são bonitos, muito aceiados e produzindo um lindo effeito á noute.

Damos a seguir uma gravura de um d'elles



Um carro electrico em Lisboa

As estações do anno

Primavera.....	21 de março
Estio.....	21 de junho
Outomno.....	21 de outubro
Inverno.....	21 de dezembro

Festas moveis

1903

Septuagesima.....	8 de fevereiro
Cinza.....	25 de fevereiro
Paschoa.....	12 de abril
Ascensão.....	21 de maio
Espirito Santo.....	31 de maio
Corpo de Deus.....	11 de junho
Coração de Jesus.....	19 de junho
Advento.....	29 de novembro

Epacta: II — Letra Dominical — D.

Um problema

Dez viajantes chegam a uma estalagem e cada um pede um quarto. O estalajadeiro diz: — “Eu só tenho nove quartos, mas creio que posso accomodar a todos.” Pediu então ao primeiro viajante que esperasse na sala. Levou comsigo o 2.º e pol-o no n.º 1, depois o 3.º a quem deu o n.º 2, depois o 4.º que installou no n.º 3, depois o 5.º que meteu no n.º 4, depois o 6.º que recolheu no n.º 5, depois o 7.º que introduziu no n.º 6, depois o 8.º que arranjou no n.º 7, depois o 9.º que poz no n.º 8. E finalmente voltou á sala e levou o 1.º viajante que esperava para o n.º 9.



N'uma reunião politica um sujeito gritava furiosamente:

— O sr. Henriques! o sr. Henriques! Fale o sr. Henriques!

Depois de varias interrupções d'este genero

appareceu um sujeito que subiu ao estrado e principiou a falar. De repente ouve-se a mesma voz bradar:

— O sr. Henriques! o sr. Henriques! o sr. Henriques! Fale o sr. Henriques.

O presidente impacienta-se e diz-lhe:

— Porque está o senhor a gritar? O sr. Henriques é o que está falando agora.

— Esse? brada o interruptor. Não póde ser! Esse é o que me deu o dinheiro para eu fazer esta gritaria.

O visconde está-se a vestir no seu quarto. Batem á porta e a voz do cocheiro pergunta:

— Queres que ponha já o trem?

— Que é isso, Bento? Então é tu cá tu lá?

— O cocheiro (fazendo-se muito vermelho). Queira desculpar meu senhor, pensava que era a senhora.

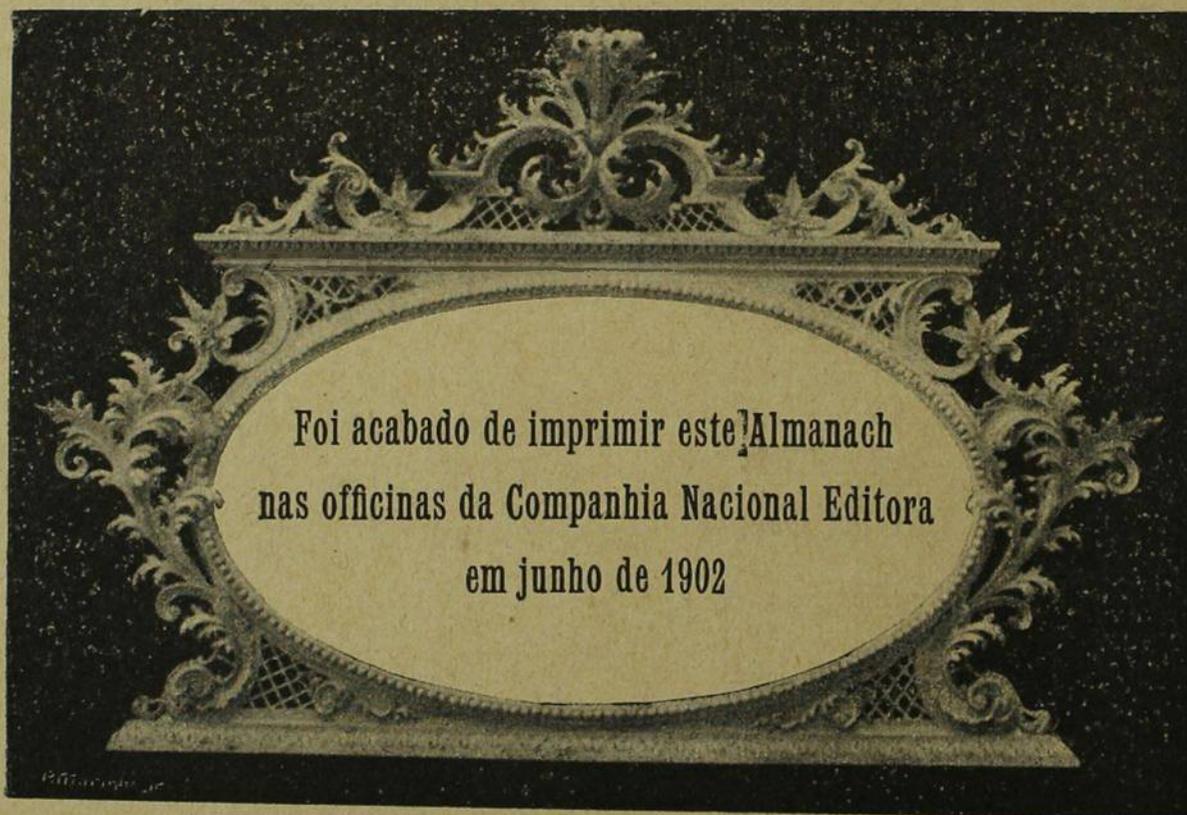
Ao leitor do almanach

Fechando o **ALMANACH PARA 1903**, o seu compilador tem apenas de explicar em duas linhas o ponto de vista a que obedeceu esse trabalho: — o de entreter sem massar, o de interessar sem enfastiar.

Ao longo d'estas paginas encontra-se uma serie grande de charadas, logogriphos e adivinhações de varios generos, cujas decifrações podem ser enviadas pelos leitores ao Secretario do **BRASIL-PORTUGAL**. No **ALMANACH DE 1904** serão ellas publicadas, mas até lá as paginas supplementares do **BRASIL-PORTUGAL** darão conta do seu recebimento, offerecendo como brinde á pessoa que primeiro enviar a decifração de todas ellas **um volume encadernado** com o **4.º anno** do **BRASIL-PORTUGAL**, isto é, desde o **n.º 73** até o **n.º 96**.



TYPO DE BELLEZA

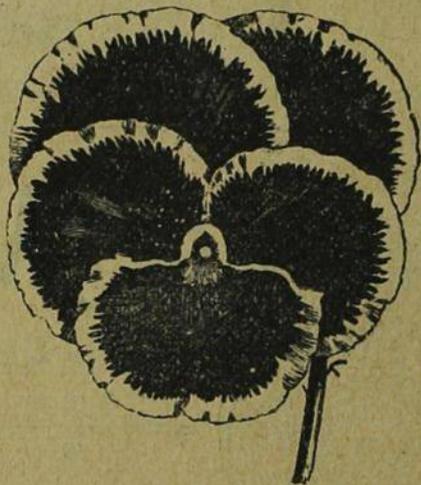




Secção



de Annuncios



Zenha, Ramos & C.^a

Endereço telegraphico «HOMERO» — Rio

Commissões e Consignações, Nacionaes e Estrangeiras

UNICOS DEPOSITARIOS DOS AFAMADOS VINHOS

DE

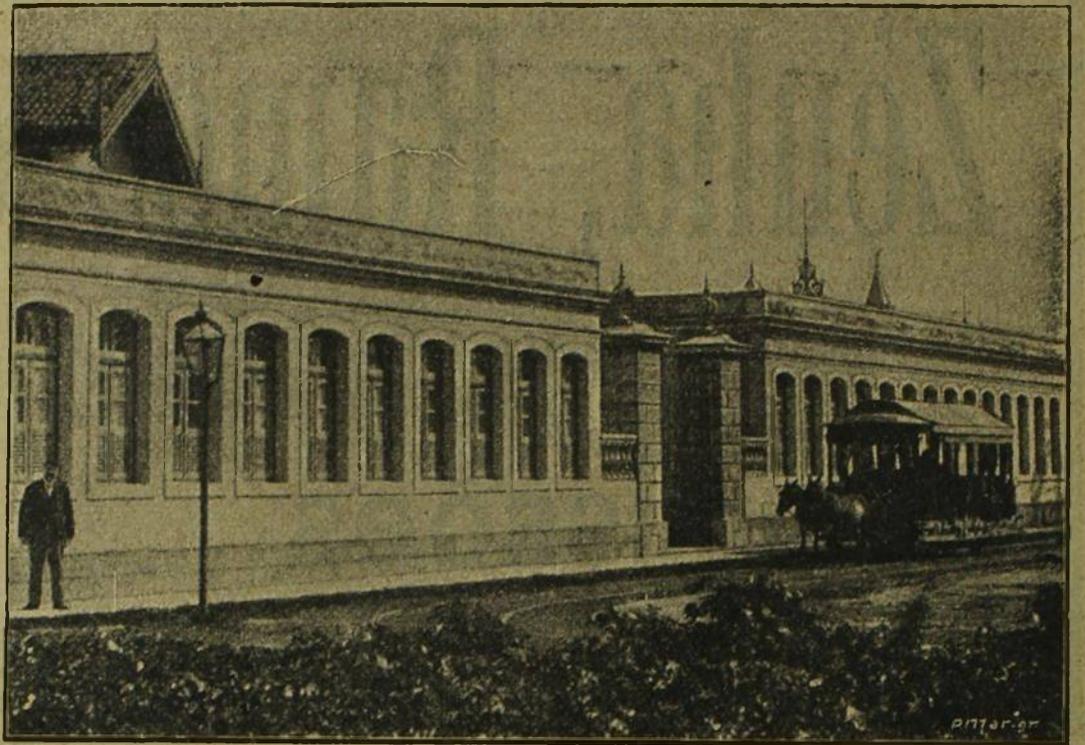
Manoel da Costa Oliveira

NO RIO DE JANEIRO

Agentes geraes da agua mineral natural «SALUTARIS»

Rua 1.^o de Março, 51

RIO DE JANEIRO



ENTRADA

Pensão DERBY

Primeiro hotel do Norte do Brasil

Situação magnífica

Terraço pittoresco á beira do rio CAPIBARIBE

Cosinha franceza

Vinhos escolhidos

Acceio e conforto

60 APOSENTOS HYGIENICOS E AREJADOS

PREÇOS RASOAVEIS

Pernambuco



ANTIGA FABRICA
DE
Cigarros

DE
S. DOMINGOS

Calçada do Bomfim, 95

BAHIA

Propriedade de

LEITE & ALVES

SÉDE:

no RIO DE JANEIRO

Rua 1.º de Março, 10

EXPOSIÇÃO

Fabrica todas as qualidades de cigarros

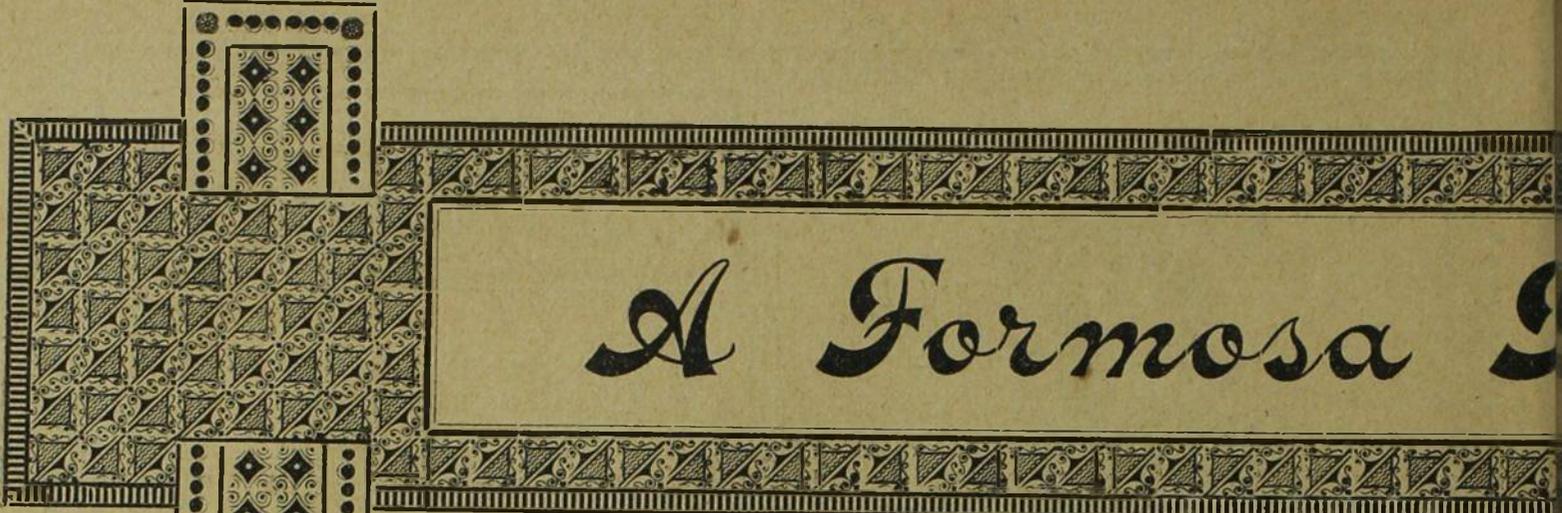
Especialmente

Os afamados

EXPOSIÇÃO



Os seus productos encontram-se
em todas as principaes casas de negocio



A Formosa

Grande armazem de fazendas, modas, chapéus, m...

CASA FUNDADA EM 1864

Importação directa da Europa
e Sul do Brasil

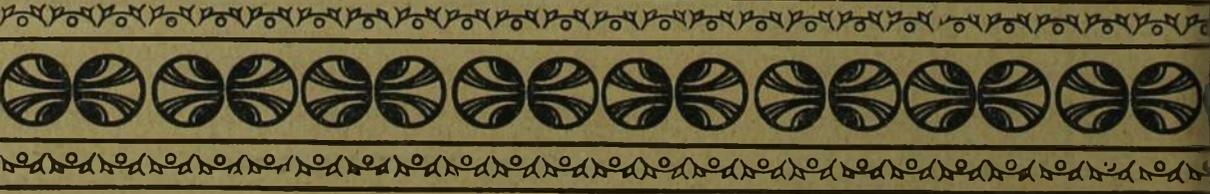
Recebe por todos os vapores as

Atende-se qualquer pedido por

PORTE GRATUITO PARA CASA DOADOR

CORRÊA DE

R. Conselheiro João



...ense

artigos de armarinho

...merica

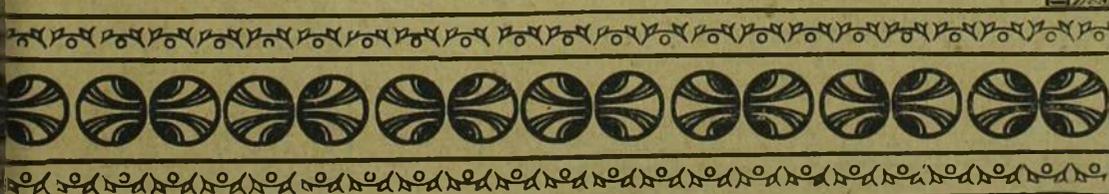
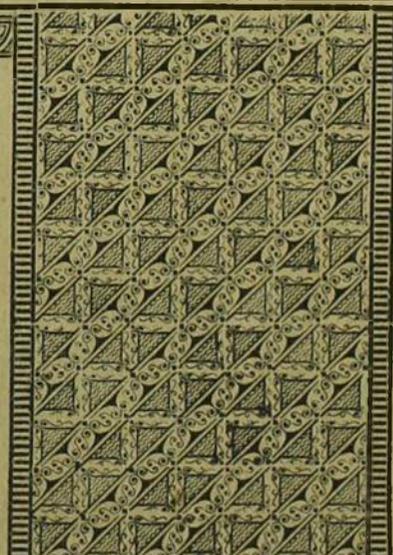
novidades

...e

CASA D RADOR

...RDA & C.^h

...fredo, 67—PARÁ



"A BRASILEIRA"

GASPAR, PACHECO & C^A

Preços sem competencia

Importação directa

Exposições permanentes

RECEBEM-SE NOVIDADES POR TODOS OS PAQUETES

GRANDE ESTABELECIMENTO DE FAZENDAS

MODAS, NOVIDADES E ARMARINHO

Esta casa tem sempre os mais modernos tecidos
em todos os generos

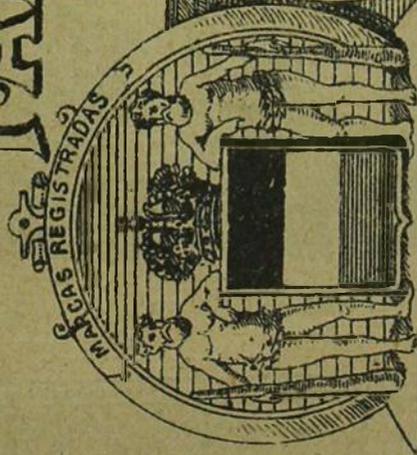
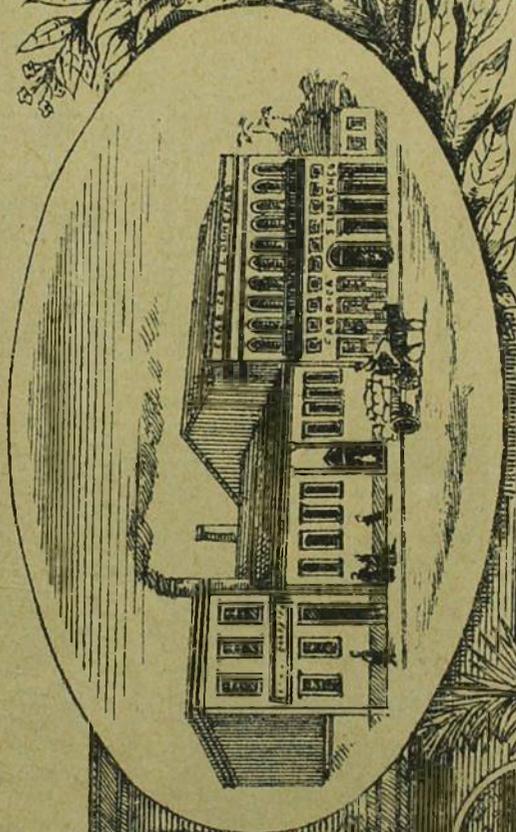


FABRICA S. LOURENÇO

LADEIRA DO FARIA Nº 2

E CASCADURA

DEPOSITO CENTRAL
RUA DOS OURIVES
Nº 134



GRANDE EMPORIO
FUMOS, CHARUTOS, CIGARROS,
E TODOS OS ACCESORIOS DESTA
ESPECIE DE COMMERCIO.



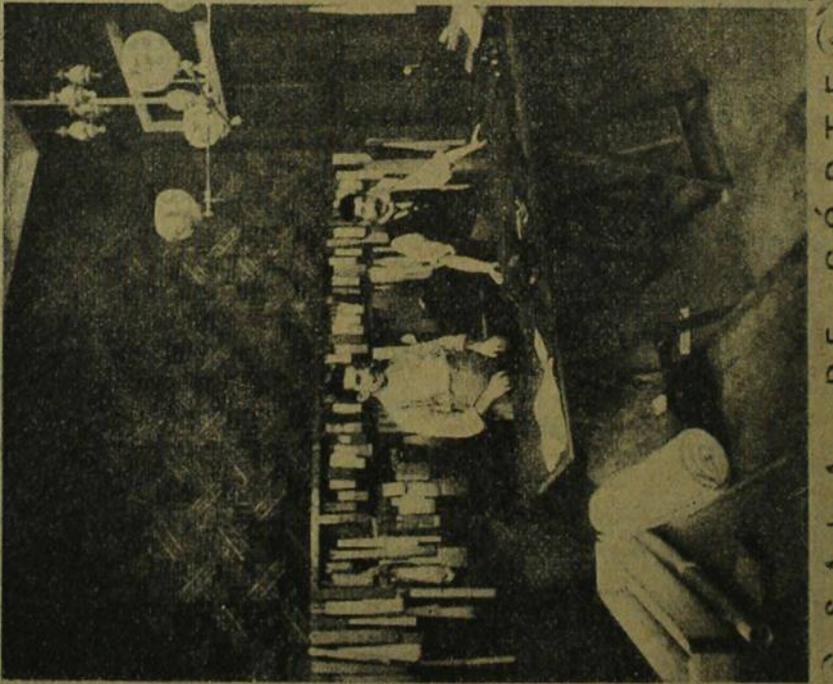
IMPORTAÇÃO E EXPORTAÇÃO

LOPES, SA & CIA

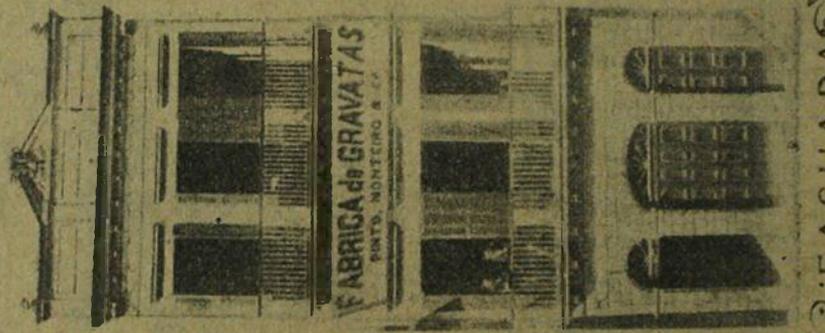
FABRICA DE PHOSPHOROS AURORA

Rio de Janeiro

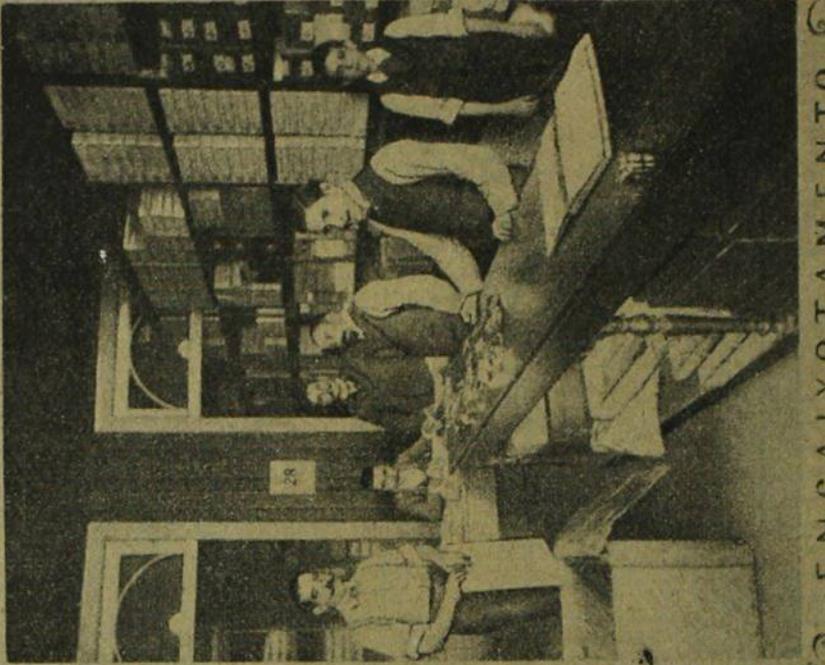
**FABRICA DE GRAVATAS
PINTO, MONTEIRO & CIA**



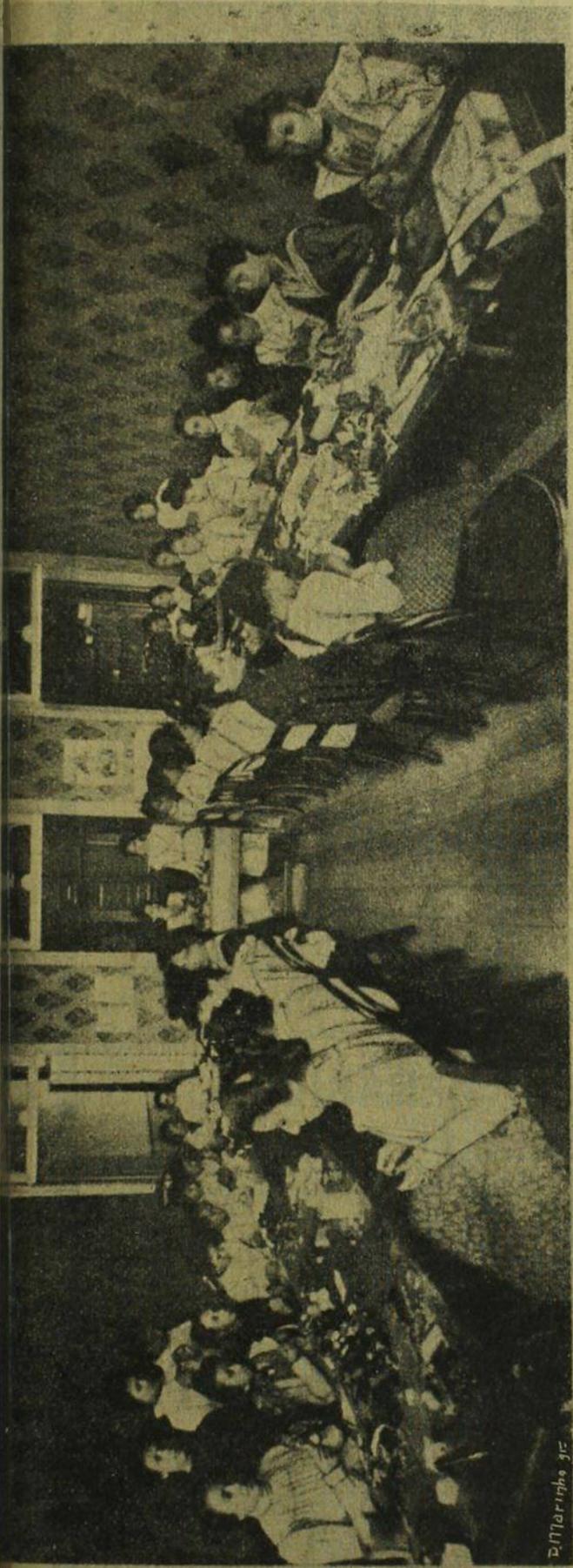
SALA DE CÔRTE



FACHADAS



ENCAIXOTAMENTO



2177A-1789 312

Exportadores para todos os Estados do Brasil

Officinas montadas com todos os melhoramentos modernos

||| **Agencia em todos os Estados** |||

Telegrammas — PINTEIRO — Caixa do Correio, 691

101, RUA DO HOSPICIO, 101

|| **Rio de Janeiro** |

Vinhos Especiaes

DE

Manoel da Costa Oliveira

Marcas acreditadas
em todas as praças do BRASIL

Vinhos finos

«El-Rey»
«Mathusalem»
«Moscatel»
«Dom Cesar»

VINHOS DE MESA

«Collares»
«Clarete»
«Bucellas»
«Rhenos de Portugal»

Unicos agentes no

RIO DE JANEIRO

Zenha, Ramos & C.^a

“SALUTARIS” AGUA MINERAL NATURAL, DA PARAHYBA DO SUL.
A RAINHA DAS AGUAS DE MESA, PODEROSO TONICO-RECONSTITUINTE
COMO O PROVAM INNUMEROS ATTESTADOS.

Agentes geraes no Brasil — ZENHA, RAMOS & C.^a — Rua 1.^o de Março, 54 — Rio de Janeiro

Vinhos do Porto ESPECIAES

Marcas conhecidas e acreditadas
nos mercados do BRASIL

«Adriano»
«Nazareth»
«Augusto»
«Benedictino»

Vinhos Verdes e Virgens

EM

BARRIS

Das mais antigas marcas
e typos
mais conformes
às necessidades do nosso
mercado

Agentes no

RIO DE JANEIRO

Zenha, Ramos & C.^a

Pharmacia e Drogaria Rodrigues



Completo sortimento de drogas, productos quimicos e pharmaceuticos.

Especialidades nacionaes e estrangeiras

Avia-se qualquer receitauario com a maxima promptidão, zelo e modicidade de preços. Abre-se a porta a qualquer hora.

Deposito dos especificos de HUMPHREYS

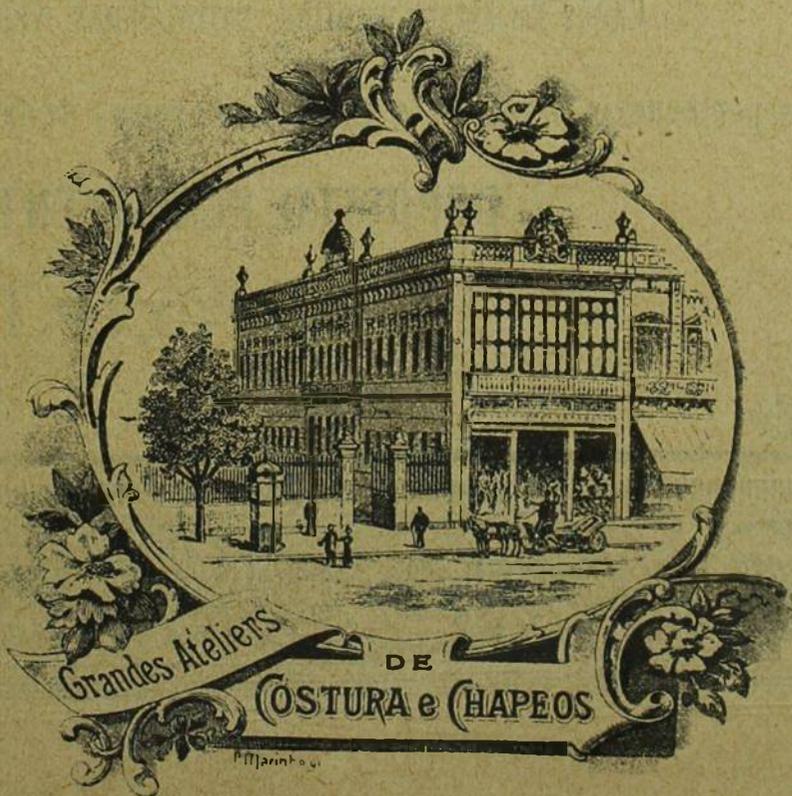
JOSÉ RODRIGUES

Rua Gonçalves Dias, 57

RIO DE JANEIRO

56

Aux Dames Élégantes



Grandes «ateliers» de costura e de chapéus sob a direcção de duas eximias contramestras francezas.

Especialidade em enxovaes para casamentos, vestidos para baile, theatro, e passeio.

Variado sortimento de sedas, gazes e tecidos de phantasia.

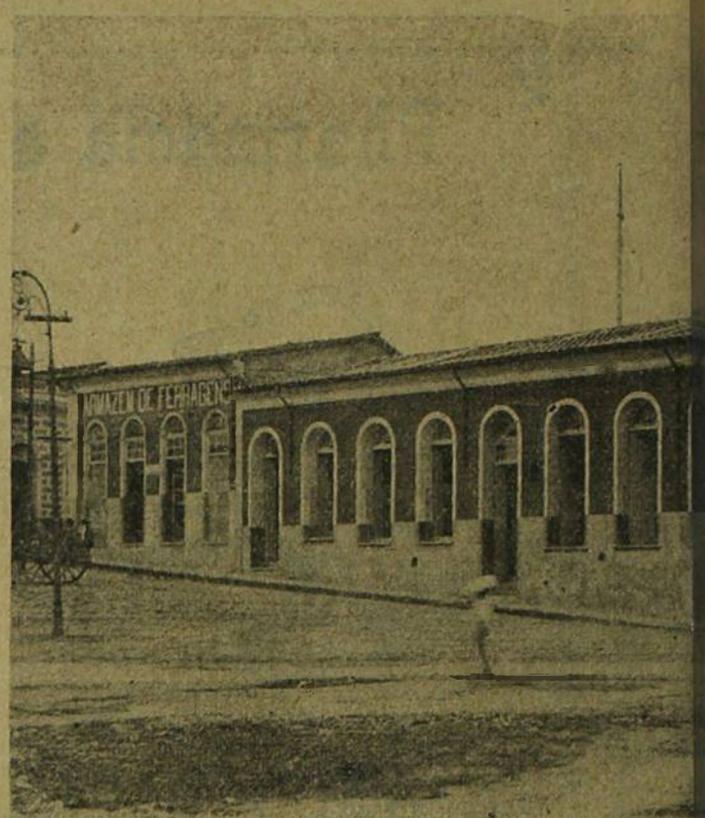
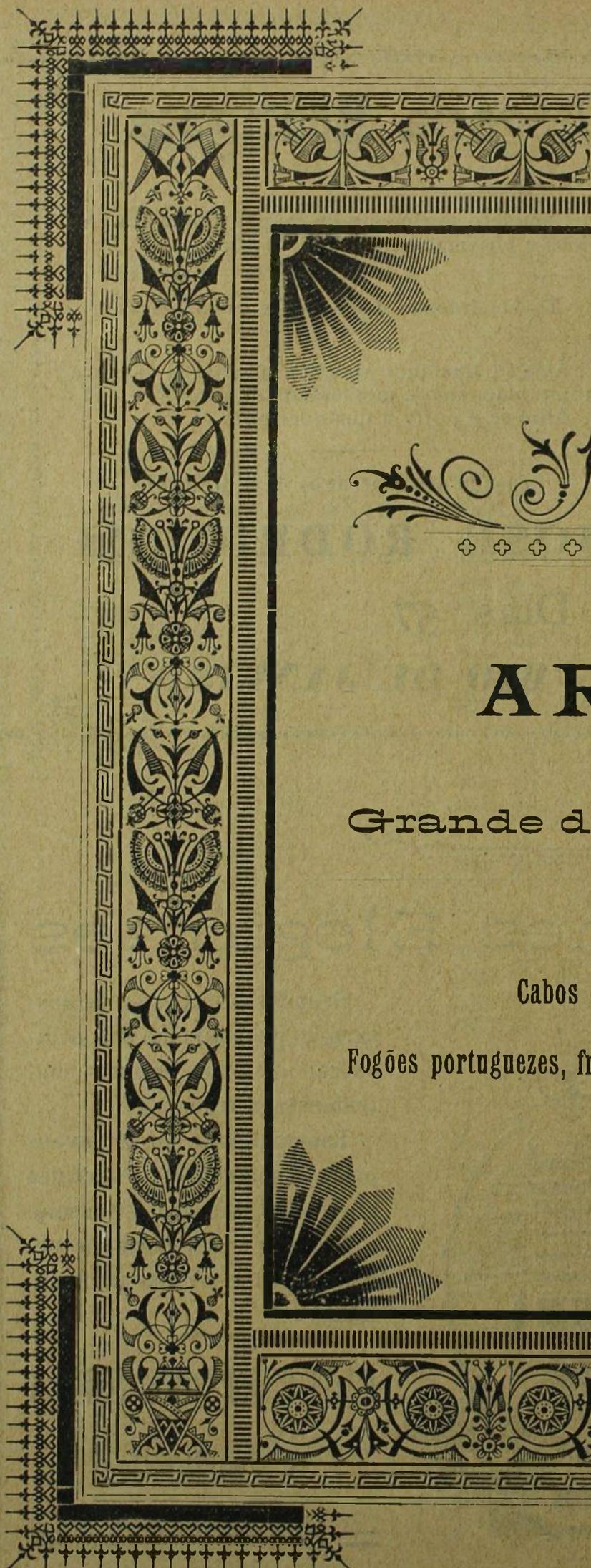
FIGUEIREDO & SILVA

1, R. do Theatro, 1

= RIO DE JANEIRO =

61

1 * * * — XIII



ARMAZEM

NACIONAL

Grande deposito de tubos de ferro

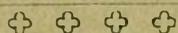
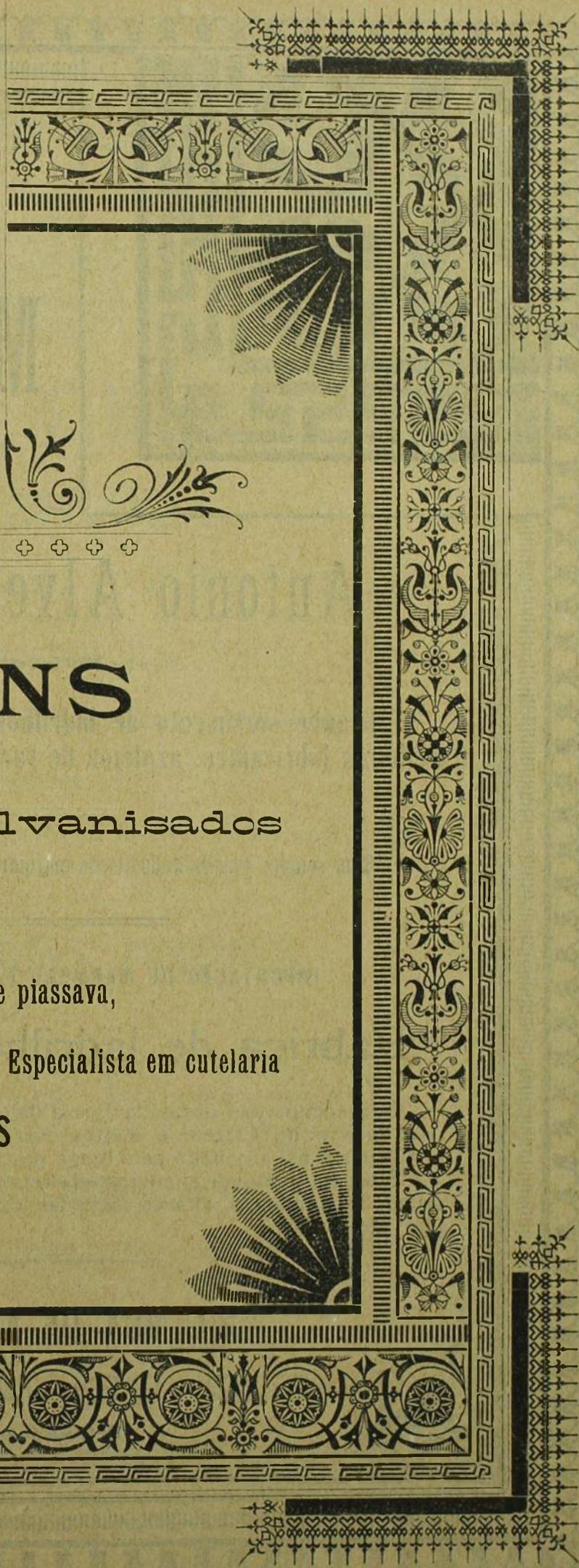
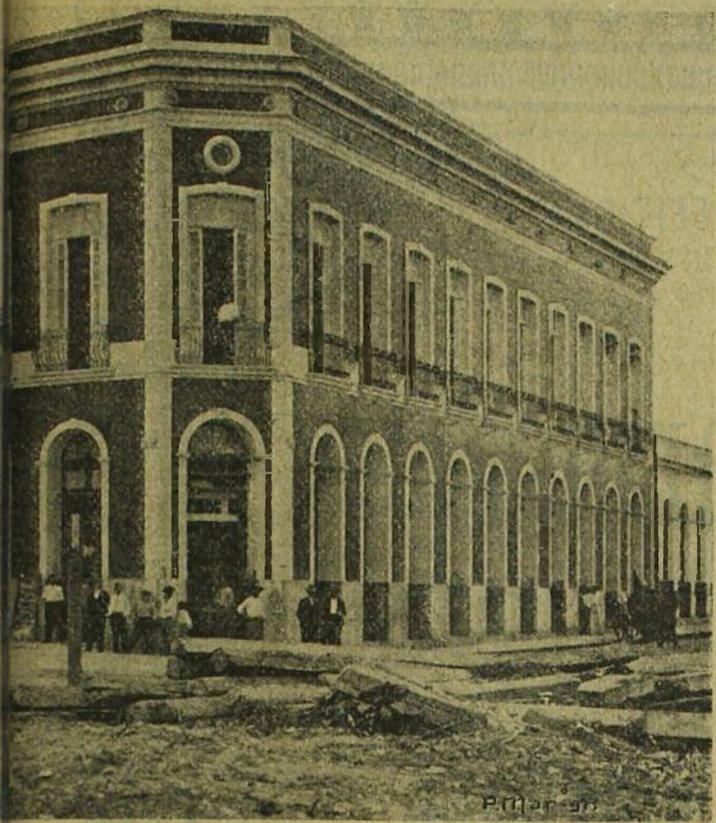
J. H. ANDERSON

Cabos de linho, manilha, cairo, lonas, vernizes, tintas, sortidos

Fogões portuguezes, francezes e americanos, remos de faia e marupá

DEPOSITO PERMANENTE DE CIMENTOS

Praça Tamandará



FERRAGENS

ACIONAIS TRANGEIRAS

de alumínio, cobre e ferro galvanizados

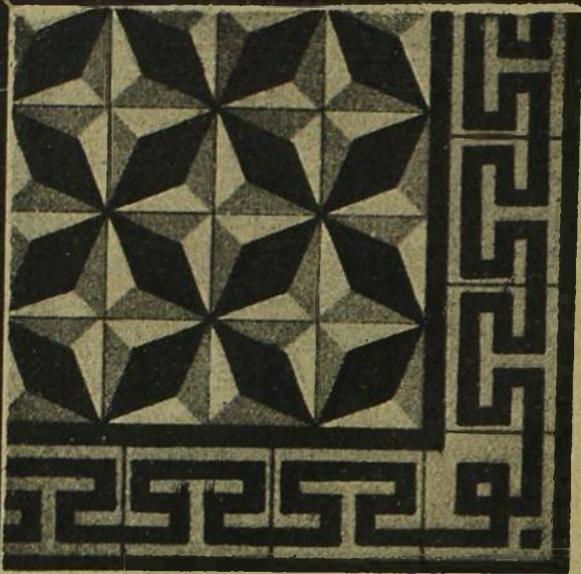
MANEN - Successores

azeite para machina e para luz, amarras de piassava,
de pharoes

armas de fogo e cartuchame para as mesmas. Especialista em cutelaria

CEMENTO PORTLAND E TELHAS GALVANISADAS

— MANÁOS



OFFICINA

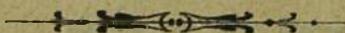
DE

Marmorista

A MAIS ANTIGA D'ESTA CAPITAL



Antonio Alves Barbosa



Grande sortimento de ladrilhos, mosaicos e vetrificados dos melhores fabricantes, azulejos de variadissimos padrões.

Tem sempre grande deposito de marmore branco, bardiglio e de côres

IMPORTAÇÃO DE MARMORE EM BLOCO E EM LAGE

Fabrica de ladrilhos hydraulicos

Fornecedor das obras da Igreja da Candelaria, do Hospital dos Lazares, Palacio do Cattete e muitos outros importantes trabalhos dirigidos por profissional auxiliado pela longa pratica do chefe da casa.

Executa qualquer encommenda relativa a trabalhos de marmore, como sejam: monumentos, altares, fachadas, estatuas, mausoléos, lapides, vasos, pias, etc., etc.

37, RUA DA AJUDA, 37

RIO DE JANEIRO

Telephone 91



AGENCIA FINANCIAL

DE PORTUGAL

NO RIO DE JANEIRO

Rua General Camara

(Sobre-loja do edificio da Associação Commercial)

Continúa aberto o pagamento de juros da divida publica portugueza fundada e amortisavel nos termos da legislação vigente, e bem assim a emissão de

SAQUES SOBRE PORTUGAL

pagaveis pelo

Banco de Portugal

(Caixa Geral do Thesouro Portuguez)

em todas as capitaes de districto, e nas sédes dos concelhos do reino e ilhas adjacentes.

O agente financeiro

Alfredo Barbosa dos Santos.

Avenida Palace

DA

COMPANHIA INTERNACIONAL DOS GRANDES HOTEIS

*O melhor, mais confortavel e mais luxuoso
hotel de Lisboa*

*No centro da cidade, perto á estação central e com porta para ella,
para o serviço dos viajantes do Sud-Express*

Grandes salões de leitura e de recepção de visitas
Aposentos luxuosos com todas as commodidades exigidas
n'um estabelecimento d'esta ordem

Quartos desde 1\$500 réis: pensão desde 3\$000 réis

111

Vinho de Gaieiras

Premiado em diversas exposições e na de Paris em 1900 com a medalha d'ouro.

E' o unico vinho de pasto que se vende em Lisboa sempre com mais de dois annos de idade.

Acceitam-se todas as encomendas para Africa e Brasil, para o que estamos convenientemente habilitados.

Todos os pedidos e requisições para o

DEPOSITO

85, RUA DO ALECRIM, 87 E 89

LISBOA

Numero telephónico: 107

XVIII

104

Elysio, Santos & Comp.^a

GRANDES ARMAZENS DE ESTOFADOR

Mobílias,
estofos, alcatifas, cairos, pitas
e capacharia

Mobílias estofadas em todos os generos. Jogo de sofá e dois fauteuils desde 20,000 réis. Estofos a metro; sortimento colossal em boureto soie, juta cretones, etc. Oleados e corticines para tapetar. Deposito das fabricas de tapetes e passadeiras de pita (o tecido mais resistente que se conhece). Enorme variedade em pannos de mesa, cortinados, franjas, abraçadeiras, cobrejões e em geral todos os artigos proprios de armador e estofador. Especialidade d'esta casa

MOVEIS DE PHANTASIA

PARA

DECORAÇÕES DE SALAS

R. Augusta, 83 a 93

LISBOA

114



VINHOS

«VILLAR D'ALLEN»

Champagne

VINHOS DE PASTO

DA

Real Companhia Vinicola

DO NORTE DE PORTUGAL

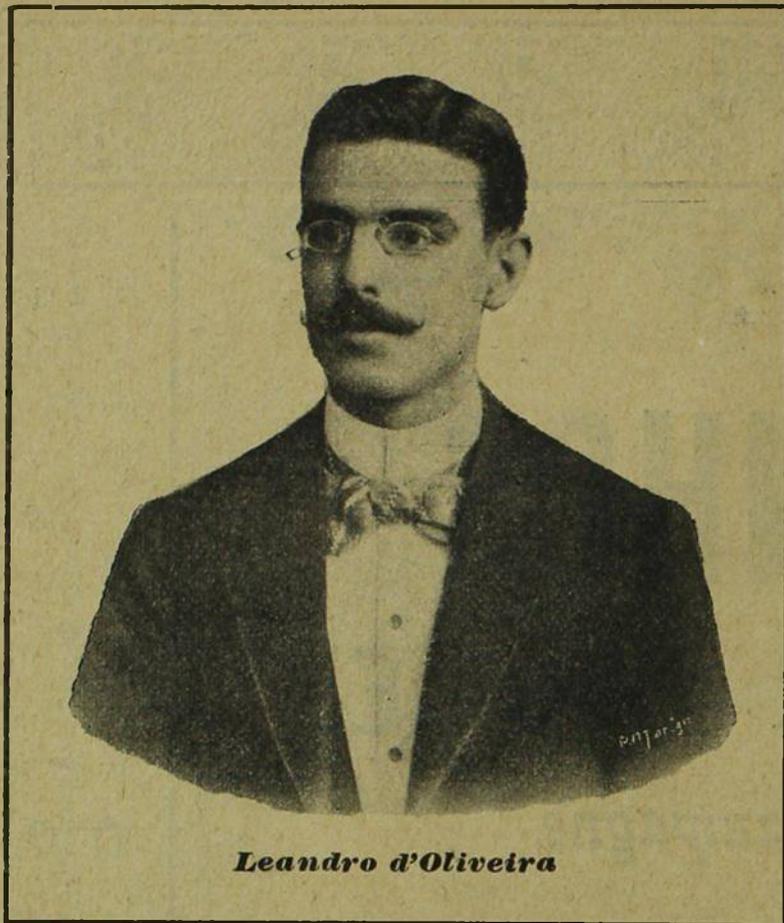
Agentes

JOAQUIM JOSÉ GONÇALVES & C.^A

Rua 1.º de Março, 59

RIO DE JANEIRO





Leandro d'Oliveira

ADEGA DE ALCOBAÇA

DEPOSITO PERMANENTE

DE VINHOS PORTUGUEZES

Tintos e brancos

DE

Porto, Alcobaca, Collares e Figueira

VINHOS VERDES

DO NORTE DE PORTUGAL

VINHO DOS AÇORES

Em garrafas e em barris

QUALIDADES GARANTIDAS

Vinagres puros, Azeites, Cervejas,
Cognacs, Vermouth e licores

Leandro Lopes d'Oliveira

R. DA IMPERATRIZ, 1 — PERNAMBUCO

26

Gabinete Cirurgico Dentario

DOS

Drs. João Rangel e Loureiro Salazar

Executam todas as operações de bôca, sem dôr, por meio de anestheticos locais, ou sob chloroformisação conforme as indicações e com as regras de antisepticia exigidas pela cirurgia moderna.

Fazem todos os serviços de prothese com a maxima presteza, e garantidos.

R. do Barão da Victoria, 25, 1.º

PERNAMBUCO

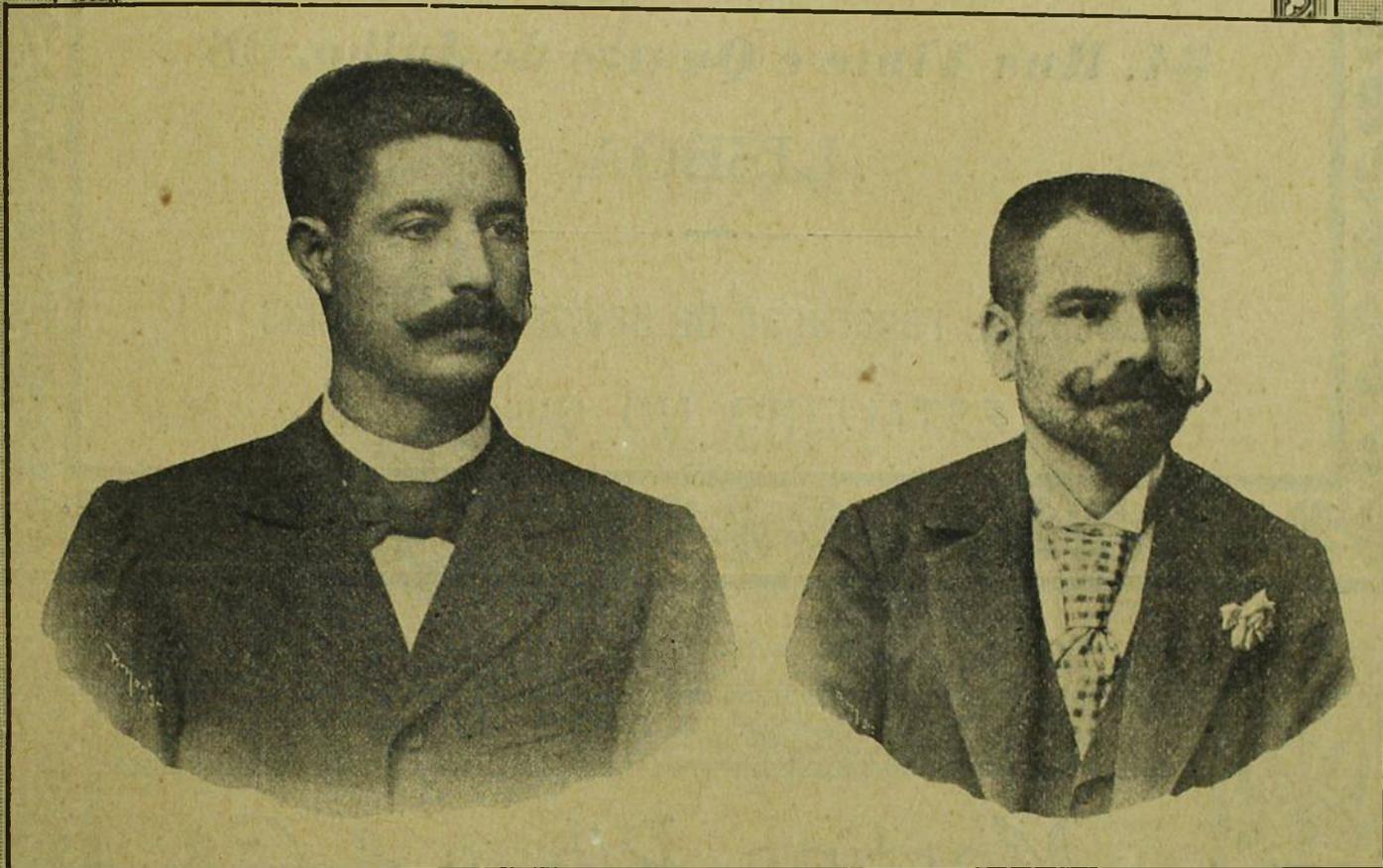
XX

28

FUNILARIA SENNA

Estabelecimento Antigo

Grande Deposito



A. Pereira Rodo & C.^a

Vidros, encanamentos para agua, torneiras varias, calhas de folha, cobre e zinco, e boiões de ferro para seringa.

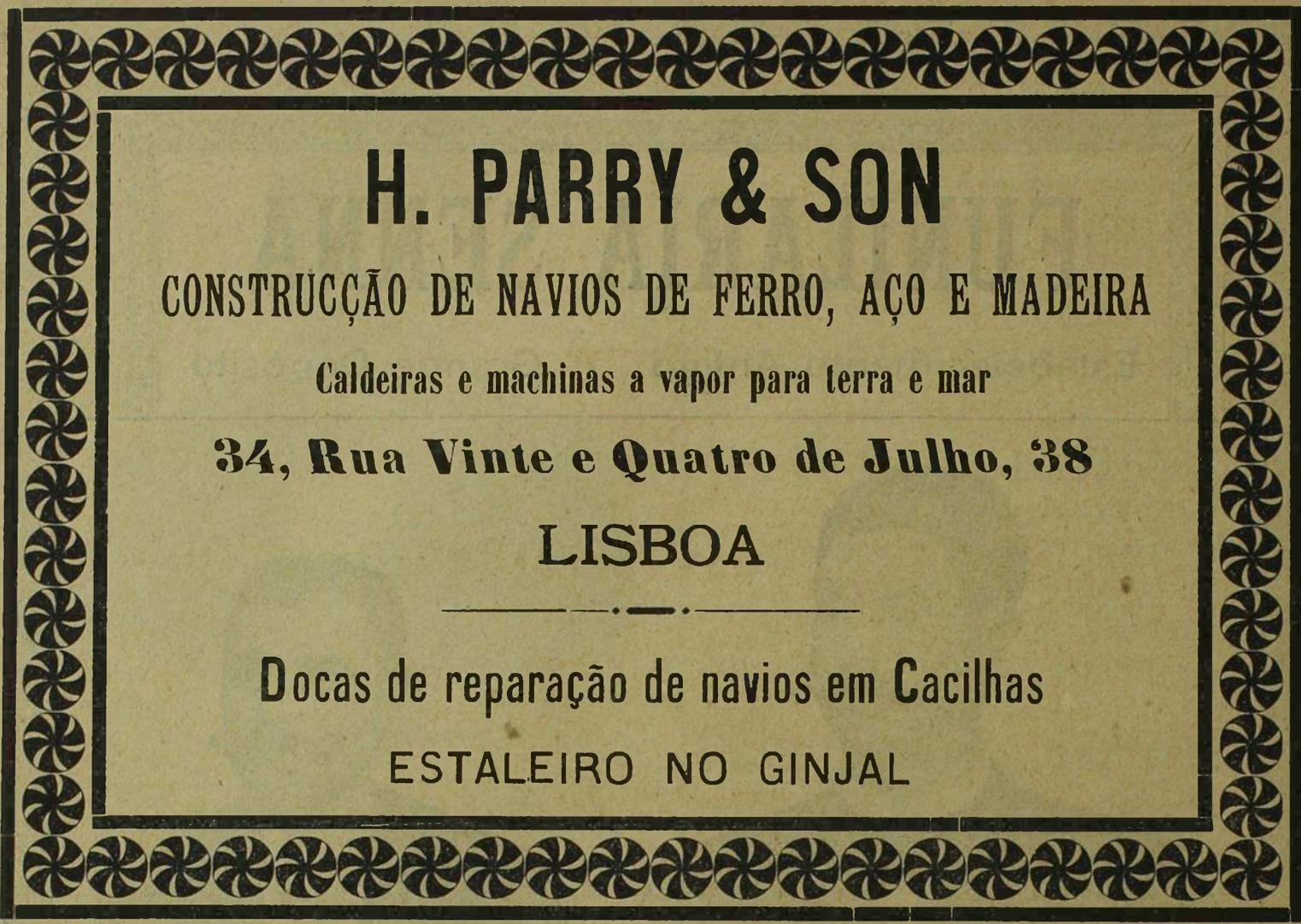
PROMPTIDÃO NAS ENCOMMENDAS PARA A CAPITAL E PARA O INTERIOR

Tem deposito permanente de obras de folha, tijellinhas, baldes, pucaros, bandejas, lamparinas, bahun, cafeteiras e latas de todos os tamanhos.

Especialidade em trabalhos de

PICHELEIRO E FUNILEIRO

R. Marechal Deodoro, 10 — MANÁOS



H. PARRY & SON

CONSTRUÇÃO DE NAVIOS DE FERRO, AÇO E MADEIRA

Caldeiras e machinas a vapor para terra e mar

34, Rua Vinte e Quatro de Julho, 38

LISBOA

Docas de reparação de navios em Cacilhas

ESTALEIRO NO GINJAL

101



Martins, Ribas & C.^a

(*Successores de Pereira Junior & C.^a*)

Aviamentos e Estivas

CONSIGNATARIOS DOS VAPORES

«Rio Pauhiny», «Rio Muaco», «Rio Caeté»,

«Pereira Junior»,

«Maria Thereza», «Baturité»

Caixa postal — 96

End. teleg. — RUBIO

Rua Tenreiro Aranha

MANÁOS

Companhia Geral de Credito Predial

PORTUGUEZ

21, TRAVESSA DE SANTO ANTONIO DA SÉ, 21

LISBOA

OPERAÇÕES D'ESTA COMPANHIA

Emprestimos hypothecarios em obrigações prediaes a longo praso: juro de 4, 4 1/2, 5 e 6 0/0.

Estes contractos são feitos pelo praso de 10 a 60 annos, por meio de annuidades comprehensivas de juro, commissão e amortisação.

Emprestimos hypothecarios a curto praso e em dinheiro, pelo modico juro de 6 0/0 comprehendendo já a commissão.

O praso d'estes emprestimos é de 1 a 9 annos, e podem fazer-se de qualquer quantia acima de 90\$000 réis.

Fornecem-se propostas e tabellas impressas e dão-se quaesquer outros esclarecimentos, verbalmente ou por escripto, na séde da companhia ou suas agencias.

Resumindo

1.º Empréstimos a longo praso, de 10 a 60 annos, com juro de 4, 4 1/2, 5 e 6 0/0, e pagamento em prestações semes-

traes no 1.º de abril e 1.º de outubro de cada anno.

Estas prestações são calculadas por fórmula a comprehender juro, commissão e amortisação, de modo que, findo o praso por que se contractou o emprestimo e pagas nos vencimentos as prestações respectivas á quantia levantada, o mutuario nada deve e tem assim solvido com a maior facilidade o seu compromisso.

2.º Os emprestimos a curto praso de 1 a 9 annos, em dinheiro, conhecidos por emprestimo em conta corrente, devem satisfazer a todas as condições exigidas para os emprestimos a longo praso. São estes emprestimos de subida vantagem para a parte commercial ou industrial proprietaria.

Depositos

Esta companhia aceita depositos a praso e á ordem.

Os depositos á ordem vencem o juro de 2 0/0; a praso vencem o juro de 3 0/0 a 3 mezes, o de 3 1/2 a 6 mezes e o de 4 0/0 a 12 mezes.

Propriedades

A companhia tem no seu activo uma grande massa de propriedades urbanas e rusticas em todo o Reino e Ilhas Adjacentes, que vende a prompto pagamento ou a praso. N'este ultimo caso, recebe no acto da escriptura de venda, pelo menos metade do preço ajustado, e o restante ficará garantido hypothecariamente com o prédio vendido, pago em prestações semestraes ou annuaes, vencendo o juro, o capital que estiver em divida.

Agencias

A companhia tem em todos os districtos do Reino e Ilhas Adjacentes os seus agentes, que dão completos esclarecimentos sobre todas as operações da companhia.

No Porto tem uma Delegação montada de fórmula a prestar, com a maior rapidez, solução a qualquer das operações da Companhia.



Interior do estabelecimento

DROGARIA — Rua Marquez d'Olinda, 60

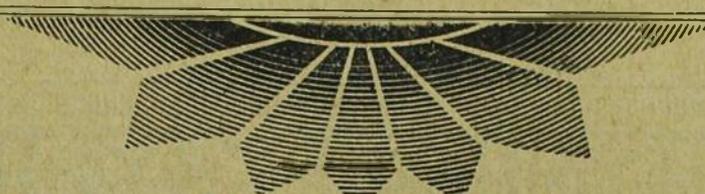
DEPOSITOS — Rua Domingos

Endereço telegraphico:
CHIMICO

Pernab



Drogaria Silva



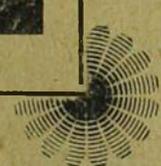
A melhor e mais bem montada
do Norte do

BRASIL

Deposito permanente e completo de todos os productos chimicos
e pharmaceuticos

TINTAS — OLEOS — VERNIZES

UTENSILIOS PARA LABORATORIOS



Francisco Manoel da Silva

LABORATORIO — Rua D. Maria Cezar, 40 a 42
e Martins, 112 e Beco Largo, 8

Caixa do correio
233





H. B. NELSON

LOJA DIABINHO

Estabelecimento de modas para homens

Perfumarias e objectos para presentes

End. teleg. **DIABINHO**

Caixa postal — 155

RUA JOAQUIM SARMENTO, 7

MANÁOS

5

CASA PEKIN

ADRIÃO RIBEIRO & C.^A

Grande armazem e deposito de louças, crystaes finos e candieiros

ULTIMAS NOVIDADES

*Sortimento completo de porcelanas, crystaes de Sèvres e Baccarat,
artigos chinezes,
figuras de biscuit, objectos do Japão, talheres de cristofle,
moveis importados da Austria e da America, etc.*

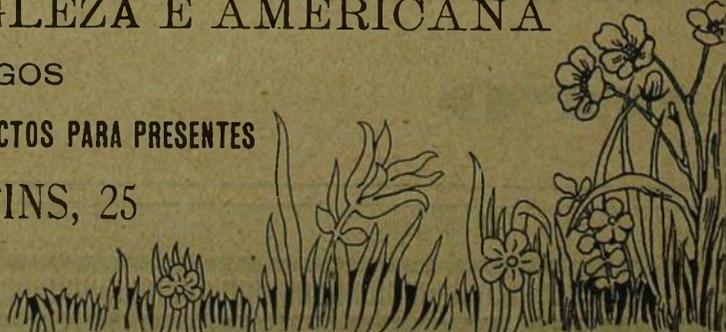
CUTELARIA INGLEZA E AMERICANA

LOUÇA EM GIGOS

COLLECÇÃO ESCOLHIDA DE OBJECTOS PARA PRESENTES

R. HENRIQUE MARTINS, 25

MANÁOS



XXVI

4



Grande Café da Paz

HOTEL E RESTAURANTE

Melibeu & Herrmann

Este hotel, o primeiro do Pará, recommenda-se ás familias e viajantes recém-chegados, pela sua optima situação, pela sua seriedade e aceio, e pelas suas boas condições de ventilação e hygiene.

JARDIM E TERRAÇO — QUINTETTO TODAS AS NITES

Avenida da Republica (Largo da Polvora)

PARÁ

ARMAZEM

DE

FAZENDAS E FATO FEITO

Por atacado e a retalho



Especialidade d'uniformes

J. Nunes Corrêa & C.^o

FORNECEDORES DA CASA REAL

Rua do Ouro, 40, 42 e 44 — Rua de S. Julião, 150, 152, 154 e 156 — LISBOA

Promptificam-se com a maior brevidade qualquer fornecimento e encomendas para exportação. —
Atelier Mechanico para confecção de uniformes. Garante-se em todas as encomendas a boa qualidade,
perfeição e modicidade de preços.

110

CASA ADOLPHO

SORTIMENTO COMPLETO

DE

FAZENDAS, MIUDEZAS E AVIAMENTOS

PARA COSTUREIRAS

TELEPHONE 306

AVENIDA DA REPUBLICA, 10

(LARGO DA POLVORA)

PARÁ



Casa Havaneza

Soares Irmão & C.^a

Rua da Instalação, n.º 15

MANÁOS

Estabelecimento sem rival no genero.
Especialidade em ARTIGOS PARA HOMENS E APETRECHOS DE VIA-
GEM.

CAMISARIA

CHAPELARIA

Objectos de luxo — Perfumarias finas — Miudezas.
Deposito de tabacos da Bahia, Rio Grande do Sul, Rio de Janeiro e Pará.
Deposito de vinhos finos de A. Rocha Leão, do Porto.
Importação directa da Europa, America e de praças nacionaes.

CASA FILIAL (no mesmo genero)

BARBEIRO ELEGANTE

Rua Municipal, 33 — MANÁOS

CASA DOUX

— DE —

Benac, Teixeira & Comp.^a

(Successores de A. Doux, e de Doux & Ferreira)

ARMADOR E ESTOFADOR

O maior sortimento de moveis e tapeçarias

RUA DO OUVIDOR — 63

RIO DE JANEIRO

60

Livraria Classica

JAYME & CAMARA

OFFICINAS A VAPOR — Fabrica de carimbos de borracha, metal, etc.

Encommendas com brevidade — Machinas aperfeiçoadas — Pessoal habilitado.

NITIDEZ NOS TRABALHOS

FABRICA DE CONFETTIS

Fazem-se confettis em papeis de todas as côres.
Grande desconto aos revendedores.

TYPOGRAPHIA E STEREOTYPIA

Rua Guilherme Moreira (Canto da rua Theodoro Souto)

MANÁOS

XXX

8

GABINETE

DYNAMOTHERAPICO

DO
ESPECIALISTA

DR. ALVARO ALVIM

TRATAMENTO de todas as molestias internas e externas, SEM EXCEÇÃO, de ambos os sexos pela

ELECTRICIDADE

Phototheraphia de Finsen. Banhos de luz, estufa, chromotheria, etc.

RAIOS X

Radiotherapica, radioscopia, radiographia applicada á medicina e á cirurgia

MASSAGEM SUECA

simplesmente mechanica ou mixta (electrisada), com aparelhos modernissimos

Tratamento das molestias do nariz e do utero
pela circulação do ar comprimido quente, simples ou com medicamentos,
e pela **electricidade**

ELECTRICIDADE medica sob todas as suas modalidades: estatica,
continua, faradica, alta frequencia
e alta tensão, baixa frequencia, banhos hydro-electricos sinusoidaes, etc.

AZONADORES DIVERSOS — ELECTROCIRURGIA GERAL

ESTE LABORATORIO, installado ha longos annos n'esta capital, agora,
completamente reformado com modernos e importantissimos aparelhos, man-
dados construir especialmente pelo **DR. ALVARO ALVIM**, em sua recente
viagem scientifica á Europa, funciona todos os dias das 10 ás 5 horas á

RUA GONÇALVES DIAS, 48, sobrado

RIO DE JANEIRO

Palais Royal



Lino Aguiar & C.^a

LIVRARIA—PAPELARIA—TYPOGRAPHIA

IMPORTAÇÃO DIRECTA

Commissões e Consignações



Agentes e concessionarios da linha de navegação a vapor do Alto Rio Negro,
Solimões e Içá

CAIXA POSTAL—11-A

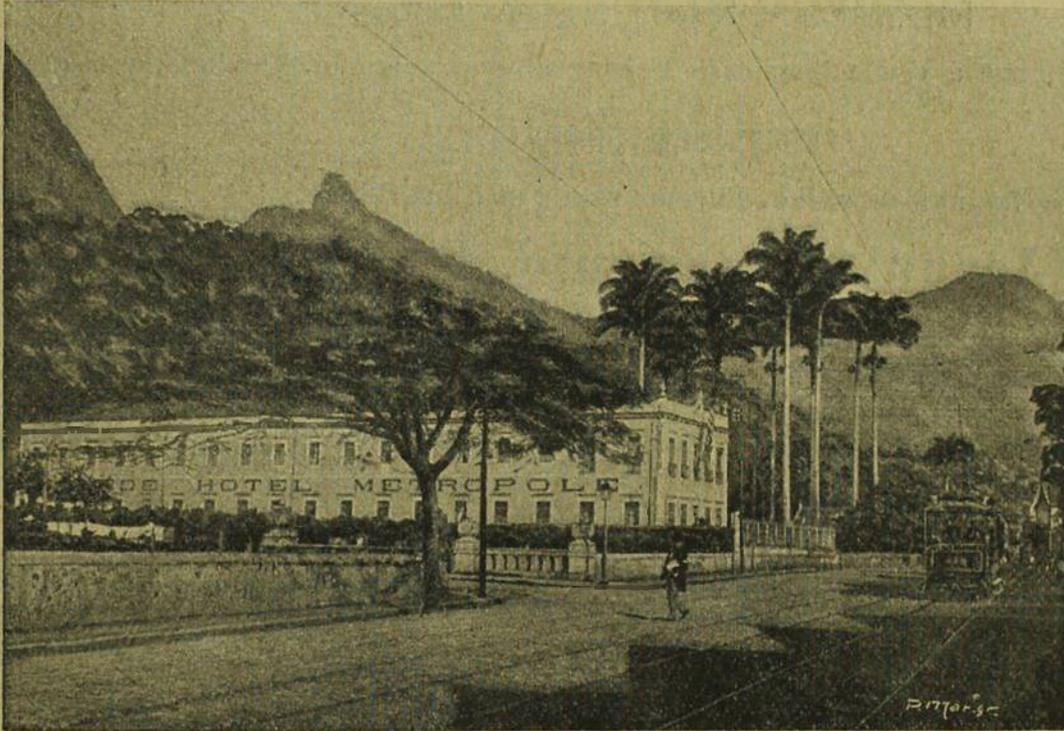
RUA MUNICIPAL, 52

—→ MANAOS ←—

Grande Hotel Metropole

GERENTE

CANDIDO AUGUSTO FERREIRA



O MAIS COMMODO, SALUBRE E BARATO

DO

RIO DE JANEIRO

Rua das Laranjeiras, 181

Rio de Janeiro

O 29 DE JUNHO

Theodomiro Argente & C.^a

Mercearia e Botequim

Rua Joaquim Sarmiento, (esquina da rua Henrique Martins)

GRANDE TORRAÇÃO DE CAFÉ E REFINAÇÃO DE ASSUCAR

FILOMENA MARTINS & ARGENTE

Tem sempre á venda bom café Moka e assucar refinado. Tambem se miga tabaco.

PREÇOS SEM COMPETENCIA

Vende-se farinha de milho. Encommendas com brevidade.

Rua Joaquim Sarmiento, 8 — MANÁOS

16

Firmino Borges & C.^a

Exportação e Importação

COMMISSÕES E CONSIGNAÇÕES

Casa fundada em 1885

Endereço telegraphico

FIRBOR

Largo das Mercês — 13

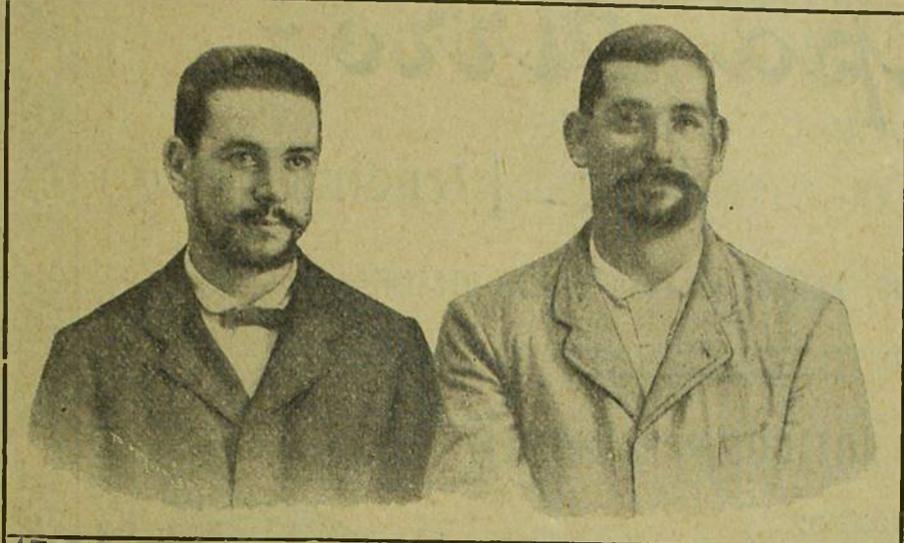
PARÁ

XXXIV

24



MESQUITA & MACHADO



Botequim da moda

PONTO DE REUNIÃO

Mercearia bem sortida

Rua Marquez de Santa Cruz e Rua Marechal Deodoro

MANAOS

2

ARTHUR & DESIDERIO

OURIVES E JOALHEIROS

Joalheria rica em brilhantes, rubis, esmeraldas, perolas, etc.

Os melhores relógios à venda no Brasil, em ouro, prata e nickel

OBJECTOS ARTISTICOS DE PRATA

Vendas a grosso e a retalho

Importam directamente

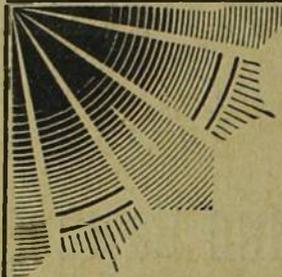
PREÇOS SEM COMPETENCIA

PORTA LARGA — RUA MUNICIPAL, 35

MANAOS

3

XXXV



Papa Arroz

A. C. Pereira Rego

Especialidade em perfumarias, Artigos de luxo e para presentes

MIUDEZAS

NOVIDADES EM ARTIGOS PARA HOMEM

Ender. teleg. — Papparoz

Caixa postal — 141

Amazonas — MANÁOS



13



O TROCADERO

José Santos

Casa especialista em artigos para homens, enxovaes para casamentos, perfumarias e objectos para presentes.

Caixa postal 77-A

R. Joaquim Sarmiento, 4

MANÁOS

XXXVI

12

Banco Mercantil da Bahia

(FUNDADO EM 1872)

CAPITAL 8.000:000\$000 — CAPITAL REALISADO 6.500:000\$000

DIRECCÃO

Horacio Urpia Junior — PRESIDENTE

Dr. Francisco Gomes d'Oliveira — SECRETARIO

Augusto Motta e Silva — DIRECTOR CONTADOR

RUA CONSELHEIRO DANTAS, 5

BAHIA

34

ARMAZEM DO LIMA

(FUNDADO EM 1824)

CASA especialista em generos alimenticios, vinhos finos, chá, bonbons, licores champagne, etc.

PURO ALCobaça — O melhor vinho de pasto. **CEM** pipas, por mez, da afamada lavra do Dr. José Eduardo R. de Magalhães, em Alcobaca — Portugal. Remessas directas.

VICTORIA — Deposito permanente d'este superior vinho fino do Porto.

—> GENERO GARANTIDO <—

PREÇOS MODICOS

Endereço telegraphico — **LIMA**

Telephone n.º **323**

J. FERNANDES LIMA & C.^a

1 — Rua Barão da Victoria — 3

PERNAMBUCO

27

XXXVII



BRAGANZA HOTEL LISBOA

Installado em propriedade da Serenissima Casa de Bragança, no centro da cidade e com todos os confortos modernos.

Vista esplendida sobre o Tejo e dominando por completo a cidade.

PREÇOS MODERADOS

120



CONSERVARIA ITALIANA

CASA FUNDADA EM 1846

Por Mathias Gonçalo Ferrari

Premiado com a medalha de 1.^a classe na Exposição Internacional do Porto em 1865

Successor **JOÃO LUIZ PEREIRA**

N'este estabelecimento tomam-se encomendas pertencentes á arte de cosinha e copa, satisfazendo-se com esmero. Fornecem-se jantares, *lunchs*, bailes e *soirées*, em menor ou maior escala, prestando-se todos os objectos necessarios. Especialidade em doce de ovos, neve, etc. Vinhos nacionaes e estrangeiros, cognacs, licoras de todas as qualidades, etc.

91, Rua Nova do Almada, 93—Lisboa

N.º TELEPHONICO 412

112

Grande Hotel Borges

Rua Garrett, 108 (Chiado)

LISBOA

Hotel de primeira ordem com magnificos aposentos para familias, ascensor para todos os andares, casa com toda a qualidade de banhos, telephone e carruagens. Preços, em quartos, desde 1\$300 réis. Succursal do Hotel, nas Thermas dos Cucos, e unico na localidade.

XXXVIII

119

Martins Vianna, Vaz & Comp.^a

Cessionarios de F. F. Vaz & C.^a
e Vianna, Castro & C.^a

Fabrica de marmelada — Fructas em conserva

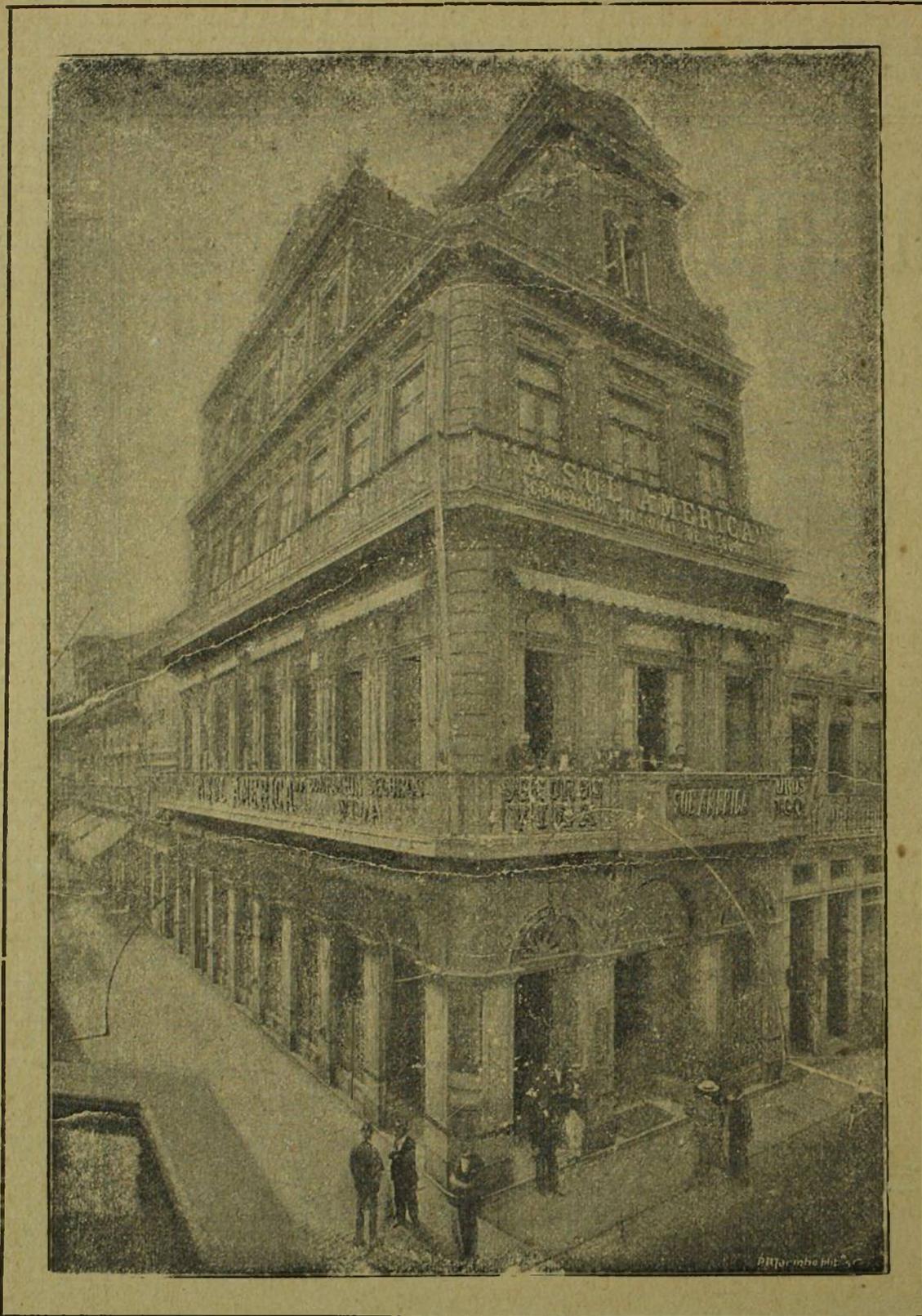
Assucar em grosso e refinado
Confeitaria — Molhados
Velas — Sabão — Kerozene — Oleos, etc.

Telegramma VAZ
Caixa postal — 484

Rua de S. Pedro, n.^{os} 154 e 156

Rua Andradas, n.^o 67

Rio de Janeiro



A

Companhia

Possue 8.000.000

em valores

Já pagou 2.000.000

por

Século

56, Rua do

(ESQ. da)

RIO DE JANEIRO

(NO PRÉDIO)



A mais poderosa Companhia



SUL-AMERICA

Seguros de Vidas e Monte-Pio

100\$000

asse

100\$000

Já realiscu seguros no valor de
100.000:000\$000

Funciona em todos os paizes da America do Sul

SUCCURSAL EM PORTUGAL

Rua Trindade, 56

Praça dos Romulares, 4, 1.^o
LISBOA

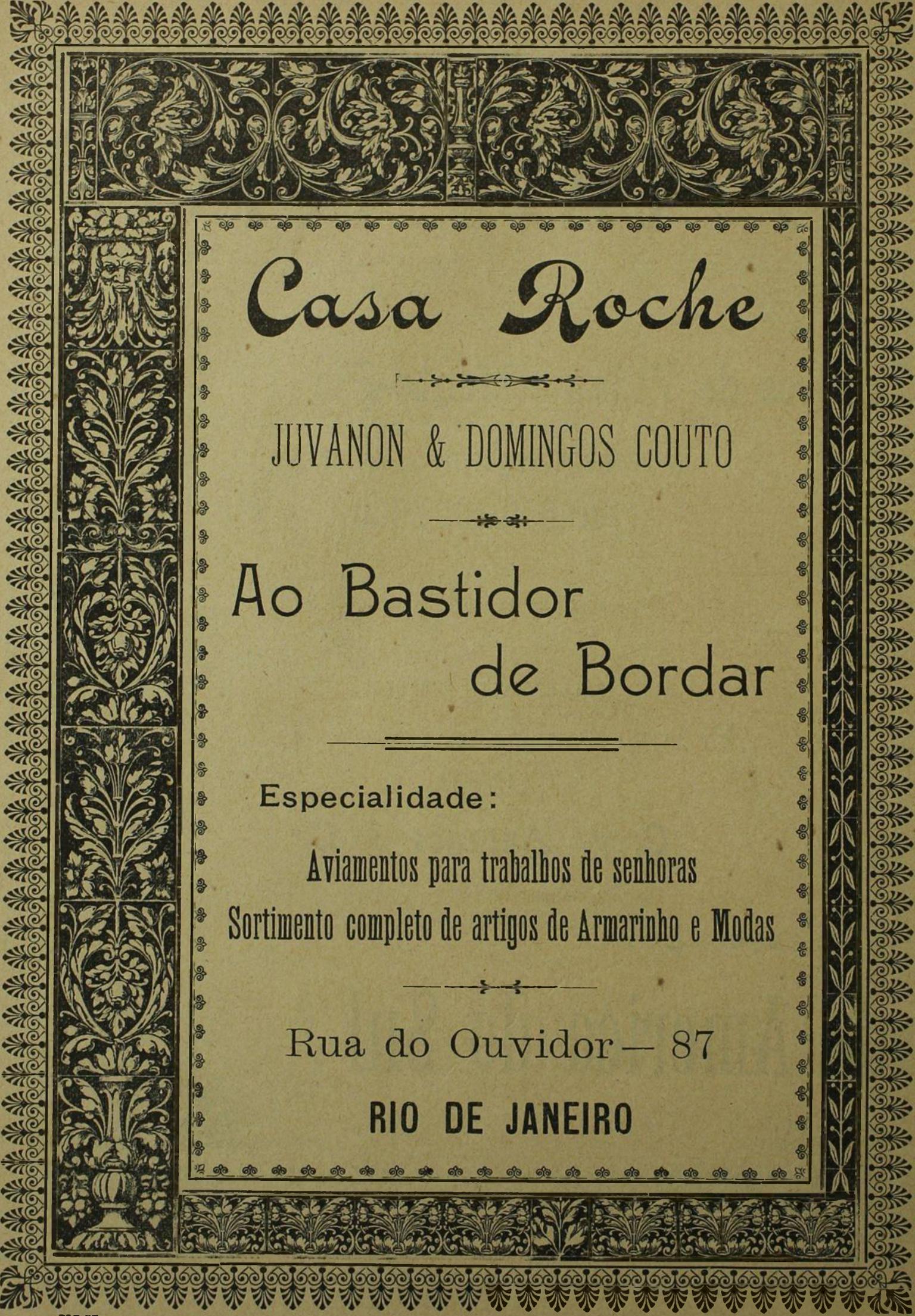
RIO DE JANEIRO

Orey, Antunes & C.^a

PARTE DADE)

REPRESENTANTE GERAL

Companhia da America do Sul



Casa Roche

JUVANON & DOMINGOS COUTO

Ao Bastidor
de Bordar

Especialidade:

Aviamentos para trabalhos de senhoras
Sortimento completo de artigos de Armarinho e Modas

Rua do Ouvidor — 87

RIO DE JANEIRO

Thedim, Rodrigues & C.^a

IMPORTADORES DE

Carvão Cardiff, New-Castle e de outras procedencias

Forja, coke e ferro GUZA para fundições

Unicos depositarios do CARVÃO ECONOMICO

Small Coal

Especial para cosinhas e pequenos fogões

DEPOSITOS

Trapiche ESBERARD

*Fornecedores de vapores, estradas de ferro,
arsenaes, fabricas, etc., etc., etc.*

**Encarregam-se de descargas de materiaes, reboques e de
qualquer outro serviço maritimo.**

Escriptorio

RUA GENERAL CAMARA, 11

TELEPHONE N.º 14

Telegrammas — ROIZ — Caixa postal N.º 256

RIO DE JANEIRO

PHENIX PERNAMBUCANA

Companhia de seguros marítimos e terrestres

Estabelecida em 1870

ADMINISTRAÇÃO:

Luiz Duprat
José Joaquim Dias Fernandes
Manuel Gomes de Mattos

Endereço telegraphico — PHENIX

Séde: Rua do Commercio -- 46

PERNAMBUCO

25

Hotel Familiar

Ultimamente reformado

Acceio e commodidade. Este hotel foi montado com todas as condições de ventilação e com aposentos proprios para familias.

BOM LOCAL — SITUAÇÃO MAGNIFICA

A dois passos do jardim.

BONDS Á PORTA

Só recebe hospedes de **RECONHECIDA PROBIDADE.**

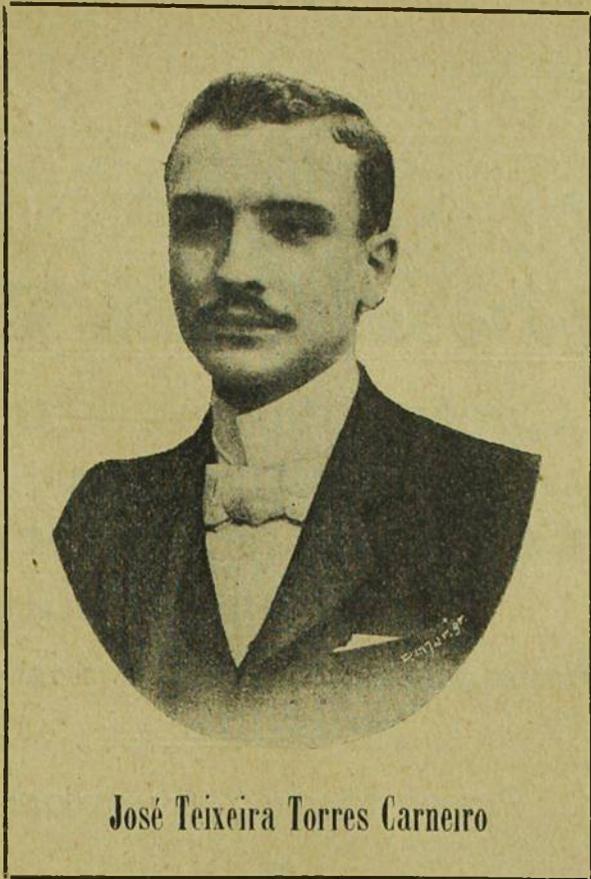
OLIVEIRA & GONÇALVES

Rua Municipal, n.º 42

MANÁOS

XLIV

14



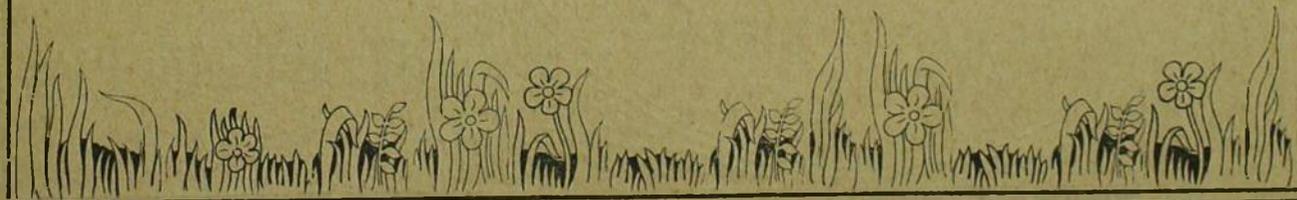
José Teixeira Torres Carneiro

TORRES CARNEIRO & C.^A

Joalheiros

Rua dos Ourives, 74-A

RIO DE JANEIRO



Caetano Monteiro & C.^a
 SUCCESSORES DE CAETANO MONTEIRO DA SILVA
CASA DE COMMISSÕES
 EXPEDIENTE DE NAVEGAÇÃO
Vapores para o interior do Amazonas e para o Pará

Praça 15 de Novembro, N.º 6
MANAOS

FABRICA A VAPOR

Victoria

A. J. MAGALHÃES

PADARIA

=

Biscoitaria

DEPOSITO PERMANENTE

DE

BOLACHAS E ROSCAS

Para embarque

Serviço prompto

Perfeição de trabalho

Acceio extremo

R. Marcilio Dias

MANAOS

VEIGA & C.^A

104, RUA DO ROSARIO, 104

Commissões nacionaes e estrangeiras

E

NEGOCIOS BANCARIOS

CONSIGNAÇÕES E IMPORTAÇÃO

Navegação: Vapores, Navios, etc.

Sacam sobre o BANCO ALLIANÇA do Porto

e seus correspondentes e agentes em

PORTUGAL, ILHAS

HESPANHA E ITALIA

PARIS E LONDRES

E CONCEDEM CREDITOS

Escriptorio geral, 104, RUA DO ROSARIO, 104

Telegrammas — *Souzalves*

RIO DE JANEIRO

Casa dos Oito Globos

292-286

Rua Augusta

LISBOA

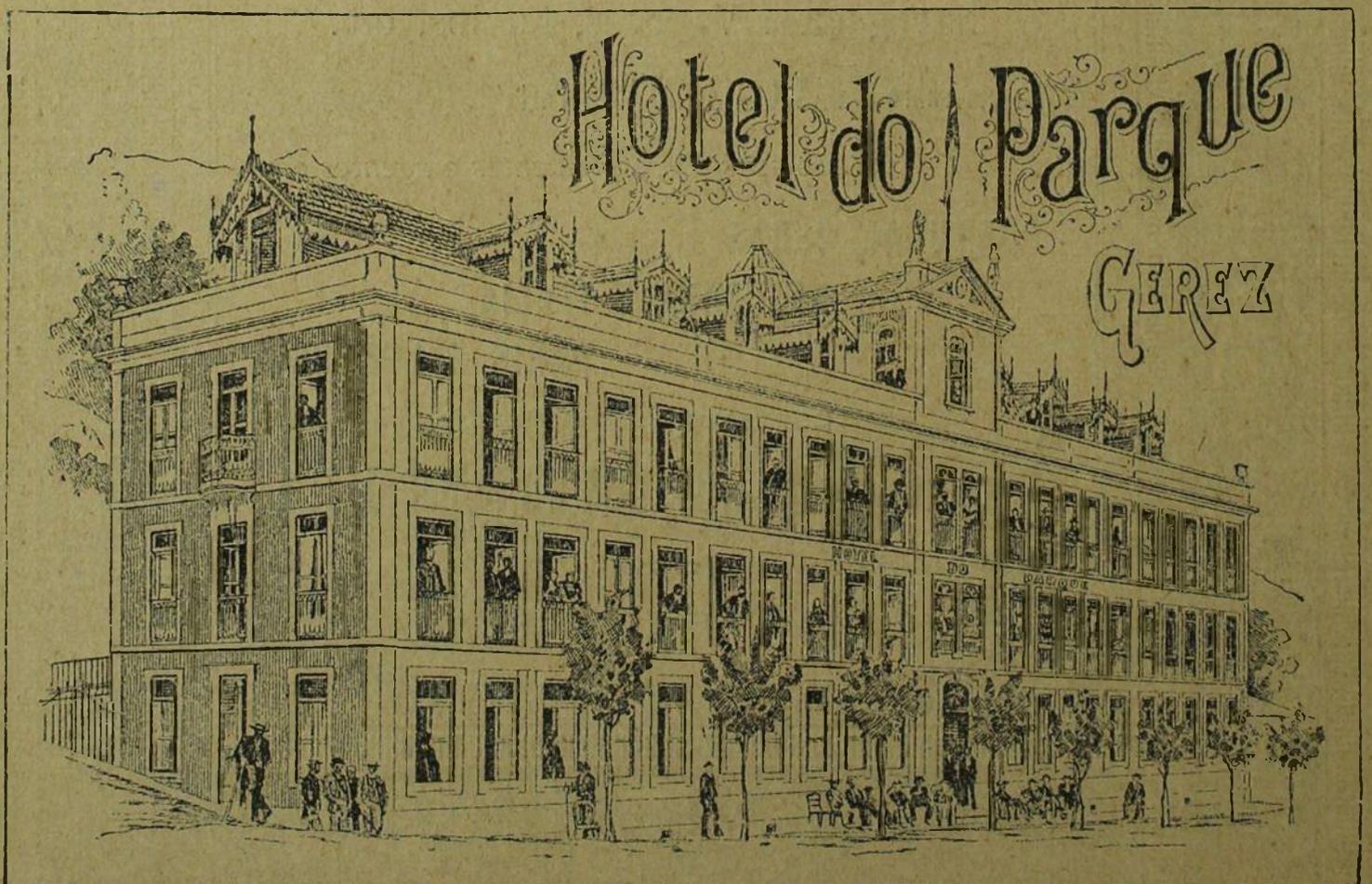
V. P. SILVEIRA & COM^{TA}

FAZENDA
MODAS
E
Confeccões

Este bem conhecido e acreditado estabelecimento de fazendas, modas e roupas brancas, tem sempre um bom sortido em todos os artigos do seu genero, satisfazendo com a maxima promptidão todos os seus freguezes. Remettem-se amostras para as provincias e ilhas.

286, 287, Rua Augusta, 290, 292

106



Este magnifico hotel situado no melhor lugar das Caldas do Gerez e construido de proposito para o fim a que se dedica, possui além das magnificas commodidades e bom serviço, um excellente parque com jardim, bosques com arvores de densas sombras, cascatas, nascentes de finissima e deliciosa agua potavel, grandes salões recreativos, bilhares, piano para concerto e dança, etc. etc., offerecendo assim aos seus hospedes, muitas e agradaveis distracções.

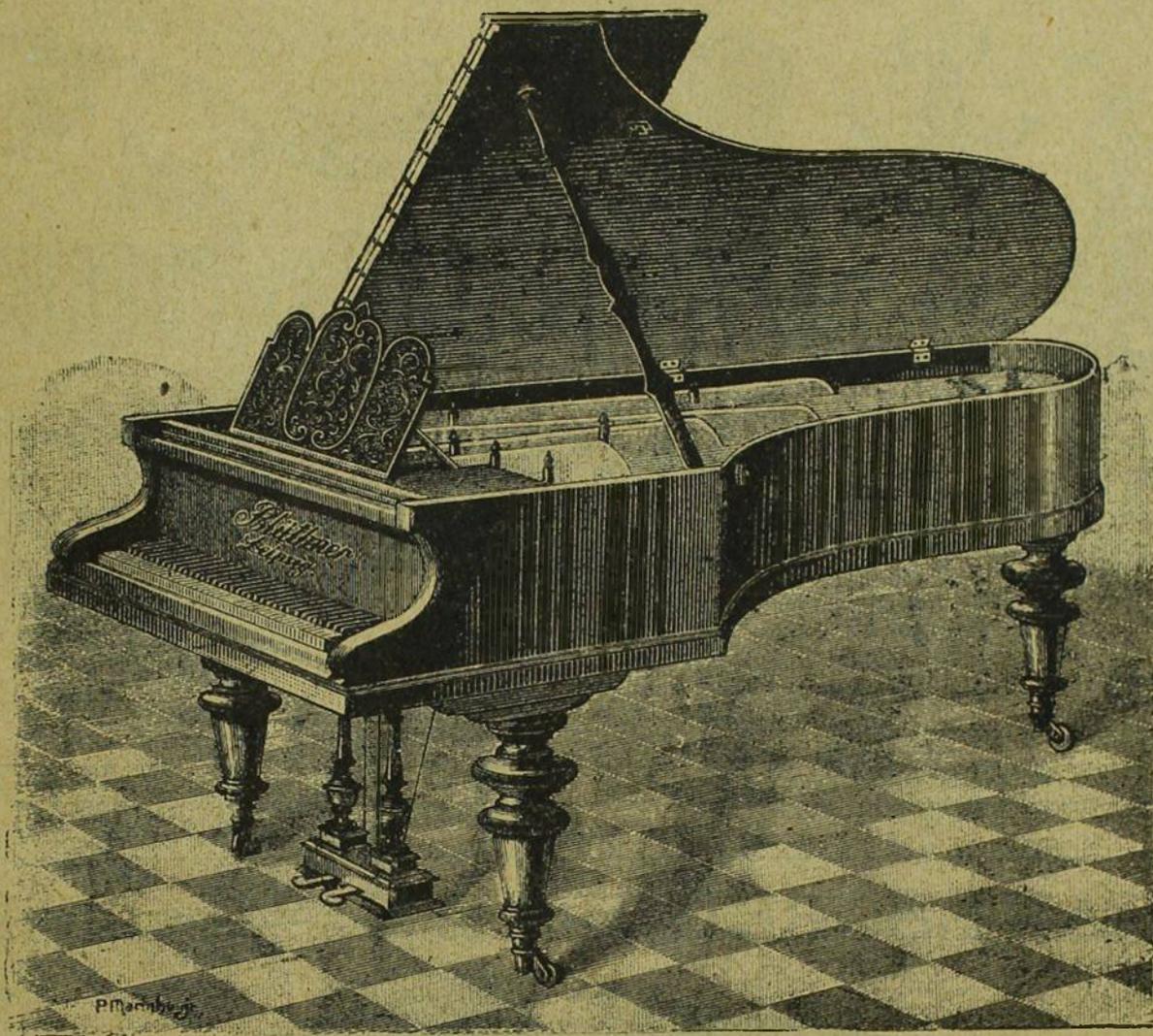
Qualquer correspondencia póde ser dirigida á sua proprietaria e directora
NO GEREZ — MARIA N. SALGADO & SILVEIRA

EM LISBOA — CASA DOS OITO GLOBOS — RUA AUGUSTA 286

XLVIII

107

PIANOS DE PLEYEL



GAVEAU, BORD, SCHIEDMAYER, FRIED — BUSCHMANN
E DE OUTROS AUTORES

Unico depositario dos Pianos de JULIUS BLÜTHNER

Todo e qualquer artigo para reconstrucção de pianos

Vendas por preços modicos e garantidos

No conhecido estabelecimento de pianos e musicas. Oficinas para reconstrucção de pianos, harmoniuns e impressão de musicas.

Encaixotamento especial para os mesmos instrumentos

Antiga casa BUSCHMANN & GUIMARÃES
Mancel Antonio Guimarães

Successor de BUSCHMANN GUIMARÃES & IRMÃO

TELEPHONE N.º 449

50, Rua dos Ourives, 50

RIO DE JANEIRO

A Rabeca de Ouro

FABRICA
DE RABECAS, VIOLONCELLOS
Violões Bandolins CONTRA BAIXOS
GUITARRAS

DOS SANTOS COUCEIRO

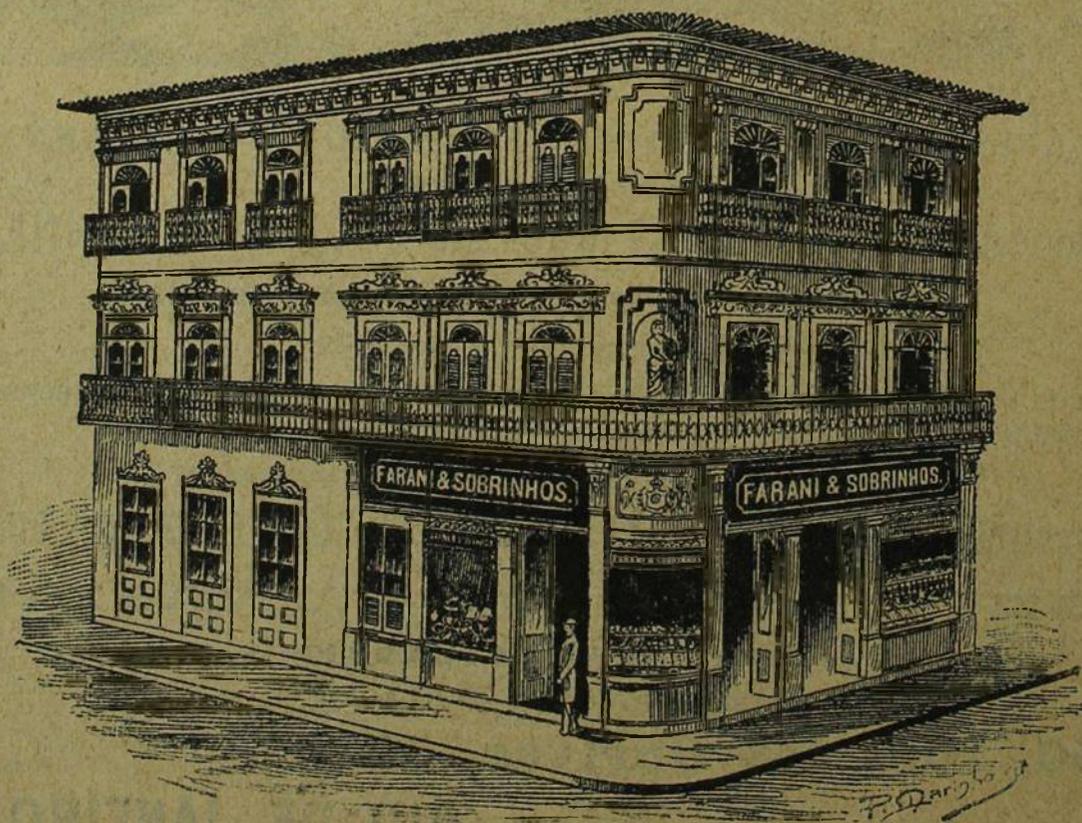
RIO-DE-JANEIRO
42 Rua da Carioca

Medalhas de Prata e Ouro

MADEIRA
vendem-se cordas
para todos os instrumentos
Especialidade nos concertos

63

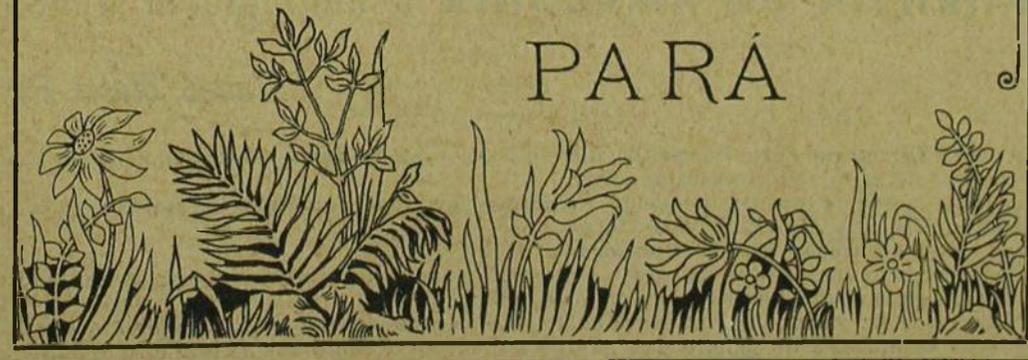
FARANI SOBRINHO & C.^a — Joalheiros



Rua do Ouvidor, 86-A — Rua dos Ourives, 68 — RIO DE JANEIRO

L

64



Oliveira, Costa & C.^a

CASA DE COMMISSÕES

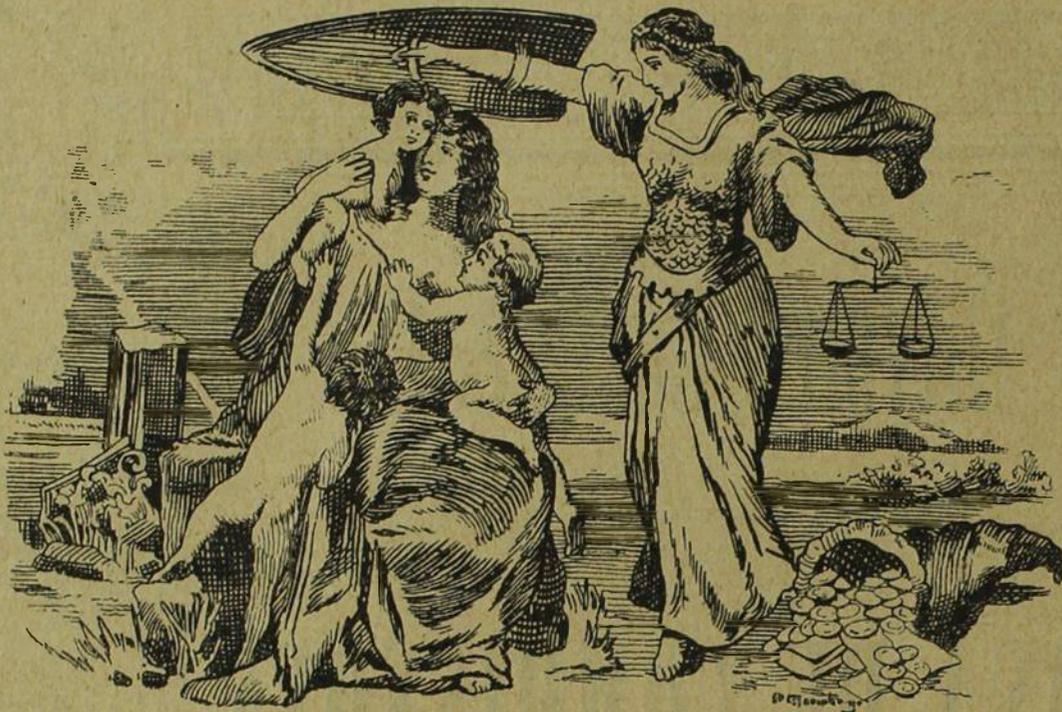
Endereço telegraphico — *Olvianna*

Caixa de correio — 175

Rua 15 de Novembro, 5

PARÁ

Uma gloria do Seguro de Vida



Em 1899, uma importante revista de seguros norte-americana, referindo-se ao 1.º balanço da «GARANTIA DA AMAZONIA», cognominou-a de UMA GLORIA BRASILEIRA; ultimamente, porém, o Sr. Miles Menander Dawson, de New-York, distinctissimo actuario e auctor de diversas obras de seguro de vida muito importantes, dirigiu a seguinte carta ao gerente d'esta sympathica sociedade, a proposito do seu

3.º balanço, de cujos termos facilmente se deduz que ella é tambem UMA GLORIA DO SEGURO DE VIDA.

New-York, 30 de Abril de 1901 — Illm. Sr. Joaquim Antonio de Amorim — Pará-Brasil. — Caro Senhor. — Recebi o seu presado favor de 6 do corrente e com elle o relatorio d'essa sociedade, referente ao anno de 1900, acompanhado de uma demonstração, em inglez, dos principaes valores do respectivo balanço, convertidos em francos. Evidentemente tem V. S. muita razão em congratular-se pelo magnifico desenvolvimento que essa Sociedade tem tido, pois nenhuma outra instituição de Seguros de Vida, das que eu conheço, quer d'este paiz, quer de qualquer outro, tem tido progresso igual.

Por outro lado, a sua prudencia em conservar o negocio da Sociedade na base perfeitamente segura do calculo das reservas pela Tabella Tropical Americana com o juro de 4% é digna dos maiores elogios.

Queira apresentar os meus respeitos aos seus collegas de Directoria, e creia-me sempre — Amigo sincero,

(Assignado) *Miles Menander Dawson.*

NOTA — Na conversão a que se refere esta importante, quão espontanea missiva, foi dado o valor de 1\$000 para cada franco.

A GARANTIA DA AMAZONIA é uma gloria brasileira

“United States Review”

Respondendo á Directoria d'esta Sociedade, disse o Ill.º e Ex.º Sr. Dr. Serzedello Corrêa, cuja honestidade e competencia na especie, o publico conhece de sobra:

«Em resposta á carta que teve a bondade de dirigir-me, devo dizer: que tendo examinado toda a escripturação da Sociedade GARANTIA DA AMAZONIA encontrei:

1.º a maior ordem e clareza n'essa escripturação;

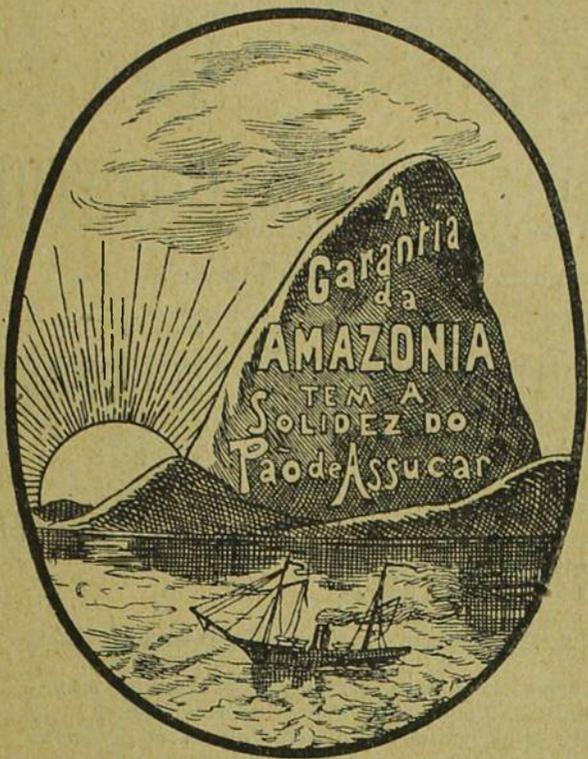
2.º a maior exactidão em todos os calculos sendo applicadas as formulas reconhecidamente acceitas como as mais seguras e exactas para semelhante genero de operações;

3.º Do exame que fiz verifiquei o extraordinario grao de prosperidade da Companhia, a sua absoluta solidez no emprego de seus capitaes, e no genero das garantias dadas que são todas de primeira ordem, o que tudo revelou-me a elevada competencia, ao lado do notavel criterio e honestidade de quem a dirige.

Em minha opinião a GARANTIA DA AMAZONIA honra o nosso Paiz e offerece ao publico as mais solidas garantias.

Rio de Janeiro 15 Abril de 1901.

(Assignado) *Serzedello Corrêa.*



Garantia

DA Amazonia

SOCIEDADE MUTUA DE SEGUROS SOBRE A VIDA

Incremento em reservas, sobras, protecção aos segurados, activo, receita arrecadada, bens de raiz e outros empregos de capital, juros a alugueis, segundo os balanços fechados em 31 de dezembro de cada anno

	Activo	Sobras	Protecção aos segurados	Reservas	Bens de raiz
1898	1.877.493.873	245.511.969	1.791.125.795	1.275.176.349	745.814.980
1899	3.283.316.930	491.282.804	2.244.471.326	2.601.265.577	1.061.478.217
1900	5.164.800.918	807.479.899	2.393.987.058	3.934.381.024	1.236.898.617

	Activo <i>Total sobre o passivo</i>	Excesso da receita arrecadada sobre as despesas de administração e sinistros pagos.	Protecção aos segurados em relação à receita arrecadada	Renda do capital empregado durante o anno social
	%	%	%	%
1898	115.04	44.78	63.42	5.39
1899	117.59	45.75	71.71	6.76
1900	118.52	50.35	75.23	8.21

	Hypothecas e cauções	Apólices, acções, obrigações	Receita arrecadada	Juros e alugueis
1898	294.539.050	423.013.870	2.824.232.358	78.914.608
1899	891.585.061	658.481.030	3.129.709.958	176.782.258
1900	2.351.785.922	767.201.450	3.182.231.704	357.997.184

Até hoje nenhuma Companhia congénere, em sua juventude, teve progresso tão constante e tão solido como a GARANTIA DA AMAZONIA

SINISTROS PAGOS ATÉ 31 DE DEZEMBRO DE 1900. RÉIS 1.762.717:795

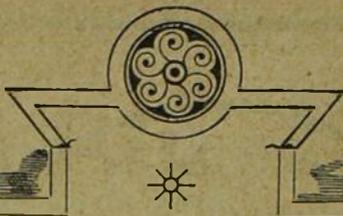
Endereço telegraphico
AINOZAMA

GARANTIA DA AMAZONIA

Caixa no correio
208

BELEM DO PARÁ - BRASIL

Joaquim Antonio de Amorim, *director-gerente*



Medalha de ouro,
tres medalhas de prata
e quatro de cobre
na ultima exposiçãõ de Paris
Outras medalhas de ouro
em diversas exposições

COMPANHIA NACIONAL EDITORA

Sociedade anonyma de responsabilidade limitada

Secções Typographica e de Encadernação

Largo do Conde Barão, 50 — LISBOA

Telephone 642

End. telegr. TYPOEDITORA

SECÇÃO TYPOGRAPHICA

Officinas as mais completas de Portugal, dispondo de 15 machinas de impressãõ, calandra, prensa hydraulica, guilhotinas, machinas de picotar e stereotypia.

Trabalhos a côres. Trabalhos de grande luxo. Illustrações. Catalogos. Romances. Relatorios. Almanachs. Bilhetes postaes illustrados. Preços correntes. Memoranda. Annuncios e contas de hoteis com a vista do estabelecimento. Calendarios *bijou* illustrados, impressãõ esmerada de autotypias. Impressãõ de cartas geographicas e todo o genero de trabalhos typographicos, executado com a maxima rapidez e perfeiçãõ.

N'estas officinas imprimem-se actualmente, entre outras, as seguintes publicações:

Brasil-Portugal — *Mala da Europa*, antigo jornal de grande formato, illustrado, destinado ao Brasil — *Egypto* — *Almanach Bertrand* — *Almanach Brasil-Portugal* — *Perfis Contemporaneos* — *Portugal Agricola* — *Ta-ssi-yang-kuo* — *Annuario Commercial* — *Portugal em Africa*, etc., etc., etc.

SECÇÃO DE ENCADERNAÇÃO

Dispondo dos machinismos mais modernos e aperfeiçoados e de pessoal habilitado.

Cartonagens de luxo. Cartonagens de livros escolares.

Encadernações em todos os generos. Livros de commercio, seja qual fôr o seu genero.

Pastas, estojos, impressãõ sobre seda, pergaminho, velludo, etc., etc.

== MANDA-SE CONCERTAR E RECOMPOR OS LIVROS DE COMMERCIO A CASA DOS SRS. CLIENTES ==

MODICIDADE DE PREÇOS

e todas as garantias na rapidez e execuçãõ



J. R. SUCENA & COMP.^A

88, RUA DA QUITANDA, 88

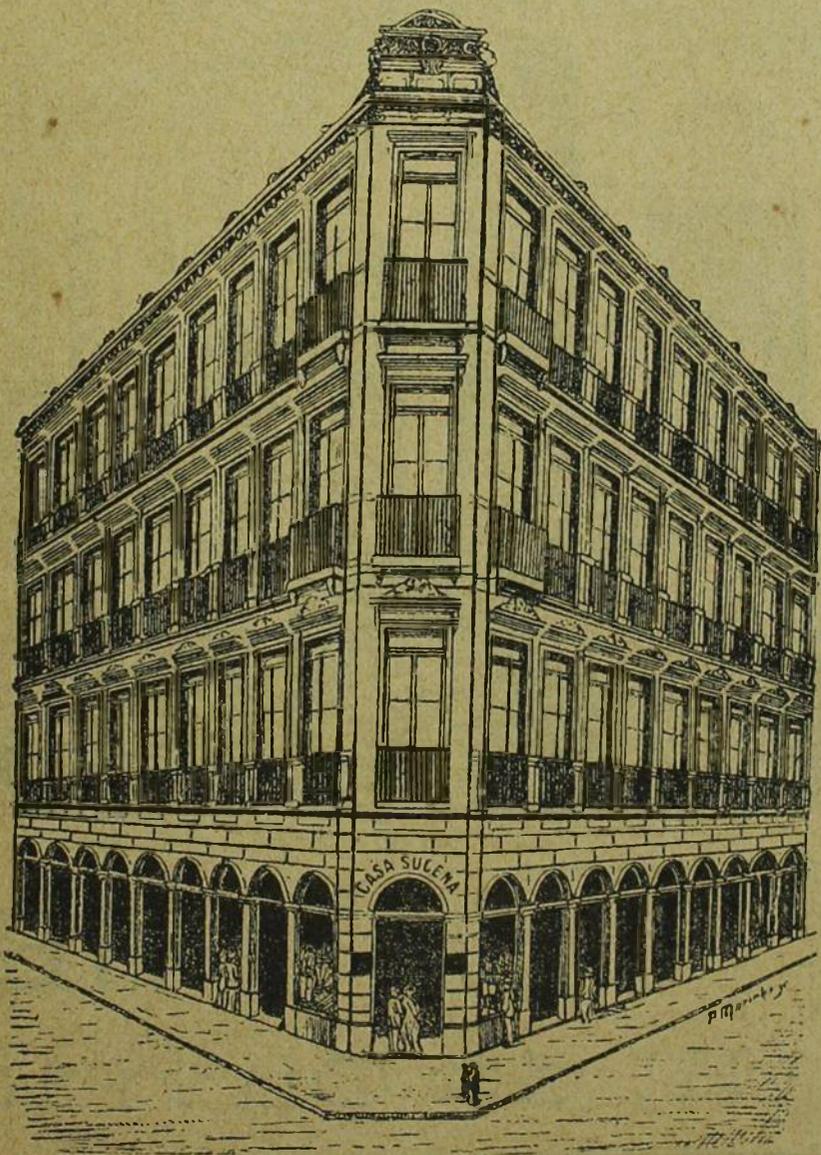
==== RIO DE JANEIRO ====

Primeiro e mais antigo estabelecimento de Objectos de Egreja, Modas e Novidades

No genero dos grandes Armazens do LOUVRE
e do BON MARCHÉ, de Paris

Casa em Paris:

RUE D'HAUTEVILLE, 38



Funciona esse bem conhecido e acreditado estabelecimento em edificio proprio, construido expressamente para o seu genero de negocio, e é o unico no Brasil que encerra uma capella, onde se celebra o officio da Missa todos os domingos e dias santificados. Além d'esta preciosissima concessão de Sua Santidade Leão XIII, tem a dita de possuir um Breve outorgando a Benção Papal ao estabelecimento, além de titulos authenticos em que lhe foi concedida a mesma benção a cada um de seus socios, em audiencia benignamente accordada pelo mesmo Santo Padre ao nosso chefe, por occasião da sua primeira viagem a Roma.

Possuindo um «Stock» consideravel de fazendas e um variadissimo sortimento em todas as nossas especialidades, tudo comprado directamente na Europa a dinheiro á vista, offerecemos aos nossos amigos e freguezes incontestaveis vantagens, com as quaes é impossivel competir. Graças ao nosso systema vemos com prazer que a affluencia do publico é dia a dia mais numerosa, não bastando muitas vezes para servil-o os 60 empregados de que se compõe o nosso pessoal.

Nas diversas officinas incorporadas ao estabelecimento e acuradamente montadas, somos auxiliados por habeis artistas, e por este meio estamos habilitados a executar qualquer encomenda com a maxima perfeição e celeridade.

Gratos á protecção que constantemente recebemos de todas as classes da Sociedade brasileira, e será aquella para nós o mais poderoso incentivo para procurarmos cada vez mais justificar-a.

Endereço telegraphico: «SUCENA»

Acham-se já publicados os CATALOGOS de todas as nossas especialidades, que podemos distribuir.

AO GRA



HENR
R. do Ouvidor,

GRANDE EMPORIO

DE

GHAPETS

Importação directa

DAS

PRINCIPAES FABRICAS

DE

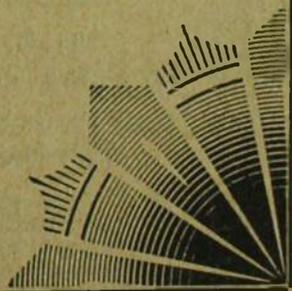
Paris e de Londres

JOSÉ M. DA MOTTA

Unico representante
do afamado fabricante inglez

HEATH

B-A - Rio de Janeiro





LOJA DO SOL



Importação

e Exportação

de Calçado

E' a casa que possui melhor sortimento
e que mais barato vende

ADELINO FERNANDES COELHO

Rua do Guindaste dos Padres, 29

BAHIA

33

Duarte de Carvalho

MODAS E CONFECÇÕES

53, Rua Garrett, 55

LISBOA

Grande variedade de tecidos para vestidos, cha-
peos, casacos, capas, sedas, veludos, fitas, flôres e
todos os mais artigos de modas por preços resumi-
dos.

53, RUA GARRETT, 55

LISBOA

113

Pinheiro & Sobrinho

Encarregam-se de todos os
trabalhos do seu genero, ga-
rantindo a sua perfeição.

Grande sortimento de fa-
zendas nacionaes e estran-
geiras. Confeções para ho-
mens e creanças.

83, Rua de S. Julião, 87

LISBOA

116

Tabacaria Neves

42, Rocio, 43

Grande sortimento de taba-
cos nacionaes e estrangeiros,
Loterias, Flôres, aguas, e ar-
tigos diversos para fumado-
res.

TABACARIA JULIO

5, Calçada do Carmo, 5

118



**Compagnie
des Messageries Maritimes**

PAQUEBOTS POSTE FRANÇAIS

Linha transatlantica

Para Dakar, Pernambuco, Bahia,
Rio de Janeiro, Montevideo e Buenos-Ayres

Os passageiros de 3.^a classe, podem dirigir-se a Orey
Antnes & C^a — 4, Praça dos Remolares.

Para passagens, carga e todas as informações, tra-
ta-se na Agencia da Companhia — 32, Rua Aurea.

Os agentes

Sociedade Torlades

LVIII

115

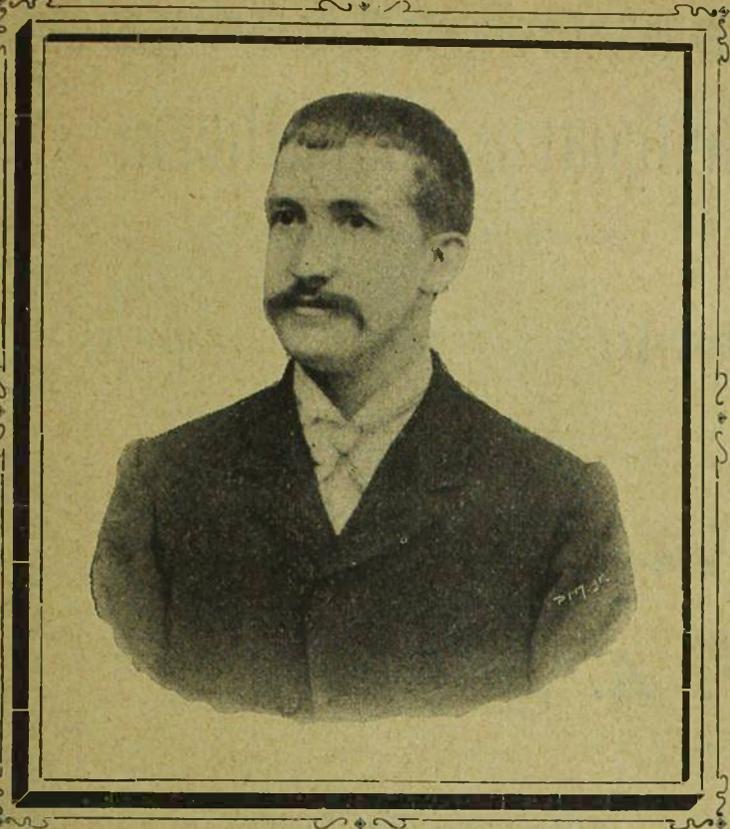
Banco Nacional Ultramarino

Sociedade anonyma de responsabilidade limitada

Séde em Lisboa: R. Nova d'El-Rei, 73

Succursaes em Moçambique e Loanda, Agen-
cias em S. Vicente e S. Thiago de Cabo Ver-
de, Benguella, Mossamedes, S. Thomé, Lou-
renço Marques e nas principaes terras do
reino.

117



J. F. Castro Araujo & C.ª

Relogios, joias,
pedras preciosas, prataria,
lunetaria,
artigos de luxo, artigos
dentarios,
photographicos,
monographicos, etc.

Regulador da Marinha

R. Barão da Victoria, 25 — PERNAMBUCO

AGUAS DE CARABAÑA

Purgativas sem irritar, depurativas, anti-biliosas,
anti-herpeticas e anti-escrophulosas

12 medalhas d'ouro-10 diplomas á honra

Todas as garrafas levam um rotulo com
a firma dos unicos depositarios para Portu-
gal, ilhas e colonias: RIBEIRO DA COSTA & C.ª

A VENDA EM TODAS AS PHARMACIAS

Depositarior: RIBEIRO DA COSTA & C.ª

150, Rua do Arsenal, 152 — Lisboa

102

LUIZ PINTO MOITINHO

Rua da Prata, 67 e 69

ESQUINA DA

R. dos Retrozeiros, 52, 54 e 56

OURIVESARIA

E

JOALHERIA

Casa fundada em 1790

LISBOA

108

PAPEIS DE CREDITO

Sambios — Loterias — Tabacos

Vierling & C.ª, Limitada

Endereço telegraphico; Sterling N.º telephonico 611

LISBOA

44, RUA DO ARSENAL, 46

1, Esq. do L. do Pelourinho, 3

109

73

Atelier de Alfayate

Antonio do Couto



Premiado
na
Exposição Universal
de Paris de 1900



MAGNIFICO SORTIMENTO

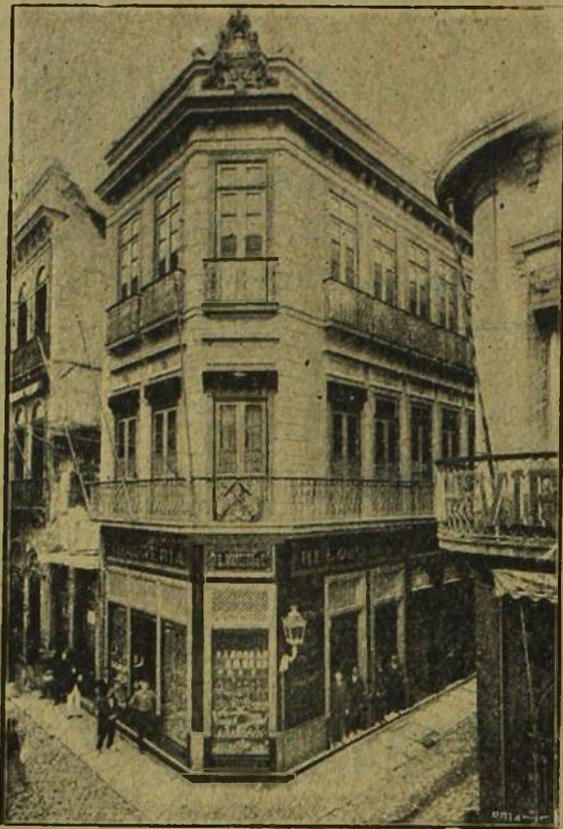
DE FAZENDAS

NACIONAES E ESTRANGEIRAS

R. do Alecrim, 111, 1.º — Lisboa

105

LIX



Relojoaria e Joalheria

Completo sortimento

DE

RELOGIOS E JOIAS, COM OU SEM BRILHANTES

Especialidade em artigos de Paris

PARA

HOMENS E SENHORAS

F. A. Moreira & C.^a

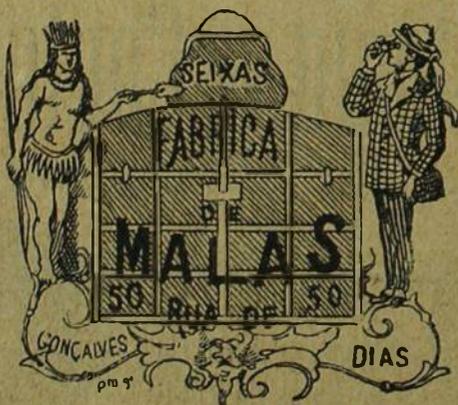
RUA DO OUVIDOR, 67-A

(Canto da Rua Nova do Ouvidor)

Rio de Janeiro

53

Officinas a Vapor



A primeira Fabrica

DE

× Malas ×

COMPLETO SORTIMENTO

DE

MALAS DE TODAS AS QUALIDADES

Bolças, saccos, cadeiras, estojos, binoculos, indispensaveis — tudo o que ha de mais solido e perfeito.

Premiada nas exposições do Brasil, Vianna de Austria, na de Paris de 1889 e Chicago de 1893. Pela segurança, perfeição e elegancia de seus productos

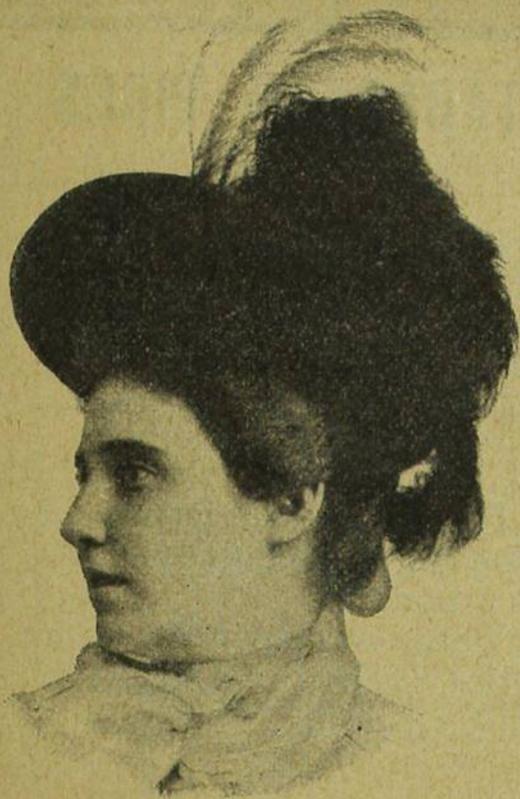
FONSECA SEIXAS

RUA GONÇALVES, 48

RIO DE JANEIRO

57

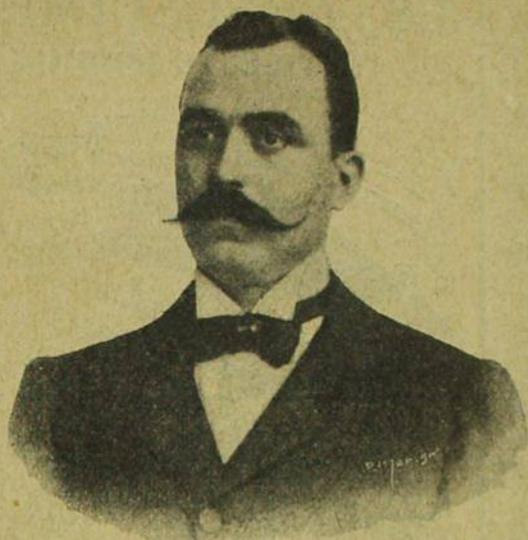
LX



Defrance

RESTAURANT

O primeiro de Pernambuco. O mais frequentado pelo alto commercio. A dois passos do caes de embarque. Cosinha afamada e cosinheiro sem competidor. Almoços primorosos.

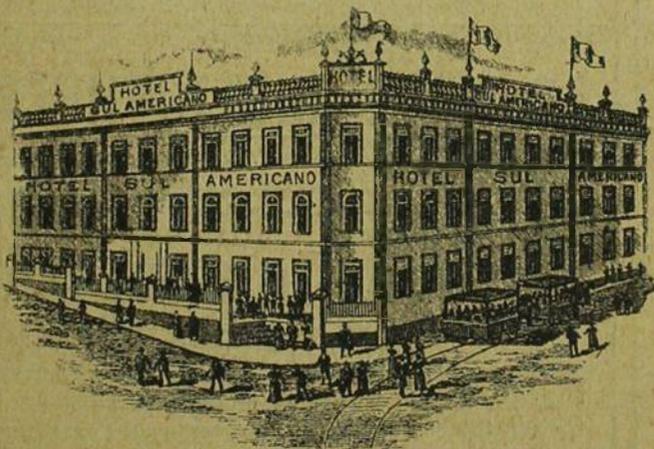


SOUSA RODRIGUES

João de Sousa Rodrigues

Lingueta — Rua do Commercio, 24

PERNAMBUCO



GRANDE HOTEL SUL-AMERICANO

Proprietario

Antonio Luiz Alves

Unico estabelecimento de 1.^a ordem, situado no centro de todos os passeios e linhas de bonds
Recommenda-se pela exatidão do seu serviço, asseio, e preços modicos

Cosinha especial para todos os paladares

Salão de recepção e leitura

Quartos reservados para familias — Banhos quentes e frios

BAHIA
PRAÇA CASTRO ALVES

ESTABELECIMENTO

DE VICENTE RODRIGUES



LISBOA

Ferragens, Quinquilharias, Bijouterias
PERFUMARIAS FINAS

Rendas e bordados Artigos de retrozeiro
BONITO SORTIMENTO

DE
OBJECTOS PARA BRINDES

Preço fixo

Vendas por atacado e a retalho
Deposito da Gardilha da Infancia

122

TABACARIA PIRES

Agencia de jornaes nacionaes e estrangeiros. Publicações em francez e inglez. Illustrações a côres. Magazines, etc.

Representa as principaes casas editoras e redacções de Paris e Londres.

Tem correspondentes na Africa Oriental e Occidental, India e Brasil.

178, Rua Augusta, 178

LISBOA

125

Loja e Offcina de Latoeiro
de Folha Branca

DE

JOÃO PEREIRA REBELLO

Encarrega-se de toda e qualquer encomenda que diga respeito a esta arte. Manufactura pharoes para embarcações de todos os systemas em cobre, latão ou folha de Flandres.

32, Rua de S. Paulo, 34

(Junto ao Arco Grande)

LISBOA

126

AS TRES BIBLIOTHECAS

Empreza de publicações illustradas de
Alvaro Pinheiro Chagas e Urbano de Castro

PAULO DE MAHALIN

O FILHO DO MOSQUETEIRO

Romance historico, continuação dos *Tres Mosqueteiros*,
de Alexandre Dumas

Publicação em fasciculos semanaes de 24 pag. e 5 gravuras

40 RÉIS — CADA FASCICULO — 40 RÉIS

e em tomos mensaes de 120 paginas e 25 gravuras

200 RÉIS — CADA TOMO — 200 RÉIS

GIL VICENTE

AUTO DA ALMA — PRANTO DE MARIA PARDA — CARTA A D. JOÃO III

Um elegante volume de 100 paginas, com tres gravuras — **300 RÉIS**

GIL VICENTE

VISITAÇÃO — O PREGUIÇOSO — TODO O MUNDO E NINGUEM — PRECE DA CANANÊA — Trechos do AUTO DA FEIRA

Um volume de 50 paginas em excellente papel — **200 RÉIS**

Pedidos e requisições ao escriptorio da Empreza d'

AS TRES BIBLIOTHECAS

72, RUA DA BARROCA, 72 — LISBOA

Casa Liquidadora

ANTIGO BAZAR CATHOLICO

DE

Maria Guilhermina de Jesus

93, Avenida da Liberdade, 113

(Em frente ao theatro da Avenida)

Recebem-se collecções monetarias para leilões

Esta casa tem sempre para venda particular e para leilão grande variedade de objectos antigos e modernos. Contadores, buffetes, cadeiras de couro, mobílias Luiz XV e Luiz XVI e Imperio, colxas bordadas a matiz, joias, moedas e medalhas antigas em ouro, prata, cobre e *biscuit*. Mobílias modernas e objectos d'arte, louças da India, China, Japão, Saxe, Sèvres, crystaes antigos e modernos, livros e muitos outros objectos.

95, Avenida da Liberdade, 113

123



ALFARCA HOTEL

Rua d'Assumpção, 42

LISBOA

Este hotel, situado n'um dos mais centraes pontos da cidade, proximo da estação do Rocio, dos theatros, bancos e casas commerciaes, torna-se alem d'isso recommendavel pelo excellente tratamento que offerece aos seus hospedes, para o que tem magnificos quartos bem mobilados, bonitas casas de jantar e boa casa de banho.

124

LXIII

Companhia do Papel do Prado

Sociedade anonyma de responsabilidade limitada

Capital.	}	Accções.	360.000\$000
		Obrigações.	340.830\$000
		Fundos de reserva e de amortização.	190.000\$000
			<u>890.830\$000</u>

SÉDE EM LISBOA

Proprietaria das fabricas do Prado, Marianaia, Sobreirinho (Thomar, Penedo, Casal d'Ermio (Louzã), Valle Maior (Albergaria a Velha). Installadas para uma producção annual de cinco milhões de kilos de papel e dispendo dos machinismos mais aperfeiçoados para a sua industria.

Tem em deposito grande variedade de papeis de escripta, de impressão e de embrulho. Toma e executa promptamente encomendas para fabricações especiaes de qualquer qualidade de papel de machina continua ou redonda e de forma.

Fornece papel aos mais importantes jornaes e publicações periodicas do paiz, entre os quaes «Diario do Governo», «O Seculo», «Diario de Noticias», «Jornal do Commercio», «Dia», «Vanguarda», «Tarde», «Folha da Tarde», «Mundo», «Voz do Operario», «Correio Nacional», «Correio da Noite», «Novidades», «Imparcial», «Mala da Europa», «Parodia», «Gazeta dos Caminhos de Ferro», «Primeiro de Janeiro», «Jornal de Noticias», «Voz Publica», «Norte», «Provincia», «Palavra», «Brasil-Portugal» e muitos outros de Lisboa, Porto, Provincias e Ilhas.

Escriptorios e depositos: Lisboa, 270, rua da Princeza, 276; Porto, 49, rua de Passos Manuel, 51. — Endereços telegraphicos: Lisboa, Companhia Prado; Porto, Prado.

Lisboa, Numero telephonico, 605

127



Fornecedor
da Casa Real

A Mascotte

Fabrica de carimbos em todos os generos

DE

EDUARDO BAPTISTA

Fornecedor de quasi todas as Repartições Publicas, Camaras, Alfandegas, Bancos, Companhias, Caminhos de Ferro, Casas Commerciaes, etc., para o que tem um variadissimo sortimento de artigos do seu genero, como; numeradores, paginadores, datadores, prensas d'alavanca e de socco, vitesses de todos os tamanhos, sinetes para lacre e para marcar roupa com lindissimos monogrammas, tintas, etc., e bem assim, chapas com disticos de ruas, numeros de portas, para Companhias de Seguros, etc.

Grava e cunha medalhas em todos os metaes e de todos os tamanhos e desenhos.

Esta casa é a unica que oferece o brinde de melhores vantagens, para os freguezes, até hoje conhecido.

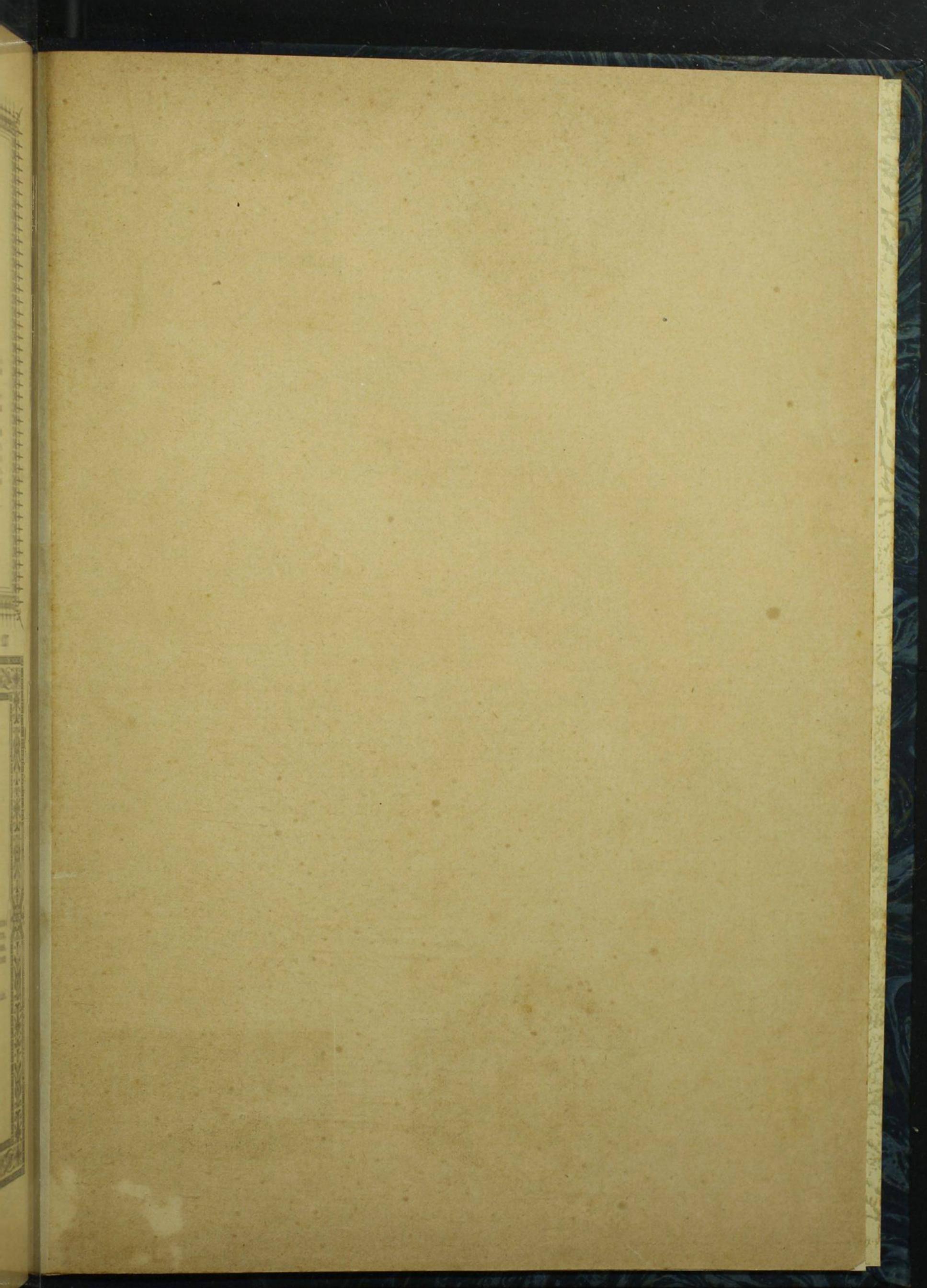
TUDO MUITO BARATO E PERFEITO

Rua do Ouro, 175 — LISBOA

A MASCOTTE

LXIV

Adicio





Directores do *Brasil-Portugal*

AUGUSTO DE CASTILHO

JAYME VICTOR

LORJÓ TAVARES

Secretario de redacção — João Costa

Foi acabado d'imprimir este almanach em Junho de 1902 nas officinas da Companhia Nacional Editora



